Hori Cadernos Técnicos

14

Fernando Costa Straube

Ruínas e urubus:

História da Ornitologia no Paraná

Período de Mayer, 1
(1931-1939)

Hori Cadernos Técnicos

14

RUÍNAS E URUBUS:

HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

PERÍODO DE MAYER, 1

(1931 a 1939)

1ª Edição

Fernando C. Straube

Hori Consultoria

Curitiba, Paraná, Brasil

dezembro de 2020

Ficha catalográfica preparada por
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.
Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná. Período de Mayer, 1 (1931 a 1939) ; por Fernando C. Straube. – Curitiba, Pr: Hori Consultoria Ambiental, 2020.
332p. (Hori Cadernos Técnicos n. 14)
ISBN**978-65-00-13784-2**

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3. Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C. II.Título. III. Série.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme **Lei n°10.994** de 14 de dezembro de 2004.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Capa: Andreas Mayer (*crop* de imagem do acervo de Paulo José da Costa), carta de Mayer para Loureiro Fernandes (acervo Museu Paranaense); aquarela de cabeça de tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), retratada por G. Tessmann em seu diário; harpia abatida em Londrina em 1934 (foto: Carlos Kraemer); índio Xetá, portanto brincos com couros de aves (Kozák *et al*., 1979); cancão (*Ibycter americanus*) (foto: Willian Menq).

2020

http://www.hori.bio.br

HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 14

ISBN: **978-65-00-13784-2**

CURITIBA, DEZEMBRO DE 2020

CITAÇÃO RECOMENDADA:

Straube, F.C. 2020. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná**. Período de Mayer, 1 (1931 a 1939). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 14, ix + 332 pp.

APRESENTAÇÃO

Coincidentemente ou não, no mesmo dia em que fui convidado a escrever a apresentação desta magnífica obra, eu consultava um artigo datado de 1932 para compor um relatório técnico sobre a fauna de uma região ainda pouco conhecida do Brasil. O coordenador do projeto, ao verificar a separata que eu tinha em mãos, questionou, com um certo descaso, porquê eu consultava aquele artigo, já que eu tinha referências mais atuais para inserir no relatório. Mesmo já tendo feito uma avaliação minuciosa, confesso que retornei à revisão bibliográfica para tentar satisfazer os anseios do meu colega. Mas nada do que encontrei, antes ou depois, acrescentava algo significativo àquele artigo, publicado há quase um século atrás.

Avaliando as listas de referências bibliográficas dos trabalhos mais recentes que encontrei (todos agora datados do século XXI), procurei, por curiosidade, verificar em quantos estava relacionado o artigo de 1932. Qual não foi minha surpresa ao constatar que o mesmo estava citado em apenas uma das 11 listas que analisei. Fiquei me indagando o porquê da situação. Seria decorrente de um descrédito dos resultados daquele trabalho antigo em função do longo período que já dista do momento atual (coincidindo assim com o questionamento do meu colega), ou seria devido a um desconhecimento de sua existência por parte dos autores mais recentes, já que o artigo não se encontra disponível para "download" nos formatos "pdf" ou "html", muito embora a referência em si apareça com certa frequência na internet?

Qualquer que seja o motivo pelo qual o artigo não tenha sido citado nos trabalhos mais recentes, as consequências disso serão as mesmas... Estamos perdendo informações preciosas sobre nossa biodiversidade, registradas por pessoas que trabalharam arduamente para catalogá-la em vários períodos da história! E mesmo que o trabalho de 1932 seja o retrato de uma condição antiga e distinta do cenário de hoje, acredito firmemente que o conhecimento sobre o que tínhamos no passado é a base para entendermos o presente e, quem sabe, planejarmos melhor nosso futuro!

O resgate de informações pretéritas sobre a atuação dos antigos pesquisadores e naturalistas que passaram pelo nosso território não é uma tarefa fácil. Requer paciência, grandes esforços para encontrar antigas referências (de artigos ou de documentos que retratem a história de vida daquelas pessoas) e, principalmente, um elevado senso crítico sobre a visão e as expectativas das sociedades no passado. Hoje, nossa motivação para realizarmos pesquisas sobre a biodiversidade é, em muito, direcionada a buscar soluções para os problemas ambientais que afetam diretamente a sobrevivência das espécies e a sustentabilidade dos ecossistemas. De fato, expressamos muito essa motivação nas justificativas dos projetos de pesquisa que apresentamos para órgãos financiadores e instituições. Mas o que motivava os antigos naturalistas viajantes a se aventurarem por espaços territoriais nunca dantes explorados? Apenas a aventura em si, a busca do conhecimento pelo próprio conhecimento, ou seria algo mais? Estariam (alguns deles, quiçá a maioria) preocupados com a perpetuação das espécies que eram objeto de sua busca ou com a conservação das paisagens?

Lendo os tantos relatos que o Fernando Straube tem diligentemente compilado e apresentado nessa primorosa

série “Ruínas e Urubus”, percebo com muita satisfação que muitos dos antigos naturalistas eram pessoas que estavam à frente de seu tempo. Não queriam realizar uma aventura; não queriam apenas saber o que existia nos locais pelos que passavam ou tão somente obter seus prêmios, traduzidos em espécimes da flora e da fauna ou em algum patrimônio arquelógico ou cultural. Não! De fato, me parece, a cada relato que leio, que muitos naturalistas tinham fortes sensos de responsabilidade, de moral e de altruísmo (ao menos a maioria) que transcendiam a mera vontade de pesquisar. Muitos ocupavam-se não apenas em listar espécies, mas também em retratar as realidades físicas, biológicas, antropológicas, artísticas e tantos outros aspectos que observavam em suas viagens, com nítidas intenções de valorizar aquilo que viam perante seus pares. Por vezes, preocupavam-se ainda com as condições de vida dos moradores locais, a ponto de abdicarem de seus objetivos para socorrer os menos favorecidos. Lógico... eram seres humanos, sujeitos a falhas e equívocos. Mas, nesse aspecto em particular, encontro eco com nosso próprio modo de vida atual.

Ao conhecer tais aspectos da vida dos antigos naturalistas, podemos ter mais confiança de que os trabalhos do passado, os quais consultamos hoje, foram realizados de maneira meticulosa, permitindo de fato conhecer as realidades de períodos que antecederam ao nosso próprio momento histórico. Observadas as devidas diferenças dos métodos de pesquisa e exploração, as informações que obtemos em muitos desses artigos nos permitem conhecer as mudanças que ocorreram nos ecossistemas ao longo do tempo e inferir os porquês de determinadas alterações terem afetado a conservação de muitas espécies. E por fim... talvez tais informações possam servir para que possamos traçar

medidas adequadas para a recuperação dos referidos ecossistemas e espécies.

Mas como poderíamos saber disso tudo nos dias de hoje? Certamente, somente a partir dos desígnios de alguém que busque registrar as minúcias da vida daquelas pessoas, ao mesmo tempo em que esse alguém tenha um claro discernimento quanto ao que era ou não factível de se encontrar nas paisagens por onde aqueles personagens passaram. A obra do Fernando Straube, nesse sentido, não encontra paralelo em nenhuma outra no cenário nacional.

Assim, é com grande satisfação que apresento este volume de "Ruínas e Urubus", o qual retrata com uma grande riqueza de detalhes a vida de pesquisadores e naturalistas de períodos mais recentes da história do Paraná. Esta satisfação é ainda maior pelo fato de termos, nós mesmos, tido a honra de conhecer pessoalmente alguns desses nobres personagens.

SÉRGIO AUGUSTO ABRAHÃO MORATO

SÉRGIO AUGUSTO ABRAHÃO MORATO é biólogo, mestre e doutor em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná. Atuou como pesquisador e curador da coleção herpetológica do Museu de História Natural Capão da Imbuia (Curitiba, PR), como professor da Universidade Tuiuti do Paraná e da Universidade Positivo (Curitiba, PR) e como consultor nas áreas de planejamento de áreas protegidas, conservação da natureza e avaliação de impactos ambientais para órgãos públicos e empresas dos segmentos de energia, transportes, mineração e florestal de todo o país.

AGRADECIMENTOS

Bastou falar em regularidade, tal como o fiz no número anterior da série “Ruínas e urubus”, que acabei tropeçando em minhas próprias palavras. Uma série de detalhes[1] me fizeram reduzir a marcha, não obstante, o passo e a disposição para levar adiante o projeto sempre fossem os mesmos. Tal como anteriormente, deixo de mencionar uma legião de amigos, colaboradores e entusiastas que fizeram – e ainda fazem – parte de uma lista merecedora de crédito e gratidão em um sentido geral ligado ao objetivo da coleção. Por outro lado, quero mencionar várias dessas mesmas pessoas, mas apenas com relação à participação neste volume em particular.

Uma delas, destacadamente, é o amigo Sérgio Augusto Abrahão Morato, irmão por opção, amigo de mais de três décadas. Ele foi, por certo, um dos que mais me apoiaram nesse trabalho e, além disso, aqui nos presenteou com as belas palavras da Apresentação. Também quero mencionar outro amigo, Willian Menq, pela cessão generosa da bela foto que ilustra a capa, bem como várias informações que aparecem neste volume.

Eva-Maria Natzer (diretora científica do *Staatlichen Naturwissenschaftlichen Sammlungen Bayerns*, München, Alemanha) e Markus Unsöld (curador da coleção

[1] Um deles foi a pandemia de COVID-19 (entre março e o momento atual) que exigiu, em todo mundo, uma série de restrições de deslocamento. Essa situação contribuiu com o atraso para a produção deste livro, uma vez que curadores de muitas coleções, bem como potenciais colaboradores de documentos e literatura, não tinham acesso, como de costume, aos seus respectivo acervos.

ornitológica do *Zoologische Staatssammlung*, München, Alemanha) colaboraram com o tema Krieg, enriquecido com dados inéditos colhidos e organizados por Vitor de Q. Piacentini e literatura por Bianca Ingberman. Saulius Rumbutis (curador de Ornitologia do *Tadas Ivanausko Zoologijos Muziejus*, Kaunas, Lituânia) ajudou a elucidar detalhes da viagem de Ivanauskas ao Brasil e Willian Menq contribuiu com diversas questões das aves de rapina, assunto no qual se destaca como grande especialista.

Sobre Andreas Mayer, a lista de pessoas a quem devo minha gratidão seria extensíssima. Afinal, somam-se dezenas cada um dos que colaboraram com o resgate dificílimo da biografia desse personagem quase mitológico. Destaco Adelinyr (Tota) de Azevedo Moura Cordeiro e Marco Fábio de Maia Corrêa, que forneceram documentos originais de suas pesquisas sobre o Museu Paranaense. Paulo Labiak, Renato S. Bérnils, Michel Miretzki e Alberto Urben-Filho dividiram espaço no carro, compartilharam perguntas e respostas (além de piadas impublicáveis) e foram realmente essenciais em nossas viagens a Terra Nova, quando buscamos – além de túmulos – detalhes complementares sobre a vida desse notável taxidermista.

Relatos espontâneos e colaborações diversas obtive a partir de conversas informais com Rudolf B. Lange (*in memoriam*), Jesus Santiago Moure (*in memoriam*), Gert Hatschbach (*in memoriam*), João José Bigarella (*in memoriam*), Jayme de Loyola e Silva (*in memoriam*), Ralph J. G. Hertel (*in memoriam*), Ayrton de Mattos (*in memoriam*), Luiza T. D. Dombrowski, Eládio del Rosal, Renato C. Marinoni (*in memoriam*), Francisco R. Cominese-Filho, Pedro Scherer Neto, Fabiano Ardigó, Alessandro Casagrande, Marcos R. Bornschein, Alexandre Ferreira Morais (*in memoriam*), Neusa Gonçalves Correia (*in memoriam*), Amaro Valentin (*in memoriam*), Doralice

Camargo Valentin, Isaura Caetano de Camargo, Solange R. Malkowski, Ricardo Pinto-da-Rocha, Bianca Vieira, Paulo José da Costa e Guilherme Schuhli; sem contar as narrativas de seus amigos em Castro: Wilhelm Schüller *filius* e Ursula "Ula" Walzberg. Dos arquivos na Alemanha, enviaram informações a sra. Regina Jäckel (*Naturmuseum Augsburg*, Alemanha) e Georg Feuderer (*Augsburg Stadtarchiv*, Alemanha) e, da coleção ornitológica do *Academy of Natural Sciences* da Filadélfia (EUA), Nathan H. Rice.

A respeito da história do Museu Paranaense e do acervo zoológico ora mantido pelo Museu de História Natural Capão da Imbuia, relembro as infindáveis conversas com meus colegas de lá, alguns deles aqui já citados para o tema Andreas Mayer mas diversos – talvez incontáveis – outros que certamente omiti por puro descuido. Dignas de menções são também as acolhidas que tive – depois do período cinzento pelo que passou a instituição (1995-1997) – por parte de seus diretores: Márcia Arzua, Vinicius Abilhoa e Patrícia Wekerlin e Silva. Nessas ocasiões tive liberdade total para consultar e documentar o acervo e obter várias das imagens aqui reproduzidas.

Para Tessmann, lembro a participação de Osmar dos Santos Ribas e José Tadeu W. Motta, ambos do Museu Botânico Municipal de Curitiba, que me orientaram na consulta das exsicatas e também enviaram imagem do typus de *Nematanthus tessmannii*, cuja floração foi flagrada de forma belíssima por Ana Paula Caron. Seu sobrinho Andras Tessmann também ajudou com várias informações, além de Brigitte Templin do Museu Etnológico de Lübeck e meu pai, Ernani C. Straube, que descreveu brevemente o personagem que conheceu pessoalmente nos anos 50 na Ilha do Mel.

Sobre Blake, lembro de David Willard pelo envio de informações sobre o acervo do FMNH, além de Dante R. C.

Buzzetti e Angélica K. Uejima pelo compartilhamento de experiências sobre a Fazenda Morungaba, assim como ao querido irmão Alberto Urben Filho, pela inestimável companhia nas tantas viagens pelo Brasil em geral e, em particular ao Paraná e Mato Grosso do Sul. Sobre Diringshofen devo recordar uma de minhas visitas à coleção do Museu de Zoologia (São Paulo), onde travei longas e produtivas conversas com seu curador Luis Fabio Silveira sobre a origem das peles e o modo de preparação; também Olaf H. H. Mielke me cedeu informações importantes sobre ele, que era seu amigo pessoal.

Luís Fábio Silveira, José Fernando Pacheco e Vítor de Q. Piacentini colaboraram com a regularidade e competência de costume, em vários assuntos, franqueando gratuitamente diversos materiais bibliográficos, documentais e opiniões. Peço a eles oficialmente minhas desculpas pelas mensagens entusiasmadas enviadas por Whatsapp logo nas primeiras horas da manhã que, para mim, se inicia por volta das 5:00 h...

Sobre o mestre Rudolf B. Lange (*in memoriam*), além de agradecer a ele próprio e a toda sua família, que tantas vezes me acolheu em suas casas em Curitiba e Caiobá, gostaria de prestar uma homenagem especial, particularmente em nome da professora Maria de Lourdes Ribas Lange e dos filhos, com quais eu tive mais proximidade e com quem nutro uma grande admiração e fortes laços de amizade: Roberto "Beto" (*in memoriam*), Rogério, Maria Bernadete e Ronaldo Ribas Lange.

Por fim, quero expressar meu mais profundo reconhecimento a uma pessoa e algumas entidades que, de forma espontânea e voluntariosa, sempre estiveram presentes nessa pesquisa mas que, por julgarem estar fazendo sua obrigação, talvez esqueçam-se do quanto são importantes para a obtenção das informações aqui

apresentadas. Dirijo-me inicialmente a Dione Seripierri, a competente bibliotecária do Museu de Zoologia da USP, com que mantenho uma grande amizade desde 1986, além do mais profundo respeito e admiração pelo trabalho espetacular que realiza. E, institucionalmente, quero render minha gratidão às equipes anônimas para nós, porém indispensáveis para qualquer estudioso dos portais Biodiversity Heritage Library (http://www.biodiversitylibrary.org), Internet Archive (http://www.archive.org) e Hemeroteca Digital Brasileira (https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/).

SUMÁRIO

Cronologia

1931 Tadas Ivanauskas, ornitólogo do museu de História Natural que atualmente leva seu nome: *Tadas Ivanausko Zoologijos Muziejus* (Kaunas, Lituânia) realiza, entre setembro e novembro, uma expedição zoológica para o Brasil[2]. A viagem teve a participação de seus colegas Alphonsas Palionis, Konstantinas Aris (entomólogo) e I. Fanstilis e resultou em um acervo contendo 12 mil insetos, 80 répteis, 150 peixes, 400 aves (de 250 espécies) e 60 espécies de mamíferos, hoje mantidas naquela instituição.

1931 James Lee Peters publica o primeiro volume da grande obra catalográfica "***Checklist of the birds of the world***", editada pelo *Museum of Comparative Zoology* de Cambridge (EUA). A obra seria concluída apenas em 1987 com o lançamento do volume 16, compreendendo o Índice Geral, organizado por Raymond Paynter Jr.

1932 HANS KRIEG, já conhecedor de grande parte do norte argentino e *Gran Chaco*, passa a considerar o Brasil em sua terceira viagem à América do Sul, quando visita todos os estados do Sul e o Mato Grosso do Sul. Entre 1937 e 1938 ainda retornaria ao continente para sua quarta expedição ao Cone Sul, com nova estada no território brasileiro.

[2] Tadas (1882-1970) era nascido em Belarus, mas se declarava lituano, embora desconhecesse o idioma até os 23 anos de idade. É muito celebrado na Lituânia, inclusive pela sua participação na fundação da mais importante universidade pública do país: *Vytauto Didžiojo Universitetas* (VDU) em 1922. O relatório contido em BRASIL (1934) menciona a "*expedição liderada pelo Professor Thadas Ivanauskas, Cathedratico de Zoologia da Universidade de Kaunas (Lithuania) e mais tres colaboradores, que veiu estudar a fauna em Minas Geraes e no Paraná*". De acordo com o curador da coleção de aves desse museu (Saulius Rumbutis, *in litt*., 2017): "*The expedition base was located in the area of the river in Rio Branco, 80 km from the city Paracatu*". Essa viagem, e seus resultados, é virtualmente desconhecida da Ornitologia brasileira, mas nada indica que também tivesse contemplado o território paranaense podendo o topônimo aludir às nascentes do rio Paraná, no rio Paranaíba.

1932, 1937-1938

HANS KRIEG

HANS KRIEG (n. Vaihingen, Stuttgart, Alemanha: 18 de junho de 1888; f. Geretsried, Bayern, Alemanha: 5 de outubro de 1970) era zoólogo e também etnólogo, além de médico. Cursou o ensino médio em Stuttgart e formou-se em Ciências Naturais e Medicina nas universidades de Tübingen e München, atuando como médico militar durante a Primeira Grande Guerra.

Em 1921 assumiu a cadeira de Zoologia na universidade de Tübingen e, em 1927, foi nomeado chefe da coleção zoológica de Munique (*Zoologische Staatssammlung*)[3]. Em 1946 assumiu a chefia das coleções de história natural da Bavária (*Staatlichen Naturwissenschaftlichen Sammlungen Bayerns*), cargo ocupado até sua aposentadoria em 1956. Nesse intervalo, e graças à sua inclinação científica, reorganizou as exposições públicas do museu, separando-as do acervo técnico e impondo um enfoque de classificação, com base nos modernos conceitos de biogeografia (Kraft & Huber, 1992).

Tinha especial interesse pela América do Sul, particularmente as várias formas de vida animal e vegetal, as paisagens, clima e mesmo aspectos etnológicos dos indígenas ali residentes, muitos deles ainda sem nenhum contato com o europeu. Realizou, entre 1925 e 1960, um total de quatro expedições à América do Sul[4], contemplando

---

[3] Portanto, o mesmo acervo em que trabalharam Johann B. von Spix, Johann G. Wagler e Charles Hellmayr.

[4] Franzen & Glaw (2006:357) afirmam que o intervalo seria 1923 a 1938 (vide adiante).

principalmente o "*Gran Chaco*" paraguaio, mas também certas zonas lindeiras da Bolívia, Argentina e sul do Brasil, também com passagem pelo Mato Grosso do Sul e São Paulo (Kraft & Huber, 1992; Neumann, 2006).

Hans Krieg (1888-1970) (Fonte: Fittkau, 1992)

Nessas viagens foi acompanhado, ora com uns, ora com outros, de seus alunos e/ou técnicos do *Staatliches Museum für Naturkunde Stuttgart* (em Baden-Württenberg): Kiefer, Schühmacher, Kühlhorn, Schindler e Fischer e também seu amigo Erwin Lindner, entomólogo da mesma entidade.

O primeiro deles, **MICHAEL MATHIAS KIEFER** (n. München, Alemanha: 8 de julho de 1902; f. Feldwies, Herreninsel, lago de Chiemsee, Alemanha: março de 1980), ficou mais conhecido como pintor e escultor, tendo retratado paisagens, retratos e animais, durante diversas viagens empreendidas para as Américas do Norte e Sul, Europa, Oriente (Turquia) e África. Como artista e taxidermista, trabalhou na coleção zoológica de Munique e, assim, participou da segunda e terceira viagens de Krieg ao *Gran Chaco*. Logo em seguida, porém, abandonou o ofício, dedicando-se aos estudos artísticos na Academia de Belas Artes de Munique e produziu inúmeras obras, apresentadas em exposições em várias cidades alemãs.

EUGEN JOSEF ROBERT SCHÜHMACHER (n. Stuttgart, Alemanha: 4 de agosto de 1906; f. München, Alemanha: 8 de janeiro de 1973), era taxidermista do museu de Munique (Sá & Silva, 2016). Depois da viagem tornou-se cinegrafista e ficou célebre como um dos pioneiros na produção de documentários sobre a vida animal e culturas humanas (p. ex. incas e povos indígenas das Américas e da Nova Guiné), alguns dos quais com projeção internacional. Seu mais conhecido filme: "*Natur in Gefahr: ein mahnruf zur erhaltung der Landschaft, zum Schutz von Tier und Pflanze*"[5], lançado em 1952 é um alerta sobre a destruição da natureza e extinção de espécies. De um total de trinta produções (até 1964), constam *Zu den Gran-Chaco-*

[5] "Natureza em perigo: um alerta para a preservação das paisagens e proteção de animais e plantas".

Indianern e *Land und Tiere im Gran Chaco*, seus dois primeiros documentários – ambos de 1933 – que resultam de sua participação na segunda expedição de Krieg.

Já **Friedrich Kühlhorn** (n. 1912; f. München, Alemanha: 11 de setembro de 1987), dedicava-se à Mastozoologia, trabalhando como assistente voluntário da coleção de Munique, entre 1936 e 1939. Nesse tempo, estudou morfologia funcional, defendendo tese de doutorado sobre o sistema mandibular de tamanduás e tatus, com base em suas observações no Mato Grosso do Sul (Kühlhorn, 1939). Em seguida, foi convocado pelo exército alemão da Segunda Grande Guerra e acabou preso pelos russos, cativeiro esse que durou seis anos. Ao ser solto em 1951, tornou-se entomólogo, quando assumiu o cargo de assistente científico do museu de Munique com a tarefa de organizar o acervo. Dedicou sua carreira também ao estudo dos dípteros como vetores de doenças, aposentando-se em 1977. De suas inúmeras viagens, incluindo a quarta expedição de Krieg, formou uma grande coleção particular de besouros, que foi doada ao museu de Munique por sua viúva em 1991 (Fittkau, 1992).

Otto Schindler (n. 1° de dezembro de 1906; f. München, Alemanha: 4 de setembro de 1959) era o assistente predileto de Krieg, tendo participado da sua quarta viagem coletando peixes, anfíbios e répteis (Gruber, 1992; Franzen & Glaw, 2006). Em 1949 assumiu a coleção de peixes de Munique, na ocasião totalmente destruída (incluindo o material de Spix) pelo bombardeio dos aliados na Segunda Grande Guerra. Ali trabalhou por uma década, até seu falecimento (Mauermayer, 1986 *in*: Neumann, 2006), por um colapso cardíaco logo após de seu retorno de uma viagem à França (Gruber, 1992).

Eugene Kühlhorn (1912-1987) (Fonte: Fittkau, 1992)

Por fim, **HEINRICH "HEINZ" FISCHER** (n. Augsburg, Alemanha: 5 de abril de 1911; f. Augusburg, Alemanha: 15 de abril de 1991) destacou-se como ecólogo, graças à sua formação diversificada em filosofia, história, geografia e ciências naturais, com orientação de Krieg. Estudou profundamente a biodiversidade da região da Suábia (Schwaben, sudoeste da Alemanha), dedicando-se em especial aos insetos. Foi professor universitário em Langsberg e, em seguida, tornou-se um estudioso autônomo, como membro da sociedade de história Natural (*Naturforschenden Gesellschaft*) de Augsburg.

Os resultados ornitológicos colhidos durante as viagens de Krieg foram estudados por Alfred Louis Laubmann (1886-1965), sobre os quais realizou ampla

produção (Laubmann, 1930, 1933a,b; 1935; 1939a,b; 1941 e vários outros; *vide* também W.S., 1931) e que consistem de uma das mais relevantes fontes para a Ornitologia do Cone Sul, em especial do Paraguai. Laubmann foi curador da coleção ornitológica em Munique (onde atualmente está grande parte da coleção de Spix, incluindo os tipos) entre 1922 e 1951, sucedendo Charles E. Hellmayr, pouco antes desse mudar-se para Chicago (Hellmayr, 1928; ZSM, 2006)[6].

Além da dissertação sobre lacertílios (1919) e da tese de doutoramento enfocando anatomia de coelhos (1920), Krieg publicou vários artigos sobre avifauna (Krieg, 1934, 1939; Krieg & Schuhmacher, 1934), além de livros e iconografias sob a forma de narrativas ilustradas (Krieg, 1925, 1929, 1933, 1936, 1948, 1949, 1951, 1960, 1967). Em sua obra (com desenhos e fotografias de sua autoria) descreve vários aspectos da natureza, bem como da conservação do meio-ambiente, alteração das paisagens naturais no Chaco e da Patagônia, pecuária e sua influência nas vegetações naturais da região e introdução de espécies exóticas. Interessante é a preocupação - antes que fosse tarde - pela instituição de reservas naturais, para proteger os ambientes e seus componentes (Nice, 1949, 1953); são de sua lavra vários relatos sobre os povos indígenas encontrados no Chaco paraguaio e sobre os Kadiwéu do Mato Grosso do Sul.

[6] Coube inclusive a Krieg a incorporação, em 1922, de um total de 1.700 exemplares de aves oriundas da "*Pilcomayo Expedition*" (Hellmayr, 1928:301). Essa célebre (e malograda) expedição organizada pela marinha da Argentina, ocorreu entre 1890 e 1891, com o objetivo de explorar o curso principal do rio Pilcomayo e colher informações geográficas, etnográficas e sobre história natural. A viagem foi liderada pelo capitão Thomas Jefferson Page (vide Straube, 2013:98-99, nota de rodapé) tendo o britânico John Graham Kerr (1869-1957), um dos pioneiros nas pesquisas biológicas do *Gran Chaco*, como naturalista principal (Kerr, 1890, 1892, 1901; Duncan, 1891). Kerr, além disso, ficou conhecido pelos seus estudos com coloração disruptiva, os quais serviram futuramente para finalidade militar, na pintura das famosas cores camufladas de embarcações, veículos e vestimentas.

Krieg, assim como Kühlhorn, também tinha interesse em primatas, os quais eram frequentemente mencionados nas suas obras e não apenas pelo registro e observações de história natural, mas, também por assuntos pouco estudados na época, como anatomia (Krieg, 1929, 1930; Kühlhorn, 1939b,1954). Ele foi, de fato, o primeiro a suspeitar da presença do mono-carvoeiro (*Brachyteles arachnoides*) no Paraná, algo que foi confirmado apenas muitas décadas depois[7].

Um de seus artigos ornitológicos, publicado em coautoria com Schuhmacher, é intitulado "*Beobachtungen an südamerikanischen Wildhühnern*" (Krieg & Schuhmacher, 1934), ou seja, "Observações sobre os galináceos sulamericanos" e possui uma apresentação toda particular, estilo que inclusive ressalta suas qualidades como naturalista de campo. Descreve com minúcias as espécies observadas e coletadas, detalhando hábitat, frequência, informações dos espécimes (p.ex. depósitos de gordura), denominações locais, descrições de ninhos, ovos, filhotes, comparações morfológicas, vocalizações etc. Sua prancha, mostrando a silhueta de algumas espécies com asas abertas chama a atenção pela inovação; não à toa, portanto, é que foi utilizada por Sick (1997:270) para ilustrar a variação de proporções corpóreas de tinamídeos e cracídeos brasileiros.

Suas viagens, embora muito divulgadas pelos ornitólogos atuantes no Paraguai (*vide* Hayes, 1995), são pouco lembradas na história da Ornitologia brasileira, talvez porque pouco trouxeram de relevante no contexto local e

---

[7] Em tradução de Hill (1962:357), essa indicação aparece da seguinte maneira: "*Krieg (1939) affirms that the range extends southwards beyond the Rio Ribeiro into the northern part of the state of Parana.*" (*cf.* Ingberman, 2015; Ingberman *et al*., 2016). Infelizmente não tive acesso à obra original de Krieg e, portanto, desconheço seu teor. Vários autores subsequentes também se beneficiaram dos resultados das viagens de Krieg, como Krumbiegel (1942). Diga-se de passagem que a literatura sobre essas expedições é especialmente vasta e surpreendentemente subestimada pela maior parte dos autores recentes.

também pela pequena representatividade geográfica. Além disso, a crônica omissão de datas de coleta e de visita às localidades nos respectivos artigos[8], dificulta bastante o traçado dos itinerários das viagens.

De acordo com Paynter & Traylor (1991), as localidades brasileiras visitadas por Krieg, com suas datas e fontes são apenas cinco: Corumbá, em 1928 (Sick, 1959:13)[9]; foz do rio Apa, entre 23 e 31 de agosto de 1931 (Laubmann, 1935); Colônia Hansa-Humboldt, entre 6 e 13 de abril de 1932 (Laubmann, 1936; 1939a,b), Rio Natal, entre 10 e 14 abril de 1932 (Laubmann, 1936; 1939a, b) e Porto Tibiriçá, em janeiro de 1938 (Kühlhorn, 1954:175). Parece necessário, então, reavaliar suas viagens sob enfoque cronológico e geográfico com a reunião das informações reunidas a partir dos vários artigos publicados.

Tudo começa com o convite a Krieg de seu amigo Federico Wildermuth[10], para realizar uma série de viagens de pesquisa e palestras através da Argentina, Chile e "*Gran Chaco*", o que teria ocorrido entre os anos de 1922 e 1925. Nesse momento, Krieg se desvincula da universidade de Tübingen e, com o financiamento da *Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft* (Sociedade Alemã para o Progresso da Ciência), traz Erwin Lindner e Michael Kiefer para a realização da primeira viagem científica ao Chaco (Laubmann, 1929; Zeller, 1982). Essa expedição, realizada entre 1925 e 1927, ficou conhecida como "*Deutsche Gran-Chaco-Expedition*" (também "*Pilcomayo Expedition*").

---

[8] Krieg & Schuhmacher (1936) não mencionam uma única data em seu artigo, de forma que a observação incluida na legenda do seu mapa ("*Route Krieg's in Südbrasilien, März 1931 ist weggelassen"* [A rota de Krieg na América do Sul, em março de 1931, está omitida]) fica quase incompreensível.

[9] Essa informação, atribuída a Sick, é errônea – refere-se a 1938 (Laubmann, 1940); em 1928, Krieg estava na Alemanha.

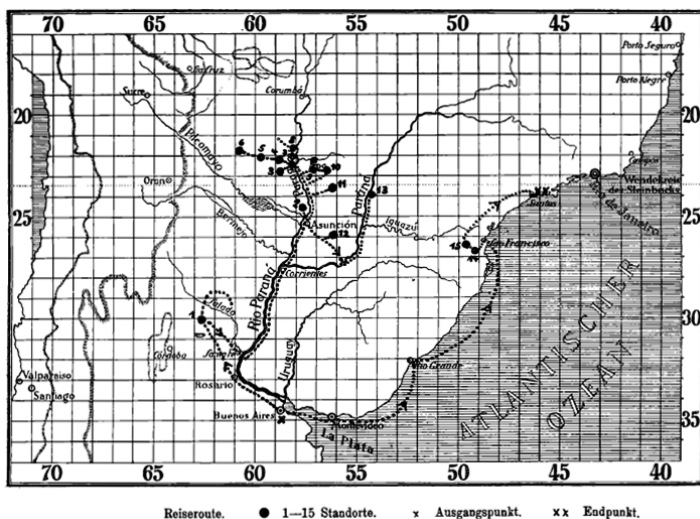
[10] Os Wildermuth pertenciam a uma família de suíços radicados na província argentina de Santa Fé que ali detinham grande propriedade, hoje protegida pela "*Reserva Privada de Uso Múltiple Federico Wildermuth*", administrada pela fundação de mesmo nome. Vide Paynter-Jr. (1995:859).

Percorreu uma vasta área entre Assunção e o departamento paraguaio de Boquerón (março de 1926) até as províncias bolivianas de Tarija (abril a junho de 1926), Chuquisaca (julho de 1926) e Santa Cruz (julho a novembro de 1926), situadas no alto rio Pilcomayo (Hellmayr, 1928; Neumann, 2006). Nesse ínterim, fez estadas nas províncias argentinas de Santa Fé (julho a agosto de 1925); Formosa (setembro de 1925 a fevereiro de 1926), Salta (junho de 1926) e Río Negro (dezembro de 1927) (Laubmann, 1929, 1930, 1934; Paynter-Jr., 1989, 1992).

Esses dois momentos são tratados, pela maior parte dos autores como duas viagens, de forma que a viagem seguinte (já como diretor da coleção zoológica de Munique), acabou conhecida como a "*III. Deutsche Gran-Chaco-Expedition*" (ou "*III Südamerika Expedition"*). Foi apenas a partir dessa última, que ocorreu entre 1931 e 1932, que Krieg passou a incluir o Brasil em seus itinerários, embora com caráter meramente tangencial.

O traçado dessa última viagem (que ele cumpriu acompanhado de Kiefer e Schuhmacher), iniciou-se em Buenos Aires (após paradas no Rio de Janeiro e São Francisco do Sul), depois seguindo por Rosário e norte da Argentina (Laubmann, 1933, 1934; Krieg, 1934) e, através dos rios Paraná e Paraguai, até a colônia menonita do Chaco paraguaio.

Krieg retorna então pelo rio Paraguai, visitando Porto Murtinho e a foz do rio Apa rumo a Assunção, passando pelos departamentos de Alto Paraguay e Presidente Hayes (maio a setembro de 1931). Dali segue a Concepción (outubro e novembro de 1931), San Pedro (janeiro de 1932) e, pelo rio Paraná, até Guaíra, voltando pelo mesmo rio até a foz do Prata e Montevidéu (Uruguai). De lá, por via marítima, visita Rio Grande e, em seguida, o porto de São Francisco do Sul, que lhe dá acesso – por

ferrovia – às colônias Hansa-Humboldt (Corupá) e Rio Natal (São Bento do Sul)[11]. Também por via férrea, cruza o leste do Paraná e São Paulo até chegar a Santos, onde embarca para a Alemanha (vide mapa em Laubmann, 1933:268 e Krieg & Schuhmacher, 1936:2; A.H.G.A., 1949[12]).

***Reiseroute der III. Südamerika-Expedition von Prof. Dr. H. Krieg (Route Krieg's in Südbrasilien, März 1931 ist weggelassen.)* [Itinerário da Terceira Expedição à América do Sul pelo Dr. H. Krieg (A rota de Krieg na América do Sul, em março de 1931, está omitida)].**

---

[11] Exemplares de *Volatinia jacarina* provenientes do "*Rio Natal (Südbras.)*" são datados de 10 e 12 e abril de 1932 (ZSM-32.1356 e 32.1357), de onde se conclui que sua passagem pelo leste do Paraná ocorreu nesse mesmo ano (V. de Q. Piacentini, *in litt*., 2018). A estada em Foz do Iguaçu e Guaíra, por sua vez – ocorreu no mês de março de 1932, uma vez que Krieg estava na "Colonia Independencia" (Saltos del Guayrá) entre 13 e 18 de março de 1932 (Payner, 1989:22; Paynter & Traylor, 1991:9).

[12] "*Starting from Buenos Aires he sailed up the Rio Parana to the falls of Iguazu and crossed the Paraguayan Chaco to the foot of Andes at Santa Cruz de la Sierra in Bolivia. Turning eastwards the expedition traversed the northern border of the Chaco to Chiqitos and the Rio Paraguay. Later he was in the Brazilian state of Parana and finally flew over the Matto Grosso and Sao Paulo*" (A.H.G.A., 1949). O itinerário não é propriamente esse pois Krieg passou por Foz do Iguaçu apenas quando de seu retorno, proveniente de Encarnación (Krieg & Schuhmacher, 1936:2).

Segundo se pode constatar, as localidades visitadas no Sul do Brasil foram (Laubmann, 1933a, 1935:590; Krieg & Schuhmacher, 1936):

> "*13: **Exkursion zu den Guayra** - Fällen am oberen Paranáfluss, (Parag., Bras., Argent.)*;
> *14: **Col. Hansa-Humboldt**, Staat Sta. Catharina, (Sübrasilien)*;
> 15: ***Col. Rio Natal**, Staat Sta. Catharina, (Südbrasilien)"*[13].

A sua passagem pelo Brasil foi amplamente noticiada pela mídia. O jornal "A Noite", por exemplo, chegou a publicar uma entrevista com o pesquisador, quando de sua breve parada no porto do Rio de Janeiro[14], embarcado no mesmo navio em que também viajavam o pintor argentino Octavio Fioravanti, o matemático italiano Agustin Duranona e o professor alemão George Riedesel:

> "O professor Hans Krieg, da Universidade de Munich, que vae percorrer as regiões do São Francisco e estudar a nossa fauna, a do Paraguay e a da Argentina, foi a nossa primeira entrevista de hoje.
>
> S.S. disse-nos:
>
> - *Fui delegado pela Universidade de Munich para estudar a fauna brasileira, a argentina e a paraguaya, notadamente a dos animaes que vivem proximo ás quédas do Iguassú.*
>
> *Do Rio de Janeiro, seguirei directamente até São Francisco e depois para Buenos Aires, de onde partirei para as regiões das mattas.*
>
> - Conhece o tigre brasileiro?
>
> - *De todos os animaes sul-americanos, a puma brasileira é indiscutivelmente o mais terrivel. Nem*

---

[13] "*13: Excursão ao Guaíra – quedas no alto rio Paraná (Paraguai, Brasil, Argentina.)*; *14: Colônia Hansa-Humboldt, estado de Santa Catarina (Sul do Brasil)*; 15: *Col. Rio Natal, estado de Santa Catarina (Sul do Brasil)".* Note-se aqui outro erro: as quedas de Guaíra estão na fronteira Brasil-Paraguai, não com a Argentina.

[14] A Noite, edição de 4 de março de 1931, seção Ultima Hora, p.3.

mesmo os famosos tigres de Sumatra possuem tamanha ferocidade.

É uma especie bellissima, de um pelo avelludado e brilhante, com tons cinza e marron, que dão uma belleza unica a este terrivel habitante das florestas do sul do Brasil.

Na Alemanha já possuimos alguns exemplares, que foram apanhados nas regiões montanhosas das florestas do Rio Grande do Sul.

Espero levar para Munich uma bella collecção de animaes sul-americanos.

- Quaes são as suas cadeiras na Universidade de Munich?

- Venho leccionando na Universidade de bavara de Munich as cadeiras de zoologia e ethnografia, que tirei por concurso."

Hans Krieg, da Universidade de Munich, vae percorrer as florestas do Brasil, da Argentina e do Paraguay

"Da esquerda para a direita os professores: Octavio Fioravanti, Hans Krieg, Augustin Duranona e Georg Riedesel, em pose especial para A Noite, a bordo do 'Weser' " (A noite,edição de 4 de março de 1931, seção Ultima Hora, p.3).

O “Diario de Noticias”, por sua vez, redigiu notícia um tanto diferente[15]:

> *“**VEM ESTUDAR OS SELVAGENS DO PARANÁ.***
>
> *Com destino a São Francisco do Sul, viaja, a bordo do ‘Weser’, o professor allemão dr. Hans Krieg.*
>
> *Quando se preparava para desembarcar, afim de visitar os trechos pittorescos da cidade, o dr. Hans Krieg teve opportunidade de falar ao representante do DIARIO DE NOTICIAS. E declarou, então, que segue para o Paraná em cujo interior pretende estudar a vida, os usos e os costumes dos indios, pois ha muito que se dedica a essas pesquizas.*
>
> *O dr. Hans Krieg affirmou-nos ainda que já conhece, através de innumeras leituras scientifica a existencia da raça primitiva do Brasil, sendo a sua viagem de agora um motivo para de ‘*visu*’, certificar*-se *de tudo quanto aprendeu theoricamente.*
>
> *O illustre professor allemão disse-nos que, de regresso, tenciona fazer um longo trabalho sobre o assumpto que o traz ao nosso paiz.*
>
> *O dr. Hans Krieg esclareceu-nos ainda que foi delegado ainda pela Universidade de Munich para estudar a flora e a fauna do Brasil, da Argentina e do Paraguay”.*

Entre outubro de 1937 e outubro de 1938, ocorreria ainda a “*IV. Deutsche Gran-Chaco-Expedition*” que, por sua vez, contemplou a região da Patagônia, nas províncias argentinas de Río Negro (dezembro de 1937 e janeiro de

[15] Diário de Notícias, edição de 5 de março de 1931, p.15.

1938), Neuquén (janeiro e fevereiro de 1938) e Chubut (fevereiro de 1938), assim como a de Misiones, além dos estados brasileiros do Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo (Laubmann, 1940; Krieg, 1951; Zeller, 1982; Neumann, 2006). O resumo dessa viagem, apresentado pelo próprio Krieg (1939), é o seguinte:

“1937 bis 1938 machte ich zunächst einen Orientierungsflug von Säo Paulo bis Corrumbä, begab mich dann, in den ersten Monaten begleitet von meiner Frau, mit E. Schuhmacher nach Südargentinien (Rio Negro, Neuquen bis Chubut, mit längerem Aufenthalt in der Südkordillere). Sodann reiste ich mit Schuhmacher von Buenos Aires auf dem Flußwege nach dem Alto Parana (Misiones), Iguazü, Sete Quedas bis Süd-Mattogrosso. Dort trafen wir am Rio Ivinheima im Juni 1938 meine seit Dezember 1937 dort im Urwald arbeitenden Schüler und Assistenten Dr. Schindler, Dr. Kühlhorn und Dr. Fischer, mit denen wir zunächst im Gebiet der iNebenflüsse des Parana, Ivinheima und Pardo, später inmitten des Staates Säo Paulo (Colonia Riograndense) und zum Schluß im Gebiet der Sierra do Mar südlich Santos tätig waren”.	“De 1937 a 1938, fiz um primeiro vôo de orientação de São Paulo para Corumbá. Depois, nos primeiros meses acompanhado por minha esposa, estive com E. Schuhmacher ao sul da Argentina (Rio Negro, Neuquen até Chubut, com uma longa permanência ao sul da Cordilheira dos Andes). Então viajei com Schuhmacher de Buenos Aires na rota do rio para o Alto Parana (Misiones), [Foz do] Iguaçu e Sete Quedas até o sul do Mato Grosso [do Sul]. Ali, estive no Rio Ivinheima, em junho de 1938, quando encontrei meus alunos e assistentes, que trabalhavam na selva desde dezembro de 1937: drs. Schindler, Kühlhorn e Fischer, com quem trabalháramos anteriormente nos afluentes do Paraná (Ivinheima e Pardo), mais tarde no interior do estado de São Paulo (Colônia Riograndense) e, finalmente, na área da Serra do Mar, ao sul de Santos”

Daí se observa que, chegado da Alemanha, Krieg seguiu para a Patagônia acompanhado por Schuhmacher, deixando para Schindler, Kühlhorn e Fischer o encargo de

explorar os estados brasileiros contemplados na expedição (com exceção de Corumbá, Foz do Iguaçu e Guaíra). Aparentemente, era Kühlhorn o responsável pelas observações e coletas de aves, embora sua atribuição fosse originalmente voltada aos mamíferos; isso se extrai do artigo que ele mesmo publicou, vários anos depois (Kühlhorn, 1954:173):

"Als Teilnehmer an einer von Herrn Professor Dr. H. Krieg geleiteten Forschungsreise nach Brasilien hatte ich 1938 Gelegenheit, neben meinen säugetierkundlichen Arbeiten in Süd-Mattogrosso (Rio Parana, Rio Taquarussu, Rio Pardo, Rio Samambaia, Rio Ivinheima) auch ornithologische Studien machen zu können."	"Como um dos participantes da viagem de pesquisa do professor Krieg ao Brasil em 1938 e, além de meus estudos de mamíferos no sul do Mato Grosso [do Sul], tive a oportunidade de fazer estudos ornitológicos nos rios Paraná, Taquaruçu, Pardo, Samambaia e Ivinheima".

Objetivamente, Krieg pretendia fazer observações e coleta de exemplares ligados à fauna, flora e antropologia por uma extensa região do Chaco boreal ao Alto Paraná, com o financiamento da *Deustche Forschungsgemeinschaft* (DFG)[16] e apoio da Academia de Ciências de Munique. No entanto, a finalidade da viagem de fato era ainda mais ampla do que fôra divulgado pelos meios de comunicação. Em entrevista para o "*Lokal Enzeiger*" de Berlim, Krieg teria afirmado que[17]: "*O primeiro de seus objectivos são as grandes cataractas do Iguassú e de Guayra que figuram entre as maiores do mundo. O principal trabalho das explorações se resumirá na colheita de informações sobre as mattas virgens de Matto Grosso, encontrando-se todos os*

[16] Leia-se: *Deutsche Gemeinschaft zur Erhaltung und Förderung der Forschung* (ou Sociedade Alemã para o Apoio e Avanço da Pesquisa Científica).
[17] Jornal do Recife, edição n° 58, 1° de outubro de 1937, p.8.

exploradores em determinados pontos, para consagrar-se, no meio do anno vindouro, aos seus estudos zoologicos da região em grande parte desconhecida. O principal objectivo do professor Krieg é constatar se a planície de Matto Grosso não apresenta alguma relação com os pontos elevados dos Andes, que muitas vezes attingem até 8.000 metros e com o altiplano boliviano que se eleva até três mil".

Essa viagem de Krieg, e não necessariamente de maneira intencional, teve uma ampla divulgação no território brasileiro. Mesmo antes de sua chegada ao Rio de Janeiro, sua presença já era noticiada, por exemplo, em Recife (Pernambuco)[18] e São Luís (Maranhão)[19] e os jornais se antecipavam, informando sobre o grande cientista que chegaria ao Brasil, detalhando os objetivos de viagem e enaltecendo sua presença. O "Jornal do Brasil"[20], por exemplo, publicou matéria de página inteira com teores do tipo: "*As expedições do professor Krieg prendem-se somente a estudos cientificos e observações da fauna e flora das terras que percorre. O cientista repele energicamente qualquer sentido de aventura que se possa dar ao seu empreendimento e especialmente reportagens 'sensacionais' que não estão de acôrdo com o que êle proprio observa, nem com seu trabalho e suas intenções e que seriam com razão mal vista pelas nações sul-americanas*".

Já de retorno à Alemanha, repetiu-se o cenário midiático, tendo Krieg solicitado a transmissão de sua gratidão pelo apoio do governo e instituições brasileiras[21]:

[18] Jornal do Recife, edição n° 58, 1° de outubro de 1937, p.8.
[19] O Imparcial, edição n° 5721 de 21 de outubro de 1937, p.5.
[20] Jornal do Brasil, edição n° 244 de 17 de outubro de 1937, p.8
[21] Jornal do Commercio, edição n° 280 de 28 de agosto de 1938, p.11.

“Aproveitando a opportunidade desta recepção, quero pedir aos illustres representantes da imprensa brasileira, transmittirem, por intermedio de suas folhas, os meus agradecimentos sinceros ao Governo deste hospitaleiro país e aos institutos scientificos, que me facilitaram, com tanta gentileza, os meus trabalhos. A confiança reciproca sempre acompanhou as nossas pesquisas no campo da sciencia, e uma cordial amizade prende-me a innumeros brasileiros[22]*. Não sómente o apoio official do Governo, mas aind a o efficaz auxilio de muitos scientistas brasileiros, contribuiram para o exito do meu trabalho, meu e de meus assistentes. Estes laços de cordialidade são uma garantia de successo para o intercambio scientifico.*

Deixo este maravilhoso Brasil com a impressão não só de ter feito alguma coisa pela sciencia, mas principalmente pelo mutuo interesse scientifico, entre o Brasil e a Alemanha. Esses interesses deverão unir os nossos paízes em harmonica collaboração e a minha gratidão será inalteravel.

Logo após a volta à minha patria enviarei também, preparados da fauna allemã aos Museus do Rio de Janeiro e de São Paulo, o que poderá completar uma ou outra collecção. Será esta mais uma prova, talvez, de que nós, allemães, desejamos estar, com o Brasil, sempre m util e cordeal collaboração.

Á sociedade brasileira em prol das artes, literatura sciencias, - a Pro-Arte – que ha quasi um decennio serve como valiosa intermediaria entre o vosso e o nosso paiz e á qual devemos esta selecta reunião, de coração deseja uma brilhante continuação nos successos dos seus emprehendimentos”.

---

[22] Krieg tinha laços de amizade importantes no Brasil. É de sua autoria, por exemplo, a apresentação do livro “Ensaio sobre a fauna brasileira” de Magalhães (1939) iniciada como: “*É-me grato e honroso dizer algumas palavras a respeito do livro do meu acatado amigo Agenor Couto de Magalhães”*.

Apenas dois dias depois, ele ainda faria uma conferência intitulada “Como zoologo na América do Sul”, em espanhol, para o público geral, autoridades e cientistas, no auditório nobre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro[23].

Note-se, porém, que sua última viagem à América do Sul aparentemente não pretendia apenas repetir os procedimentos científicos das anteriores, em particular no que se refere ao Brasil e também ao acolhimento recebido pelas autoridades locais. A amplitude da expedição teria ainda outra conotação.

Ocorre que em 1937 Krieg já se encontrava totalmente engajado na proposta nacional-socialista alemã promovida pelo Partido Nazi e, segundo Sá & Silva (2016), a propaganda cultural da ideologia no exterior era um dos motivos de sua viagem.

Além disso, quando no Rio de Janeiro, ele manteve contato e proferiu palestras [24] , respectivamente com autoridades e de instituições explícita ou alegadamente simpáticas à causa nazista. Uma dessas é a “Pró Arte, Sociedade de Artes, Letras e Ciências”, agremiação multidisciplinar criada em 1931 com a finalidade de estabelecer intercâmbio entre Brasil e Alemanha. Financiada pela embaixada alemã, a entidade foi por algum tempo (e especialmente em 1942) acusada pela mídia de se tratar de uma célula nazista no Brasil, cujo objetivo era

---

[23] O Imparcial, edição n° 1001 de 30 de agosto de 1938, p.12.

[24] Por exemplo, na Associação Brasileira de Imprensa (A Noite, edição n° 9236, de 27 de outubro de 1937, p.4), no Jardim Botânico e “Club Germania” do Rio de Janeiro (Gazeta de Notícias, edições n° 252 de 23 de outubro de 1937, p. 3; n° 254 de 26 de outubro de 1937, p.12; e n° 255 de 27 de outubro de 1937 p.12; Jornal do Commercio, edições n° 20 de 23 de outubro de 1937, p.7; n° 23 de 27 de outubro de 1937, p.7) e no Museu Nacional (Correio Paulistano, edição n° 25043 de 31 de outubro de 1937, p.24; Jornal do Brasil, edições n° 247 de 21 de outubro de 1937, p.10 e n° 249 de 23 de outubro de 1937, p.12); vide também Correio da Manhã (edição n° 13175 de 31 de outubro de 1937, p.3) e Diário de Noticias (edição n° 3597 de 21 de outubro de 1937, p.11).

"desnacionalizar a cultura local" pela promoção da hoje chamada "arte degenerada" alemã (*entarte Kunst*).

Krieg, por intermédio dessa instituição, não apenas apresentou palestras e "conferências ilustradas" como participou de coqueteis, conferências e recepções oferecidas aos órgãos de imprensa[25], além de ter sido festivamente recebido no porto do Rio de Janeiro por diversas autoridades e representantes de instituições de renome, tais como do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Universidade do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Imprensa.

Professor Hans Krieg, da Universidade de Munich

PROFESSOR HANS KRIEG

Visita deste scientista allemão á Associação Brasileira de Imprensa

O scientista allemão professor Hans Krieg, em companhia do director da Pró-Arte, sr. Theodoro Henberger, em visita á séde da Associação Brasileira de Imprensa

Recortes de jornal sobre a visita de Hans Krieg ao Brasil (fontes: "Gazeta de Notícias", edições n° 252 de 23 de outubro de 1937, p. 3, esq.; e n° 254 de 26 de outubro de 1937, p.12).

[25] A Batalha edição n° 3695 de 25 de agosto de 1938, p.2; "A Noite" edição n° 9534 de 26 de agosto de 1938, p.2.

Tudo isso lhe causaria alguns dissabores quando de sua estada no país, particularmente no retorno. Segundo consta, o trabalho de campo contava com autorização do governo brasileiro, por meio do Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 1939:67): "*...do Dr. Hans Krieg, zoólogo alemão, acompanhado de mais quatro cientistas, seus alunos, para realizar uma excursão em território brasileiro, no Alto Paraná*". No entanto, faltou-lhe a anuência definitiva do CFEACB (Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil)[26] que exigia formulários contendo uma série de informações como objetivos da viagem, itinerário, equipe, resultados esperados e outros. Assim, no momento em que embarcava, nos primeiros dias de outubro de 1938, foi rigorosamente vistoriado e, não dispondo das licenças necessárias, acabou preso e teve os espécimes confiscados.

Essa situação teve repercussão nacional, inclusive porque – de acordo com Sá & Silva (2016) – Krieg chegou a tentar uma saída alternativa, junto ao Serviço de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura[27], o que irritou os diretores do CFEACB, criando problemas diplomáticos entre ambos os países. De fato, o caso foi divulgado pela imprensa e, de acordo com matéria ironicamente noticiada pela mídia curitibana,[28]: "*Contrariando disposições em vigor, o cientista Hans Krieg tentou enviar para a Alemanha 10 volumes de material arrecadado junto ás quédas do Iguaçu. Preso o naturalista. Desculpou-se com distração própria dos sabios, mas não foi solto. As*

[26] Vide adiante (neste volume) na Cronologia de 1933. No acervo documental desse órgão, extinto em 1968, constam 91 documentos relativos ao processo em que se envolveu Krieg, incluindo recortes de jornal, ofícios e telegramas de encaminhamentos.
[27] A intervenção ocorreu, na verdade, pelo Serviço de Caça e Pesca de São Paulo, por meio de seu diretor e amigo Agenor Couto de Magalhães.
[28] Correio do Paraná, edição n° 3032 de 6 de outubro de 1938, p.8.

autoridades não o consideram um sabio, e sim um ‘sabido’...”.

Tanto mais contundente foi a matéria do Diário de Notícias, com a chamada “Desafôro...”[29]:

> “*Não vimos commentado em nenhum jornal um facto noticiado no começo de outubro recemfindo o que bem merecia vehemente repulsa.*
>
> *O caso é tanto mais de estranhar, quanto se fez na imprensa enorme allarido contra a Bandeira Piratininga[30], que só penetrou o alto sertão goyano com expressa licença do Conselho de Fiscalização das Expedições Scientificas e Artisticas no Brasil.*
>
> *O facto aqui se expõe, com os commentarios que merece. Em setembro deste anno (sic), chegou uma expedição scientifica allemã, chefiada pelo zoologo Hans Krieg, e que pretendia fazer incursões na zona do Iguassú e realizar estudos zoologicos.*
>
> *Scientificado o chefe de que devia pedir licença ao Conselho de Fiscalização, o pedido foi feito e attendido, com a condição,porém, de não serem feitas collecções scientifics, a menos que o sr. Hans Krieg e sujeitass todas as condições regulamentares, que obrigam os expedicionarios a fornecer uma parte do material collectado aos institutos scientificos do paiz.*
>
> *O zoologo allemão acceitou e partiu. Partiu e vltou na calada, com um vasto material prompto a embarcar ‘como bagagem’, isto é, bagagem de contrabando, tendo-se ‘ esquecido’ de satisfazer o compromissos assumido, quer dizer – de cumprir a lei nacional.*
>
> *Informado da ligeireza, o presidente do Conselho da Fiscalização entendeu-se com o Inspetor da alfandega de Santos, porto onde Hans Krieg ia escaulir ‘á franceza’, para o reich, sendo, então,*

[29] Diário de Notícias, edição n° 3913 de 2 de novembro de 1938, p.4.

[30] Entidade fundada em janeiro de 1937 pelo jornalista Willy Aureli (1898-1968) e que realizou oito expedições (1937-1964) de amplos objetivos (cartografia, clima, solos, fauna, flora, antropologia, linguística) ligados com a “Marcha para o Oeste”. Tema a ser examinado no próximo volume de “Ruínas e urubus”.

> *apprehendidos 10 grandes volumes, contendo innumeros specimens da fauna e tambem minerais.*
>
> *É de lamentar que a lei reguladora das expedições scientificas não consigne um meio de repressão mais energico – forte multa, por exemplo – desse genero affrontoso de contrabando, que envolve inquestionavel menoscabo de nossas leis por estrangeiros.*
>
> *Occorre aqui perguntar: a representação diplomatica e commercial do Brasil no exterior estará devidamente habilitada a esclarecer os expedicionarios sobre as obrigações a que estarão aqui sujeitos? Disporão de um exemplar da lei os funccionarios brasileiros que no exterior visam passaportes dos que vêm ao Brasil arranjar collecções scientificas?*"

Até o momento, pouco se sabe sobre a contribuição de Krieg para a Ornitologia brasileira. Segundo as informações bem relatadas por Sá & Silva (2016:243-244), muitos exemplares (de roedores, aves, répteis, peixes e insetos), a despeito das determinações locais, acabaram passando pelo "pente fino" da alfândega e seguiram para a Alemanha.

Ocorre que as dez caixas contendo materiais científicos ficaram provisoriamente na sede do Serviço de Caça e Pesca de São Paulo, a fim de serem eles examinados e redistribuídos; de acordo com o ato original do CFEACB, tudo deveria permanecer no Brasil, mas não foi o que aconteceu. A 14 de novembro de 1939, o lote foi entregue ao Museu Nacional que, na pessoa de sua diretora, Heloisa Alberto Torres, manifestou interesse na incorporação ao acervo. Em seguida, ocorre intervenção de Bertha Lutz, integrante de um conselho *ad hoc* para definir o destino do material, que, segundo sua determinação, incluía agora o envio a pesquisadores brasileiros. Para o casos de aves e mamíferos, foi indicado Olivério Pinto (Departamento de

Zoologia de São Paulo) uma vez que, segundo Lutz[31], "*No Museu Nacional não temos, presentemente, especialista de reputação comparável à de V. Sa.*". Segundo a mesma fonte: "*...são 96 pelles segundo a nossa contagem, a maioria de aves menores, com alguns Psittacideos e Trochilideos*". Esse lote, porém, estava incompleto segundo correspondência da diretora do Museu Nacional, pela qual encaminha outras 44 peles que, "*por inadvertência, haviam ficado no Museu*".

Embora com deferimento do CFEACB e sendo enviados os exemplares a Olivério Pinto, rapidamente Heloisa Torres mostrou resistência usando, para isso, esferas superiores, no caso, a chefia de Gabinete do Ministério da Educação e Saúde. Afirmava a diretora que – ao contrário do afirmado por Lutz – o Museu Nacional possuía sim pesquisadores habilitados a estudar o material, segundo ela[32]: *"...onde trabalha atualmente o ornitologista alemão Adolph Schneider, cujas publicações especiais são muito conhecidas e que foi enviado ao Brasil para ultimar algumas observações necessarias à publicação de sua monografia sobre aves do Brasil Oriental, bem como o sr. João Moojen de Oliveira cuja competência lhe tem proporcionado sucessivamente a investigação nas cátedras de zoologia na Escola de Viçosa, no Colégio Universitário e na Faculdade de Ciências da Universidade do Distrito Federal* [...]*"*.

Isso resultou no cancelamento da entrega do material, por força de um telegrama enviado por Iglesias, no qual solicita também o retorno do mesmo para o Rio de Janeiro. Logo em seguida, por motivos até agora

[31] Correspondência de Bertha Lutz a Olivério Pinto de 8 de março de 1940 (Fonte: arquivos CFEACB, via MAST).

[32] Correspondência de Heloisa Torres (com visto do chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde) para Francisco de Assis Iglesias, presidente do CFEACB, datada de 8 de abril de 1940 (Fonte: arquivos CFEACB, via MAST).

desconhecidos, o Ministério das Relações Exteriores envia um ofício ao presidente do Conselho, informando que fez "*...encaminhar os respectivos volumes à Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro, afim de serem os mesmos enviados, por intermédio daquela Missão diplomáica, aos devidos destinatários*"[33].

Independentemente da esperada "canetada" quanto ao destino final dessas coleções que, portanto, terminaram sendo expedidas para Munique, surpreende o pequeno número de espécimes envolvidos nessa negociação. Seria, portanto, apenas 140 peles de aves, cifra modesta demais para a alegada envergadura e os propósitos explicitamente declarados da Expedição.

Não encontrei nenhum exemplar de Krieg ou de seus assistentes em coleções brasileiras, de forma que tudo parece ter sido entregue à instituição alemã. Graças à cortesia de Markus Unsöld (curador da coleção ornitológica do *Zoologische Staatssammlung München*), obtive uma cópia dos livros de registros da coleção, onde constam apenas 52 espécimes (numerados entre SNSB-1338 e 1389), mas todos contêm como procedência: "*S. Bresilien, Sta Catharina, Col. Hansa*", tendo sido coletados por Schuhmacher entre 9 e 13 de abril de 1932. A explicação mais óbvia para isso é que as demais amostras tenham sido destruídas durante a Segunda Grande Guerra[34]. O mesmo refiro-me ao que poderia ter sido confiscado pelo governo brasileiro: seu destino mais provável é que tenham sido

[33] Correspondência do secretário geral do Ministério das Relações Exteriores (M. Nabuco) a Francisco de Assis Iglesias, presidente do CFEACB, datada de 17 de abril de 1940 (Fonte: arquivos CFEACB, via MAST).

[34] Segundo Fittkau (1989), além de várias incursões destrutivas, ocorreu um bombardeio, na noite de 24-25 de abril de 1944, que destruiu diários de campo e material de arquivo, além da coleção ictiológica e esqueletos de grandes animais.

destruídos, armazenados inadequadamente ou transferidos para locais que jamais saberemos[35].

A subespécie *Pyrrhura frontalis kriegi*[36], descrita com base em exemplares de Minas Gerais, foi nomeada em sua homenagem por Alfred Laubmann (1932:217), com o seguinte teor: "*Es ist mir eine Freude, diese interessante Rasse Herrn Prof. Dr. Hans Krieg, dem Direktor des Münchner Museums, zu widmen, welcher durch das schöne und umfassende Material, das von ihm und seinen Begleitern M. Kiefer und E. Schuhmacher auf seiner III. Südamerika-Expedition aufgesammelt worden ist, so wesentlich zur Lösung dieser Probleme beigetragen hat.*"[37]

Aparte à História Natural, Hans Krieg ficou bem conhecido pela habilidade como desenhista, mas também era interessado pela Geografia e Geologia e buscava diversos meios para documentar suas viagens. Em 1925, durante sua viagem ao Chaco, produziu um documentário chamado "*Expedition Paraguay*", que consiste de uma das primeiras iniciativas da cinematografia naquele País; depois disso ainda produziu um outro: "*Los indigenas del Gran Chaco*", enfocando os povos autóctones daquela região. Esses dois filmes, ambos em 35 mm e preto-e-branco, são ainda inéditos e foram editados apenas na década de 50, após o falecimento de Krieg (Engelhardt, 1985; Cuenca, 2009).

---

[35] Uma prática, aliás existente até os dias de hoje, do mais completo desrespeito às ciências, independente do juízo de legalidade.

[36] Fenótipo intermediário entre a subespécie nominal (da qual é hoje considerada sinônimo), que ocorre da Bahia ao Sudeste, e *P. f. chiripepe* (de São Paulo ao sul do Brasil, além de Misiones, leste do Paraguai e Uruguai). O holótipo foi coletado por Odilo A. de Carvalho em 1908 nas lavras de "*Agua Suja bei Bagagem*", no rio Jordão (Pinto, 1952).

[37] "É um prazer dedicar esta interessante raça ao senhor Prof. Dr. Hans Krieg, diretor do Museu de Munique, em face do material bonito e abrangente que ele e seus companheiros M. Kiefer e E. Schuhmacher coletaram na sua III Expedição da América do Sul e que tanto contribuiram para resolver esses problemas".

Era membro honorário da *Gesellschaft für Erd- und Völkerkunde* de Stuttgart e, no pós-guerra, em 1950, tornou-se o primeiro presidente (e depois presidente de honra até 1964) da *Deutschen Naturschutzringes* (DNR), uma aliança alemã para a proteção da natureza, sediada em Munique (em 1973 transferida para Bonn).

1933 Falece JOZÉF SIEMIRADZKI.

1933 Nascimento de Hitoshi Nomura, autor – dentre muitas outras valiosas obras de revisão histórica – do "**Vultos da Zoologia Brasileira**" e "**História da Zoologia no Brasil**".

1933 Os naturalistas poloneses WACŁAW ROSZKOWSKI e JANUSZ NAST chegam ao Paraná para uma expedição de seis semanas para coleta de fauna aquática e outros itens de História Natural.

1933 Iniciam-se as atividades do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB), vinculado ao Ministério da Agricultura. Funcionando até 1968, fiscalizou rigorosamente todas expedições científicas realizadas por pesquisadores estrangeiros ou por brasileiros não vinculados a instituições científicas (Grupioni, 1998; Gonçalves, 1999; Newton, 2000). Teve ligação importante com o processo administrativo e, portanto com a logística e resultados, de vários estudos realizados por pesquisadores estrangeiros (alguns deles naturalizados brasileiros) no Brasil nesse período, inclusive Reinhard Maack e Helmut Sick e, no campos das ciências sociais, Claude Levi-Strauss e Curt Nimuendajú. Um vez extinto, durante o governo Costa e Silva, transferiu suas atribuições ao CNPq e ao IPHAN. O acervo documental do órgão encontra-se arquivado no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

1933

JACQUES BERLIOZ

JACQUES BERLIOZ (n. Paris, França: 9 de dezembro de 1891; f. Paris: 21 de dezembro de 1975) foi um médico e zoólogo dedicado à ornitologia, em especial ao grupo dos beija-flores. Iniciou seu interesse pela natureza já na infância, ao colecionar ítens de história natural, dentre rochas, plantas, insetos e aves. Aos poucos foi se interessando pelos troquilídeos, grupo em que se especializou até se tornar autoridade mundial.

Cursou medicina e se aventurou em química farmacêutica, assunto no qual defendeu tese de doutoramento em 1917. Três anos depois tornou-se pesquisador voluntário em entomologia do museu nacional de história natural de Paris e, em 1920, passou a integrar a seção de Mastozoologia e Ornitologia no cargo de assistente voluntário. Aos poucos tornou-se vice-curador da coleção de aves e, em seguida, curador-chefe e professor titular, cargo em que se aposentou em 1962 (Greenway-Jr., 1976). Tinha relacionamento muito próximo com outro grande ornitólogo, Jean Delacour (1890-1985), com quem ligou-se por vários anos na qualidade de pesquisador do museu de Paris e também como seu secretário para a organização do 13° Congresso Internacional de Ornitologia (Helsinki, Finlândia, 1960) (Delacour, 1976).

Jacques Berlioz (1891-1975) circa 1923 (Fonte: Wikipedia)

Foi editor da revista científica *l'Oiseau et la Revue Française d'Ornithologie* [38], além de colaborador de entidades de conservação da avifauna, dentre elas o *International Council for Bird Preservation* (ICBP), em seus momentos iniciais. Era membro de várias agremiações ornitológicas da América do Norte e Europa (EUA, Alemanha, Reino Unido e França) e sócio honorário da

[38] Editada pela *Société ornithologique et mammalogique de France,* originalmente era chamada de *Revue Française d'Ornithologie: Scientifique et Pratique*, com tiragem entre 1909 e 1922. O novo nome (*nouvelle Série*) surgiu em 1931, reiniciando a numeração.

Zoological Society of London e da *British Ornithologists' Union* (BOU). Publicou numerosos estudos sobre sistemática de aves e também de insetos e plantas, assim como livros de divulgação popular, incluindo uma monografia sobre beija-flores chamado "*La vie des colibris*" (Berlioz, 1944) e outra, sobre aves em geral: "*Les oiseaux*" (Berlioz, 1934) com doze edições até 1969. Além disso, assina o volume 25 (1950, Aves) da famosa coleção enciclopédica "*Traité de Zoologie*" coordenada por Pierre Paul Grassé.

Berlioz, como visto, era autoridade de referência da Ornitologia francesa nos anos 40-60, tendo grande interesse na sistemática, biogeografia e biologia em geral. Ele também era um habilidoso fotógrafo e pintor de natureza (aves, insetos e plantas) e também músico, certamente por influência de seu tio-avô, o maestro, compositor romântico, teórico musical e crítico político Hector Berlioz (1803-1869). Realizou frequentes viagens para a Inglaterra, onde colaborava com o *British Museum*, mas consta ter visitado vários países do mundo, para observações de história natural, em especial avifauna, e também buscando inspiração para seus trabalhos artísticos (Delacour, 1976).

Entre julho e setembro de 1933, fez uma viagem ao Brasil para observações de beija-flores. Em terras fluminenses, esteve na cidade do Rio de Janeiro e região serrana em Teresópolis, depois seguindo para Belo Horizonte e Serra do Cipó, também visitando o Parque Nacional do Itatiaia e depois São Paulo e Santos. No fim de agosto esteve em Curitiba, Ponta Grossa (inclusive Vila Velha) e no litoral do Paraná (Paranaguá e Antonina[39]) para, em seguida, dirigir-se a Salvador e Recife, quando retornou à França (Berlioz, 1934a,b; Paynter & Traylor, 1991).

---

[39] A única referência de data mais precisa para sua estada no Paraná é para Antonina em 28 de agosto [de 1933] (Berlioz, 1934b:423).

Essa viagem é narrada com detalhes em "*Notes ornithologiques au cours d'un voyage au Brésil*" (Berlioz, 1934a), artigo quase corográfico, em que descreve alguns aspectos por ele observados, incluindo detalhes da paisagem e vegetação e também culturais[40]. O trecho alusivo ao Paraná (Berlioz, 1934a:259-262) é relativamente extenso e merece transcrição:

"Les territoires du sud que nous avons visités (état de Parana) nous ont semblé, à cette époque, très apauvris en oiseaux. Le contraste y est d'ailleurs encore plus accentué entre la région côtière si verte, si luxuriante, si splendidement boisée, et l'aridité des plateaux qui, à 800 mètres seulemtn au-dessus de la mer, semblent déjà soumis à de toutes autres conditions climatiques, - campos à perte de vue, auxquels cinq mois de sécheresse et trois semaindes de gelée consécutifs (conditions d'hiver anormales, en relation avec un trop grand déboisement) avaient octryet cette année un bien lamentable aspect.

*Sur le rivage, Paranagua repose parmi ses lagunes à palétuviers, au bord d'une des plus profondes de ces admirables baies dont s'enorgueillit la côte brésilienne, dans la brume légère qui masque son horizon de montagnes. Em mer, des troupes de Fous bruns (***Sula leucogaster***)*

Os territórios do sul que visitei (estado do Paraná) nos pareciam, naquela época, muito empobrecidos em pássaros. O contraste é ainda mais acentuado entre a região costeira tão verde, tão luxuriante, tão esplendidamente florestal e a aridez dos planaltos que, a apenas 800 metros acima do mar, parecem estar sujeitos a outras condições climáticas, inclusive – nesse ponto de vista – aos cinco meses de seca e três semanas consecutivas de geada (condições de inverno anormais, em conexão com o desmatamento excessivo) as quais apresentaram uma aparência muito lamentável neste ano [1933].

No litoral, Paranaguá fica entre lagoas e manguezais, à beira de uma das mais profundas dessas lindas baías que possui a costa brasileira, imersa na névoa leve que esconde seu horizonte de montanhas. No mar, bandos de *Fous bruns* (*Sula leucogaster*) e, em especial, de incontáveis

[40] Digno de destaque é o trecho em que avalia a utilização de aves silvestres como animais domésticos, com uma lista de exemplos.

*et surtout d'innombrables Cormorans (***Phalacrocorax olivaceus***) manifestent par leus ardeur à la pêche, que leur disputent aussi quelques Cétacés, quún banc de poissons évolue dans les parages.*

Le trajet ferroviaire qui escalade la serra pour desservir Curityba, la capitale située sur le plateau, est à juste titre renommé pour ses beautés spectaculaires: nulle part sans doute, sur la côte du Brésil, le caractére assez contrasté de la nature ne s'étale avec plus de hardiesse et de diversité, parmim ces montagnes escarpées, où des gorges étroites et sauvages succédent à de vastes horizons de forêts tropicales, encore à peine entamées, an Parana, par la colonisation.

Quel contraste avec le plateau morne at féfriché, dont la monotonie n'est que rarement interrompue par ce qu'il reste des célèbres forêts d'Araucarias, maintenant si claiesemées dans ce pays dont elles furent la richesse et la gloire! On les retrouve, paraît-il, plus denses vers l'interieur et déjà sur la voie ferrée qui unit Curityba à Ponta-Grossa, le cours supérieur de l'Iguassu, dont les bords sont peuplés de ces 'Pinheiros', permet d'en obtenir une pittoresque vision. Mais tout autour de Ponta-Grossa, c'est le désert, un plateau aride et sans ombre, d'une infinie

Cormorans (*Phalacrocorax olivaceus*), manifestam sua ânsia de pescar disputando, também com os cetáceos, um cardume que se aglomera nas vizinhanças.

A estrada de ferro que sobe a serra para chegar a Curitiba (a capital localizada no planalto) e justamente conhecida pela sua beleza espetacular em nenhuma parte vista, sem dúvida, na costa do Brasil, a natureza bastante contrastada da natureza se espalha com mais ousadia e diversidade, entre essas montanhas íngremes, onde os desfiladeiros estreitos e selvagens são sucedidos por vastos horizontes de florestas tropicais, que ainda mal começaram, no Paraná, a serem atingidos pela colonização.

Que contraste com o platô sombrio e franjado, cuja monotonia raramente é interrompida pelo que resta das famosas florestas de araucárias, agora tão escancaradas na região onde eram a riqueza e a glória! São encontradas mais densas em direção ao interior e já na estrada de ferro que une Curitiba a Ponta Grossa, o curso superior de Iguassu, cujas bordas são povoadas com esses pinheiros, permitindo uma visão pitoresca. Mas ao redor de Ponta Grossa está um deserto, um planalto árido e imaculado de desolação infinita, onde as matas planálticas estão

désolation, auquel des croupes montagneuses ravinées par les pluies d'orage apportent seules, de loin en loin, quelque distraction.

*A de tels contrastes du milieu ambian correspondent, bien entendu, de profondes différences dans la faune et la flore. L'étroite bande côtière richement boisée abrite encore presque toutes les espèces de la zone forestière tropicore: dans une sombre vallée, au pied des montagnes, je note ainsi la présence symptomatique du Colibri tacheté (***Rhamphodon nœvius***) et j'entends même, au loin, le crissement métalique de l'Oiseau-forgeron,* **Procnias nudicollis**, *autre habitant exclusif de cette zone, et dont la voix extraordinaire, reconnue souvent chez des oiseaux captifs, ne peut être confondue avec aucune autre. A une station du chemin de fer de Curityba, parmi la foule pittoresque qui se presse pour présenter aux voyageurs des produits du pays, un indigène offre sur une petite branche, un*

devastadas pelas chuvas tempestuosas que trazem de vez em quando alguma distração[41].

Tais contrastes ambientais resultam, é claro, em profundas diferenças na fauna e flora. A faixa costeira estreita e ricamente arborizada abriga quase todas as espécies da zona da floresta tropical: num vale escuro, ao pé das montanhas, anoto a presença sintomática do *Colibri tacheté* (*Rhamphodon* nœvius) e até mesmo ouço, à distância , o grito metálico do *Oiseau-forgeron, Procnias nudicollis*, outro residente exclusivo desta área, cuja voz extraordinária, muitas vezes reconhecida em pássaros cativos, não pode ser confundida com a de qualquer outro. Em uma estação ferroviária de Curitiba, entre a multidão pitoresca que está pressionando para apresentar aos viajantes os produtos do país, uma oferenda nativa em um pequeno ramo, um casal pareado de um periquito muito verde, o *Brotogerys tirica*[42], que um dos

[41] Aqui o autor se engana, posto que a cidade de Ponta Grossa está inserida eum um contexto de paisagens predominantemente campestres na região conhecida como "Campos Gerais". A visão que ele teve, desta forma, refletia uma condição bastante assemelhada à original, com extensos campos, entremados por afloramentos rochosos e pequenos capões de mata de araucária. É curioso que ele mesmo não tenha consultado a famosa obra de seu conterrâneo Auguste de Saint-Hilaire que descreve com propriedade toda essa região, à qual rendeu os mais exaltados elogios. Além disso, a cidade de Ponta Grossa está nas nascentes do rio Tibagi e não do Iguaçu como apontado.

[42] Trata-se de uma espécie tradicionamente criada em cativeiro no leste do Paraná (especialmente no litoral onde é muito comum), merecendo destaque o fato de ter sido introduzida com sucesso em Curitiba no início dos anos 80 (Straube *et al*., 2014).

couple éjointé d'une jolie Perruche verte, le **Brotogerys tirica***, qu'un de mes jeunes compagnons de route, grand amateurs d'oiseaux de cage, ne pent s'empêcher d'acquérir, malgré l'incommodité d'un tel transport.*

Sur le plateau par contre, autour de Curityba, c'est une pénurie générale d'oiseaux qui me frappe; on n'y retrouve même pas les espèces, familières partout, de Fringilles et de Tyrans, et la riguer de cet hiver n'est sûrement pas étrangère à cette carence. On peut y noter toutefois une abondance rlative de Rapaces nocturnes: **Otus choliba**, **Speotyto** *et surtout des* **Glaucidium***, dont les petites silhouettes se détachent le soir, avant la tombée de la nuit, perchées sur des piquets en plein champ. J'ai appris par la suite, des autorités de l'Institut Ophidien de Butantan, que les régions nouvellement livrées à la culture avaient à souffrir d'une surabondance de petits Rongeurs, qui entraîne aussi la présence trop fréquente de leurs dangereux ennemis naturels, les Serpents. Peut-être l'abondance insolite des Strigidés, autres ennemis non moins acharnés des Rongeurs, autour de Curityba, comparativement à cella des*

meus jovens companheiros de viagem, um grande amador de gaiolas, não pôde deixar de adquirir, apesar do inconveniente de tal transporte.

No planalto, no entanto, em torno de Curitiba, há uma escassez geral de pássaros que me impressiona; nem sequer encontramos as espécies, familiares em todos os lugares, de fringilídeos e tiranídeos, e o rigor deste inverno certamente não é externo a tal deficiência. Há, no entanto, uma grande abundância de aves de rapina noturnas: *Otus choliba*, *Speotyto* e especialmente *Glaucidium* [43], cujas pequenas silhuetas se destacam à noite, antes do escuro, empoleiradas em estacas no campo aberto. Mais tarde, aprendi com as autoridades do Instituto Butantan que as áreas de cultura recém-lançadas acabaram por sofrer uma superabundância de pequenos roedores, o que também resultou na presença frequente de seus perigosos inimigos naturais, as serpentes. Talvez a abundância incomum de Strigidae, outros inimigos não menos implacáveis dos roedores, em torno de Curitiba, em comparação com os outros pássaros, esteja relacionado

[43] Nenhuma espécie deste gênero ocorre em Curitiba (Straube *et al*., 2014), o que – reforçado pela falta de identificação específica e pelo hábito incompatível – sugere que houve um equívoco.

autres oiseaux, est-elle liée à la même cause.

à mesma causa.

Au cours de notre excursion dans l'intérieur de l'etat de Parana, à Ponta-Grossa, nous avons pu noter sur les rocher qui encombrent le cours de l'Iguassu, surtout au niveau des rapides, une affluence considerable de Cormorans, **Phalacrocorax olivaceus**, *qui nous a prouvé une fois d plus que cette espèce sud-américaine fréqunte tout aussi volontiers les eaux fluviales de l'intérieur du pays que les rivages de l'Océan.*

Durante a nossa excursão no interior do estado do Paraná, em Ponta Grossa, observamos nas rochas que emergem do curso do Iguaçu, especialmente nas corredeiras, um acúmulo considerável de *Cormorans, Phalacrocorax olivaceus*, que nos provou mais uma vez que esta espécie sul-americana frequenta tão facilmente as águas fluviais do interior do país como as margens do oceano.

Surtout ce n'est pas sans quelque étonnement que nous avous retrouvé à Ponta-Grossa même, parmi les rares bouquets d'Araucarias subsistant auprès des jardins de la localité, la même Perruche qu'à l'Itatiaya, **Pyrrhura vittata**, *dont les individus sauvages se livraint vis-à-vis d'un captif en cage au même manège que nous avions remarqué à la station biologique.*

Acima de tudo, não é sem espanto que encontramos na mesma Ponta Grossa, entre os poucos ramos de araucárias que ficam perto dos jardins da localidade, o mesmo periquito que [vi] no Itatiaia (*Pyrrhura vittata*) e que estava cativo em uma gaiola de um criador que encontrei na estação biológica[44].

La présence de cette espèce en deux localités aussi différentes biologiquement permet de penser que la région de Ponta-Grossa n'a pas toujours été, à une époquee toute récente, aussi déboisée qu'll l'est maintenant. Les environs sont en effet comme une steppe aride, presque un désert, et la route de 'Villa

A presença desta espécie em duas localidades biologicamente diferentes sugere que a região de Ponta Grossa nem sempre foi, nos últimos tempos, desmatada como agora. Os arredores são como uma estepe árida, quase um deserto e a estrada de "Vila Velha", esse estranho caos de rochas quebradas no arenito vermelho das cristas da

[44] Refere-se à Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba (antiga Estação Biológica do Alto da Serra), fundada em 1909 (vide Silveira, 2009)

*Velha', cet étrange chaos de rochers désagrégés dans le grès rouge des crêtes de la serra – seule curiosité de l région -, est navrante: la nature même semble s'être montrée bien avare de ses dons à l'égard de cette terre dénundée et stérile, criblée de termitières et de terriers de Tatous. Pourtant, près d'une lagune échappée à la sécheresse de l'hiver, un petit groupe d'Ibis à ventre noir (***Theristicus caudatus***) devait nous apporter une nouvelle vision brillante, et encore inédite au cours de notre voyage, de l'avifauna brésilienne: ce bel oiseau, qui, au vol, se caractérise aisément par ses formes et l'opposition très tranchée de ses couleurs, très claires sur la tête et les ailes, avec le dessous du corps noirâtre, est un habitant caractéristique de toutes les régions steppiques du Brésil et des pays avoisinants (Paraguay, Argentine, etc...). J'en revis d'ailleurs peu après, et de tout près, un autre individu, qui, s'envolant des rochers de Villa Velha, où il semblait habiter en compagnie de nombreux Rapaces, vint tournoyer curieusement au-dessus de ma tête, un peu à la façon des Vautours, et sans cesser de faire entendre son cri sourd et monocorde, avant de s'abattre un peu plus loin, dans le campo".*

serra – a única curiosidade da região – deplorável: ali a mesma natureza parece ter sido muito mesquinha com seus moradores, com uma terra pobre e estéril, cheia de cupins e buracos de tatus. No entanto, perto de uma lagoa que escapou da seca do inverno, um pequeno grupo de íbis do barriga negra (*Theristicus caudatus*) foi trazer-nos uma visão notável e ainda inédita sobre a avifauna brasileira em nossa viagem: este belo pássaro (que, em vôo, é facilmente caracterizado por suas formas e pelo contraste muito forte de cores, sendo muito claro na cabeça e as asas, com a parte inferior negra do corpo), é um habitante característico de todas as regiões estépicas do Brasil e países vizinhos (Paraguai, Argentina, etc). Eu o vi novamente pouco depois, e de muito perto, outro indivíduo, que, voando das rochas de Vila Velha, onde ele parecia viver na companhia de muitos gaviões, surgiu [voando] curiosamente sobre minha cabeça, à maneira como fazem os abutres, e sem deixar de emitir seu lamento monossilábico e monótono, antes de sumir um pouco mais adiante, no campo".

Desse relato extrai-se uma série de informações que merecem discussão. A alegada pobreza de espécies no planalto foi motivo da percepção de vários outros observadores (p.ex. Tschudi e Chrostowski, vide Straube, 2013 e 2016). Essa situação se deve por certo à epoca em que Berlioz visitou a região de Curitiba, como também Ponta Grossa e que coincide com o fim do período de descanso reprodutivo. Nesses momentos, nas matas de araucária, de fato as aves se encontram menos ativas e, como decorrência dos constantes resfriamentos e precipitações, são pouco perceptíveis. A situação de um evento intenso de geadas e portanto de uma queda violenta nas temperaturas naquele ano é também uma questão a ser averiguada. Por outro lado, agosto é o mês – no contexto regional – em que intensifica a atividade vocal das corujas, algumas delas iniciando a reprodução e outras já com nidificação adiantada[45].

Também sobre sua viagem, Berlioz (1934b) publicou um outro artigo, referindo-se aos padrões de distribuição que percebeu, ainda que superficialmente, durante a estada no leste do Brasil. Sobre o Paraná escreve:

La zone de forêts denses qui s'étage depuis le littoral à travers les massifs montagneux jusque sur les plateaux de l'intérieur, est l'habitant présumé d'un certain nombre d'espèces, dont, aux basses altitudes, je n'ai vu personnellement qu'une seule, le ***Rhamphodon nævius*** *(Dumont). C'est au milieu de taillis épais entourant des jardins sylvestre sur*

A área de florestas densas que se estende desde o litoral através das cordilheiras até os planaltos interiores é o hábitat presumível de uma série de espécies, dentre as quais e, em pequenas altitudes, eu observei pessoalmente apenas um, o *Rhamphodon nævius* (Dumont). Ele vive em clareiras de matas que cercam jardins silvestres na estrada de Antonina

[45] Conforme informado por Willian Menq (*in litt*., 2018), um de nossos mais competentes especialistas em aves de rapina.

la route d'Antonina à Curityba (état de Parana), à faible distance de la mer, que j'ai pu observer à loisir plusieurs spécimens de cet oiseau à la livrée si caractéristique. Je pense que ce colibri doint être commun dans cette région, car je l'ai vu figurer plus d'une fois chez des marchands de curiosité de Curityba, localité aux environs immédiats de laquelle je seria étonné qu'il se trouvât, - *ou alor seulement en été.*

para Curitiba (Estado do Paraná), a pouca distância do mar, onde por passatempo eu pude observar vários espécimes desse pássaro em liberdade. Eu creio que deve ser comum nesta região, pois vi que apareceu mais de uma vez em lojas de comerciantes de curiosidades em Curitiba, localidade nas imediações dali, mas onde eu ficaria surpreso por encontrá-lo, - ou pelo menos somente no verão.

Aqui, o autor demonstra conhecimento sobre a restrição dessa espécie à região litorânea do Paraná, o que realmente condiz com realidade. Ao mesmo tempo, informa sobre uma situação curiosa a respeito de sua comercialização em lojas de curiosidades em Curitiba, informação, para mim, completamente nova. Apenas com o conteúdo oferecido, porém, fica difícil distinguir se esses beija-flores eram vendidos vivos ou como peças de objetos variados, talvez penas ou fragmentos corporais [46]. Esse assunto aliás, é dissertado por ele nas páginas seguintes (Berlioz, 1934a:262-265), em que faz menção às duas condições, agregando exemplos de outros animais como borboletas.

Em virtude da dificuldade de se manter beija-flores em cativeiro [47], tanto menos sob condições climáticas

[46] Desde mesmo o fim do Século XIX, há fragmentos nos jornais locais de Curitiba, aludindo à elegância atribuída a certos trajes ornamentados por plumas. Isso aparece nas chamadas colunas sociais, em trechos que narram eventos e mesmo em propagandas de estabelecimentos comerciais, como a Casa Julio Wolkmam. Essa tendência se alargou até pelo menos os meados dos anos 50, quando ainda se mencionava a prática: "*Alguns chapeus são enfeitados com lindas plumas, borboletas, folhas e frutos de veludos*" (A Tarde, edição de 4 de janeiro de 1954, p.3).

[47] O *expertise* para isso, que me consta, foi desenvolvido por Augusto Ruschi, nos anos 80.

desfavoráveis – como o próprio Berlioz assume – parece mais provável que peças ou a própria plumária desses beija-flores fossem comercializados na forma de chapéus, bandejas, outros itens de vestuário e decoração ou mesmo como matéria-prima para isso. Duarte (2006), de fato, faz menção a um momento da história do Brasil, concentrado nas primeiras décadas do Século XX, em que lojas "*...ofereciam* boas[48], *peles, leques confeccionados com penas, sortimentos de plumas e penas, enfeites para o cabelo com a aplicação de pássaros empalhados, além de chapéus trazidos 'pelos últimos vapores vindos da Europa'*". Segundo essa mesma autora: "*Havia um vultuoso comércio de penas. Considerando os dados das exportações legais, o Brasil vendeu, entre 1901 e 1905, cerca de 600 quilos de penas para a Alemanha, Inglaterra, França e Estados Unidos. Entre 1910 e 1914, a exportação legal somou vinte mil quilos. Os espécimes mais apreciados eram emas, garças, guarás, papagaios, periquitos, araras, gaturamos, tucanos, beija-flores e saracuras*".

Além disso, pela mesma fonte: "*Havia, ainda, o comércio do couro de pássaros. No Rio de Janeiro, uma só fazenda exportava anualmente 20.000 couros de beija-flores para a França. Em inúmeras cidades litorâneas brasileiras, vendiam-se centos de couros de aves a preços irrisórios, para serem depois leiloados em Londres*".

Tal comércio estendeu-se no Brasil pelo menos até o ano de 1934, com a homologação de legislação proibitiva (vide Ihering, 1902c)[49] e que acompanhava os protestos de

---

[48] "Boá" é uma estola estreita e comprida, feita de peles e penas, segundo Houaiss.

[49] Ihering (1902c:258): "*Neste sentido o Brazil é o objecto de uma exploração vergonhosa desde ha muito tempo. Especialmente é da Bahia, que se remettem anualmente á Europa collecções enormes de sahys, tangarás, beija-flores e outras aves de bela plumagem. Essas remessas são vendidas em leilão em Londres a preços insignificantes de modo que á despovoação da nossa fauna nem ao menos corresponde um lucro razoável dos caçadores nacionaes*". Nota bibliográfica: Duarte (2006) informa outro volume e intervalo de páginas

organismos internacionais de proteção à natureza, como a britânica *Society for the Protection of Birds*, engajada na causa desde 1891.

Nesse mesmo artigo, Berlioz inclui uma lista de troquilídeos observados no Brasil, cabendo ao Paraná uma única citação: "**Ramphodon nœvius** *(Dum.): environs d'Antonina (Etat de Parana), vers 150 m. d'altitude, 28 août* [de 1933]".

Aqui é importante avaliar que Berlioz, nos três meses em que esteve no Brasil, observou apenas doze espécies de beija-flores. Esse valor, considerando a amplitude geográfica da viagem, é muito pequeno e sugere que ele tenha se mantido apenas nos núcleos povoados, sem portanto, se aventurar em florestas ou ambientes mais preservados. Com efeito, a região litorânea paranaense é especialmente rica em espécies desse grupo e pelo menos mais meia dúzia de táxons, em poucas horas de observação mais atenta, poderia ser facilmente adicionada à sua lista. Talvez estivesse mais interessado em proceder observações mais detalhadas da biologia dessas espécies ou, ainda, empenhado em retratá-los artisticamente.

No que toca a Ornitologia do Brasil, além dos estudos já citados, Berlioz publicou um estudo sobre pequena coleção obtida por A. Vellard no Mato Grosso (Berlioz, 1946) além de, anteriormente, a descrição[50] do gênero *Rhynchothraupis*, que acreditava ser monotípico agregando *R. mesoleuca*, hoje alocada em *Conothraupis* (Berlioz, 1939).

---

para esse artigo que está, de fato, no número 5 (não III), entre as página 238 (não 228) e 260.

[50] Também é de sua autoria a descrição de *Contopus albogularis* (originalmente *Myiochanes albogularis*), com base em um exemplar de Maripasoula, Guiana Francesa (Berlioz, 1962:138). Igualmente descreveu *Serpophaga griseiceps*, hoje sinônimo de *Serpophaga munda* (Piacentini *et al*., 2015).

1933 a 1934

WACŁAW ROSZKOWSKI
e
JANUSZ NAST

WACŁAW ANDRZEJ REMIGJUSZ ROSZKOWSKI (Varsóvia, Polônia: 1° de outubro de 1886; Varsóvia, Polônia: 3 de agosto de 1944) realizou várias expedições científicas pela Academia de Ciências de São Petersburgo a partir de 1914, quando terminou seu doutorado em Lausanne (Suíça)[51]. Quatro anos depois, voltou a residir em sua terra natal e, em seguida, tornou-se professor titular da cadeira de Anatomia Comparada na Universidade de Varsóvia.

Seu interesse pela fauna paranaense iniciou-se certamente depois de ter analisado as coleções de moluscos limneídeos obtidas por Tadeusz Jaczewski no tanque do Bacacheri em Curitiba e por Szymon Tenenbaum na colônia Afonso Pena (São José dos Pinhais), que lhe proporcionaram farto material para uma extensa revisão (Roszkowski, 1927). Em 1927 tornou-se diretor do Museu Polonês e chefiou a edição das publicações periódicas de entidade, desenvolvendo pesquisas com moluscos. Durante a ocupação alemã na Polônia, na Segunda Grande Guerra, prosseguia seus estudos e ministrava aulas clandestinas na universidade, o que lhe fez ser assassinado pelos nazistas, tendo seu corpo sepultado em uma cova coletiva.

---

[51] Tese publicada em "*Contribution à l'étude des limnées du lac Léman*" (Roszkowski, 1914: Revue Suisse de Zoologie, v. 22 n° 15, p. 457-539).

Dentre suas grandes contribuições, consta ter sido um dos principais debatedores às idéias nominalistas de Jean Piaget[52] sobre a evolução das espécies. Suas opiniões, não propriamente admitidas por Piaget, chegaram a influenciar o famoso pensador francês que pensava serem, os processos biológicos, restritos a aspectos lógico-matemáticos. Roszkowski defendia o uso da anatomia como instrumento para a classificação e como ferramenta para a compreensão do conceito de espécie, em detrimento da morfologia externa da concha, critério defendido por Piaget (Vidal, 1998; Ducret, 2002).

JANUSZ NAST (1908-1991) era especialista em homópteros, autor de dezenas de artigos científicos sobre o assunto, dentre eles a compilação "*Palaearctic Auchenorryncha (Homoptera): An Annotated Check List*" (Nast, 1972). Em 1959 sucedeu Tadeusz Jaczewski na direção do Museu de Varsóvia, permanecendo no cargo até 1972. Nesse posto, Nast reformulou completamente a instituição, primeiramente iniciando uma filosofia mais dinâmica com o planejamento de exposições temporárias, depois com transferências de acervos para as unidades situadas em cidades próximas e, como um todo, promoveu uma grande reforma administrativa. Também reforçou a ligação acadêmica da instituição com as universidades, permitindo que o museu pudesse conceder doutoramentos por meio de seu quadro de pesquisadores, altamente habilitados.

Estimulou a realização de expedições científicas por todo o mundo, notadamente a Europa meridional, o sudeste da Ásia e a ilha de Cuba, bem como contribuiu para que

[52] Jean Piaget (1896-1980) é atualmente uma das personalidades mais conhecidas nos campos da psicologia e pedagogia. Agregando conhecimentos de ontogenia, genética e comportamento, buscava uma explicação biológica do conhecimento humano. Antes de se consagrar neste campo (meados dos anos 10), porém, foi um estudioso de sistemática em Malacologia.

estudiosos vinculados ao Instituto pudessem analisar acervos mais ricos de outras partes do mundo. Pensando no crescimento institucional, foi em sua gestão que criaram-se periódicos especializados, alguns deles de grande penetração no mundo científico ocidental, como *Memorabilia Zoologica*, *Acta Zoologica Cracoviensis*, *Acta Theriologica* e outros.

Bem antes disso, no ano de 1933, o museu de Varsóvia era dirigido por Roszkowski e, por seu esforço pessoal, organizou uma peregrinação especialmente dedicada à coleta de fauna aquática, marinha e dulcícola, ao longo do Oceano Atlântico, litoral sul do Brasil e, com efeito, no estado do Paraná. Em companhia de Nast, navegou a bordo do "*Dar Pomorza*", uma fragata[53] com cerca de 93 metros construída em 1909.

Os resultados dessa viagem não são bem conhecidos e praticamente inexistem informações documentais a respeito[54]. No entanto, é sabido que na ocasião obtiveram exemplares dos grupos pretendidos mas também colecionaram espécimes da fauna terrestre (Kazubski, 1996; Rejt & Mazgajski, 2003). Seu itinerário no Paraná, de um total de seis semanas, iniciou-se com a chegada do navio no porto de Paranaguá em novembro de 1933 e findou em 12 de janeiro do ano seguinte, quando rumaram para São Francisco do Sul (Santa Catarina). O percurso do grupo

---

[53] *Dar Pomorza* significa, em polonês, "presente da Pomerânia". Seu primeiro nome era em homenagem à esposa do príncipe: "*Prinzess Eitel Friedrich*" e, sob esta denominação, participou da Primeira Grande Guerra, sendo depois cedido à Inglaterra e, então, vendido à França. Em 1929 foi comprado pela comunidade polonesa da Pomerânia e doado à Academia Naval Polonesa. O *Dar Pomorza* realizou três viagens para pesquisa por intermédio do Museu e Instituto de Zoologia de Varsóvia: 1931-1932, 1933-1934 e 1938 (Rejt & Mazgajski, 2003). Atualmente funciona como museu-escola flutuante, definitivamente instalado na cidade de Gdynia, onde completou seu centenário depois de 105 viagens completadas (Kabat, 1985).

[54] Consta terem os pesquisadores solicitado, como de praxe, autorização para os estudos por meio do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas (MAST, 2012): "*CFE.T.2.026 Oficio sobre o pedido de licença de Wenceslau Roszkowski e Janusz Nast (Polônia) para estudar a fauna no Paraná. — Rio de Janeiro, 22 dez. 1934. 1d., 3p*."

compreendeu a Baía de Paranaguá, o rio Nhundiaquara, e as cidades de Morretes, Curitiba e Araucária. Nessa última, encontraram-se com o médico e naturalista Jozéf Czaki (v. Straube, 2017) que os guiou na região, indicando locais propícios para a coleta de organismos ao longo do rio Iguaçu e também nas matas de galeria e campos de suas várzeas (Wąsowka & Winiszewska-Slipińska, 1996).

Cronologia

1934 Em Bonn, é criado o *Forschungsmuseum Alexander Koenig*, voltado às ciências naturais, com ênfase em pesquisas zoológicas.

1934 Rodolpho von Ihering publica "***Da vida dos nossos animais***", um dos mais populares livros de divulgação sobre a fauna brasileira, com textos compreensivos e forte apelo conservacionista, bem como orientações para a observação de aves.

1934 Na região de Londrina, que era povoada desde a década de 20, é abatido um exemplar de harpia (*Harpia harpyja*), com registro de Carlos Kraemer, fotógrafo da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

circa 1934

JADER DE CASTRO

JADER PAULO DE CASTRO (f. 6 de maio de 1937) foi chefe de escritório da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e membro do Clube Zoológico do Brasil. De acordo com o editorial do periódico Boletim Biológico[55]:

> *"Caçador emerito de macucos foi elle sempre o animador das excursões ao norte do Paraná, abarracando de preferencia nas margens do Tibagy, do Laranjinha, do Cinzas e, quando não podia ausentar-se por muitos dias, contentava-se em acampar á margem direita do Paranapanema no Rancho Casanova.*
>
> *Finíssimo no trato e amigo inseparável dos seus camaradas, sempre foi, por suas excepcionaes qualidades de organizador, escolhido para chefiar as caravanas cynegeticas que demandavam o sertão, para as grandes caçadas e pescarias".*

Ele é autor de um relato não datado sobre inúmeras viagens (segundo ele realizadas duas ou três vezes ao ano) para "*experimentar encontros sensacionais com os habitantes das grandes e belas matas do norte do Estado do Paraná*" (Castro, 1935). Ao longo do texto percebe-se que ele menciona várias viagens – no início do artigo – e, em seguida, demora-se a descrever uma em específico, com duração de quarenta dias e realizada no "ano passado" (portanto, 1934).

---

[55] Boletim Biológico (nova série) volume 3, n° 2, p. 78.

Na primeira parte que, para mim, é uma descrição geral de suas impressões de viagens anteriores, orienta o explorador a adentrar as matas do Paranapanema ou Tibagi, por um ou dois quilômetros, onde a aparência da mata mudará e, segundo ele, "*É daí em diante que o caçador notará vestígios frescos de caça grossa, e facilmente encontrará com catetos, queixadas, antas, mateiros, macucos e jacutingas. Os jacús são raros*."

Prossegue e relato: "*Não só no Tibagí como no Paranapanema, a navegação, mesmo a canôa, é, não só morosa como perigosa, devido aos seus baixios e ás suas inúmeras corredeiras. Ha nesses rios, em ambas as margens, barreiros formidáveis frequentados por caças que ali vão comer barro salitrado. São nesses barreiros que as belíssimas e mansas jacutingas são abatidas por caçadores e pescadores, de um modo tal, que muito breve será naquela zona extinta essa especie* [...] *Êsses barreiros, não só nas barrancas do rio como no centro das matas, são denunciados por enormes bandos de pássaros verdes e araras vermelhas. Encontra-se nesses rios uma bôa variedade de aves aquáticas. De vez em vez, vê-se um urubú-rei e alguns gaviões gigantescos".*

Na segunda parte, informa a localização explicitamente, compreendendo os "mais ou menos cem quilómetros" entre a foz do rio Tibagi e a localidade de Itaparica[56]. Nesse trecho diz: "*acampei em diversos lugares e, então, abati onze macucos, quinze jacutingas, uma anta, um veado, seis catetos, tres queixadas e dois jacarés*". Além disso, também inclui: "*Na boca da noite, ouve-se o dobrado*

[56] Esse local, ali também chamado de Taparica situa-se no município de Centenário do Sul, bem defronte ao porto Aniz Abud, onde está a chamada "Mata do Mosquito" (onde ocorre o mico-leão-preto *Leontopithecus chrysopygus*), ambos no município paulista de Narandiba. É uma região que foi visitada por mim em julho e dezembro de 1991, de onde provêm vários exemplares do MHNCI, coletados com Marcos R. Bornschein.

de muitas capelas de urús, e pela manhã o tristonho piado de alguns jaós".

Em seguida detalha um pouco mais uma caçada de dois tinamídeos, incluindo uma informação bem conhecida da mitologia ornitológica brasileira:

> *"O inhambú*-guassú daquela zona é pequeno e não é caçado, razão porque é extraordinária a sua abundância, pois basta o caçador dar um piado para responderem muitos.
>
> A caçada de macuco é interessantíssima e emocionante, dependendo de muita tática, calma, bons ouvidos e bôa visão do caçador. Êle vive em mato alto, escuro e limpo, c é muito perseguido pelos bichos carnívoros, razão por que é êle desconfiadíssimo, pois basta falsear-se o piado ou fazer um insignificante movimento com a perna ou com o braço, para êle dar ás de Vila Diogo; não tem medo de bulhas e nem de tiros; pia a noite toda, empoleirado em altas árvores: a fêmea faz ninho no chão, junto ás raizes de paus podres e é muito emperrada no chòco; é aí que ela é devorada pelas iraras, cachorros do mato e até pelas cotias. O seu maior algóz, segundo os muitos sertanejos, é o gavião caboré que se atarraca embaixo de uma das suas azas, para devora-lo aos poucos, durando de dois a tres dias êsse suplício. Êsse gavião é do tamanho de uma rolinha e a sua côr é quasi igual; tem êle as unhas e o bico muito afiados".*

[1934]

CARLOS KRAEMER

Em 1959, a revista "Realizações Brasileiras" lançava a obra "*Londrina no seu Jubileu de Prata: documentário histórico*"[57] como o próprio título diz, para comemorar os 25 anos de fundação daquela cidade. O livro obedece um padrão mais ou menos frequente de edições luxuosas, geralmente apoiadas ou subvencionadas – como é o caso – pelo poder público, com o objetivo de ressaltar as obras realizadas durante um certo período. Independente do viés político, trata-se de uma razoável revisão histórica, contendo fotografias preciosas, sendo as que interessam nesse momento aquelas alusivas ao ambiente natural e alguns registros importantes ali publicados.

Embora sejam raras as imagens e menções particulares à natureza, o conteúdo da obra é relevante por publicar paisagens cotidianas dos tempos da colonização do chamado "Norte Novo" do Paraná. Nesse sentido, são abundantes as imagens ilustrando o "desenvolvimento" da

[57] Este é o título da folha de rosto; na sobrecapa e capa aparece: "*Documentário Histórico* [:] *Jubileu de Prata* [:] *Londrina* [:] *1934-1959*". Há outros problemas bibliográficos ou necessidades de esclarecimentos. A edição coube à revista chamada "Realizações Brasileiras", um periódico anual londrinense, iniciado em 1957 e de propriedade do primeiro autor do livro: Gustavo Branco; o outro é Fideli Mioni (Castro, 1994). A indicação dos autores, na folha de rosto, não é bem clara, o que fez citantes posteriores atribuirem-na apenas a "Gustavo Branco F. Mioni" (*sic*). Há também indicação a uma "redatora principal": Honorina Borges de Andrade Chaves que à época exercia o cargo de oficial de gabinete do prefeito de Londrina (Castro, 1994).

região tendo como foco a agricultura, pecuária e urbanismo. No seu *corpus*, seguindo um estilo bem comum nessa época, são recorrentes as informações sobre a luta do homem contra as forças da natureza, embora haja uma certa contradição sobre imagens de ambientes naturais registrados para a posteridade.

"*Na estrada Cambé-Prata, compradores paulistas trazidos por João Schiavinatto, se aninham nas raízes da figueira branca, para a posteridade ficar sabendo quão grande era ela*" (Branco & Mioni, 1954:10)

Uma das fotos, certamente a mais importante do ponto de vista ornitológico, mostra duas pessoas segurando com alguma dificuldade um grande exemplar fêmea de harpia (*Harpia harpyja*) (Branco & Mioni, 1954:23). O flagrante, dessa forma, mostra um precioso registro documentado dessa espécie extremamente rara no sul do Brasil sendo provavelmente o único existente para região norte paranaense.

Legenda autoexplicativa: "*D. Margarida Kraemer precisou de ajuda para a pôse do gavião real que fôra abatido dentro da cidade de Londrina nos primordios de sua formação*" (Fonte: Branco & Mioni, 1959:23)

Em 28 de maio de 2015, um blog da internet noticiou a existência da imagem[58] e, segundo esta fonte, a fotografia original estaria no "Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss", hoje um órgão da Universidade Estadual de Londrina. Além disso, e com base em informações oficiais do museu, "*...não há referências sobre quem fez a foto, de 1934, na qual a alemã Margarida Kraemer, uma pioneira de Londrina, ergue a ave abatida, com ajuda de um homem desconhecido. A suspeita é que o autor da imagem seja*

[58]http://desabafosdejoseroberto.blogspot.com/2015/05/foto-historica-mostra-que-harpias-ja.html, acessada em 24 de dezembro de 2018. O texto original – ao qual não tive acesso – é indicado como de autoria de Marcelo Frazão, publicado no extinto periódico "Jornal de Londrina" (edição de 28 de maio de 2015).

Carlos Kraemer[59]*, marido de Margarida. Ele era fotógrafo de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) e costumava registrar paisagens, matas e rios para divulgar a venda de terras da região no Brasil e no exterior*".

O exame do livro mencionado, reviveu também a necessidade de obter esclarecimentos sobre a origem de um comentário que, sugestivamente, poderia estar presente na obra. Trata-se do fragmento "*Há fotografias tiradas entre 1930 e 1940 que mostram caçadores ladeados por uma pirâmide de jacutingas abatidas na região de Londrina, onde a espécie atualmente já não mais ocorre*"[60], presente no "Ornitologia brasileira" (Sick, 1985:231 e 1997:276). Essa informação, cuja origem sempre foi uma incógnita para a Ornitologia paranaense, não consta no livro comemorativo mencionado[61] e tampouco na obra do mesmo autor datada de 1979 (Sick & Teixeira, 1979), sugerindo que chegou às mãos do ornitólogo entre o início e meados dos anos 80.

Por outro lado, José Fernando Pacheco (2019, *in litt*.) cogita que a informação e provavelmente as fotos (ou a foto) tenham sido mostradas a Sick pelos seus amigos de Rolândia, onde efetivamente ele esteve, por diversas ocasiões, entre as décadas de 50 e 90[62]. Outra possibilidade seria que ele tivesse se baseado em publicações disponíveis

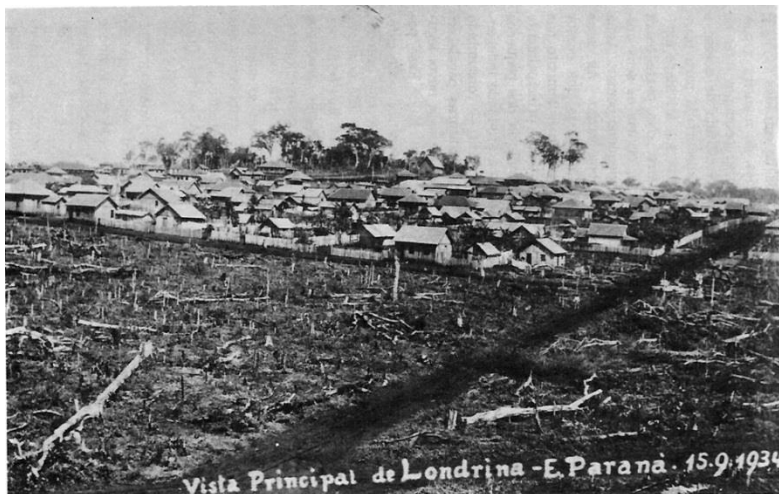
---

[59] Sobre Kraemer, que empresta seu nome para logradouros e uma escola municipal em Londrina e região, não pude encontrar informações biográficas, embora se saiba que foi nomeado diretor do Serviço Nacional do Trigo em 1961, durante a gestão Jânio Quadros. Curioso notar que há em Londrina, também uma "Rua Harpia".

[60] Esse texto foi modificado em várias fontes subsequentes para "*década de 30*" ou, ainda, "*...sendo registradas em fotografias 'pirâmides' de jacutingas abatidas na região de Londrina, Paraná e no vale do Itajaí, Santa Catarina (SICK, 1997)*", alterando a datação, outrora muito mais ampla e imprecisa e também o conteúdo, como se vê originalmente alusivo apenas a Londrina.

[61] Há, de fato, uma outra imagem (Branco & Mioni, 1954:177), porém, de um mutum (*Crax fasciolata*), sendo alimentado na mão por uma criança, mas se tratando obviamente de um animal de cativeiro.

[62] Nesse caso, a tal "região de Londrina" poderia ser Rolândia, que situa-se a uns 20 km a oeste dali, também colonizada nos anos 30 pela Companhia Melhoramentos e que, nos anos 40, era o distrito mais populoso de Londrina. Ver também sob Andreas Mayer e Günther Tessmann, neste volume.

em periódicos especializados em caça e pesca, comuns nos meados do Século XX.

Vista principal de Londrina, em 15 de settembro de 1934 (Fonte: Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná: http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/historia)

[1934]

AGOSTINHO E. DE LEÃO
e
ERMELINO A. DE LEÃO

Tratar desses importantes vultos paranaenses – pai e filho – obriga a uma nota explicativa nos âmbitos biográfico e bibliográfico. **AGOSTINHO ERMELINO DE LEÃO** *filius* (Paranaguá, PR: 25 de março de 1834; Curitiba, PR: 28 de junho de 1901), o "Desembargador Leão", foi historiador, cronista e político, sendo filho [63] de um conhecido jurisconsulto baiano. Morou no Maranhão e em Pernambuco, onde estudou Direito e, transferindo-se para Curitiba, casou com Maria Barbara Correia (de Leão), irmã do barão do Serro Azul. Tornou-se célebre em Curitiba pela realização de várias obras, dentre elas a fundação do Museu Paranaense (do qual foi diretor entre 1873-1886 e 1893-1901), do Teatro São Teodoro (hoje Teatro Guaíra), do Clube Curitibano, da Capela de Nossa Senhora da Glória, bem como diversos atos de estímulo ao crescimento do estado, como a cultura do eucalipto, da amoreira, do cardo, etc.

Como administrador, exerceu por cinco vezes – interinamente – o governo da Província do Paraná (com intermitência entre 1864 e 1875), onde conseguiu avanços notáveis como o telégrafo e a formação dos núcleos

[63] Seu pai, advogado, juiz e um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá, também se chamava Agostinho Ermelino de Leão (Salvador, BA: 28 de agosto de 1797; Recife, PE: 16 de janeiro de 1863) e, na história do Paraná, para amenizar a inevitável confusão pelos homônimos, é conhecido como "Conselheiro Leão".

coloniais do Abranches e Pilarzinho (ambos em Curitiba). Como juiz e desembargador, exerceu suas funções durante 25 anos no Paraná quando, então, foi transferido para Salvador, onde atuou no tribunal de Relação da Bahia. Ele teve cinco filhos, sendo que o mais velho – Agostinho Ermelino de Leão (1866-1907; mais conhecido como "Leão Júnior") – é o fundador de uma das maiores empresas de industrialização de erva-mate brasileiras, atualmente sob comando de uma multinacional.

O filho caçula era **ERMELINO AGOSTINHO DE LEÃO** (Curitiba, PR: 14 de janeiro de 1871; Curitiba, PR: 21 de fevereiro de 1932), também advogado, cronista e escritor, além de promotor público da Comarca da Palmeira e, depois disso, deputado estadual. No início do Século XX foi, ainda, diretor do Museu Paranaense (sucedendo seu pai, entre 1901 e 1902) e do Arquivo Público, dentre outros cargos. De vasta obra literária, colaborou com jornais paulistanos, curitibanos e antoninenses, lançou livros sobre a erva-mate, a revolta do Contestado, sobre linguística, história, geografia e variados temas jurídicos. Em outubro de 1921, já privado da audição, transfere-se para Antonina, onde passa seus últimos dias.

Cabe a essas duas personalidades os méritos da publicação de uma das mais importantes fontes da historiografia paranaense, a obra denominada "*Diccionario Historico e Geographico do Parana*", contendo descrições pormenorizadas sobre a localização e história de grande parte das localidades paranaenses, com notas toponímicas e complementares.

Agostinho Ermelino de Leão (1834-1901) e seu filho Ermelino Agostinho de Leão (1871-1934).

O principal problema dessa coleção, porém, é de natureza bibliográfica, permanecendo uma dúvida sobre a sua autoria e, inclusive, sobre todos os detalhes de edição. Ocorre que Ermelino incumbiu-se de divulgar grande parte das anotações do pai, as quais não puderam ser antes publicadas em virtude de outras obrigações que o genitor assumira. Isso é claramente admitido ao mencionar que Agostinho partira do Paraná para a Bahia, a fim de assumir um cargo no judiciário estadual, fazendo-o então "*interromper o afanoso serviço de colligir os elementos para o livro projectado, que ficou sem receber a redacção definitiva*"[64]. Com isso, Ermelino retomou o encargo de publicar a referida enciclopédia, obra essa que teria sido composta com base nas notas de seu pai, além de adições inseridas por ele próprio e alguns recortes:

[64] Palavras de Ermelino, no "Prefácio" do "Diccionario Historico e Geographico do Paraná" (Leão, 1924-1968).

> *“Fallecendo elle, recolhemos os apontamentos e deliberamos levar a effeito o projecto paterno. Entretanto, como tivessemos dado grande desenvolvimento aos apanhados historicos e geographicos, fomos forçado a modificar profundamente o projecto, deixando de lado as contribuições botanicas e philologicas que as anotações paternas encerravam, de sorte que resolvemos respeitar o trabalho, que pretendemos aproveitar, como supplemento destas contribuições”.*

Embora a autoria seja creditada quase unanimemente ao filho, não é com os mesmos olhos que interpreto a questão, haja vista que, embora o seu trabalho tenha sido laborioso e definitivo aos manuscritos que lhe chegaram às mãos, ele baseia-se no conteúdo iniciado pelo seu pai e por ele complementado, o qual já se desenhava desde o início como um dicionário histórico-geográfico.

A situação se complica se considerarmos que o Dicionário não foi publicado de uma só vez e sim em um intervalo de tempo relativamente grande, que se inicia em 1924 e apenas termina em 1968. Observo que quando Ermelino, já impossibilitado de continuar o trabalho, dirigiu-se ao amigo historiador e genealogista Francisco Negrão, solicitando-lhe que retomasse a edição da outra parcela faltante, mostrava-se nitidamente preocupado com a devida conclusão da obra e afirma que ela estaria “*toda espalhada; parte, na – Impressora Paranaense, – parte nas officinas – Placido e Silva & Cia., outra parte, na Typographia Artistica – e o resto, em Antonina*”. Desta forma, embora seus originais estivessem todos concluídos, ele apenas acompanhou a organização da obra até uma certa altura, o que, aliás, é claramente indicado por Negrão. A

partir daí, incumbiu seu amigo de levar a frente o projeto. Já a partir do volume 6 (1968), não é mais Negrão que trabalha na edição da obra e sim o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, tendo José Loureiro Fernandes como redator e editor das notas (ortográficas e também histórico-geográficas) preparadas por Arthur Martins Franco. Resumidamente, o dicionário foi lançado em períodos distintos e sob intervenção de várias instituições, dentre elas o IHGPR, mas também de diversos estudiosos, sempre com o apoio explícito da família Leão.

A constituição editorial da obra é também bastante confusa e merecedora de avaliação. Isso porque cada volume era composto por fascículos que apareciam e eram distribuídos conforme a conclusão dos trabalhos tipográficos. Esses fascículos, embora fossem recobertos por capa ilustrando uma musa grega (no caso, representando a História), não contêm nenhuma indicação evidente de ano, tampouco um texto de abertura, posto que foram simplesmente encartados de acordo com a sequência alfabética dos verbetes. Com isso, cada fascículo inicia-se com palavras que continuavam as sentenças dos anteriores e terminam obedecendo o mesmo padrão.

Tal aspecto fez com que os leitores que adquiriram os vários números da obra optassem por encaderná-los, nem sempre respeitando a ordenação de volumes originalmente proposta, ou seja, nos seis conjuntos explicitamente admitidos[65]. A situação ficou ainda mais confusa com a publicação de um "*Indice paranaense* [ou] *Supplemento* [do] *Diccionario historico e geographico do Paraná*", organizado por Ermelino mas, desta vez, com autoria

---

[65] Até os dias de hoje permanece uma incógnita velada sobre esse assunto, que mereceria estudo aprofundado de confronto entre as versões originais e algumas reedições, que certamente ocorreram. Para fins de citação, atribuímos – embora com a ressalva acima indicada – a autoria ao filho, Ermelino Agostinho de Leão, no intervalo de 1924 e 1968 que é o formato como consideramos na respectiva referenciação bibliográfica.

explicitamente consignada ao pai, em edição *post mortem* (Leão, 1934).

Deixados de lado os detalhes bibliográficos, agora já com relação à Ornitologia, tanto no "*Dicionario*" quanto, e especialmente, no "*Indice*", são frequentes as citações a aves paranaenses, eventualmente acompanhando descrições toponímicas ou como verbetes próprios. Elas encontram-se aqui listadas como excertos contendo verbete e transcrição do conteúdo respectivo.

Excertos ornitológicos do "Índice Paranaense" de Agostinho Ermelino de Leão (1934), desconsideradas as espécies domésticas e incluído um verbete geográfico (Guaratuba).

Alcatraz. Ave da familia das Fregatideas (fregata aquila) que frequenta os mares do nosso littoral. É tambem conhecida pelos nomes thesoura ou grapira. O macho é preto, com garganta nua, vermelha como os pés, a cauda comprida, em forma de thesoura; bico com a ponta recurvada. A femea tem o peito e o pescoço branco. Habita de preferencia os rochedos isolados do Oceano.

Andorinha. Ave de arribação; familia das hirundinadae. A especie mais frequente que temos é a progne chalybéa domestica que faz os seus ninhos de capim, pennas ou cabellos por baixo dos telhados. As da Serra acima emigram no inverno e tornam todos os annos, apparecendo as primeiras em Agosto. Por mais extraordinario que pareça, depois de seis mezes de ausencia, essas aves voltam ao antigo domicilio sem erro ou troca. A forma no ninho e o lugar onde o constróem, variam.

Anhumas. Nome de uma corredeira do rio Paranapanema. O nome provem da ave palameda cornuta, que vive nas mattas, preferindo os banhados. E do tamanho do perú, cabeça, pescoço, azas e cauda negras, barriga branca.

Anu ou Anum (Crotophaga ani, familia calcudoe). É tambem conhecida por Alma de gato. O anu branco ou paulista, que abunda na provincia, possue em alto grau o instincto de sociabilidade. São pouco timidas e muito doceis.

Arara. Ave do genero das trepadoras, familia dos psittacideos, sub-familia dos sittacideos. Ha diversas especies na Provincia. Encontram-se com mais frequencia nos logares quentes.

Araponga. Passaro da familia das cotingidoe, do genero chasmarhynchus, notavel pelo som metallico do seu canto. É tambem chamado ferreiro´porque imita o som produzido pelo labor do ferreiro.

Aves. Araras, papagaios, maitacas, periquitos, gralhas, arapongas, pavões, tucanos, macucos, jahús[66], inhambús, mutuns, jacutingas, jacús, jacupemas, perdizes, codornas, gaivotas, corurucas, batuiras, quero-quero, frango d'agua, patos, marrecos, garças, tujujas, socó, anhuma, cysne, gansos, etc., etc. se deparam na Provincia com mais ou menos abundancia.

Avestruz (Avis struthia). Nome dado ao Nandú. Tem-se encontrado em bandos no interior da Provincia.

Beija Flor. Existem desses lindissimos passaros, diversas variedades no Paraná.

Bem-te-vi (Pitangus sulphuratus, L.). Passaro insectifero muito util á lavoura. Encontra-se nas plantações ou nas orlas das florestas ou nas pastagens. É vivo, activo. O seu canto frequente é imitado de diversos modos pelos indigenas. Aninha-se nas arvores ou nas moitas, construindo o ninho com folhas, pennas, musgos, apresentando a forma de uma esphera, tendo de um dos lados uma pequena abertura arredondada.

Bico-thesoura. Aves aquaticas que se encontram na bahia de Paranaguá.

Biguá. Ave aquatica, que abunda na bahia de Paranaguá. Havia antigamente uma postura da comarca de Paranaguá que determinava que o pescador que quizesse vender peixes na banca do mercado, deveria apresentar primeiramente certo número de cabeças dessa ave, que é considerada como muito damninha aos peixes.

---

[66] No verbete "Jahu" (apresentado adiante), refere-se apenas ao peixe (*Paulicea luetkeni*); a inclusão deste nome entre as aves, portanto, poderia ser um erro tipográfico para "jaó" (*Crypturellus undulatus*).

Biguá ou Corvo Marinho. Estas aves são muito sociaveis e raro é encontrar-se uma só, vendo-se sempre reunidas em bando a beira mar. De manhã pescam, formando, as vezes, grande cerco; são excellentes nadadoras e mergulhadoras, sendo raro que a pesca lhes escape. Feita a ingestão, vão para a terra, empoleiram-se nas arvores ou pousam nas arestas das rochas e ahi fazem a digestão. Nesses mesmos sitios aninham em epocha propria. engolem a prese sempre de cabeça para baixo; e se no acto de apprehendel-a não lhes fica a geito, atiram-n'a ao ar e apanham no bico pela cabeça.

Caboclinho. Nome vulgar de varias especies de passarinhos do genero sporophyla. É notavel pelo seu canto, mas raro no Paraná.

Canario (Fringilla canario). Existe em toda a Provincia, principalmente nos planaltos, estes passaros, que cantam admiravelmente. Cruzam-se com os pintasilgos, mas os filhos não são tão bens cantores. São domesticaveis e para ensinal-os segue-se o mesmo methodo adoptado para o ensino dos cães, pela fome e pela recompensa, dando-se a comer cem grão de alpista ou linho ou um torrão de assucar. O passaro termina por conhecer todos os signaes feitos pelo dono e a obedecer-lhe.

Canindé. Uma das variedades de araras, existentes na provincia.

Caracará. Esta ave habita na proximidade dos pantanos; apparece tambem nas grandes planicies, nos bosques pouco espessos, mas nunca nas florestas. O nome porque é vulgarmente conhecida foi-lhe dado por imitação do seu grito mais habitual, que solta deitando a cabeça sobre as costas. É omnivoro; alimenta-se de qualquer substancia animal, embora corrumpida, preferindo, porém as cobras e os animaes vertebrados. Temo habito de pousar no dorso dos animaes de carga, sempre que lhes observa chagas ou feridas; e por ahi começaria a devoral-os se estes não tivessem o instincto de espojar-se ao chão, escapando, assim de tão terrivel inimigo. conta-se que muitas vezes se reunem para perseguirem os urubús, parecendo advinhar as occasiões em que estes ultimos tem terminado a sua refeição, tanto os acoçam, que os obrigam a vomitar os alimentos, do que os caracarás então se aproveitam.

Cegonha. Alguns exemplares dessa ave tem sido mortos nos rios Iguassú e Negro.

Chopim. Passaro brasileiro da familia dos icterideos, tambem conhecido

por vira-bosta ou grauna. É notavel pelo seu canto; não faz ninhos; apropria-se dos ninhos feitos por outros passaros.

Codornas. Esta ave que se caça nos campos de Serra-acima é congenere a perdiz, porem muito menor.

Coruja do Matto. Ave de rapina nocturna, cujos gritos se assemelham aos uivos dos lobos. E de todas as aves de rapina a que mais evita o sol e menos agil se mostra. Sahe do seu escondrijo, depois do pôr do sol em perseguição das aves pequenas, mas principalmente dos ratos e ratinhos campestres.

Coruja das Torres. Tambem conhecida mais vulgarmente por suindára. Habita as torres das igrejas, os edificios em ruina, as casas deshabitadas. É esta ave que no silencio da noite, com seus gritos discordantes, perturba o somno e apavora os que creem em almas do outro mundo e lobis-homens, e que considerando-a como mensageira da morte, tem por certo que pousando em telhado de alguma habitação, morre logo pessoa da familia que debaixo delle se abrigue. Ao contrario destes falsos e injustos preconceitos, a coruja é dos animaes mais uteis ao homem, destruindo prodigiosa quantidade de pequenos roedores nocivos. Os chins e os tartaros rendem culto a certa especie de coruja, em memoria do facto seguinte: Genges Klan, fundador do imperio, derrotado pelo inimigo, viu-se na necessidade de procurar abrigo, n'um bosque, e poude escapar das pesquizas dos vencedores, porque uma coruja veiu pousar na moita que lhe servia de refugio. Os que o perseguiam, ao ver a coruja, tiveram como fora de duvida que, no mesmo sitio se não podiam acoitar o homem e a ave.

Cotetes. Genero de aves palmipedes, que tem apenas cotos de azas para nadar. Os cotetes parece estabelecerem a transição entre as aves e o peixes. Vivem somente no hemispherio sul. Tem apparecido na bahia de Paranaguá raros exemplares.

Cotinga. Genero de aves, tribu dos cotingeneos. Este passaro torna-se notavel pela sua belleza e lindas cores da plumagem. Brilham nella as cores azul, roxa, vermelha, laranja, purpurona, branca e negra aveludada. Cantam admiravelmente. De preferencia escolhem para viver os logares pantanosos e se alimentam com insectos.

Ema. Ave da familia dos rheideos, que vivem nos campos do interior da

Provincia. São doceis e facilmente domesticaveis. (Hoje são raras).

Gaivota. Ave aquatica da ordem dos palmipedes, muito abundante na bahia de Paranaguá. As creanças as caçam com anzol.

Garça. Ave aquatica da ordem das pernaltas. Ha diversas especies na bahia de Paranaguá.

Gavião. Ave de rapina da familia das Falconideas. Conta numerosas especies e é o mais terrivel inimigo dos passaros. O gavião occulta-se a maior parte do dia e só apparece quando caça. Não obstante ter azas curtas, voa com facilidade e rapidez, andando, porem, mal, aos saltos. A femea é mais vigorosa e pode lutar com mais sucesso que o macho.

Gralha. Ave da familia dos corvos, da ordem dos conirostros. É uma linda ave: o alto da cabeça e anterior do pescoço são pretos carvão; o dorso, as azas e as pennas caudaes azul marinho; brancas parte da cauda e a barriga. Vivem em grupos geralmente na matta e annunciam com o seu canto qualquer movimento extranho que nella ocorra.

Guará. Nome vulgar de uma especie de aves do genero Ibis (ibis rubra), pertencente a ordem dos pernaltas. Habita a beira mar e na foz dos rios que desaguam nas bahias e no Oceano.

[**Guaratuba**] (Rio). Deriva-se o nome deste rio de certas aves aquaticas chamadas guarás que se encontram em bandos na bahia de Guaratuba [...].

Guaxe. Nome vulgar da Lassicus hoemorrhous, ave negra commum que vive em bandos e é notável pelo canto, como pela facilidade com que imita o de outras aves e a voz de qualquer animal. Seus ninhos tem a forma de uma bolsa suspensa nos rampos das arvores altas. Procria nos mezes de Novembro e Dezembro.

Inhambu ou inambu. Nome comum de diversas especies de genero crypturis, familia dos tinamidios que constitue excellente caça. É tambem chamada Nambu ou nhambu, perdiz do matto. Encontra-se nos logares quentes.

Jacanâ. Ave pernalta da familia dos parrideos. Habitam os valles do rio Paraná e suas grandes affluentes, vivendo nos charcos.

Jacarérim. São raras na Provincia estas aves do genero Psophia.

Jacú. Nome commum de diversas aves do genero penelope familia das gallinaceas que habitam as nossas mattas. Ha diversas variedades: jacutinga, jacu cacá, jacupemba e jacú-assú. É caça saborosa.

Jacutinga. Ave da familia das gallinaceas, genero penelope familia cracida (Camuna Jacutinga) que é considerada a melhor caça de nossa fauna.

Jassanan. Pequena ave ribeirina. É encontrada onde vegetam plantas aguaticas de folhas largas que surgem a superficie das aguas. Ha diversas especies, pertencentes ao genero parra.

Macuco. Ave do genero tinamus (tinamus solitarias) que se encontra nas nossas florestas. É boa caça.

Marabu. Ave da familia das cegonhas. Encontra-se no rio Paranapanema.

Maracanã. Nome dado a araras de pequenas dimensões de diversas especies (Aramaracana Nobilis) que habitamnas mattas paranaenses.

Marreco. Esta ave da ordem dos palmipedes existe na Provincia e vivem as sylvestres nos banhados, onde se fazem boas caçadas.

Martim Pescador. Ave da ordem dos coracéiformes, familia dos alcedinidios, tambem chamado pica-peixe. Vive a margem dos rios e alimentam-se de peixes. Os antigos attribuiam a esta ave virtudes de toda a casta, taes como a de desviar o raio, trazer comsigo a paz e a abundancia. Tem habitos singulares.

Mergulhão. Esta ave marinha da familia dos solideos se encontra na bahia de Paranaguá. vive de peixe que pesca mergulhando e perseguindo até o fundo do mar.

Mutum (Crax alector). Ave da ordem das gallinaceas, que vivem nas florestas; domestica-se facilmente.

Nambú. Especie de perdiz. O mesmo que inambú ou inhambú.

Narceja (Gallinogo). Aves do genero das pernaltas, fam. dos scolopacideos. Habita a beira mar no inverno e alimenta-se de pequenos animaes que o mar arroja ás praias. É facil de domesticar-se. Vivem nos pantanos e lagoas no verão.

Papa-formiga. Passaro da familia dos formicarideos, que vivem nas arvores das florestas da Provincia. São pouco destros para voar, correndo ligeiramente aos saltos pelo solo e apenas voando para pousarem em algum ramo pouco elevado. Tem o gorgeio tão forte que se ouve a grande distância, parecendo inacreditavel que o canto parte de um corpo tão pequeno. é muito bravio.

Papagaio (psittacus). Aves trepadoras, da qual existem em nossas mattas diversas especies. Têm memoria, tino, astucia e reflexão; parece terem consciencia de sua individualidade. São orgulhosos, valentes e affectuosos. Aprendem, se o ensinam, a imitar a voz humana, no que excedem a todos os outros animaes. Emigram no inverno.

Papa-mosca. Passaro buliçoso que até mesmo estando pousado agita constantemente as azas ou a cauda. Só se conserva tranquilo e silencioso durante o mau tempo, limitando-se, então, a voar, quando impellidos pela fome, de ramo em ramo, em caças aos insectos. O seu canto é muito agradavel.

Pardal. É grande a multidão deste passaro da familia dos fringillideos que existe em toda a Provincia. Muito se tem escripto sobre este conirostro, uns em defeza, outros o accusando como prejudicial a lavoura. Frederico o Grande mandou, por um decreto, conceder o premio de 100 réis por cabeça de pardal que fosse apresentada e isto concorreu para que muitas pessoas se dedicassem a caça desse passaro, trazendo ao estado, no fim de alguns annos, o dispendio de dezenas de contos. Não se fez esperar as consequencias de tão inconveniente medida: as arvores fructiferas, que se diziam pilhadas pelos pardaes, foram invadidas pelas lagartas, que lhes destruiam folhas e fructos. O rei teve de emendar o erro.

Pato. Ha diversas especies destas aves palmipedes, da familia lamilirostros (anas). Os patos selvagens (anas cristata) vivem em bandos nos banhados e lagoas, a beira das correntes de agua. São ariscos.

Perdiz. A ave (Rhinchotus ruferens) da familia dos tinamideos, vulgarmente conhecida por perdiz, vive nos campos dos planaltos. É a melhor caça e principalmente servida como diz o adagio:

A perdiz se come
Com a mão no nariz
Do peixe, a pescada
Da carne, a perdiz.
Não ha carne perdida
Senão lebre assada
E perdiz cosida
Perdiz é perdida
Se quente não é comida.

Periquito. Ave da familia dos conurideos, que habita as nossas mattas. Ha diversas especies. É domesticavel.

Pica-pau (Compephilus robustus, ordem dos trepadores). Vivem estas aves em pequenas familias, no matto; e no inverno se approximam dos povoados. A maior parte do tempo passam trepados ás arvores, subindo e descendo os seus ramos, ao longo dos troncos, em caça de insectos que se acham occultos entre os musgos. Com o seu forte bico, levantam a casca das arvores, buscando os insectos e vermes, occultos em pao podre. As especies mais frequentes na Provincia, são o Picumnus Femmincki e o chrysoptelus Nattereri.

Pintasilgo. Passaro canirostro (nemosia guirá), da familia as tanagrides, que visita o nosso planalto em grandes bandos, em certa epocha do anno. Cantam maviosamente; é facilde domesticar-s, aprende a abrir a caixinha que contem o alimento, a tirar agua em um pequenobalde, a fingir-se de morto, etc. Presta-se ao cruzamento com o canario europeu.

Pomba. Ha diversas especies domesticadas que vivem bem nos planaltos e se reproduzem com abundancia.

Rola. Ave da familia das colombineas que preferem as mattas nas visinhanças dos campos amainados. De manhã e a tarde dão a busca de agua limpa e para isto andam, as vezes, longos percursos.

Rouxinol. Este passaro dentirostro que se alimenta de vermes de todas as especies, formigas, lagartos etc., tem o canto o mais suave possivel.

Extasia-se a variedade, o vigor, o cheio do gorgeio de tão pequenina ave, custando-se a comprehender como daquella garganta saiam notas tão claras e brilhantes. É tambem conhecido por pega xexeo e soldado.

Sabiá. Passaro da familia dos turdideos, notavel por seu canto. Ha varias especies na Provincia.

Sahy. É um lindo pasarinho, da familia dos correbideos, de cor azul claro, cocuruto verde-azul brilhante, o anterior do dorso, as azas e a cauda negro-carvão. Não é canoro; limita-se a um fraco chilrar.

Saracura. Nome commum de uma ave, do genero gallinuta, tambem conhecida por jacanã.

Socó. Nome dado da ardea brasiliensis, do genero de garça, mas de cor escura. é encontrada em varios pontos da Provincia.

Tangará. Passaro da familia dos dentirostros, tambem chamados lindos, nome que lhe vai bem, pelo brilho e belleza das cores da plumagem. É pequeno, canoro-granívoro e insectivoro. Vive nas arvores.

Tesoura. Passaro da ordem dos tyrannideos, cujo corpo não excede de 0,m12, dotado de uma cauda aforquilhada, muito comprida. É um pequeno passaro, util pela caça que dá aos insectos, com os quaes se alimenta. É ave de migração. O nome, provem do habito de abrir e fechar as grandes pennas da cauda, a maneira das laminas das tesouras. É tambem conhecido por tesoureiro. Era habito popular, quando a ave voa, indagar quantos navios tem no porto, tomando o numero de vezes que abre a cauda, como resposta.

Tietê. Genero de aves euphane, nocivas ás fructas.

Tucano. Esta ave trepadora (ramphastos), familia dos ramphastideos, vive em bandos nas nossas mattas. Tem o bico quasi do tamanho do corpo. Dormem de cabeça em baixo das azas.

Tuyuyú. Ave da familia dos cóconiideos, de bico grosso na base, cumprido e recurvado. A cabeça é desprovida de pennas. A cor é branca e tem azas e cauda pretas.

Urubú (Catharista atratus, fam. dos cathartideos). Este abutre,

geralmente conhecido por corvo, é muito util como saneador, por alimentar-se de carniça. Vive em bandos em toda a Provincia.

Urubú-Rei (Gypagus papa, fam. dos cathartideos). É uma ave que se distingue do condor, pelo collar que lhe rodeia completamente o pescoço. É mais robusto que o urubú commum, e é conhecido pelo nome de corvo branco. Não vive em bandos. Conta-se, e eu fui testemunha, de um bando de urubús, chamados corvos, que a volta de um animal morto disputava os pedaços, que arrancavam da carniça; ao ver approximar-se o corvo-rei, retira-se o bando de corvos, a distancia de alguns passos; e aguardam, cheios de cubiça, que o seu tyrano se haja saciado, e se retire. Findo que seja a refeição do urubú-rei, precipitam-se os corvos sobre o resto e cada um disouta a maior e melhor porção. O corvo branco, faz o ninho nas montanhas mais elevadas, como tive occasião de observar, na minha ascenção ao monte de Jaguarapira, em frente ao Cadeado, de onde extrahiu-se os ovos, que se acham expostos no Museu, que são como os de perua, pouco maiores e mais escuros. Na Provincia do Rio Grande do Sul, as camaras prohibem com multas e prisão, a caça desses abutres, que exercem a policia sanitaria dos campos, e limpam as ruas e quintaes de todos os detrictos alimentares.

Percebe-se claramente que os Leão, para tais menções, teriam consultado outras obras, sejam de registro das espécies ali indicadas, sejam livros técnicos, o que pode ser notado pelas várias indicações a nomes científicos, em grande parte grafados erroneamente[67]. Algumas aves que constam como ocorrentes no Paraná, não correspondem à realidade biogeográfica local, levando a crer que quase todos os verbetes baseiam-se em informações de terceiros, eventualmente "endossadas" pela experiência do autor.

[67] São muito comuns nas corografias em geral, e não apenas as referentes ao Paraná, as citações de nomes científicos que, já à primeira vista, denunciam que os respectivos autores utilizaram certas obras de referência mais acessíveis. Desta forma, a identificação latina muitas vezes atrapalha o processo de compreensão de uma dada avifauna, visto que – na época – inexistiam livros que permitissem uma identificação segura e correta das espécies citadas e, assim, muitas menções acabam recaindo em erro nomenclatório (erros de grafias de nomes científicos) ou biogeográfico (ocorrências geográficas incompatíveis com a real distribuição das espécies).

Maior parte das espécies citadas são reconhecidamente pertencentes à avifauna do estado mas, pode-se citar duas delas como representantes especialmente amazônicos (“*cotinga*” e “*jacarérim*”) e também duas são ocorrentes em outros continentes (“*marabu*” e “*rouxinol”*). Há que se destacar a indicação, e curiosa origem evolutiva, dos enigmáticos “*cotetes*”, arcaismo aristotélico alusivo aos pinguins, também conhecidos como mangotes e sotilicários (Dalgado, 1921).

1935 Nasce Edwin O'Neill Willis, um dos mais conhecidos ornitólogos brasileiros, natural dos EUA. Autor de centenas de artigos científicos, muitos deles em coautoria com sua esposa Yoshika Oniki (que viveu a infância no interior do Paraná).

1935 Theodore E. White e Llewellyn I. Price realizam expedição paleontológica pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Bahia

1935 Elsie Naumburg publica a revisão do itinerário da expedição Kaempfer ao Brasil em "***Gazetteer and maps showing collecting stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay***".

1936 Falecimento de JOÃO LEONARDO DE LIMA.

1936 Olivério Pinto publica o primeiro volume de seu "**Catálogo das Aves do Brasil**", obra de referência fundamental na Ornitologia brasileira.

1936 Oficialização do Plano de Reorganização do Museu Paranaense, visando o início das atividades de pesquisa e colecionamento da fauna, flora e mineralogia do Paraná. O plano viria a ser posto em prática apenas em 1939.

1936 ANDREAS MAYER, que se encontrava estabelecido na Colônia Terra Nova em Castro, inicia suas atividades de colecionador e preparador. Por esse motivo acabou descoberto pelo padre Jesus Moure que, após ampla negociação, acabou por conseguir sua contratação como taxidermista do Museu Paranaense.

1936 a 1967

ANDREAS MAYER

ANDREAS [ANDRÉ] MAYER [68] (n. Gessertshausen, Augsburd-Land, Bavária, Alemanha: 12 de novembro de 1907; f. Curitiba, Paraná: 2 de setembro de 1986), embora taxidermista por profissão, foi o mais importante coletor-preparador dentre os que atuaram no Paraná em todos os tempos. Sua contribuição para a Zoologia paranaense é verdadeiramente incalculável, pois alude não somente a material ornitológico (Straube & Bornschein, 1989a; Straube & Scherer-Neto, 2001), mas também respeitáveis séries de mamíferos (Lorini & Persson, 1990), répteis (Bérnils & Moura-Leite, 1990; Bérnils & Moura-Leite, 2010), anfíbios, peixes (Corrêa *et al*., 1986; Wosiacki, 1990), aracnídeos (Pinto-da-Rocha & Caron, 1989; Barros & Baggio, 1992; Arzua *et al*. 2005) e outros grupos de invertebrados (Cordeiro & Corrêa, 1985; Corrêa & Silva, 1995; Abilhoa *et al*., 2013). Apesar da relevância de seu legado, pouco se sabe de sua biografia, além de informações esparsas em documentos inéditos e até mesmo da tradição oral que se criou em torno do personagem.

---

[68] Esse é o nome que consta em sua lápide, porém, ele ficou mais conhecido como André Mayer ou, ainda, "André Maÿer", grafia que ele próprio usava ao assinar suas cartas no Brasil. Esse artifício do y com trema era usado antigamente por algumas variantes do alemão para substituir a grafia original "ii" ou "ij" (como no neerlandês), para que, na oralização, não fosse confundido com o y alemão. O local de nascimento, aqui revelado, era desconhecido, apesar das inúmeras buscas, inclusive no cemitério onde está sepultado. Em 11 de novembro de 2019, graças a informações enviadas por Georg Feuerer (Staatdarchiv, Augsburg), consegui muitos dados sobre o período em que residiu na Europa, aqui todos apresentados.

Depois de residir em Augsburg, transferiu-se em abril de 1925 para *Helgoland*, um arquipélago (no estado de Schleswig-Holstein, o mais setentrional da Alemanha) com formato triangular e cercado por falésias, situado no Mar do Norte e cuja ilha maior conta com apenas 2 km de comprimento. Ali consta ter residido por oito anos, retornando a Augsburg em março de 1933, depois de breve passagem por Zürich (Suíça). Para esse último local ainda retornou três meses depois, quando volta à terra natal em maio do ano seguinte. Dali é que parte, definitivamente, para o Brasil, em setembro de 1935 (Georg Feuderer, *in litt*., 2019).

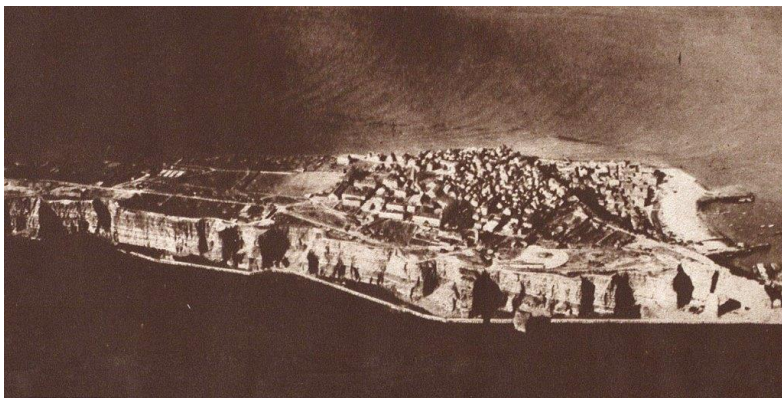



Imagem aérea de parte da ilha principal de *Helgoland* (Heligolândia), em 1919, portanto, seis anos antes de Mayer ali residir (Fonte: Wiipedia).

Tendo emigrado o Brasil em meados dos anos 30, observa-se que coincidiu sua vinda aproximadamente com a do geógrafo Reinhard Maack (e também Günter Tessmann, vide adiante). Coincidentemente, mas sem nenhuma conexão mais óbvia, foram ambos alemães que se estabeleceram no Paraná como consequência tardia da grande leva de imigrantes que aqui se fixaram desde 1829.

Embora a época da chegada de ambos seja mais ou menos a mesma, coincidindo com o fim da República de Weimar e o crescimento vertiginoso do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (NSDAP), capitaneado por Adolf Hitler, os motivos para a vinda ao Brasil eram totalmente distintos[69].

Andreas Mayer (1907-1986) em 1951.

[69] Sobre os motivos da vinda de Maack ao Brasil e muitos detalhes sobre sua permanência no país, há material valioso preparado por sua filha (U. M. Kurowski *in* Maack, 1981) e especialmente por Alessandro Casagrande (2009, 2011), seu mais dedicado biógrafo (vide Straube, 2017:225).

Mayer teve como destino a “Colônia Terra Nova”, situada a 12 km de Castro, na região do atual distrito de Abapã. Esse núcleo colonial, com 3.388 hectares, foi na época adquirida pelo governo alemão e transformado em área de assentamento de imigrantes em 1933, por intermédio da *GSA-Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (ou “Companhia de Colonização no Exterior”, depois nacionalizada como “Companhia de Colonização Paranaense”). Essa empresa ficou conhecida na Alemanha por suas orientações nazistas[70], no momento coincidente com a colonização de certas cidades (p.ex. Rolândia ou “Gleba Roland”) do Norte Novo do Paraná, por meio da *Studiengesellschaft für Wirtschaftliche in Übersee* ou Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar (Soares, 2009; Kohlhepp, 2014)[71].

O intuito dessas iniciativas de emigração eram explícitos no sentido de criar núcleos germânicos no Sul do Brasil, visando – dentre outras coisas – resgatar a “reputação alemã” no além-mar. Segundo Rinke (2008), os imigrantes deveriam “manter a germanidade”, conservando a língua, os costumes e o modo de pensar alemão, inclusive adquirindo, sempre que possível, apenas produtos alemães, a fim de não prejudicar a economia de sua terra natal.

A colônia Terra Nova, embora já fosse un assentamento desde 1933, teve sua pedra fundamental lançada apenas em outubro de 1937. De acordo com

---

[70] Um dos fundadores da colônia Terra Nova foi Ludwig Aeldert, cônsul da Alemanha no Paraná e também um dos partidários mais ardorosos do regime nazista. Ele é citado por Sick (1959:10) no seguinte conteúdo: “*Segundo o Consul L. Aeldert (1957, verbal), o pardal se mostrou ao redor de Curitiba só em começos de 1930*”.

[71] Aparentemente, a grande leva de alemães vinda ao Brasil por meio dessa empresa, incluiria – em grande parte – pessoas perseguidas pelo nazismo (inclusive muitos judeus) ou, ainda, alemães católicos discordantes do regime. A partir de 1935, porém, os colonos que desejassem se estabelecer na colônia deveriam ser de origem “*alemã, mais especificamente, arianos, conforme as leis de Nuremberg*” (Kohlhepp, 2014:68).

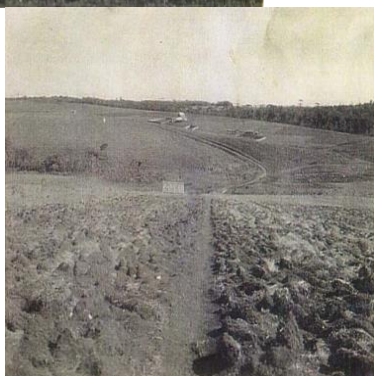
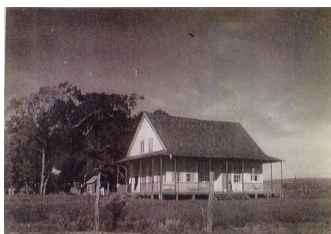
Valverde (1957), cada imigrante da colônia recebeu inicialmente 29 hectares, subdivididos em cerca de cinco hectares que ficavam junto às suas residências, além de dois de pasto comunitário e mais oito de mata, a alguma distância do centro urbano. O núcleo mais antigo foi chamado Garcês ("*Garcez*"), seguido – três anos depois – pela fundação de outro, chamado Maracanã. Segundo consta, no primeiro assentaram-se católicos que vieram diretamente da Alemanha, "*todos trazendo algum capital e com um nível de educação relativamente elevado*" (Waibel, 1949:205). Em Maracanã, por sua vez, se fixaram alemães protestantes originalmente estabelecidos nos anos 20 para outras colônias, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Stein, 2014).

Mayer residia em Garcês[72], junto à sua esposa Emma Mayer (1897-1990) e ambos inicialmente trabalharam como agricultores, uma exigência explícita da GSA, independente do tipo de profissão que desempenhassem anteriormente na Alemanha. É curioso que, dentre os 200 candidatos a ocupar a colônia Garcês, todos eles portadores de "boas qualidades morais e de caráter", apenas um era de fato agricultor; os demais eram desempregados da indústria e mineração, artesões, comerciários e até intelectuais de várias profissões acadêmicas (Stein, 2014).

Algum tempo depois de chegar à Colônia[73], porém, ele passou a coletar e preparar espécimes de aves e mamíferos para remetê-los comercialmente ao Museu Paranaense (conforme atestam várias de suas correspondências, sempre redigidas em alemão) e possivelmente também a particulares.

---

[72] Em suas correspondências com o Museu Paranaense, localizava ora "*Terra Nova*", ora "*Castro*"; em uma delas, no entanto, é explícito: "*Terranova – Garces 26.7.38*".

[73] De fato, os primeiros exemplares de aves por ele encaminhados às coleções datam de dezembro de 1936.

Imagens da Colônia Terra Nova: "*Herrenhaus der früheren Fazenda Garcez*" ("Sede da antiga Fazenda Garcez", acima); "*Verwaltungshaus der Kolonie Terra Nova*" ("Prédio da administração da Colônia Terra Nova", abaixo `esquerda); "*Blick vom Schulhaus auf einige Siedlungen*" ("Vista de alguns assentamentos a partir da escola", abaixo, à direita) (Fonte: Mons, 2005, a partir do acervo do Museu de Terra Nova, em Castro).

A "descoberta" do competente taxidermista em Castro é atribuída ao entomólogo Jesus Santiago Moure quando – em visita àquela região – encontrou-o em plena atividade.

Grupo que participou da excursão de coleta zoológica no litoral do Paraná em dezembro de 1942. Da direita para a esquerda estão Andreas Mayer e o padre Jesus Moure.

Segundo suas próprias palavras: "*Quando era capelão do colégio das irmãs do Sagrado Coração de Jesus, descobri o senhor André Mayer, um alemão que vivia no interior, perto de Ponta Grossa, e vendia aves empalhadas em Curitiba. Quando vi aquelas aves tão bem preparadas, contratei-o para o museu para empalhar mamíferos e aves. Era um técnico excepcional. Provavelmente havia trabalhado para algum museu na Europa. Nunca soube muito bem o que se passou com o Mayer, pois ele era muito reservado. Como sabemos, muitos alemães tiveram sérios problemas durante a Segunda Guerra*"[74].

No entanto, sabe-se que essa contratação não coube a Moure e sim ao diretor do Museu Paranaense, o incansável e diligente antropólogo José Loureiro Fernandes, em um

---

[74] Entrevista concedida a Renato C. Marinoni, Jayme de Loyola e Silva e Myriam Regina del Vecchio de Lima (CIÊNCIA HOJE, 1990).

processo que se arrastou por muitos anos, como atestam inúmeros ofícios datados desde 1937. Ao menos dois desses documentos chegaram às minhas mãos[75] e constituem-se de elementos valiosos para o assunto, razão pela qual são abaixo transcritos.

MUSEU PARANAENSE

Curitiba, 14 de Dezembro de 1937

17-937

Exmo.Snr.Dr. Prefeito Municipal[76]
Capital

Encontrando-se vago o cargo de terceiro auxiliar tecnico do Museu Paranaense desde Abril do corrente ano tomo a liberdade de sugerir a V.Exia. a extinção do referido cargo e a criação do cargo de taxidermista, cargo inpressendivel [sic] *num Museu para o augmento e boa conservação das suas coleções faunisticas.*
Sendo cargo que exige perfeitos conhecimentos tecnicos aproveito e oportunidade para lembrar á V.Exia. da conveniencia para o Museu, de se contratar o Snr. Andre Mayer conceituado taxidermista ora em nossa Capital.
O Snr. Mayer recomenda-se não só através de atestados de conhecidos taxidermistas europeos, como tambem, pelos exemplares que ja possue o Museu e qque foram por ele preparados.
Na defesa dos interesses do Estabelecimento que tenho a honra de dirigir, é que encaminho á V.Exia. o presente oficio.

Saude e Fraternidade

[assinatura de José Loureiro Fernandes]
Diretor

---

[75] Graças à generosidade dos amigos Adelinyr (Tota) Azevedo Moura Cordeiro e Marco Fábio de Maia Corrêa.

[76] Cabe aqui outro tipo de consideração e que mais uma vez comprova a perspicácia e habilidade política de Loureiro (vide Ardigó, 2011). Alguns anos antes da aprovação do "Plano de Reoorganização do Museu Paranaense", e precisamente em 1937, a instituição foi transferida para o governo municipal. Essa chancela, no entanto, pouco durou, retornando ao governo estadual já em outubro de 1938 (Abilhoa *et al*., 2013). Não parece nada estranho, assim, verificar que as requisições para a contratação de Mayer fossem dirigidas primeiro ao prefeito municipal de Curitiba e, em seguida, ao secretário de estado, muito provavelmente aproveitando-se de momentos políticos de transição. Lembro que exatamente no ano de 1937, a municipalidade passou por várias e conturbadas gestões, em um total de quatro prefeitos apenas nesse período!

Tinha Fernandes especiais razões para incluir Mayer ao grupo do museu, o qual se encontrava em plena reestruturação, ampliando as coleções, realizando viagens para coleta, pesquisa e atendimento de congressos e – naturalmente – ampliando seu quadro de funcionários.

Apesar disso, o desejo de ter Mayer como funcionário do Museu, não foi realizado tão cedo, o que aparentemente gerou uma situação incômoda para ambos. Parece que Loureiro teria assumido algum tipo de compromisso para trazê-lo a Curitiba, mas esse desfecho estendia-se longamente e, forçando a uma estratégia de compensação paliativa, conforme se observa no documento:

MUSEU PARANAENSE
Curityba, den 30. August 1938

Sehr geehrter Herr Meyer

Ich erhielt Ihren wehrten Brief vom 20. des laufenden Monats und will Ihnen auch gleich antworten.

Die Kiste mit den Vögeln ist richtig in meinen Besitz angelangt und alles in bester Ordnung. Nur musste ich feststellen, dass einige Stücke schon doppelt gesand wurden.

Was Ihren Prozess betrifft, kann ich Ihnen nur sagen dass es bestimmt nicht ein Jahr dauern wird und dass man Sie falsch orientert hat, und wegen Ihres Unterhalts und Ihrer Familie, schicken Sie mir nur jeden Monat die Präparate laut unserer Abmachung und ich werde Ihnen jeden Monat Ihr Geld senden.

Hochachtungsvoll.

Direktor des “Museu Paranaense”

MUSEU PARANAENSE
Curitiba, em 30 de agosto de 1938

Caro Sr. Meyer (*sic*)

Recebi sua carta datada de 20 do corrente, a qual pretendo aqui responder.

A caixa contendo aves chegou bem às minhas mãos, em perfeita ordem. Apenas pude perceber que algumas peças foram enviadas em duplicata.

Com relação ao seu processo, só posso dizer-lhe que ele não deverá demorar um ano e que ele seguiu um trâmite errado e, pensando no seu sustento e de sua família, peço que envie-me os materiais preparados a cada mês, de forma que combinemos o pagamento mensal para eles.

Atenciosamente.

Diretor do Museu Paranaense

Essa também é uma confirmação de que Mayer realizava comércio franco – e institucionalizado – com o Museu Paranaense, pelo menos desde o fim da década de 30 e possivelmente até o começo da década de 40; além disso, parece claro que essa atividade era sua principal fonte de sustento.

Os valores de venda de espécimes preparados variavam de acordo com a raridade local da espécie, estimada por ele próprio em campo, ou pela dificuldade de embalsamá-los. Dos mamíferos comercializados, pode-se citar: irara (*Eira barbara*) vendida por 70 mil réis, quati (*Nasua nasua*) por 65, gambá (*Didelphis albiventris*) por 35, bugio (*Alouatta guariba*) por 80, serelepe (*Guerlinguetus ingrami*) por 18, tatu (*Dasypus novemcinctus*) por 25 e uma lebre (*Lepus europaeus*) por 20 mil réis.

Dentre as aves, pode-se identificar "andorinha" (18 mil réis), uru (*Odontophorus capueira*: 20), pica-pau-verde (talvez *Colaptes melanochloros*: 20), pica-pau-vermelho (talvez *Dryocopus lineatus*: 35), pica-pau-branco (*Melanerpes candidus*: 20), um casal de pedreiro (*Anumbius annumbi*: 30), e um tangará (*Chiroxiphia caudata*: 15). Os valores totais, de cada remessa, variavam aproximadamente de 270 e 408 mil réis, considerando-se a paga postal, estimada em cerca de 16 mil réis[77].

Sua casa, na Colônia, era em estilo típico alemão, com telhados bastante oblíquos e localizada em um campo cercado por mata de araucária. Em seu laboratório improvisado, gastava horas a fio na preparação dos espécimes, tempo esse dividido com as incursões para as coletas. Nesse trabalho, colaborava seu grande amigo e

---

[77] Esses valores eram citados nas várias correspondências trocadas com José Loureiro Fernandes, ora mantidas no acervo documental do Museu Paranaense.

companheiro de viagens, WILHELM SCHÜLLER[78] e, às vezes, os filhos ainda meninos desse senhor, Wilhelm e Werner.

Terra-Nova, 26. 3. 38.

Sehr geehrter Herr Dr. Laurero!

Im Auftrage meines Mannes möchte ich Sie anfragen ob Sie die Jagdlizenz für's Museum Curitiba vergessen haben. Ich bitte Sie höflichst die Bescheinigung mir umgehend zu zusenden, da ich in nächsten Tagen fort möchte.

Betreffs dem Besitztitel ist es im Gange und wird dieser Tage fertig. Dauerte deshalb so lange, da Direktor krank war.

Mit besten Grüssen

André Mayer

Andreas Mayer, antes de sua contratação pelo Museu Paranaense, mantinha ativa correspondência postal como diretor da instituição, José Loureiro Fernandes (Fonte: acervo Museu Paranaense)

[78] Há, de fato, no MHNCI, alguns exemplares que foram colecionados por Schüller, entre agosto e setembro de 1945. Algumas informações aqui incluídas foram-nos repassadas diretamente pelo sr. Wilhelm Schüller (filho), em visita que fiz a Terra Nova em abril de 2001 com os amigos Renato S. Bérnils e Michel Miretzki. No rótulo consta "G. Schüller" o que pode ser facilmente atribuído ao aportuguesamento de Wilhelm para Guilherme.

Em Terra Nova, Mayer era tratado com reservas, em virtude de seus "estranhos" hábitos de naturalista, considerados excêntricos pelos colonos, mais afeitos à lida com a agricultura. Por esse motivo, e também em alusão ao seu trabalho, era conhecido pelo apelido de *Vogel Mayer*, uma vez que, na busca pelos pássaros, chegava a se "confundir com eles". Com alguma frequência, ainda, solicitava às crianças, filhos de imigrantes alemães moradores da colônia, que, munidos de estilingue, caçassem passarinhos nos arredores da vila, sendo que os resultados do mutirão serviam para aumentar a representatividade das amostras[79].

Em 1939, o plano proposto por Loureiro Fernandes para a reorganização do Museu Paranaense finalmente saiu do papel. Nesse ano emblemático para a instituição, iniciou-se uma grande transformação, visando ao desenvolvimento das pesquisas, expansão das coleções (até aquele momento sem nenhum cuidado e carente de protocolo mínimo) e a ampliação e aprimoramento do quadro técnico; não à toa, em 1941, surge o volume de abertura dos "Arquivos do Museu Paranaense", a primeira revista institucional. Como relatam Abilhoa *et al*. (2013):

> "[...] *as coleções passaram a ter um caráter eminentemente científico, com a colaboração e participação de vários especialistas de outras partes do Brasil e do mundo. Também se iniciaram as organizações para expedições para obtenção de material científico e expositivo, que tiveram como ponto de partida a*

[79] Segundo depoimento de Ursula ("Ula") Walzberg colhido por mim, Bérnils e Miretzki. De acordo com essa informante, o qualificativo *Vogel* tinha outra conotação, até certo ponto pejorativa, pois aludia aos hábitos reservados e esquivos do personagem.

primeira excursão zoológica oficial daquela instituição, ocorrida em 1939.

Iniciava-se com isso um novo destino e trajetória às pesquisas científicas no estado do Paraná, notavelmente a história natural, traçando um rumo paralelo com as entidades nacionais congêneres que, embora passassem pelos mesmos problemas, ainda conseguiam se manter e se desenvolver no âmbito de suas atribuições mais fundamentais.

Na ocasião, a instituição foi readequada em várias seções: as áreas de história natural foram divididas em Zoologia, Botânica e Geologia; as demais originaram as seções de História, Antropologia e Etnografia.

Aparentemente, o que – aliás – merece correção, essa primeira excursão científica não ocorreu em 1939 e sim no ano seguinte, por volta de meados de 1940. Isso se conclui não somente com base em uma esclarecedora matéria de jornal [80], mas também pelo interesse do Conselho de Fiscalização das Expedições Artística e Científicas no Brasil (CFEACB) em guardar um recorte em seus arquivos, haja vista o destaque ali dado a um colecionador alemão que, como se sabe, ainda não estava incorporado oficialmente ao *staff* do Museu Paranaense[81].

[80] Diario da Tarde, Curitiba, edição de 3 de julho de 1940, disponível no acervo do CFEACB. Ver também abaixo, no Anexo 1.

[81] Essa suspeita ficou mais forte como sugere uma solicitação do presidente do CFEACB (Francisco de Assis Iglesias), em ofício de 24 de julho de 1940, para esclarecimentos sobre o Museu Paranaense ser "uma instituição oficial ou particular". Frente a uma dúvida tã estranha, David Carneiro (na época, conselheiro do CFEACB) apenas se dignou a responder, três dias depois, via telegrama: "*Muzeu paranaense instrução* (sic) *oficial. Saudações*".

Museu Paranaense

Curitiba, 1 de Junho de 193[illegible]

N. 90-939.

Sr.Secretário.

Tendo em vista o prescrito no parágrafo 1º do artigo 6º do decreto número 874 de 30 de Janeiro deste ano,proponho que seja contratado o técnico André Mayer,como taxidermista do Museu Paranaense,correndo a despeza pela verba competente do orçamento para o atual exercicio financeiro.

Reitero a V.Excia.Sr.Secretário.os meus protestos da mais alta estima e distinta consideração.

Saude e fraternidade.

Dr.Loureiro Fernandes.
Diretor.

Exmo.Sr.Dr.Secretário do Interior e Justiça.
Capital.

(J.P.)

Foram muitas as tentativas (entre 1937 e 1943) do diretor do Museu Paranaense, José Loureiro Fernandes, para a contratação de Andreas Mayer com taxidermista da entidade.

Note-se que o apoio da mídia, encorajado por Fernandes, sobre a importância do taxidermista para o Museu, nada mais era do que uma estratégia para sua

contratação. Concomitantemente, o diretor prosseguia suas tentativas de oficializá-lo na instituição. Uma das primeiras ações para isso, seria a sua naturalização, solicitada em setembro de 1939 (Diário Oficial da União de 23 de setembro de 1939, Secção I, p. 22711) e oficializada somente dois anos depois (Diário Oficial da União de 31 de janeiro de 1941, Secção I, p. 1860)[82].

A consequência dessa insistência foi que, em 29 de novembro de 1943, Mayer acabou sendo contratado como taxidermista[83], pelo mesmo decreto que nomeava Rudolf Bruno Lange (antes colaborador voluntário) para o cargo de assistente técnico de Zoologia.

Mayer, na realidade, transferiu-se para Curitiba em junho de 1939 e não se sabe sob quais circunstâncias se manteve na capital entre essa data e sua efetivação, portanto quatro anos depois. Foi de alguma forma ligado ao museu, talvez por contrato temporário ou como suplementarista. Logo ao chegar já foi saudado pela mídia local que enaltecia as suas qualidades[84].

Transferindo-se para Curitiba, Mayer estabeleceu-se provisoriamente em uma casa situada nos fundos da sede do Museu Paranaense[85] e, por fim, em sua residência definitiva

---

[82] Nessa última fonte, constam os nomes de seus pais: "*Ludovico* [Ludwig?] *Lindauer e Francisca Lindauer Mayer*", citação confusa pela disposição dos nomes, sugerindo que seu sobrenome paterno fosse, na realidade, Lindauer. O nome familiar Lindauer, de Munique (Alemanha), tem algumas outras conexões com as ciências biológicas, como Michael Lindauer, dono da casa editorial que publicou as edições *princeps* das obras de Spix e Martius e, ainda, Martin Lindauer que, junto com Warwick Kerr, foi um dos mais importantes entusiastas da etologia de abelhas e também da apicultura no Brasil. Segundo Georg Feuderer (*in litt*., 2019), não há registros do nome do pai; sua mãe era Franziska Mayer que, posteriormente, casou-se com o carteiro Ludwig Lindauer. Segundo a mesma fonte, a família residiu, ao menos até o início de 1925, na cidade de Augsburg: desde novembro de 1913 na *Birkenfeldstrasse, 4* e, a partir de junho de 1921, na *Kazboeckstrasse, 6*.

[83] Ao menos no ano de 1945 ("O Dia", edição n° 6572 de 18 de janeiro de 1945, p. 14) seus vencimentos eram iguais aos de cargos de nível superior, como veterinários.

[84] Diário da Tarde, edição n° 13313, de 5 de junho de 1939; 2° edição, p.1.

[85] Na época, o Museu funcionava no chamado "Palacete Correia" (Rua Buenos Aires, 200, bairro Batel). Ali, no início da manhã de 24 de junho de 1943, ocorreu um episódio

no bairro Cabral, onde permaneceu até seus últimos dias, em meados da década de 80.

ESTÁ EM CURITIBA E VAI TRABALHAR NO MUSEU UM NOTAVEL TAXIDERMISTA

Vivia nas redondezas de Castro, exercendo sua profissão modesta e obscuramente um notavel taxidermista, formado por uma das mais notaveis escolas da Alemanha.

Por tal forma êle praticava sua bela arte que sua fama se espalhou pelas grandes cidades do Estado, ecoando até Curitiba.

Afluiram encomendas de toda a parte E seus trabalhos arrancavam sinais de admiração pela perfeição de seu acabamento.

Muitos deles figuram nas coletaneas zoologicas do nosso Museu e quem quer que contemple o graxaim, a gralha azul, o falcão, etc., por êle preparados fica maravilhado com a belesa da sua obra.

Trata-se do sr. André Mayer, que já se encontra residindo nesta cidade e no que estamos informados vai ser aproveitado em suas funções naquela instituição que passou, como temos noticiado, por profunda e salutar reforma. Verdadeiro técnico, suas criações não encontram competição talvez no Brasil.

Matéria alusiva à chegada de Andreas Mayer a Curitiba (fonte: Diário da Tarde, edição n° 13313, de 5 de junho de 1939; 2° edição, p.1.).

---

trágico: seu colega de residência, sr. Xavier (ou Xaver) Wimmer, suicidou-se por enforcamento em um carvalho que havia nos jardins do museu; detalhes do ocorrido constam no jornal “O Dia” (edição de 26 de junho de 1943, p.3). Sobre esse personagem, sobre quem nada pude colher, a referida fonte afirma ser um segundo taxidermista do Museu, porém, algumas informações indicam se tratar de mera confusão com detalhes pessoais do próprio Mayer. Isso se confirma em outra fonte: “*Xavvem* (sic) *Wimmer, de nacionalidade alemã, solteiro, com 31 anos de idade e de profissão alfaiate*” (Diário da Tarde, edição de 24 de junho de 1943, p.1).

É importante frisar que o longo tempo de tentativa de contratação foi atribulado por dificuldades financeiras em que se encontrava o governo paranaense, mas, provavelmente também pela certa cautela em se admitir um funcionário alemão em um órgão governamental, em pleno andamento da Segunda Grande Guerra. Isso pode ser notado pela afirmação de Loureiro em ofício: "*Valho-me da oportunidade para comunicar a V. Excia., que de conformidade como o combinado com os Snrs. Prefeitos Municipaes, aguardava esta Diretoria a Naturalização do taxidermista André Mayer para propor a reorganização do quadro de funcionários do Museu*"[86].

Como novamente se observa, Mayer era uma peça cobiçada e indispensável ao diretor, para o projeto daquilo que ele almejava como o futuro da instituição, a ponto de atrasar a definição do novo quadro funcional, no aguardo da confirmação da contratação do técnico.

Entre o longo período desde sua chegada ao Brasil e todo o tempo em que trabalhou, Mayer manteve-se ativo, coletando não somente na Colônia Terra Nova, para onde viajava com frequência, mas também em inúmeros outros locais do estado do Paraná.

Cronologia das localidades de coleta e viagens de Andreas Mayer no Paraná e regiões adjacentes. (Fontes: Straube & Bornschein, 1989; Lorini & Persson, 1990; Bérnils & Moura-Leite, 1990; Wosiacki, 1990 e acervo do MHNCI). Legenda: s.i., sem indicação de mês.

Ano	Meses	Localidades
1936	dez	*Terra Nova*
1938	fev, jun, ago, set	*Garcês; Terra Nova; Maracanã*
1939	set, out	*Monte Alegre; Rio Pinheiro Seco; Estrada do Tibagi; Fazenda Fortaleza*
1940	mar	*São João do Cruzo*

[86] Ofício n° 58-938 de José Loureiro Fernandes ao Secretário de Interior e Justiça do governo do Paraná, em 24 de outubro de 1938.

	ago	*Curitiba*
	ago, set, out	*Rio Xambré; Sorroro; Salto Paraná* [= Sete Quedas], *Vale do Rio Paraná; Rio Amambaí; Ilha do Rio Paraná*
1941	jul	*Terra Nova*
1942	*s.i.*	*Garcês; Serra do Mar*
	jun	*Fazenda Santa Rita*
	ago, nov, dez	*Curitiba*
	dez	*Caiobá; Guaratuba; Morro de Caiobá*
1943	*s.i.*	*Curitiba; Garcês; Estância Nova*
	abr, mai, jun, dez	*Terra Nova; Garcês*
	mai, nov	*Curitiba*
	jul, ago	*Estância Nova*
1944	*s.i.*	*Curitiba*
	mar	*Vila Velha*
	mai	*Garcês*
	mai, jun	*Santa Bárbara; Serra Irati; Caiobá*
	jul	*Guaraqueçaba; Ilha do Guará*
	out, dez	*Guaratuba; Serra da Graciosa*
	dez	*Garcês*
1945	fev	*Caiobá; Matinhos; Ilha dos Ratos; Porto da Passagem*
	jun	*Curitiba*
	jul	*Caviúna*
	ago, set	*Sertão Ivaí; Vale do Ivaí; Vale do Rio Paraná; Rio Ivaí; Sertão Ivaí, margem de estrada; Rio Suruquá; Porto Felipe; Porto São José; Ilha do Rio Paraná; Barreiro, vale do Ivaí; Ilha do Rio Ivaí*
	nov	*Curitiba; Barigui*
1946	jun	*Fazenda Santa Cruz; Colônia Cambará; Rio Guaraguaçu; Balneário; Caiobá, Praia de Matinhos, Serra da Prata; Rio dos Papagaios*
	ago	*Assungui, Serra Negra; Ponta do Pasto*
	set	*Terra Nova, Garcês*
	dez	*Curitiba; Mananciais da Serra*
1947	abr, mai, jun, ago	*Fazenda Santa Bárbara, Curitiba; Boqueirão*
	jul	*Fazenda Lagoa, Castro*
	out	*Ilha do Lessa; Ilha do Corisco; Faisqueiro*
1948	jul, ago	*Santa Cruz; Serra da Prata; Nacar*
	ago, set, out	*Parque Nacional do Iguaçu*
	dez	*Barra do Iguaçu, Laranjeiras do Sul*
1949	mai	*Guaratuba, Caiobá*
	dez	*Curitiba*
1950	jan	*Fazenda Santa Rita*
	abr	*Caiobá*
	mai, jun	*Baía Grande; Rio Paranapanema; Vale do Rio do Tigre; Rio Samambaia*
	jul, set, out	*Rio Cubatão; Ilha do sr. Henrique; Ilha do Rio Cubatão; Guaratuba*
1951	*s.i.*	*Terra Nova*
	jan	*Faz. Santa Rita; Colonia Santo Antonio, São José dos Pinhais*

	jul, ago	*Rio do Meio; Guaratuba*
	ago	*Rio Paraná; Vale do Rio Ivaí; Barreiro; Rio Piquiri; Porto São José*
1952	jan	*Piraquara*
	mai	*Terra Nova*
	jun, jul	*Cubatão*
	jul	*Terra Nova*
	ago, set	*Faz.Santo Amaro, Tibagi*
1953	jan	*Piraquara*
	mar	*Bacacheri*
	jul, ago	*Prainhas; Marumbi; Porto de Cima*
	ago	*Teixeira Soares; Terra Nova*
1954	abr	*Marumbi*
	abr, mai	*Fazenda São Jerônimo; Terra Nova*
	jun	*Estrada de Rio Negro; Curitiba*
	jul, ago	*Maracanã; Terra Nova*
	ago	*Posto Indígena; Zona Posto Fioravante*
	nov	*Cabral*
1955	mar, abr	*Contenda; Fazenda Santa Rita*
	abr	*Fazenda Santa Julia; Palmas*
	jul	*Serra do Mar, Paranaguá; Serra de Matinhos*
	set	*Piraquara*
	out	*Serra dos Dourados*
1956	nov	*Usina Hidrelétrica, Ponta Grossa;*
	nov	*Vale do Ivaí, Cruzeiro do Oeste*
1957	mai	*Fazenda Glaser*
1958	jan	*Vale do Ivaí; Serra dos Dourados*
	dez	*Terra Nova*
1959	ago	*Estrada Zona Ortigueira; Fazenda Pereira, Tibagi; Vila Rica*
	set, nov	*Fazenda Octavio Novaes, Castro*
1960	set, nov	*Barigui; Atuba; Curitiba*
1961	jan	*Margem do Rio Indo-Ivaí; Serra Dourados*
	mar	*Prainhas*
1963	abr	*Pinheirinho*
	jul	*Vila Velha*
	ago	*Marumbi*
1964	fev	*Vila Velha*
	abr	*Guaratuba*
	mai	*Terra Nova*
1965	mai	*Curitiba*
	out	*Terra Nova; Maracanã*
1966	jan	*Curitiba*
	jul, set, out	*Terra Nova*
	out	*Estrada Velha para São Paulo*
	nov	*Estrada do Cerne*
	nov	*São Mateus do Sul*
	dez	*Alto da Serra*
1967	mai	*Terra Nova; Maracanã; Fazenda Lagoa*
1968	*s.i.*	*Estrada Velha para São Paulo*

Sua produção como coletor não foi propriamente constante, visto ter oscilado consideravelmente entre os anos de 1936 a 1967, intervalo ao qual são atribuídas as suas coletas de aves e mamíferos[87] hoje preservadas no Museu de História Natural Capão da Imbuia. Note-se que até o momento em que foi contratado como efetivo pela instituição (1943), Mayer já havia adicionado 104 aves e doze mamíferos, que constituem os primeiros exemplares atualmente mantidos no acervo seriado. Esse material, como dito, deve ter sido incluído por compra ou simplesmente pela sua participação (aparentemente remunerada) em viagens diversas do Museu Paranaense.

Uma dessas viagens (dezembro de 1942) é celebrada como a primeira excursão científica do Museu Paranaense, sendo dedicada ao litoral do Paraná e focalizando principalmente pesquisas de História Natural. Tratou-se de uma expedição de grande importância para a instituição, porque além de toda uma estrutura formada para os trabalhos de campo, ainda contou com a participação pesquisadores de renome nacional. Da viagem participaram, por exemplo, Felix Rawitscher (tendo como auxiliar ninguém menos que Aylton de Brandão Joly), Paulo Sawaya e João Paiva Carvalho, todos professores da Universidade de São Paulo. Segundo ANÔNIMO ([circa 1967-1968]), também estavam presentes José Loureiro Fernandes, Antonio Martins Franco, Carlos Stellfeld, Jesus S. Moure e Rudolf B. Lange. Porém, como relatado abaixo, outros estudiosos também fizeram parte da viagem, que foi documentada com fotografias por João J. Bigarella[88]. Esse

---

[87] Trato apenas desses dois grupos (e desconsiderado o acervo expositivo) pois são os que mais servem como indicadores de produtividade, em virtude de exigirem – naquela época – um planejamento diferenciado para as coletas. Répteis, anfíbios, peixes e outros grupos também eram coletados durante os trabalhos de campo, mas tudo indica que isso ocorria de forma secundária e episódica.

[88] Por volta de 1990, encontrei esse precioso material em um depósito no Museu de História Natural Capão da Imbuia onde eu trabalhava. Todas as fotos, em preto-e-branco

acervo fotográfico, se pareado com fontes bibliográficas, permite uma reconstituição bastante razoável dos integrantes dessa viagem bem como, a documentação dessas pessoas e do trabalho que foi realizado. E Andreas Mayer, na companhia de sua esposa Emma, aparece em algumas dessas imagens, uma delas aqui reproduzida.

Expedição do Museu Paranaense ao litoral do Paraná, no estreito que se forma entre a praia de Caiobá e a Ilha do Farol, em 2 de julho de 1944. O menino Edmundo Mayer (filho de Andreas Mayer) é o primeiro à esquerda. Cinco moças não identificadas aparecem em segundo plano e, logo atrás, Maria Luz Fernandes e seu esposo (José Loureiro Fernandes), Rudolf Lange, Jesus Moure, Ralph Hertel, Emma e Andreas Mayer e João José Bigarella.

O ano mais produtivo para a coleção de aves foi o de 1950, quando foram incorporados 168 exemplares oriundos das viagens feitas para a região noroeste do Paraná e para a

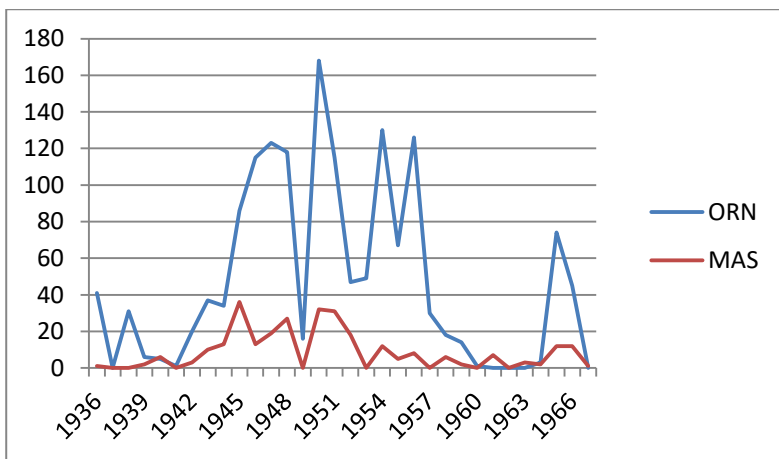
---

com 5,8 x 10,5 cm, são cuidadosamente embaladas em envelopes numerados de papel de seda e acompanhadas de seus respectivos negativos. Esse material me foi oferecido pelo fato de ninguém saber qual o destino mais apropriado, de forma que guardei-o em meus arquivos. Embora tenha tentado fazer contato com o prof. Bigarella, pensando em devolvê-lo e talvez esclarecer o tema das imagens, isso tornou-se impossível pelo seu falecimento em 5 de maio de 2016. Apenas há poucos meses, durante a elaboração deste livro, conclui que se tratava de imagens raríssimas que ilustravam a épica expedição de 1942.

baía de Guaratuba. Esse mesmo ano foi também fecundo para a coleção de mamíferos e discretamente superado apenas pelo de 1945.

Número de espécimes incorporados às coleções de aves e mamíferos por André Mayer, segundo os registros no Museu de História Natural Capão da Imbuia.

ANO	AVES	MAMÍFEROS
1936	41	1
1937	0	0
1938	31	0
1939	6	2
1940[89]	5	6
1941	1	0
1942	20	3
1943	37	10
1944	34	13
1945	86	36
1946	115	13
1947	123	19
1948	118	27
1949	16	0
1950	168	32
1951	115	31
1952	47	18
1953	49	0
1954	130	12
1955	67	5
1956	126	8
1957	30	0
1958	18	6
1959	14	2
1960	1	0
1961	0	7
1962	0	0
1963	0	3
1964	3	2
1965	74	12
1966	45	12
1967	0	1

[89] Esse número é o que consta nos registros do MHNCI; houve muitas entradas nesse ano na coleção ornitológica (vide Anexo 1).

Incremento anual de exemplares coletados por Andreas Mayer nas coleções ornitológica (ORN) e mastozoológica (MAS), entre 1936 e 1967.

Essa variação, por si, pode ser interpretada de inúmeras maneiras, porém, considerando-se o caráter eminentemente museológico do então Museu Paranaense e demais entidades que acolheram o acervo, merece uma análise um pouco mais profunda.

Ambas as coleções passaram por picos de inclusões mais ou menos iguais, no intervalo 1945-1948, em 1950, 1954, 1957 e, por fim, em 1966. As causas dessa variação podem ser inferidas pela cronologia de suas viagens, pareada com os respectivos cenários políticos dos próprios objetivos das instituições às quais o acervo era subordinado.

O primeiro período corresponde exatamente ao momento em que era sedimentada a filosofia científica do Museu Paranaense, meia década depois do plano de reorganização. Sob a direção do entusiasmado José Loureiro Fernando, e já desde o início dos anos 40, personalidades e cientistas de várias instituições do Brasil e exterior, eram constantemente convidados a visitar o museu e sua

exposição, muitos deles encontrando ali valioso material para suas pesquisas.

Um deles era JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA, que esteve no Paraná para coletar aves e mamíferos no Parque Nacional do Iguaçu entre novembro e dezembro de 1941, quando recém admitido como naturalista da Seção de Zoologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Ávila-Pires, 2005). Outras visitas de destaque foram Waldo Lasalle Schmitt (em 1945), curador do Departamento de Biologia do *United States National Museum* da *Smithsonian Institution,* Cândido de Mello-Leitão, Benedito Soares, Olivério M. de O. Pinto, Carlos Octaviano da Cunha Vieira (ANÔNIMO, [circa 1967-1968]) e Paulo Sawaya (1943), diretor do Departamento de Zoologia, hoje Museu de Zoologia da USP.

Nessa época, Olivério Mário de Oliveira Pinto e seu genro Eurico Alves de Camargo, ambos ornitólogos do Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo (hoje Museu de Zoologia, USP), tiveram participação notável junto à coleção de aves do Museu Paranaense. Entre as instituições já ocorria uma relação institucional que se estendeu por mais de uma década (pelo menos entre 1941 e 1952) na qual, ao tempo em que várias remessas de espécimes eram enviadas, uma parte – composta por desideratas ou espécies raras – eram retidas para o acervo paulistano.

Ao mesmo tempo, Jesus Moure – empenhado na chefia da seção de Zoologia – mostrava fôlego ao gerenciar os trabalhos genuinamente museológicos e científicos voltados ao levantamento faunístico do Estado do Paraná, objetivo explicitamente informado em entrevista ao periódico “O Dia” (25 de setembro de 1946, p.4):

> *“Desde a reestruturação do Museu, devida a larga visão do nosso atual Diretor desta secção*

[Zoológica] *começou, podemos dizê-lo, de novo, pois as coleções antigas pouco a pouco foram sendo substituidas por novas peças aprimoradamente montadas pelo nosso taxidermista, Sr. André Mayer. Atualmente só figuram apenas dois exemplares do antigo Museu, e um deles – o condor dos Andes – completamente remodelado. Devido a escassez de local, não podemos chegar a realizar o nosso maior desejo de apresentar cenários naturais reproduzindo o hábitat dos principais representantes faunísticos do nosso Estado. Entretanto a parte exposta ao publico tem merecido muitos louvores pela sua cuidadosa apresentação por parte dos apreciadores da natureza, mais ou menos leigos em zoologia, mas principalmente por cientistas entre os quais cumpre salientar o Dr. Waldo Schmitt, chefe do Departamento de Biologia do Museu Nacional da Washington, do Dr. João Moojen da Secção de Zoologia do Museu Nacional do Dr. Paulo Sawaya, Diretor do Departamento de Zoologia da Universidade de S. Paulo"*

As coleções cientificas que servirão como base para o levantamento faunístico do nosso Estado, inteiramente inexistente ao tomarmos a direção desta secção estão merecendo todo nosso cuidado. Em alguns sectores tem sido notavel o progresso, principalmente devido a colaboração dedicada do nosso assistente Dr. R. B. Lange. A fauna aracnológica do nosso estado passou a ser uma das melhores conhecidas de todo o Brasil graças a coleção preciosa organizada pelo Dr. Lange, e estudada pelos Dr.s Mello-Leitão da Escola Nacional de Agronomia do Rio e B. Soares, do Departamento de Zoologia de São Paulo. a coleçao de aves e mamiferos representando varias zonas do estado, já ascende a respeitavel cifra de mais de 500 exemplares e foi estudada pelos Drs. Oliverio Pinto e Carlos Vieira ambos do Departamento de Zoologia de São Paulo [...]*".*

Já o ano de 1947 foi marcado pela posse de Carlos Stellfeld que, embora farmacêutico, foi o primeiro diretor do Museu Paranaense com formação científica e de investigação no campos das ciências naturais. Sob esse ponto de vista, aliado à manutenção de Moure junto à chefia dos acervos zoológicos, a ampliação das coleções sofreu mais um grande avanço. Algo semelhante aconteceria em seguida, em 1954, quando outro cientista, o paleontólogo Frederico W. Lange, substituiu Stellfeld.

Note-se que, pelo menos até o ano de 1955, as coleções de História Natural se mantiveram como um dos grandes destaques do Museu Paranaense e Mayer, naturalmente, recebia os devidos méritos por seu trabalho, funcionando como uma referência da entidade. Uma matéria de página inteira [90] publicada em 1955, por exemplo, destacava os técnicos da instituição e salientava o acervo biológico com as seguintes palavras:

> "DO INSETO AO CETÁCEO
>
> Sugestiva é a secção de Zoologia a mais prática de todas, pelas atitudes vivas dos animais preparados pelo taxidermista André Mayen (*sic*), que também é um dos caçadores da casa. Alí a fauna paranaense e de outras regiões está abundantemente revelada, desde os mais minúsculos insetos ao enorme cetáceo evidenciado no cranio de uma baleia. Tamanduá, lontras, graxains, guará (o lobo paranaense), raposas, saguís, caitetús, jacarés, tartarugas, tatú, uma infinidade enfim de animais, que se destacam, principalmente, pelo trabalho taxidérmico. Espécies de todos os "habitats" alí se encontram, numa sucessão prodigiosa, de formas e côres: jabaru, urubú, tesoureiro, pato bravo, pica-

[90] Diário do Paraná, edição comemorativa do aniversario da cidade [de Curitiba]: 22 de março de 1955, página 2: "*Na casa das coisas antigas repousa a gloria do Paraná*".

pau, codorna, chopin, sanhaço, avestruz, cisne preto, albatroz e mesmo um excelente condor andino. Insetos, espécies aquáticas, zoofitos – muito bem dispostos em mostra caprichosa”

Exemplar do lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* coletado por Mayer com a legenda: “*Caçado e empalhado pelo taxidermista Mayer, o guaraguaçu – lobo dos campos paranaenses – é um dos destacados espécimes da secção de Zoologia. Evidencia-se o trabalho verdadeiramente notável do taxidermista*”.

O acréscimo destacado de espécimes em 1956 também tem explicação institucional. Trata-se do ano em que surgiu o “Instituto de História Natural”, criado especialmente para abrigar as coleções biológicas que antes

tinham a tutela do Museu Paranaense. No ano seguinte, o acervo foi todo transferido para a nova sede, no “Grupo 19 de Dezembro” (hoje Colégio Estadual Tiradentes) e, agora sob a chefia de Rubens Ehlke Braga, a entidade demonstrava a vitalidade necessária, além de notável sobrevida, após o contundente desmembramento das coleções devido ao rompimento da chancela do Museu Paranaense. Braga, que além de discípulo de Stellfeld também tinha formação de naturalista, esforçava-se em destacar o IHN como referência científica. Ele próprio enquanto estudioso de Botânica, trabalhava com os resultados de suas coletas de plantas na região da Serra dos Dourados, as quais resultaram em artigo (Braga, 1962).

Além disso, a equipe lá estabelecida era das melhores. A partir de 1956 e nos anos seguintes, já constavam ou foram incluídos ao seu quadro técnico os zoólogos Rudolf B. Lange, Jayme de Loyola e Silva, Walmir Esper, Eládio del Rosal e Ismael Zanardini, os botânicos Ayrton de Mattos, Eduardo A. Moreira, Luiza T. Deconto Dombrowski[91], Nobor Imaguire, Hermes Moreira Filho, Yoshiko S. Kuniyoshi, os geólogos naturalistas João J. Bigarella e Riad Salamuni, o paleontólogo Oscar Rössler e o pedólogo Wladimir Cavallar Kavaleridze, além, é claro, de Mayer – agora contando com o apoio de seu filho Edmundo.

Essas pessoas tiveram especial importância no cenário das ciências biológicas desde então e, por assim dizer, tudo isso influenciava o aumento dos acervos, em especial na temática zoológica, que agora contava com a

[91] Luiza Dombrowski foi admitida no Museu com voluntária, sendo efetivada seis meses depois, quando iniciou seus estudos com botânica. Ela foi, de fato e por méritos, a única cientista que presenciou todas as instâncias da entidade, desde o Museu Paranaense até o Museu de História Natural Capão da Imbuia, onde se aposentou em 1993 com a transferência do Herbário Per Karl Dusén (PKDC) para o Museu Botânico Municipal (Straube & Labiak, 2014).

gerência de Lange, um legítimo naturalista e coletor experimentado.

Toda essa disposição, porém, duraria pouco. A partir de 1957, pouco foi acrescido ao acervo e, ainda que o Instituto ainda merecesse páginas da mídia local, as viagens se tornaram escassas e eventuais. Passava-se um momento da mais completa instabilidade institucional, com constantes propostas para mudança de sede, criação de uma nova instituição e mesmo frequentes ameaças de fusão com entidades mais "fortes", como o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT). Com isso, Mayer acabou por reduzir sua contribuição às coleções. Entre os oito anos que passaram entre 1957 e 1964, por exemplo, ele chegou a colecionar apenas 65 espécimes de aves e vinte de mamíferos, um contraste notável com a tendência que se notava nos anos anteriores.

Ocorre que as viagens de Mayer, antes longas e geograficamente diversificadas, passaram a ser raras e de curta duração, muitas vezes para locais próximos ou dentro do município de Curitiba. Não há dúvida também que ele estivesse, em certo momento, sobrecarregado com obrigações burocráticas, visto ter sido nomeado, por decreto do governador (junho de 1959), para o cargo[92] de chefe da "*Divisão de Museu e Jardim Zoológico e Botânico*" do IHN.

A situação passou a ficar ainda mais complexa com a deflagração de outros episódios futuros, como um convênio firmado em 1962 entre o ministério da Agricultura e o Instituto de História Natural [93], visando o estudo, a orientação e a fiscalização da caça e da pesca no estado do Paraná. Nessa época, a finalidade de pesquisa da

---

[92] Segundo o jornal "Diario do Paraná" de 25 de junho de 1959 (página 5 sob "Atos do Executivo").

[93] Em 1961 haviam situações estranhas no ponto de vista do quadro funcional. Uma delas

biodiversidade paranaense que era praticada desde os tempos do Museu Paranaense foi completamente desvirtuada. O órgão mais importante do IHN para a mídia e para os políticos passou a ser a Divisão de Caça e Pesca que praticamente se restringia à fiscalização, emissão de licenças e várias outras atividades ligadas ao setor pesqueiro.

Aos poucos a magnífica coleção formada como uma filosofia genuinamente naturalística, passou a ser um mero (e de certa forma incômodo[94]) apêndice de outras entidades que foram criadas posteriormente, como o Instituto de Defesa ao Patrimônio Natural do Estado (IDPN), em 1963. Pode-se fazer ideia dos momentos vivenciados não somente por Mayer mas todo um grupo ali formado, ao sentir pessoalmente uma avalanche de alterações como essa.

Algo que deve ser mencionado, porém, é que as atribuições originalmente atribuídas ao IDPN incluiam o mesmo tipo de trabalho que já era realizado por Mayer. Esse órgão, com efeito, tinha por objetivo inicial "*...fazer coleta da fauna e da flora do Brasil (principalmente no que se refere ao Paraná), fazer levantamento e classificação para saber quais as espécie que ocorrem para estudá-las*"[95]. De acordo com essa mesma fonte: "*Cinco naturalistas da Divisão de Zoologia e mais quatro da Divisão de Botânica caçam e colhem, respectivamente, o material para o patrimônio do Instituto. A parte de taxidermia, isto é, o enchimento dos animais que, ás vezes, pode ser chamado de empalhamento, é feito pelo sr. André Mayer, profundo conhecedor do assunto, que possue fórmula própria*".

Mas a condição oscilante era algo sempre lembrado não somente pelos técnicos como também pela mídia. Em

---

[94] Como parece ser até os dias de hoje, sob a guarda da Prefeitura de Curitiba.
[95] "Diario do Paraná" de 3 de janeiro de 1964 (n.p.) sob "Nova sede para defender o patrimonio".

setembro de 1966, um periódico curitibano[96] estampa alguns detalhes importantes sobre isso:

> *"A 19 de dezembro de 1939, com a presença do Interventor Manuel Ribas, dá-se a reabertura oficial do Museu com as coleções distribuidas com critério científico.*
>
> *No entanto, em três anos, apenas, esgotaram-se as possibilidades de crescimento da instituição que caminhava em fase de crescente progresso com formação de biblioteca técnica, trabalhos de pesquisa de campo criação de serviços de taxidermia entregues a competente técnico estrangeiro sr. André Mayer, cuja perfeição e maestria no preparo dos exemplares muito contribuiu para o êxito das esposição das coleções zoológicas".*

É justamente a esse curto momento de restauração institucional que devemos o último surto de ampliação das coleções zoológicas, ocorrido entre 1965 e 1966.

No início dos anos 70, já aposentado, Mayer passou a se dedicar à cinofilia, criando cães da raça pastor alemão e destacando-se em concursos nacionais. Seu animal preferido era o "Califa de Oliva", premiado diversas vezes em torneios da Sociedade Cães Pastores Alemães do Paraná (SCPAP). Alguns desses eventos foram realizados na antiga Escola de Agronomia e Veterinária da UFPR no bairro do Juvevê (Curitiba), portanto, a poucas quadras de sua residência; também foi premiado em exposições realizadas em outros locais do Brasil, por exemplo, Porto Alegre (maio de 1971)[97].

---

[96] "Diario do Paraná" de 18 de setembro de 1966, 1° Caderno, página 9 sob "Museologia".
[97] Fonte: vários números do jornal Diário do Paraná, entre 1970 e 1971.

Até o fim dos anos 90, sua residência mantinha-se intacta, embora inabitada, na rua Manoel Pedro, 420 (bairro Cabral) [98], quase na esquina com a Avenida Paraná e contígua ao modesto e tradicional bar da dona Idalíria Ramos. Em meados da década de 90, quando sua casa foi demolida para a construção de um edifício, era possível encontrar fragmentos que indicavam sua atividade, em especial pedaços das caixinhas de papelão utilizadas para acondicionar as aves taxidermizadas do Museu Paranaense.

Embora ali mesmo ele tenha falecido, Mayer foi sepultado em Castro, na mesma colônia de Terra Nova que o recebeu quando chegou da Alemanha. Seu túmulo é compartilhado com o de sua esposa Emma, em cujas lápides constam: "*Hier Huht in Gott / Andreas Mayer / GEB 12 11 1907 / GEST 2 9 1986*" e "*Emma Mayer / 6 - 10 - 1897 / 2 - 1 - 1990*"[99].

Como afirmado anteriormente, a maior parte dos exemplares coletados por Mayer foi destinada ao Museu Paranaense, porém, pequenas séries de exemplares obtidas por ele podem ser encontradas em alguns museus dos EUA. Não parece claro que para lá fossem destinados por meio de permuta ou venda e sim a partir de iniciativa (talvez doação) do próprio Museu Paranaense. No entanto, não há nenhum sinal documental ou no atual acervo do Museu de História Natural Capão da Imbuia, de espécimes porventura trocados com museus estadunidenses. Assim, se houveram permutas é factível acreditar que o elemento de troca, pelos exemplares coletados por Mayer, pudessem ser títulos bibliográficos, mesmo assinaturas de revistas científicas, as quais existem efetivamente na biblioteca daquela instituição

---

[98] Mayer, que tinha titulo de eleitor de número 18.738 (TRE/PR), votava na "Escola de Veterinária" (hoje Setor de Ciências Agrárias da UFPR), portanto a cerca de quatro quadras de sua residência.

[99] Dados colhidos de visita a Terra Nova em 27 de abril de 2001 com A. Urben-Filho e P. Labiak.

curitibana. Isso faz bastante sentido se considerarmos que foi exatamente em 1940 que Loureiro Fernandes declarou como reformulada a biblioteca do Museu Paranaense, agora considerada “especializada” (Fernandes, 1941).

Uma coleção com 53 exemplares de aves, por exemplo, consta no acervo da *Academy of Natural Sciences of Philadelphia*, provenientes de Curitiba (Atuba e Mercês), Terra Nova, São José dos Pinhais, Campo Largo, rio Piquiri, rio Paraná, Fazenda Monte Alegre e Paranaguá e datados entre maio de 1939 e outubro de 1940. Esse material[100], inteiramente com indicação de “*Presented 1940*”, é tombado sequencialmente, compondo os lotes que vão dos espécimes ANSP-143213-143245, ANSP-144267-144294 e, por fim ANSP-146689-146704 e que se interpõem a coleções originárias da Venezuela (“*upper Orinoco*”), da Bolívia (“Santa Cruz”), Antilhas (“*St. Vicent*”) e miscelâneas coletadas nos EUA. Da mesma época constam pelo menos dois espécimes no *National Museum of Natural History* da *Smithsonian Institution* (Washington, DC) (NMHN-377203 e 377207), coletados ambos por Mayer em 1940, respectivamente em Curitiba e Terra Nova.

Algo realmente interessante alude ao espécime de *Antrostomus sericocaudatus* mencionado (porém não mais compondo o acervo, segundo N. Rice *in litt.*, 2010) para a coleção da ANSP por Meyer de Schauensee (1941:316): “♀; *Curytiba, southeastern Brazil, Feb. 28, 1940 (A.Meyer* [sic] *Coll.)*”. Essa documentação constitui-se do primeiro exemplar da espécie, apenas recentemente redescoberta no território paranaense, (Straube *et al.*, 2014).

Adicionalmente há de se ressaltar que no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo há diversos espécimes coletados por Mayer em vários locais do

---

[100] Informações enviadas em dezembro de 2010, por Nathan H. Rice, curador da coleção ornitológica do *Academy of Natural Sciences* da Filadélfia (ANSP).

Paraná[101]. Esse destino, ao contrário do ocorrido com outras instituições, deu-se como compensação pelo trabalho de identificação realizado por Olivério Pinto e Eurico Camargo quando certos exemplares de interesse para a instituição paulistana eram retidos e incorporados ao acervo (vide adiante em Rudolf Lange). Ao mesmo tempo, em pelo menos uma ocasião ocorreu permuta, quando o Museu Paranaense recebeu uma pequena série (MHNCI-1200 a 1207) obtida por vários coletores (Alphonso Olalla, Emílio Dente e o próprio Olivério Pinto) na década de 40 e proveniente do leste de São Paulo (p.ex. Boracéia, Fazenda Poço Grande, Rio Juquiá etc).

Não se pode omitir que Mayer também realizava comércio de espécimes em "postura natural" (expositiva), mesmo eventual com terceiros, particulares e provavelmente também com instituições de ensino. Isso ocorreu logo de sua chegada ao Brasil, mas se estendeu por muitos anos, inclusive quando já era funcionário do Museu Paranaense. Há diversos relatos, por exemplo, de exemplares preparados na década de 30-40 até hoje intactos em posse de particulares[102] e que certamente foram adquiridos por meio dessa atividade paralela.

Um caso curioso alude a algumas aves e mamíferos hoje mantidos pelo Museu Homem do Sambaqui "Padre João Alfredo Rohr" em Florianópolis, cujo acervo foi cuidadosamente revisado por Vieira (2014). Surpreende o fato de Mayer ter sido relacionado com coletas na capital

---

[101] *Penelope superciliaris* (MZUSP-42936), *Charadrius semipalmatus* (MZUSP-33990), *Pionopsitta pileata* (MZUSP-34257), *Dryocopus lineatus* (MZUSP-42160 e 42161), *Thamnophilus caerulescens* (MZUSP-33992, 33993, 34479), *Formicarius colma* (MZUSP-35399), *Sclerurus scansor* (MZUSP-35397), *Xiphocolaptes albicollis* (MZUSP-34258), *Xiphorhynchus fuscus* (MZUSP-35394), *Leptasthenura setaria* (MZUSP-33957), *Philydor aticapillus* (MZUSP-34478), *Cichlocolaptes leucophrus* (MZUSP-35397), *Automolus leucophthamus* (MZUSP-35398) (L. F. Silveira, *in litt*., 2016) e, ainda, um *Agelasticus cyanopus* mencionado por Pinto (1944:577) como procedente do Paraná ("Rio Paraná") "perm. Mus. Paranaense (1940)".

[102] Ricardo Pinto-da-Rocha *verb*., 2015.

catarinense e arredores (Itacorubi, Saco dos Limões, Trindade, Maciambu e Bom Retiro), nos anos de 1943, 1945, 1946 e 1949.

Exemplares de tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) e pica-pau-joão-velho (*Celeus flavescens*) coletados por Rodolpho Schutzenberger e preparados por Andreas Mayer, atualmente em posse de particular (Foto: Ricardo Pinto-da-Rocha).

Essa indicação, porém, parece aludir a ele como taxidermista e não propriamente como coletor, visto que em documento encartado por Vieira (2014:61), sua atribuição como tal é explicitamente mencionada, tal como outro preparador chamado "F. Giugliano", residente em Joinville. Observa-se que em certos espécimes desse acervo, Mayer é mencionado logo abaixo de outros nomes (como um nominado "José Elias", Silvio Calandrini, Amim Salum e o próprio padre Rohr) os quais devem ser os coletores e, assim Mayer teria apenas preparado o material. No caso de alguns mamíferos, Mayer aparece sozinho (p.ex. "Itacorobi ILHA", "1946") mas o espaço para o nome do coletor é grafado por um traço que sugere que seja desconhecido.

Dentre o material citado sobressaem duas araras-vermelhas (*Ara chloropterus*: MHS-0022 e 0023) e que têm como procedência “Vale do Paraná” porém sem indicação de data. Esses espécimes, que eu desconhecia quando de minha revisão (Straube, 2010) – e a julgar pela cronologia – foram capturados possivelmente em setembro de 1945 e talvez perto da foz do rio Ivaí, onde a espécie era abundante.

Não se sabe de Mayer esteve efetivamente em Florianópolis ou se preparou esse material em Curitiba, remetendo-o em seguida ao padre Rohr – incluindo as mencionadas araras, recém-coletadas no noroeste paranaense. Nessa época, a seção de Zoologia do Museu Paranaense era dirigida pelo padre Moure, que já contava com uma grande rede de colaboradores, alguns deles também religiosos que se dedicavam a várias áreas do conhecimento e educação (vide Carvalho, 2011:201)[103].

De uma forma geral, as viagens de Mayer eram empreendidas por ele próprio, sozinho ou eventualmente em companhia de seu vizinho e amigo Schüller, nesse caso, quando residia ainda em Castro. Em uma de suas expedições para o vale do rio Ivaí (*circa* 1945), por exemplo, ambos demoraram-se vários meses, em busca de aves e mamíferos daquelas que eram regiões absolutamente inóspitas. Conta-se que certa vez ao retornar para casa, os dois expedicionários quase que não foram reconhecidos pelos familiares e amigos, pela aparência maltrapilha e avançado comprimento de suas barbas... (Wilhelm Schüller *filius*, com. pess., 1991).

Ao que tudo indica, o diretor do Museu Paranaense também incluía Mayer nas viagens oficiais de pesquisa e coleta de material biológico, antes mesmo de sua

[103] É muito provável que Moure tivesse contato também com o padre João Alfredo Rohr (1908-1984), fundador do Museu do Homem do Sambaqui e atualmente reverenciado, no Sul do Brasil, por suas contribuições à Arqueologia, campo em que o Museu Paranaense era internacionalmente reconhecido.

contratação, motivo que explicaria suas coletas datadas do período entre 1936 e 1943. Isso aconteceu inclusive com relação aos pioneiros exemplares de crustáceos chegados à instituição em 1942, quando sabidamente participou da primeira expedição feita ao litoral do Paraná pela entidade (Corrêa & Silva, 1995).

Algo importante a ser considerado em pesquisas futuras seria uma revisão cuidadosa dos itinerários percorridos por Mayer, quando de suas inúmeras viagens pelo interior do Paraná. As comuns menções a localidade de coleta muito amplas (p.ex. "Vale do Ivaí" ou "Rio Paraná") dificultam o estudo, embora possam ser esclarecidas pelo exame de documentos complementares em acervos históricos ainda não consultados.

Um exemplo enigmático alude à localidade de "Caviúna", hoje Rolândia, cuja denominação foi alterada pela política de eliminação de topônimos germânicos, fato que se estendeu desde sua emancipação como município constituído, em dezembro de 1943, até outubro de 1947. São dali os síntipos do escorpião *Bothriurus illudens*, descrito por Cândido de Mello Leitão em 1947 e coletados por Mayer em julho de 1945 (Pinto-da-Rocha & Caron, 1989).

Essa estada, em um ponto tão específico, sem uma conexão mais óbvia com outras localidades de coleta e, ainda, sem colecionamento de nenhum outro espécime de outros grupos, traz uma dúvida: Por que Mayer teria visitado Rolândia nos momentos finais da Segunda Grande Guerra (e dos mandatos de Vargas e de Manoel Ribas) e, também, por que razão teria de lá trazido somente alguns exemplares de escorpiões? Teria ele algum parente ou amigo sob perseguição ali residindo? Haveria alguma conexão com o botânico Günther Tessmann (contratado como naturalista do Museu Paranaense em 1947; vide adiante) que residiu em

Rolândia entre 1937 e 1941 e planejava fundar uma estação biológica na região de Cianorte?

Há de se mencionar inicialmente Priori & Ipólito (2015) que, em excelente estudo, mencionam a intensificação das atividades das delegacias de ordem política (DOPS) entre os anos de 1941 e 1945, pela vigilância, controle e repressão contra manifestações e ideias que não se coadunavam com o discurso oficial do Estado Novo:

> *"No período da Segunda Guerra Mundial, os alemães que viviam no Brasil eram vistos como a maior ameaça à segurança da nação, por sua forte ligação com a Alemanha e a disponibilidade de colaborar com o regime nazista.*
>
> *Todos os germânicos, sem exceção, eram identificados como suspeitos de espionagem ou de propaganda em favor do Terceiro Reich. Os locais de maior concentração de alemães se tornaram alvos de grande atenção do DOPS. Entre os ambientes de vigilância, inclui-se a cidade de Rolândia, no Norte do Paraná, a qual contou com forte influência da cultura alemã, principalmente no que se refere à preservação de seus hábitos, costumes, língua e valores. Considerando-se esse aspecto, não surpreende a intensa atuação do DOPS nessa cidade, fato que pode ser verificado pelo volume considerável de documentos referentes à Rolândia conservados no Departamento de Arquivo Público (DEAP), em Curitiba (PR)* [...]*".*

Nesse sentido, e desde o início da Segunda Grande Guerra, estrangeiros oriundos dos países do Eixo, passaram

a ser seriamente perseguidos e cerceados de vários direitos, como "*dirigir estabelecimento de ensino; exercer profissões liberais; gerir empresas concessionárias de serviços públicos; obter concessão de minas ou quedas d'água, ou participar de sociedades para esse fim;* ***possuir arma*** [o grifo é meu] *ou comandar navios nacionais*", entre outras que pudessem ameaçar o interesse nacional (Schwartzman, 1983 *apud*. Priori & Ipólito, 2015).

Essas proibições (formalizadas pela chamada Portaria n° 30, de abril de 1941) vinham, na realidade, de há alguns anos atrás e o porte de arma, indispensável ao trabalho de Mayer, passou a ser um empecilho importante para suas atividades. Não surpreende, portanto, que mesmo antes de ser oficializado como funcionário do Museu Paranaense, ele tenha solicitado a Loureiro Fernandes, e já em 12 de novembro de 1939, uma carta de recomendação (*ein Attesto*) para apresentar à polícia caso fosse surpreendido e interpelado durante uma viagem feita ao rio Paraná, no ano seguinte (Ardigó, 2011).

A situação parece ter se complicado ainda mais a julgar o que relatam Priori & Ipólito (2015): "*Em abril de 1941, a proibição do porte de armas aos estrangeiros não estabelecia exceções, fazendo com que muitos sofressem os efeitos dessa restrição*". Estavam todos os imigrantes proibidos de portar armas e, assim, conclui-se que Mayer realizava seu trabalho ilegalmente mesmo estando a serviço do Museu Paranaense de cujo quadro – para complicar – ainda não fazia parte. Essa contravenção, porém, era rapidamente explicada junto aos órgãos competentes, embora trouxesse constantes dissabores. "*Em várias ocasiões, delegados e chefes de polícia do interior escreveram para Fernandes solicitando a confirmação sobre a vinculação de Mayer ao Museu, ainda que o taxidermista levasse sempre consigo uma permissão de caça*

assinada pelo chefe de polícia de Curitiba" (Ardigó, 2011:126).

Em 1943, com sua contratação, a condição deve ter se alterado, haja vista que a partir de então, Mayer teria o aval institucional necessário para transportar e usar as suas armas de fogo, apesar de vigorarem ainda as normas restritivas. É provavelmente daí que vem a explicação de sua viagem, uma vez que teria partido do próprio delegado regional de Rolândia uma solicitação a Ribas, oficializada no ano anterior:

> "*a permissão para conceder armamento de defesa para sitiantes alemães que julgar fora de suspeita, pois a partir da proibição dos imigrantes de países do Eixo portar armas de fogo – Portaria n° 30 –, muitos sítios e fazendas ficaram vulneráveis a ataques e assaltos. Muitas propriedades de alemães haviam sido roubadas e alguns lavradores foram mortos por não terem como se defender. Julgando o efetivo muito diminuto para dar conta de tantas fazendas espalhadas por uma área potencialmente coberta por mata virgem, o delegado solicita a permissão de armar alguns fazendeiros, reiterando que a maioria dos alemães que vive em Rolândia são vítimas do hitlerismo, antinazistas, fiéis católicos ou de origem judaica* (Pereira, 2010)".

De acordo com esse mesmo autor, "*...Muitos relatórios contemplam essas perspectivas diferenciadas, nas quais existem solicitações de imigrantes para viajar, para retornar à faixa litorânea, em suma, para dar continuidade aos seus trabalhos e ao sustento de suas famílias*".

Ardigó (2011) vai adiante, destacando que as restrições impostas ao imigrantes passaram a acarretar uma ameaça direta ao desenvolvimento científico nacional. Afinal, entre os milhares de imigrantes, estavam

pesquisadores amadores e entusiastas das ciências que realizavam suas atividades sob clima de suspeição. "*Por exemplo, naturalistas precisavam abater animais para estudo e para isso usavam armas de caça.* [...] *No entanto, ao combinar contatos políticos, interesses científicos e uma promissora reforma institucional, o Museu Paranaense conseguiria não só lidar com esses obstáculos, mas revertê-los a seu favor*" (Ardigó, 2011:121)[104].

Considerando as datas, Mayer esteve em Caviúna em julho de 1945 e já no mês seguinte consta sua permanência no vale do Ivaí. Então, provavelmente Mayer visitou essa cidade quando de sua passagem. Esse itinerário, todavia, é um pouco discordante dos trajetos triviais de época. Afinal, os guias rodoviários de época (p. ex. "Guia Turístico Rodoviário" de 1950) mostravam apenas um caminho para o noroeste do estado a partir de Curitiba, via Campo Mourão. Se Mayer passou antes por Rolândia e, em seguida, rumou ao vale do Ivaí, ele necessitaria ter retornado até aproximadamente a Ponta Grossa, em um percurso bastante improvável. Uma hipótese alternativa poderia ser o adentramento pelo "sertão" a partir do Norte Novo o que o levaria ao médio Ivaí, mais ou menos na região de Vila Rica (hoje Fênix). Esse caminho, porém, exigiria que investisse pelas florestas estacionais ainda densas e despovoadas daquela região, seguindo de Rolândia para Apucarana e, de lá, rumo ao Ivaí. É, sem dúvida, algo a ser desvendado futuramente.

Já no ano seguinte de 1946, Mayer participou de uma "misteriosa" viagem para a vila de Açungui, na região da Serra Negra (Guaraqueçaba). Um dos objetivos dessa expedição, cujos detalhes são narrados em Straube

[104] Pode-se dizer o mesmo de Reinhard Maack que, por ter maior visibilidade, além de afeito a estudos "suspeitos" como a cartografia, acabou preso e liberado apenas por intervenção de Loureiro Fernandes que, passando a servir como um tipo de responsável pelo geólogo, ainda acabou mantendo-o como pesquisador do Museu.

(2013:77-79), seria a busca por um pequeno primata, supostamente uma espécie nova do gênero *Callithrix*. Esse local era emblemático para Mayer, uma vez que bem perto dali havia sido estabelecida uma colônia alemã em 1916, destruída por ocasião da Segunda Grande Guerra em 1942.

Sobre as coletas de Mayer como um todo, observa-se que de uma maneira geral, os mais de 2.500 exemplares de aves colecionados por Andreas Mayer e hoje mantidos no Museu de História Natural Capão da Imbuia, parecem um legado pouco expressivo se comparado com a contribuição de outros naturalistas viajantes. Entretanto, em seus mais de 20 anos de trabalho, obtendo espécimens em sua maioria oriundos do ainda desconhecido interior do Paraná, essa cifra passa a ser superlativa se considerarmos as condições reinantes na época e o caráter sumamente regional de suas atividades.

O grande mote da contribuição de Mayer é o fato de que muitas das espécies obtidas, algumas delas compondo séries significativas, tornaram-se extremamente raras ou simplesmente não mais foram localizadas no estado do Paraná em pesquisas recentes, tratando-se de extinções locais. Casos que poderiam ser lembrados são o da anhuma (*Anhima cornuta*), a jacutinga (*Aburria jacutinga*), a arara-vermelha (*Ara chloropterus*), o maracanã (*Primolius maracana*), o dançador (*Piprites pileata*), o japuguaçu (*Psarocolius decumanus*) e vários outros, que contam com diversos exemplares capturados quando de sua atividade como coletor e preparador. Possivelmente a amostra mais importante de todo o seu trabalho com aves sejam os dois espécimes de *Ibycter americanus*, trazidos do rio Ivaí em julho de 1951. Essa espécie, extremamente rara na Mata Atlântica, é tida como extinta no Paraná e foi apenas por intervenção de Mayer que se pôde considerá-la na avifauna estadual (Straube & Bornschein, 1989; Straube *et al*., 2004).

Exemplares de *Ibycter americanus,* espécie hoje extinta no Paraná, e parte dos espécimes de *Aburria jacutinga* coletados por Mayer no Paraná (Fotos: F. C. Straube, 20 de outubro de 2020).

Outro detalhe valioso para um traçado de seu perfil é que seu legado não se restringiu a espécies de um determinado tamanho ou outro, de um ambiente ou outro. Mayer colecionava com o mesmo interesse e dedicação, as aves grandes e pequenas, fossem elas habitantes das matas, dos campos ou mesmo dos brejos e banhados.

Para isso usava uma espingarda de caça de três canos, sendo dois do tipo "espalha-chumbo" e o outro, de projétil único, calibre 45; tratava-se da popular *drilling*, restrita aos caçadores europeus, principalmente da Alemanha. Os dois primeiros canos, um deles tipo *cylinder* (com diâmetro anterior e posterior iguais), outro *choke* (com diâmetro posterior menor, favorecendo a concentração do chumbo), eram usados para animais de pequeno a médio porte, para os quais dosava cuidadosamente a quantidade de

pólvora e o tamanho das esferas de chumbo. Tal procedimento facilitava seu deslocamento por entre as ramagens, tendo um único objeto nas mãos, com um máximo de chance de flagrar os mais variados tipos de organismos.

Não bastasse a importante contribuição ao conhecimento ornitológico no Paraná, suas peças, tanto artísticas quanto seriadas para estudos, são de uma perfeição pouco comum. Nas palavras de Paulo Sawaya[105], "*O snr. A. Mayer é realmente um artista que sabe dar vida aos exemplares por êle capturados nas florestas paranaense e preparados com o máximo esméro no Museu. O conjuntos por êle modelados são admiraveis no equilibrio, na expressividade e na harmonia*".

Partidário de uma rígida escola germânica de taxidermia na qual teria se formado[106], Mayer era detentor de técnica única, ilustrada pela completa ausência de detritos que maculassem os espécimes e pelo absoluto primor com que ajeitava a plumagem. Raros, ainda, são os exemplares que apresentam couro exposto pela queda das penas, indicando não apenas um capricho indiscutível mas, principalmente, o uso de conservantes poderosíssimos.

Sobre isso, uma antiga auxiliar (Neusa Gonçalves Correia, 1983, *verb*.) confidenciou-nos, resumidamente, os procedimentos para conservação das peles: o epitélio era

---

[105] Matéria assinada, no jornal "O Dia", edição n° 6087 de 13 de junho de 1943, p.3.

[106] Ardigó (2011:125) menciona que Mayer estudou "*na Escola de Taxidermia de Ausburg* (*sic*)". Infelizmente nada pude apurar sobre a existência de um estabelecimento de ensino desse tipo na cidade bávara de Augsburg (terra natal de Johann Moritz Rugendas, desenhista da Expedição Langsdorff); esse treinamento poderia, então, ter sido realizado no *Naturmuseum Augsburg*, fundado em 1856 e contendo ricas coleções de História Natural, por muito tempo considerado o maior acervo da Bavária. Georg Feuderer (*in litt*., 2019), do *Augsburg Stadtarchiv*, afirma que Mayer nunca foi um funcionário público de Augsburg e, além disso, desconhece a existência de uma escola de taxidermia, assim como não pôde localizar nenhum indício a respeito de uma profissão de "preparador" no âmbito público. Há, ainda a possibilidade dele ter sido instruído na taxidermia em algum estabelecimento de Zurich (Suíça), onde residiu.

cuidadosamente envenenado com pasta arseniacal líquida e, anualmente, o couro submetido a pinceladas generosas de um conservante à base de para-diclorobenzeno (1,4-Diclorobenzeno, ou PDB) e álcool etílico. Essa técnica, tradicionalmente realizada até os dias de hoje no Museu de História Natural Capão da Imbuia, permitiu que quase a totalidade de seus espécimes fossem mantidos íntegros, sem sinais de infestação por insetos ou fungos.

Mayer fazia coleções seriadas e esse cuidado permite o exame de variações de plumagem, como no caso da gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*). Graças ao seu trabalho, esse acervo é considerado um dos mais ricos dessa espécie em todo o mundo (Foto: F. C. Straube, 19 de outubro de 2020).

Estilo de preparação parecido ao de Mayer, não se encontra em nenhum outro museu brasileiro. O molde interno do corpo, firmemente tecido com palha enrolada por arame ou cordão, tinha um eixo de arame grosso que lhe atravessava o crânio e sua ponta era dobrada à guisa de gancho de guarda-chuva, para secagem. Depois de pronta, a pele parece cilíndrica, sem o achatamento dorsal

característico e respeitando as proporções do animal quando vivo.

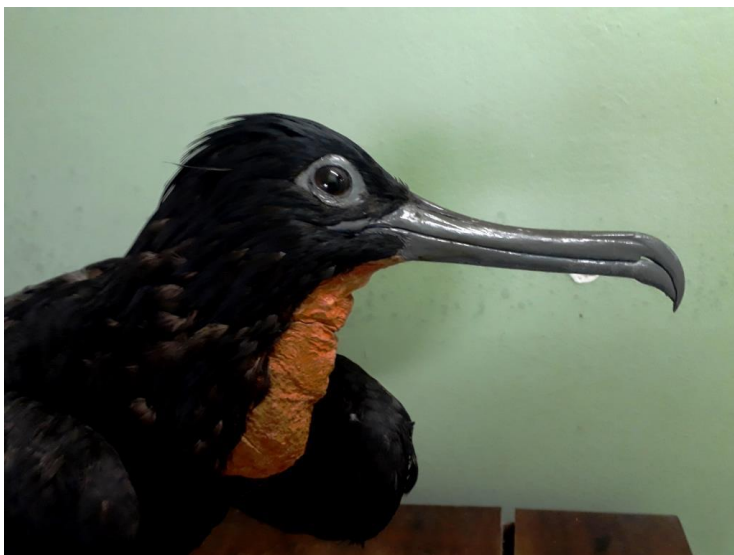
Dois detalhes importantes para o reconhecimento do estilo próprio de taxidermia adotado por Andreas Mayer. À esquerda um gavião-pato (*Spizaetus melanoleucus*) mostrando o ponto onde era introduzido um arame para pendurar o exemplar para a secagem do tipo "guarda-chuva"; à esquerda um japuguaçu (*Psarocolius decumanus*) e o formato cilíndrico característico (Fotos: F. C. Straube em 19 de outubro de 2020)

Há, porém, três "defeitos" no seu estilo de preparação que merecem menção para o reconhecimento: 1. o algodão das órbitas não era exteriorizado dificultando o exame do anel ocular; 2. as asas eram fixadas com excesso de firmeza, dificultando a tomada de medidas; 3. há pouco cuidado com os pés, muitas vezes expondo as unhas e causando alguns problemas como o engate na plumagem de outros espécimes e mesmo nos rótulos. Além disso, o formato resultante merece cuidado especial pois, por ser cilíndrico, exige imobilização das peles, as quais podem rolar quando as gavetas são abertas.

Alguns exemplos de aves colecionadas por Mayer no Paraná e adjacências, todas hoje conservadas na coleção seriada do Museu de História Natural Capão da Imbuia, em Curitiba. De cima para baixo, da esquerda para a direita: *Cochlearius cochlearius, Psarocolius decumanus, Pyroderus scutatus* e *Crax fasciolata* (Fotos: F. C. Straube, 20 de outubro de 2020).

É de se mencionar que, para o preenchimento de alguns exemplares mais frágeis, utilizava musgos colhidos na mata, enrolado por um cordão e obedecendo a forma original do animal. Essa técnica, embora pareça estranha (mas a lógica é bem conhecida dos curadores de herbários), baseia-se no fato de que as briófitas contêm substâncias antifúngicas e, mesmo colhidas *in natura*, não causam nenhum problema à pele recém-preparada.

Ictinia plumbea **do acervo expositivo do MHNCI, mostrando a qualidade artística de preparação fixada ao típico pedestal esculpido com gesso e detalhes da preparação: olhos de vidro com cores reais e partes nuas pintadas com a coloração idêntica à da ave viva (Fotos: F. C. Straube, 19 de outubro de 2020).**

Adicionalmente, é impossível deixar de mencionar o material expositivo, também artisticamente trabalhado, cuja perfeição na montagem deveu-se especialmente às suas rigorosas e demoradas observações dos animais vivos. Mayer preparava esboços dos animais em observações feitas na natureza ou em visitas a zoológicos. Analisava cuidadosamente os animais de cativeiro, munido dos olhos de vidro, comparando cores e tamanhos até que chegasse ao que lhe parecia mais semelhante[107].

Um macho de *Fregata magnificens* do acervo expositivo do MHNCI, para o qual o preparador buscou reproduzir a cor das partes nuas, inclusive do saco gular (Fotos: F. C. Straube, 19 de outubro de 2020).

Das peças, compunha ele próprio os pedestais, moldando-os em gesso envenenado, suportado por palha enrolada por arame ou cordão de algodão, algumas vezes

---

[107] Informação pessoal de Francisco Cominese-Filho (*in litt*., 2014), que o auxiliou diversas vezes nesse trabalho.

anotando à lápis na face inferior: "AM". Informação como essa, permitiu-nos resgatar a data de coleta do raro *Eleothreptus anomalus* (Straube, 1990), antes exposto na coleção didática e, por nossa iniciativa, desmontado e transferido para o acervo científico.

Mayer usava seu tempo como funcionário do Museu preparando peles, moldando e pintando pedestais, misturando conservantes e realizando outras tarefas próprias de um preparador caprichoso. Costumava, segundo contam ex-funcionários da instituição, permanecer trancado em seu laboratório, cuja porta era raramente aberta, exceto por uma pequena fresta, para apanhar o cafezinho servido pelas serventes que sempre dirigiam um olhar esquivo de curiosidade, antes de receber um "obrigado" com um sotaque alemão carregado.

"Família" de *Syrigma sibilatrix* e o cuidado com as cores; no detalhe, as faces do indivíduo jovem que compõe a peça (Fotos: F. C. Straube, 19 de outubro de 2020).

Sua brilhante e produtiva participação em excursões científicas do Museu Paranaense foram amplamente

reconhecidas em todo o Brasil. Olivério Pinto, Eurico Camargo (ambos do antigo Museu Paulista), Helmut Sick (na época funcionário da Fundação Brasil Central) e Fernando da Costa Novaes (Museu Paraense Emílio Goeldi), foram alguns dos que analisaram ou simplesmente identificaram seus espécimes. Um pequeno acervo de ectoparasitos obtidos na região de Guaraqueçaba em 1944, colhidos dos exemplares e conservados em álcool, foi aproveitado por Lindolpho Guimarães (Guimarães, 1945) e fundamenta um dos primeiros estudos publicados sobre ectoparasitas de aves e mamíferos no Brasil.

Não há como deixar de mencionar a sua participação na coleta de espécimes de aves nos arredores da Serra dos Dourados, associada à expedição liderada por José Loureiro Fernandes e Vladimír Kozák e que foi a responsável pela descoberta dos índios Xetá, na década de 50 (Kozák *et al.*, 1979, 1981). Também participou de expedições pela Seção de Antropologia da Universidade Federal do Paraná nas quais, surpreendentemente, não coletou nenhum material ornitológico (*e.g.* Estirão Comprido[108], nas nascentes do rio Ivaí em dezembro de 1951, *apud.* Fernandes & Blasi, 1956).

Consta que por alguns meses de 1959, Mayer também colaborou com o Museu Nacional (Rio de Janeiro), provavelmente orientando funcionários de lá quanto à sua arte de taxidermia; isso é tratado no Relatório para 1959 da entidade (Carvalho, 1960:90):

---

[108] Esse sítio arqueológico, de grande importância, mereceria estudos profundos o que diz respeito à presença de elementos ósseos de mamíferos e talvez aves. Descoberto em 1951 por Arthur Barthelmess, Oldemar Blasi e Aryon Dall'Igna Rodrigues, foi pesquisado nos anos 50 por esses mesmos, além de José Loureiro Fernandes e Fernando Altenfelder Silva. Sugere-se que existam ali testemunhos de espécies animais já extintas com um fragmento "*identificado como pertencente a um mamífero de uma espécie afim da atual cotia, mas dada como extinta no País há mais de trezentos anos*." (Barthelmess, 1953; Silva & Blaasi, 1954; Fernandes & Blasi, 1956; Silva, 1959; Blasi, 1967; Barthelmess, 2005).

*"**6.5 - SERVIÇO DE TAXIDERMIA (S.T.)***

Sob a chefia do dermoplasta CARL MIELKE[109] *e dos auxiliares BRAULIO DOS PRAZERES e EDILSON SOARES o, S.T. trabalhou ativamente em 1959, prestando relevante assistência à organização das novas exposições de Zoologia. Colaboraram com o Serviço durante alguns meses os taxidermistas ANDRÉ MAYER do Museu Paranaense de História Natural e ANTONIO ALDRIGHI do Serviço de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura".*

Nesse mesmo ano de 1959, durante um mês a partir do início de junho, foi também cedido pelo Instituto de História Natural para colaboração com "serviços técnicos de museologia" [110] nas primeiras exposições do Museu de Arqueologia e Artes Populares em Paranaguá. O mesmo ocorreria novamente em julho de 1961 e maio de 1962 [111].

O trabalho de Mayer também se destacou pela representatividade geográfica. Isso porque ele se deslocou por quase todas as paisagens naturais do Paraná, em suas expedições levadas quase sempre na mais completa solidão.

[109] Pai do entomólogo Olaf H. H. Mielke, uma das maiores autoridades brasileiras em lepidópteros.

[110] "*Serviços técnicos de museologia durante a montagem da sala de tecnologia indígena do Museu de Arqueologia, Artes e Tradições Populares* (sic)", segundo documento MAE III.001.216.003. Também contribuiu com restaurações diversas em certas peças arqueológicas do referido acervo (vide Simões *et al*. orgs,. 2019).

[111] Acervo documental do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (vide Simões *et al*. orgs,. 2019).

Rara imagem das pesquisas no sítio aarqueológico do Estirão Comprido, em 29 de dezembro de 1951. Segundo a fonte (Chmyz, 2006) estão, "*Na superfície: Oldemar Blasi (agachado), Arthur Barthelmess e Roberto Cellarius. No corte: Aryon Dall'Igna Rodrigues (Chapéu de palha), Loureiro Fernandes e André Meyer* [sic] ***(Acervo do CEPA)*".**

Algumas vezes acompanhava-o seu filho **EDMUNDO MAYER**, cujas pretensões pela Ornitologia foram abortadas por ser daltônico[112]. Diz-se, ainda (o que foi endossado por amigos pessoais de Mayer), que o falecimento prematuro

[112] Edmundo, cuja biografia desconheço (sendo brasileiro, deve ter nascido entre os meados dos anos 30 e o início dos anos 40), era desportista, atuando como halterofilista. Também cursava Filosofia no fim dos anos 50 (jornal Diario do Paraná de 20 de agosto de 1957, 3° Caderno, p. 7). Em 1957 ele foi posto à disposição da Secretaria de Agricultura para prestar serviços no Instituto de História Natural e, em 1962, foi oficializado no cargo técnico de "Preparador de museu", na mesma designação que a botânica Luiza T. D. Dombrowski (*vide* Straube & Labiak, 2014) (Diário do Paraná, 9 de maio de 1957 sob "Atos do Executivo" e 16 de outubro de 1962 sob: "Enquadramento prossegue em ritmo acelerado").

desse filho seria um dos motivos de uma depressão profunda pela qual passou, que o fez abandonar de vez a prática da taxidermia e o gosto pela natureza. Alguns exemplares guardados no Museu de História Natural Capão da Imbuia (Curitiba) levam, como coletor, "E. Mayer", frequentemente tido como erro de caligrafia mas que foram realmente capturados pelo filho do grande naturalista.

Aparte indispensável alude aos primeiros anos de Edmundo como preparador de peles, atividade que praticava nos fundos da Igreja do Cabral em Curitiba – a uma quadra da residência de ambos – onde havia um acervo de exemplares de diversas procedências, em parte da Amazônia, em parte autenticamente paranaenses [113]. Nenhum desses espécimes, que foram resgatados nos anos 90 por Francisco Cominese Filho, estavam acompanhados de dados precisos e, do acervo encaminhado ao Museu de História Natural, parte foi restaurada e aproveitada na exposição e parte foi incinerada (F. Cominese-Filho, *in litt*. 2018).

De fato, dentre as regiões visitadas pelo biografado, destacam-se algumas extremamente importantes para o conhecimento da distribuição geográfica da avifauna local, por encontrarem-se atualmente quase que completamente descaracterizadas de sua fisionomia original. Áreas geográficas especialmente amostradas foram o noroeste (vale dos rios Paraná e Ivaí), as terras baixas do litoral-sul (vale do rio Cubatão) e norte (região de Guaraqueçaba e estuários da baía de Paranaguá), e vários pontos planálticos como os arredores das cidades de Castro, Palmas[114] e Ponta Grossa.

---

[113] O destaque desse acervo é um exemplar de *Antrostomus sericocaudatus*, que foi enviado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro (vide Straube *et al*., 2014:229).

[114] Sobre a localidade "Posto Indígena", não localizada em Straube *et al*. (2006), recentemente encontrei informações adicionais definitivas. Mayer visitara a mesma localidade que Rosário F. M. Guérios para seu estudo com os índios kaingangues (ver

Alguns exemplos da arte de Andreas Mayer com aves preparadas para a exposição. De cima para baixo, da esquerda para a direita: *Anhima cornuta, Nyctibius aethereus, Campephilus robustus, Megaceryle torquata* e *Nystalus chacuru* (Fotos: F. C. Straube, 19 de outubro de 2020).

Guérios, 1942). Ali o linguista afirma que o tal posto indígena situa-se no "*Toldo do rio das Lontras, alguns quilómetros longe da cidade de Palmas"*.

ANEXO 1

ANDREAS MAYER: expedição ao oeste do Paraná (1940) na mídia curitibana

Poucos mais de um ano após ter chegado definitivamente a Curitiba, Andreas Mayer realiza uma extensa viagem de três meses, entre julho e outubro de 1940, para a região oeste e noroeste do Paraná. Considerada a primeira expedição científica do Museu Paranaense depois de sua reorganização, a expedição mereceu destaque pela mídia curitibana. Haja vista os razoáveis detalhes apresentados pela imprensa, reproduzo e transcrevo aqui as duas matérias que foram publicadas a respeito. Graças a isso é provável que uma série de exemplares hoje depositadas no Museu de História Natural Capão da Imbuia, possam ter finalmente resgatadas as suas informações de data, as quais faltam nos registros da instituição.

A primeira notícia refere-se à saída, rumo a Guarapuava, depois Foz do Iguaçu e dali seguindo pelo vale do rio Paraná, provavelmente até a foz do Piquiri, na região de Guaíra.

RUMOU PARA O OESTE UMA EXPEDIÇÃO DO MUSEU PARANAENSE

E' a Primeira que organisada cientificamente penetra o Interior para coleta de material para aquela instituição

O Museu Paranaense, reorganisado segundo em tempos o noticiario por nós divulgado, funciona hoje em bases cientificas, orientado por um Conselho de tecnicos de suas diversas seções especializadas.

E conta com um serviço que nunca existiu entre nós com o seu aparelhamento atual, o de taxidermia a cargo de um habil profissional.

Este, em diversas excursões pelo interior, já coligiu valiosos exemplares de nossa flora, incorporados ás coleções do Museu.

Mas era mister sistematizar a coleta. E isto vem sendo feito. Primeiro tratou-se de compor o aparelhamento para as incursões da secção de taxidermia. E adquiriram-se barracas, caixas com preparados quimicos, etc. Assim mobilizados esses elementos, foi traçado o roteiro da primeira expedição cientifica daquele genero do Museu. Ela foi confiada pelo taxidermista André Meyer e seguiu para o Oeste. Visa Guarapuava, Foz do Iguaçu', e toda a nossa margem esquerda do rio Paraná.

Ingressando num sertão pouco explorado, por assim dizer virgem, ela encontrará um mundo riquissimo em mamiferos, aves, insetos, notadamente borboletas. E poderá colher copioso material para os trabalhos de laboratorio.

A expedição conta com o auxilio da Empreza Mate Laranjeira, que prometeu tudo fazer em prol da facil execução da tarefa do snr. Mayer e seu companheiro de viagem e pesquisas.

Durará cerca de dois meses.

Pode-se prever quanto vão lucrar as coleções do Museu com o resultado dessa penetração no oeste paranaciano de uma empresa com o fito exclusivo de reunir material para enriquecer aquela nossa tradicional instituição educativa.

Matéria noticiando a saída de Mayer rumo ao oeste do Paraná, para coletas de animais ao Museu Paranaense (Fonte: Diario da Tarde, Curitiba, edição de 3 de julho de 1940, disponível no acervo do CFEACB).

Passados três meses, aparece outra matéria, agora de primeira página[115] e com riqueza de detalhes, inclusive uma foto, descrevendo toda a viagem e outras ricas informações.

Declarações do professor Agache ao Diario

UMA GRANDE OBRA SÓ PODERA TER BOM EXITO, COM COLABORAÇÃO. — ELOGIO AOS TECNICOS CURITIBANOS. — AS SUGESTÕES DO "DIARIO" FORAM RECEBIDAS COM SATISFAÇÃO

ANO 42 — Curitiba, Sabado, 5 de Outubro de 1940 — N.º 13.733

1.ª DIARIO DA TARDE

As expedições do Museu Paranaense

REGRESSOU A QUE FOI AO OESTE CHEFIADA POR UM TAXIDERMISTA, TRAZENDO 163 PEÇAS, MUITAS DAS QUAIS ANIMAIS JA' MUITO RAROS

O PAPA E A INFLUENCIA COMUNISTA

COLUNA EVANGELICA

JORACY CAMARGO, A SUA OBRA E SEUS DETRATORES

(Marie des Bijoux — Maria Cachucha)

DR. RODOLPHO PACIORNIK

Farmacias de Plantão

ESTARÃO AMANHÃ E DURANTE A SEMANA AS SEGUINTES:

INTERNACIONAL — COLOMBO — SÃO SEBASTIÃO

Primeira página do Diário da Tarde (edição n° 13733, de 5 de outubro de 1940, p.1.). com o destaque para a matéria "As Expedições do Museu Paranaense".

[115] Diário da Tarde, edição n° 13733, de 5 de outubro de 1940, p.1.

“AS EXPEDIÇÕES DO MUSEU PARANAENSE

Regressou a que foi ao oeste chefiada por um taxidermista, trazendo 163 peças, muitas das quais animais já muito raros.

Há tempos, DIARIO DA TARDE anunciou a partida da primeira expedição científica do Museu Paranaense para o oeste em busca de material zoologico para suas coleções. Essa comissão era chefiada pelo sr. ndré Meyer, taxidermista do Museu Paranaense. E por essas regiões demorar-se-ia perto de três meses, varejando as florestas e perlustrando praias e margens dos rios da bacia parananiana.

Temos a noticir agora aos nossos leitores o regresso da comitiva, traendo os resultados de sua coleta.

Perto de 150 peças zoologicas

A expedição do sr. Meyer, chegando a Foz do Iguaçú, se pôz em contato com as autoridades locais e a seguir com os elemeentos da Companhia Mate Laranjeira, não perdendo tempo para entrar em atividade.

Agindo com método e tendo levado o material indispensavel ao seu delicado trabalho, ela iniciou suas operações.

Destas resultou a consecução de 163 peças, sendo 28 peles de animais, 125 aves, 3 peles de lagartos e 7 reptis, entre os quais varias sucuris de avultado tamanho.

entre os lagartos, figura um possante jacaré d 3 metros de comprimento, morto na beira do caudaloso Paraná.

Ha ali maiores, mas as dificuldades para apanha-los são grandes.

Algumas raridades

O professor Meyer coneguiu obter com muito custo alguns exemplares raros.

Entre eles podemos registrar o Yumá, que os guaranis denominam Ja-Han, ave corpulenta que vive á beira do rio e possue a particularidade de ter na cabeça e nas asas esporões muito contundentes.

Ele pegou tambem uma aguia de que nosso Museu não tinha similar.

Entre os macacos obteve um chamado branco, que se distingue dos demais pelo colorido de sua pele diferente da de seus parentes.

A Diretoria do museu já tem um novo armario, em que exibirá os novos exemplares dessa especie trepados numa arvore, como numa floresta e agurpados.

foram pegado tambem varios casais de surucuá, avesita de um colorido furtacor admiravel, impressionante mesmo por sua beleza.

Quando serão integrados nas secções os novos exemplares

Os leitores já sabem que o Museu Paranaense possue hoje sua secção de taxidermia onde se preparam peles e animais para as coleções daquele estabelecimento.

Ela está a cargo do sr. Ernesto Meyer, especialista de grande reputação, probidade e competencia.

Sua habilidade é notavel, trabalhando ele de tal maneira que como que revive o animal.

Tendo arranjado cerca de 170 peças, vai ele prepara-las, serviço este feito pacientemente e que no caso em apreço, durará perto de seis meses.

Mas o nosso Museu ficará definitivamente enriquecido de exemplares de um calor cientifico indiscutivel.

Foto que ilustra a matéria com chamada "As Expedições do Museu Paranaense", contendo a seguinte legenda: "O cliché mostra o nosso diretor com um lindo yamá nas mãos, e o sr. Meyer com outras aves. No solo, o couro de um jacaré de três metros" (Fonte: Diário da Tarde, edição n° 13733, de 5 de outubro de 1940, p.1.).

O conceito do Museu Paranaense lá fora

Mercê da reorganização por que o Museu Paranaense passou, ele está cada vez mais se impondo á admiração e respeito do nosso povo e dos círculos culturais do país.

Como não temos ainda um ornitologista para classificação de nossa fauna plumea, as peças são remetidas para São Paulo, onde as examina depois de as selecionar o professor Oliveira Pinto, que já significou á direção da nossa instituição ser esta a unica que remete habitualmente material em condições adequadas para classificação

Novas ampliações do predio

O Governo tem na pessoa do sr. Interventor Manoel Ribas e secretarios Lcerda Pinto e Angelo Lopes sido de ininterrupto zelo para com o Museu.

Tanto assim que varios melhoramentos se fazem ali de continuo.

Ainda agora ele passa por modificações que vão lhe dar mais espaço e melhores condições para a distrbuição de material.

Essas alterações que importam em abertura de novas salas e organisação de salar definitivas para reunões do Conselho, trabalhos das secções de zoologia e botanica, ficarão ultimadas ainda este mês.

A necessidade de novas expedições

O Museu Paranaense tem necessidade de que permanentemente expedições suas percoram o Estado afim de obter exemplares de animais que dia a dia se tornam mais raros.

Outrora, por exemplo, ele possuia um rapaace, o nhapecan. Mas por mal preparado estragou-se. E o Museu não logrou substitui-lo porque o nhapecan foi extinto em nossos campos onde outrora era abundante, empolgando pelo seu tamanho e beleza.

Do tigre preto não ha mais vestigio em nosso Museu. E ele se torna cada vez mais dificil de apanhar em nossas matas.

As expedições inauguradas este ano com tanto exito pela primeira vez na historia da vida daquela nossa importante instituição cultural continuarão, destinando-se a regiões onde seu trabalho seja fecundo como o foi agora em que nada menos de 163 peças foram obtidas depois do insano esforço do taxidermista Meyer e seus auxiliares”.

ANEXO 2

ANDREAS MAYER: documentação fotográfica de uma expedição ao noroeste do Paraná em 1951

Em 8 de abril de 2014, por indicação do amigo Guilherme Schuhli, acessei um blog pertencente a Paulo José da Costa (antiquário e proprietário da Livraria Fígaro, Curitiba) que descrevia, de forma fartamente ilustrada, uma viagem realizada ao noroeste do Paraná por um grupo de amigos curitibanos. Foi com grande surpresa que localizei Mayer dentre os participantes, o que me levou a contactar o proprietário dessa fabulosa documentação e, ainda, sugerir alguns acréscimos ao seu texto originalmente divulgado[116].

O acervo conta com um total de 68 fotografias em preto e branco, presas a folhas de papel cartão, em parte legendadas à mão, com caneta esferográfica.

Aludem como um todo a detalhes de uma expedição, como paisagens, equipamentos e veículos utilizados em uma viagem pelo rio Ivaí e Paraná (aparentemente até Porto Mendes), realizada – segundo pude avaliar[117] – entre julho e agosto de 1951. Para a datação, baseei-me particularmente em uma foto que mostra Mayer ajeitando sua coleção para a secagem ao sol, na qual é possível identificar várias espécies que contam com os respectivos espécimes armazenados até

[116] Esse material pode ser acessado no blog do sr. Paulo José da Costa em: http://amemoriadosesquecidos.blogspot.com.br/2014/04/a-expedicao-nos-rios-ivai-e-parana-ate.html
[117]

os dias de hoje no Museu de História Natural Capão da Imbuia. Uma delas ilustra claramente o casal de *Ibycter americanus*, que sei ter sido coletado nessa data.

O grupo era formado por Eugênio Hauer Kwasinski[118], Pedro Prosdócimo, Nicolau Klüppel Neto e Andreas Mayer. Os três primeiros já haviam se aventurado por aquela região, como se observa em um vídeo alusivo a uma expedição pelo rio Ivaí, entre a colônia Teresa Cristina e o salto de Ubá que e datado de 1949. Nessa ocasião exibem vários momentos da viagem, incluindo o deslocamento fluvial, contato com caboclos e indígenas e mesmo exemplares ornitológicos abatidos por eles.

Frames de momentos selecionados do filme "O rio Ivaí em 1949 – de Theresa Cristina ao Salto Ubá"[119], quando Kwasinski examina espécimes de *Campephilus robustus* e *Ramphastos dicolorus*.

Visando a preservação, ainda que artesanal, da documentação sobre a viagem de 1951, reproduzo na íntegra o acervo, o qual pode colaborar com informações não

[118] Comerciante do ramo automobilístico em Curitiba. Sua ligação com Mayer é anterior, pois ambos estavam juntos em maio do ano anterior na região da Baía Grande (Mato Grosso do Sul), como se confirma a partir de um espécime de *Butorides striatus* (MHNCI-890) que tem a coleta a atribuída a Kwasinski.

[119] Disponível em URL: https://www.youtube.com/watch?v=8rMCZ6_QL9M&t=416s; acessado em 4 de novembro de 2018. A cena está entre 3:52 e 4:12 min.

somente onitológicas, mas também sobre outros grupos animais e mesmo históricas.

Eugênio Kwasinski na estrada, com a carreta levando barco acoplada a um automóvel.

Kwasinski, Prosdócimo, Mayer e Klüppel na mesma situação, agora mostrando o outro veículo.

Cenário da estrada, em local não identificado.

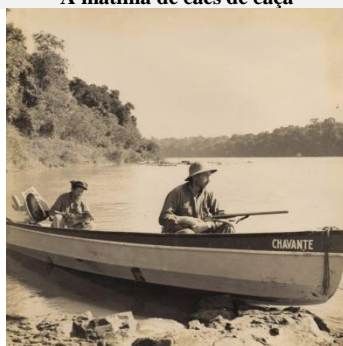
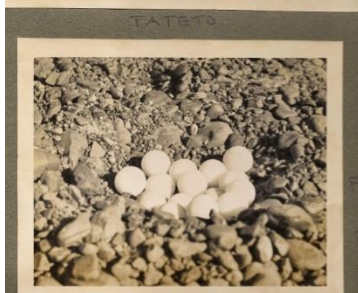
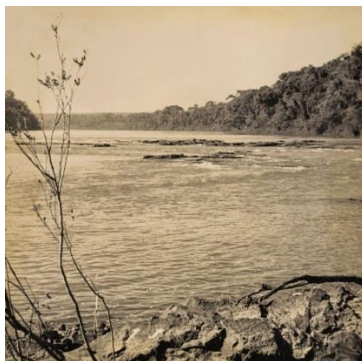
Kwasinki observa a floresta.

Acampamento

O embarque no rio Ivaí, talvez em Teresa Cristina. Mayer é o primeiro à esquerda, usando chapéu.

Acampamento à beira-rio

A matilha de cães de caça

Outro acampamento

Saída para a caçada

Filhote de queixada (Tayassu pecari) e ninho de quelônio[120]

O rio Ivaí, talvez perto de Vila Rica (na legenda: ‘Corredeiras Rio Ivaí”)

Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) e o filhote de queixada (*Tayassu pecari*). Mayer (o segundo da esquerda para a direita), porta sua espingarda.

A hora do rancho e cozinha improvisada.

[120] Essa ninhada, que poderia ser atribuída a um jabuti, é muito provavelmente de um cágado (talvez *Phrynops*) (Sérgio A. A. Morato, 2018 *in litt.*).

Subindo o Ivaí

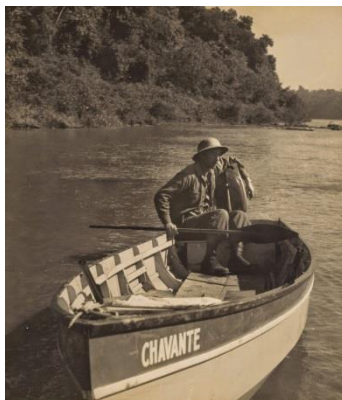
Eugenio Kwasinski

Uma ariranha (*Pteronura brasiliensis*) morta no rio Paraná

Outra visão do mesmo indivíduo de ariranha.

Um veado-pardo (*Mazama americana*) em fuga.

O mesmo animal sendo capturado

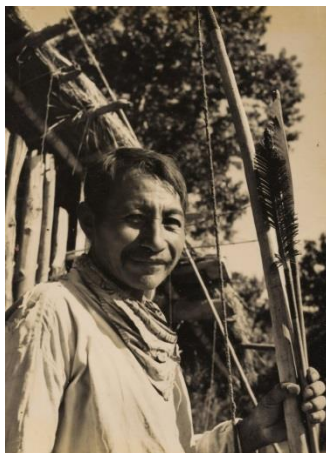
O animal depois de abatido.

Kwasinski embarcado

Pintado (*Pseudoplatystoma coruscans*): "Rio Parana, Peixe Pintado"

Casa de um Caiuá ("Mato Grosso Indio Caiuá")

Embarque no rio Paraná

Casa de um índio Caiuá, no rio Paraná

Índio Caiuá no rio Paraná, Mato Grosso do Sul.

O mesmo indígena

O grupo em uma ilha arenosa do rio Paraná, tendo Mayer na extrema direita.

Local desconhecido, Mayer ocupa um caiaque.

Animais recém-abatidos: Mayer segura uma jacutinga (*Aburria jacutinga*) e um tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*); junto a ele Klüppel e Kwasinski , cada um com uma arara-vermelha (*Ara chloropterus*).

Mayer examina os exemplares, ainda em vias de secagem, que foram coletados. O cenário é provavelmente na foz do rio Ivaí.

Mayer (esquerda) e seus companheiros de viagem em um acampamento improvisado.

Kwasinski, na beira do Ivaí, observa duas aves recém-abatidas (uma delas um jacupemba *Penelope superciliaris*), com uma jacutinga (*Aburria jacutinga*) ao chão.

Uma sucuri (*Eunectes notaeus*) no rio Paraná.

Detalhe da cabeça do mesmo animal.

Os quatro amigos: Prosdócimo, Mayer, Klüppel e Kwasinski

No rancho Caiuá, Mayer descansa junto aos companheiros, observando o resultado das coletas.

Kwasinski observa fragmentos de potes de barro em Guaíra.

Kwasinski ao pé de uma enorme figueira.

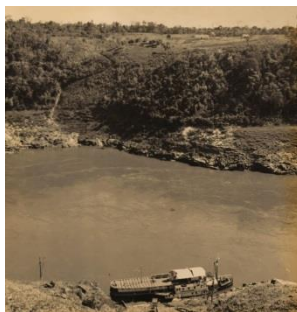
Prosdócimo e Kwasinski na igreja de Guaíra.

“Porto Guaira”, às margens do rio Paraná

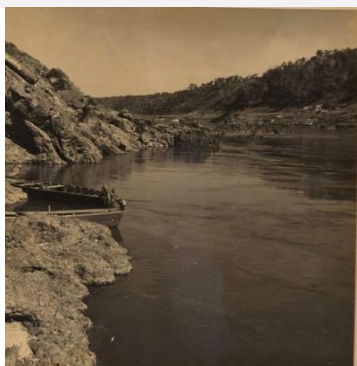
Embarcações para transporte de erva-mate em Guaíra.

Viagem pelo rio Paraná, em Guaíra

O trem da Companhia Mate Laranjeira em Guaíra

A zorra de Porto Mendes, destinada ao transporte de erva-mate para a margem paraguaia (Porto Adela) do rio Paraná.

Porto Adela visto do alto da barranca do rio Paraná, em Porto Mendes

Outra vista da zorra.

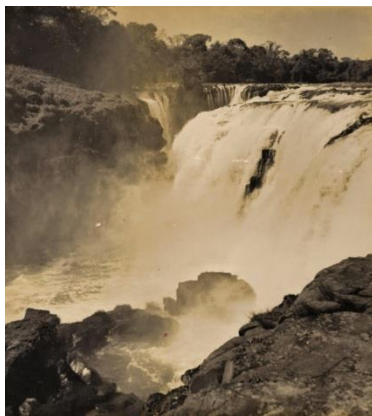
Os amigos sobre o vagão da zorra, à margem do rio Paraná

“Inicio Salto das 7 Quedas”

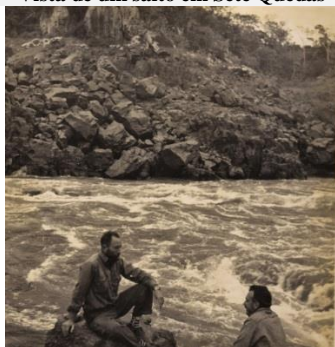
Kwasinski em uma das pontes das Sete Quedas, portando uma câmera filmadora.

Sete Quedas

Kwasinski em uma das pontes de Sete Quedas.

Vista de uma corredeira em Sete Quedas

Vista de um salto em Sete Quedas

Vista de um salto em Sete Quedas

Vista de um salto em Sete Quedas

Vista de um salto em Sete Quedas

Vista de um salto em Sete Quedas

“Piloto” paraguaio no rio Paraná

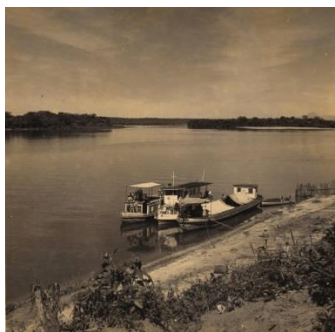
“Piloto” brasileiro

No barco (rio Paraná); Mayer está na extrema direita do grupo.

No barco (rio Paraná)

No barco (rio Paraná)

No barco (rio Paraná)

Kwasinski, cinegrafista

Retorno

De volta à estrada, em alguma cidade do interior paranaense.

1936 a 1969

GÜNTHER TESSMANN

GÜNTHER[121] **THEODOR TESSMANN** (Lübeck[122], Alemanha: 2 de abril de 1884; Curitiba, PR: 15 de novembro de 1969) foi um destacado antropólogo, etnólogo, linguista e naturalista auto-didata. Era filho do comerciante alemão (que residiu temporariamente nas Américas Central e do Sul, transferindo-se com a família para Lübeck) Johann Heinrich Theodor Tessmann (1832-1924) e Laura Henriette Wöbbe (1847-1921).

Trata-se, sem dúvida, de mais uma daquelas personalidades de vulto que passaram pelo Paraná e lamentavelmente não receberam os devidos créditos por seu legado. Há algumas biografias publicadas sobre ele (p.ex. Haberland, 1969; Klockmann, 1988), mas via de regra, enfocam sua contribuição antropológica e pouca profundidade trazem sobre sua inclinação pelas ciências naturais, que era o seu genuíno interesse despertado logo na infância. Essas publicações, inclusive, se aprofundam até o ano de 1936, quando ele veio ao Brasil e, dali em diante, pouco trazem de informações, situação que decorre, provavelmente, da dificuldade dos biógrafos em reunir documentos brasileiros.

No ano de 1959, ele decidiu organizar sua anotações preparadas ao longo de toda a sua vida, talvez com a finalidade de produzir um livro autobiográfico. Embora não

[121] Embora ele próprio assumisse a forma Günter na autoria de seus livros, a grafia de registro era Günther (Tessmann, 1959, Volume 1).

[122] Nasceu, portanto, no mesmo local de Robert Avé-Lallemant, tendo nascido no mesmo ano (e cidade) em que esse faleceu.

tivesse visto o resultado impresso, esse conteúdo tem sido gradativamente[123] publicado, sob os cuidados editoriais de Sabine Dinslage e Brigitte Templin (Tessmann, 2012-2015). Ocorre que os originais, em 12 volumes, foram destinados ao acervo do Museu de Etnologia (*Völkerkundesammlung*) de Lübeck, que amavelmente digitalizou e franqueou todo o conteúdo em seu *site* intitucional[124]. De acordo com matéria publicada pela Schleswig-Holstein Magazin[125]: "*Es liest sich wie ein Abenteuerroman, sagt Brigitte Templin, Leiterin des Lübecker Völkerkundemuseums*[126]". Trata-se, portanto, de material precioso para qualquer interessado em documentação histórica e também para a História Natural[127], cabendo à metade do volume 10 para adiante as descrições de sua permanência no Brasil[128].

Segundo consta em sua biografia, o jovem Günther teria sido pouco dedicado aos estudos, no secular estabelecimento *Katharineum Gymnasium* de Lübeck,

---

[123] Apenas os volumes 2, 3 e 4 até então.

[124] Disponível em http://vks.die-luebecker-museen.de/tessmann-tagebuch, essa iniciativa do museu de Lübeck merece nossos aplausos e gratidão. Quem dera, todas as instituições detentoras de acervos como esse fizessem o mesmo, contribuindo com o avanço de conhecimento das nossas ciências!

[125] https://www.ndr.de/ acessada em 28 de abril de 2019.

[126] "Parece um romance de aventura, diz Brigitte Templin, diretora do Museu Etnológico de Lübeck".

[127] Infelizmente, pouco tempo eu tive para examinar esta obra com o cuidado merecido, que exigiria uma leitura atenta de todo o conteúdo. Está manuscrita em alemão, língua essa que domino apenas rudimentos e por esse motivo, há imperfeições de entendimento, bem como omissões a informações que poderiam ser relevantes. Em um futuro pretendo avaliá-la com mais detalhamento, no que diz respeito às questões de História Natural e, se não o fiz até agora, foi pela pressa em lançar este volume, já bastante atrasado por questões diversas. Bem da verdade, esse atraso deve ser considerado providencial, uma vez que apenas fui tomar conhecimento dos diários em 27 de abril de 2019 e, assim, posso ao menos citar alguns tópicos mais óbvios que encontrei na minha indesculpável leitura para esta resenha sintética.

[128] A divisão temática da obra encontra-se apresentada e numerada em ordem cronológica, e os livros são subdivididos em *Tagebuch* (Diário); *Band* (Volume); *Abschnitt* (Seção); *Theil* (Capítulo); *Seite* (página), mas há algumas discordâncias entre o sumário indicando as páginas iniciais de cada seção e a página de abertura de cada uma. Há preciosas informações sobre a infância, os trabalhos desempenhados ao longo da vida e também ilustrações desenhadas por ele mesmo, bem como mapas e fotografias.

desistindo da escola em 1902, mal tendo completado o ensino médio. Afinal, a criança sonhadora, conta-se, preferia usar seu tempo na coleta e pesquisa de animais e plantas, especialmente borboletas, grupo que era a sua paixão.

Em 1902 ele passou a frequentar a *Reichskolonialschule* em Witzenhausen, formando-se como técnico agrícola, quando aceitou um convite para trabalhar como encarregado de uma plantação de cacau gerenciada pela *Pflanzungsgesellschaft* no rio Muni em Bibundi (República dos Camarões). Ali encontrou sérias dificuldades, talvez pelo rigor aplicado aos funcionários, que o fizeram desvincular-se do afazer em agosto de 1905 [129] . Em seguida, iniciou seu próprio negócio, primeiramente pelo recrutamento de mão-de-obra e depois – já em sua propriedade, situada onde era a fronteira das colônias alemãs e espanholas no Golfo da Guiné – sobrevivendo da caça de elefantes.

Em 1907, Tessmann retornou à sua cidade natal, para cuidar da saúde debilitada pelas difíceis condições em que se encontrava. Lá associou-se com Richard Karutz, então diretor do Museu de Etnologia local, com quem acertou os detalhes para uma grande expedição que duraria três anos, para pesquisar com mais profundidade o grupo Fangue, já bem conhecido dele das viagens anteriores (Tessmann, 1911) e em cuja língua se tornou fluente. Os dados colhidos resultaram em sua obra mais conhecida: "*Die Pangwe*"

---

[129] Segundo o site do *Museo Virtual de la Ciencia* (http://museovirtual.csic.es; acessado em dezembro de 2009): "*En 1904 llega a Camerún Günther Tessmann para trabajar como encargado de una plantación de cacao. Se establece por su cuenta durante dos años y medio en Rio Muni y reune una importante colección de fauna y flora para el Museo de Berlin. Su caráter tiránico le procuró la enemistad de muchos y a punto estuvo de morir envenenado por su cocinero*".

(Tessmann, 1913), tratando da cultura, tradições e línguas dessa etnia, até então virtualmente desconhecida[130].

Tornando-se reconhecido nos meios antropológicos graças a esse livro, ele ainda retornaria à República dos Camarões, agora a serviço do *Reichskolonialmst*[131], mas a viagem foi abortada como resultado da Primeira Grande Guerra. Ele, no entanto, optou por se manter no continente africano, agora explorando a região das montanhas de "*Don i Tison*", perto de Bafia, onde pesquisou a etnia Bantu (Tessmann, 1934).

Günther Tessmann em 1912 (Fonte: Wikipedia)

[130] Esta é reconhecida como obra seminal sobre o grupo *Pang* (Fangue, em português; *Fang*, em alemão) da Guiné que também se destaca por conter as primeiras informações sobre os gorilas na cultura popular, medicina e em rituais secretos dessa etnia africana.

[131] Órgão oficial do Império Alemão, destinado à administração das colônias alemãs pelo mundo.

Perseguido durante seu trabalho, devido à sua nacionalidade alemã, acabou preso pelos espanhois, sendo detido e enviado para a ilha Fernando Pó (hoje Bioco, perto de São Tomé e Príncipe, na Guiné Equatorial), onde permaneceu entre 1915 e 1916 e, mesmo recluso, aproveitou para estudar a desconhecida etnia Bubi (grupo autóctone de Bioco) (Tessmann, 1923). É desse período uma infinidade de coletas de objetos etnográficos, anotações linguísticas e culturais obtidas na região de Baja (ou Gbaya, na República Centro-Africana), bem como publicações lançadas vários anos depois (Tessmann, 1934-1937). Nesse meio tempo, ainda encontraria tempo e disposição para publicar artigos e livros sobre a gramática e vocabulário das etnias Mbaka-limba, Mbum e Lakka (Tessmann, 1928, 1930).

Em 1920, com a perda das colônias alemãs pelos tratados decorrentes da Primeira Grande Guerra, Tessmann não mais dispõe do apoio governamental para suas viagens. Decide então, por conta própria, transferir-se para a América do Sul, estabelecendo-se no Peru e realizando diversas incursões pelo país, incluindo a área fronteiriça com a Bolívia, Equador e Venezuela, até o ano de 1926, quando retorna à Alemanha, residindo agora em Berlim e dedicando-se ao doutorado, cuja tese recebeu a honraria de "*summa cum laude*", pela universidade de Halle. Na pátria, também dedica-se à publicação dos dados colhidos ao longo de tantos anos, incluindo as informações de etnias peruanas (Tessmann, 1928, 1930) e também a descrição de táxons novos de borboletas por ele coligidos na Amazônia pré-andina (Tessmann, 1928).

Graças a essa produção, ficou muito conhecido como antropólogo[132] e linguista, o que era de fato, e foi citado por Baumann & Westermann (1948), Espinosa (1955), Delgado (1964), Lévi-Strauss (1970), Ribeiro (1987) e Wilbert (1993) dentre vários outros autores de sua época e também modernos, de forma que suas publicações são consideradas relevantes até os dias de hoje. Além disso, consta ter colhido pelo menos 1200 objetos etnográficos para o acervo do Museu Etnológico de Lübeck, sendo que uma parte foi destruída durante a Segunda Grande Guerra e o remanescente, incluindo preciosas esculturas Fangue, são consideradas como de alto valor museológico e material.

Em 22 de julho de 1930, reconhecido pelo legado deixado à antropologia pela tese sobre as etnias do Sudão, ele recebeu o título de doutor *Honoris Causa* pela tradicional universidade alemã de Rostock (*Universität Rostock*), a mesma que concedeu titulação equivalente a Max Planck e Albert Einstein no período de entreguerras.

Logo em seguida passou a lecionar na Universidade de Halle, mas não tardou a ser perseguido pelo regime nazista que, naquele momento, iniciava sua ascenção (Haberland, 1969). Seis anos depois, portanto pelos mesmos motivos que levaram Maack e Mayer emigrarem, Tessmann decide-se pela transferência ao Brasil, oficialmente declarando-se agricultor.

[132] Uma de suas contribuições sociológicas relacionava-se à homossexualidade entre grupos autóctones do Congo (*vide* Tessmann, 1921 ou a tradução deste texto feita por Bradley Rose em Murray & Roscoe, 1998). Nas palavras de Miguel (2014), foi graças a essas descrições que o antropólogo Stephen Murray concluiu ser a prática homossexual desses povos encarada como "*remédio para o bem-estar, que seria transmitido do passivo para o ativo no intercurso sexual anal*".

Unter dem Rektorate
Friedrich Brunstäd
D. theol. et Dr. phil. o. ö. Professor der systematischen Theologie
hat die
PHILOSOPHISCHE FAKULTÄT DER
UNIVERSITÄT ZU ROSTOCK
Herrn Günter Tessmann aus Lübeck
auf Grund der „ausgezeichneten" Dissertation
„Die Baja ein Negerstamm im mittleren Sudan"
und der „summa cum laude" bestandenen Prüfung
durch ihren Dekan Professor Dr. Hohl zum
DOKTOR DER PHILOSOPHIE
promoviert und darüber dies
Diplom ausgestellt.

Rostock
den 22. Juli 1930.

Dekan

Diploma de Doutor *Honoris Causa* concedido a Günther Tessmann pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Rostock (Fonte: Tessmann, 1959, volume 10, p.76-77)

Enfrentava, porém, uma séria resistência por parte das autoridades brasileiras que, segundo Priori & Ipólito (2015), permitiam que apenas agricultores e técnicos, pessoas detentoras de imóveis no Brasil e estrangeiros casados com brasileiros que tivessem filhos brasileiros pudessem entrar no país. De acordo com esses mesmos autores, tais proibições não impediram que muitos entrassem no Brasil, "*mesmo que fosse com vistos de turista ou de forma ilegal*. [...] *Em sua maioria eram intelectuais (médicos, advogados, dentistas etc.), e não agricultores,*

como determinava a legislação. No entanto, contrariando a lei, nos documentos de entrada no país, consta a profissão "agricultor" (Oberdiek, 1997 *per* Priori & Ipólito, 2015).

Assim, o ano de 1936 passa a ser o momento de um novo capítulo na vida do naturalista, já contando com 52 anos completos e, resignado à vida de agricultor, desistiu por completo de suas pesquisas antropológicas. Os planos para emigrar ao Brasil vinham de alguns meses antes, por volta do fim de 1935, quando em seu diário declara "*Ein Lichtblick*" ("Um raio de esperança").

A 4 de fevereiro de 1936 aporta no Rio de Janeiro e em apenas seis dias já se encontrava a bordo do trem, seguindo pela Estrada de Ferro Sorocabana, passando por Ourinhos e chegando a Jataizinho, perto da recém-fundada cidade de Londrina, no norte do Paraná. Acertando detalhes para sua admissão como funcionário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, visita o pequeno povoado de Rolândia, menos de três anos depois do exato momento em que foi vendido o primeiro lote da colônia.

Em seguida, Tessmann[133] ainda realiza uma viagem mais ou menos extensa pelo leste do Brasil, tendo visitado São Paulo (também São Vicente e Santos), Rio de Janeiro[134] (também Petrópolis e Nova Friburgo) e Salvador, entre os meses de abril e dezembro de 1936. A partir de quando retornou, em um período que se estenderia até 20 de novembro de 1940, ele teria passado por grandes dificuldades, considerando o título da parte 2 de seu Diário n° 10 (p. 295): "*Teil 2. Die Jahre den Elends: als kolonist in der 'grünner Holle*", ou seja, "Os anos de miséria: [vivendo] como um colono no inferno verde".

---

[133] O período entre 1936 e 1947 é tratado em seu diário n° 10 na Seção (Abschnitt) "*VIII: Aus 'Alswanderer' in Süd-Brasilien*" ["Como imigrante no Sul do Brasil"].

[134] Há em seus diários (Tagebuch 10, p. 270), uma fotografia dele cumprimentando o famoso botânico Alexander Curt Brade, durante uma visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

M. A. - CONSELHO DE FISCALIZAÇÃO DAS EXPEDIÇÕES ARTÍSTICAS E CIENTÍFICAS NO BRASIL

168 ,11/7/1940

Sr. Prefeito

Comunico-vos que este Conselho concedeu permissão ao biologista alemão dr. Guenter Tessmann para realizar, no Brasil, observações científicas e investigações biologicas.

Outrossim informo-vos que, em caso de mudança de residência ou ausência do cientista alemão, que se encontra presentemente, em Pirapó, nesse Municipio, deverá o dr. Guenter Tessmann ceder ao govêrno federal ou estadual a Estação Biologica, já instalada em Pirapó, e o Parque Natural Botânico, que pretende aí fundar, segundo informações do próprio interessado.

Aproveito a oportunidade para apresentar-vos os meus protestos de elevada estima e consideração.

F. de Assis Iglesias
Presidente

Cópia do ofício assinado por Francisco de Assis Iglesias, diretor do CFEACB, concedendo autorização para as pesquisas de Tessmann.

No início de 1937 passa a residir em Rolândia e, a partir dali, empreende diversas excursões para coleta, bem como viagens maiores, para São Paulo, Santos e Curitiba. Logo em seguida, decide enviar plantas para o *Botanischer*

Garten und Botanisches Museum de Berlim (Alemanha) e, ao solicitar permissão para a remessa, é pego na malha fina do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB)[135]. Para corrigir a situação, encaminha novo processo, agora solicitando uma permissão para realizar "observações científicas e investigações biológicas", a qual acabou concedida apenas a 11 de julho de 1940[136].

Esse período, que termina com uma estada em Sertanópolis (perto da foz do rio Tibagi) e indicação sobre o momento subsequente em Santa Catarina, inclui uma cronologia mais ou menos compreensiva[137], informando os locais visitados[138].

---

[135] Dessa coleção, foi retido para o herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, "*um exemplar de cada espécie, em número de 145 exemplares...*" conforme regulamento do CFEACB em memorando assinado por Alexander Curt Brade.

[136] De acordo com o Relatório do Ministério das Relações Exteriores para o ano de 1939 (Imprensa Nacional, 1943, p.48), consta ali um pedido emitido em 8 de agosto do mesmo ano: "*A pedido da Emb. da Alemanha permissão para que o biologista Guenter Tessmann possa realizar observações científicas e investigações biológicas*". Aparentemente se trata de uma renovação.

[137] Essa cronologia, que é na realidade um sumário, aparece no Diário n° 10 (p.296: "*Die Episoden*"), com diversas rasuras e também nas páginas de abertura do Diário n° 11.

[138] Por exemplo, o distrito de Pirapó em Apucarana, incluindo a Fazenda Ubatuba que pertencia à família Schindler e hoje é propriedade do grupo Massa, do apresentador de televisão Carlos Roberto "Ratinho" Massa.

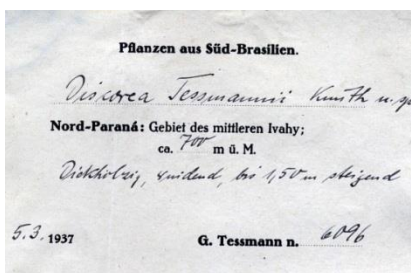
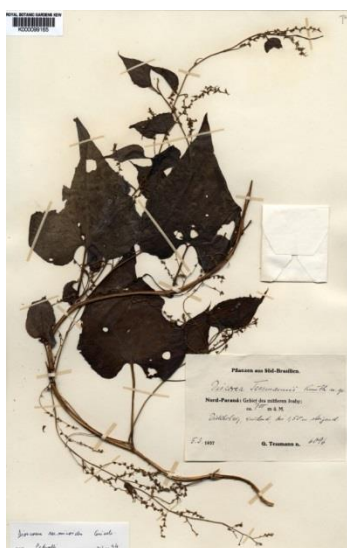
Folha de rosto do Diário n° 11 de Günther Tessmann, indicando o conteúdo narrado alusivo aos anos de 1936 a 1941, que se referem ao capítulo (*Teil*) 2 da Seção VIII.

Uma das áreas visitadas por Tessmann foi mapeada por ele mesmo, relacionando-se com o interflúvio dos rios Azul e São Pedro, os quais desaguam no rio do Peixe, quase em sua foz no rio Ivaí. Ali são mencionados os proprietários

de algumas glebas e núcleos povoados, hoje pertencentes ao município de Faxinal.

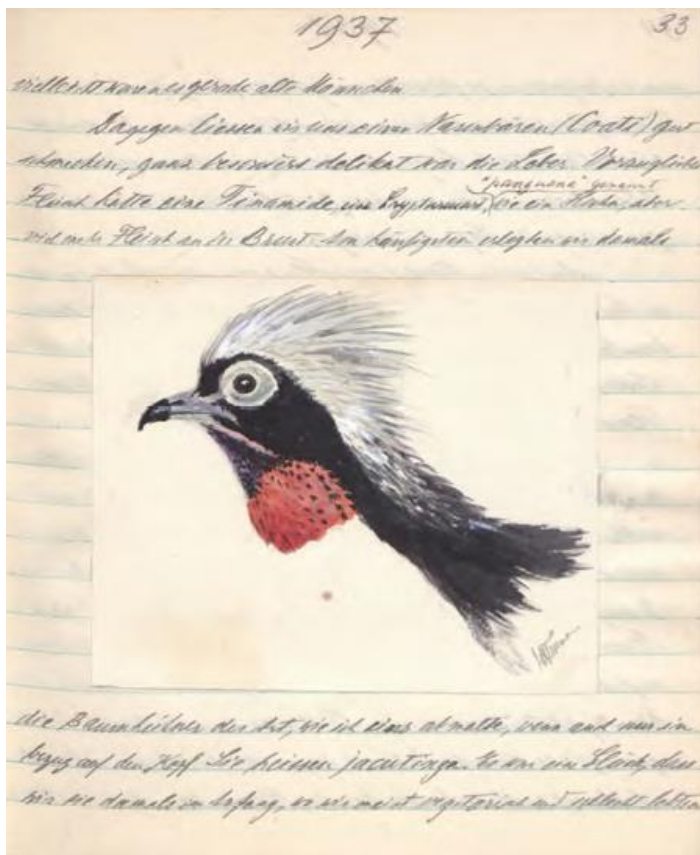
Mapa esboçado por Tessmann, indicando os afluentes da margem direita do rio do Peixe, afluente do rio Ivaí (Diário n° 10, p. 324).

Provém dessa região uma série de exemplares de plantas atualmente guardados em diversos herbários e que

documentam parte de uma biodiversidade que foi quase que totalmente erradicada, incluindo espécies desconhecidas da ciência. Já de antemão se observa que sua dedicação à coleta florística havia sido deliberadamente preparada, pois, para a ocasião, preparou fichas especiais impressas com o padrão: "*Pflanzen aus Süd-Brasilien - Nord-Paraná: Gebiet des mittleren Ivahy/ ca.* ____ *m ü. M.*"[139] , com espaço para outras informações, eventualmente anotadas na ocasião da coleta.

Exemplar de "*Dioscorea tessmannii*" no *Royal Botanic Garden* (Kew), com dados de coleta em ficha padronizada que era utilizada por Günther Tessmann. Dados ecológicos: "*Dickholzig, unidend, bis 1,50 m steigend*".

Diversos momentos relevantes de sua vida e descobertas de História Natural são narrados longamente em seu diário, o qual é ilustrado com desenhos, fotografias e

[139] "Plantas do Sul do Brasil - Norte do Paraná: região do médio Ivaí/cerca de ____metros sobre o nível do mar".

mapas. Um deles refere-se, pr exemplo, refere-se a observações sobre a jacutinga (*Aburria jacutinga*) e o tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*).

Jacutinga (*Aburria jacutinga*) mencionada no diário n° 11 (p.33) de Günther Tessmann, com data aproximada do início de agosto de 1937 (Tessmann, 1959).

Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) mencionado no diário n° 11 (p.94-95) de Günther Tessmann (Tessmann, 1959), como procedente do "*Sitio Pirapo, 3 km von Apucarana, Nord-Paraná*".

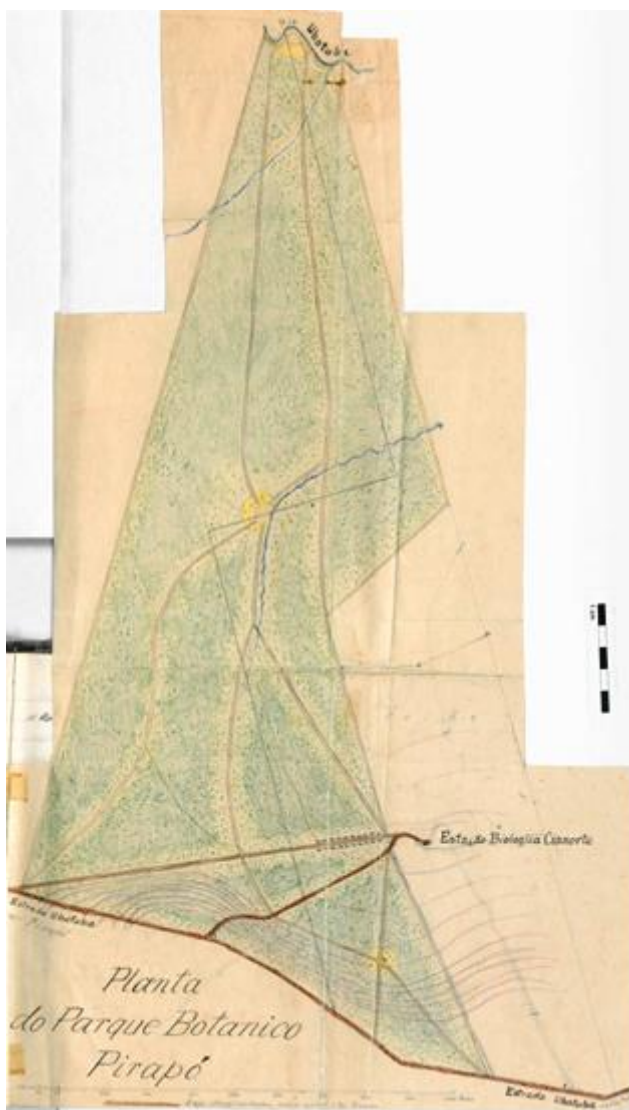
Em algumas partes de seus diários, Tessmann narra a derrubada da floresta, citando locais e algumas plantas, como a "peroba". Ali inicia seu testemunho sobre um dos maiores massacres já movidos contra a Mata Atlântica, resultado dos projetos de colonização do sertão paranaense, visando o desenvolvimento da cultura cafeeira.

Aspecto dos arredores da hoje Rolândia em 1937, mostrando o avanço de derrubada da floresta (Tessmann, 1959, Diário 11, acima p. 57, abaixo p.61)

Sua residência foi construída na borda de uma floresta, no hoje distrito de Pirapó (municío de Apucarana) e que ele chamou de “Sítio Pirapó”. São desse local diversas imagens inseridas em seu diário, inclusive algumas preciosidade que mostram o seu cotidiano.

Günther Tessmann em sua residência em Pirapó (Apucarana) no ano de 1937 (Tessmann, 1959, Diário 11, p.90-91)

Testemunhando a destruição escancarada das florestas estacionais do norte paranaense e visando salvaguardar parte dessa rica biodiversidade, Tessmann pretendia ali estabelecer o que ele chamava de “Parque Botânico Pirapó”, o qual contaria com uma estação de pesquisas, chamada “Estação Biológica Cianorte”.

2).

Croqui do projeto para o "Parque Botânico Pirapó" e "Estação Biológica Cianorte", entre o rio Ubatuba e a estrada que liga os distritos de Pirapó e São Pedro (hoje no município de Apucarana). Fonte: Tessmann, 1959, Diário n° 11, entre as páginas 1 e 2).

Em 1939, porém, ele desiste de seu projeto, por falta de fundos e apoio governamental e, assim, as primeiras anotações para aquele ano em seu Diário n° 11 (p.97) são: "*Alles vergeblich - mir können so nicht Leben*"[140]. É provável, ainda, que esse desânimo tenha ligação com as exigências do governo brasileiro de "*...no caso de mudança de residência ou ausência do cientista alemão, deverá este ceder ao governo federal ou estadoal a Estação Biologica e o Parque Natural Botanico que está instalando, segundo informa, em Pirapó, municipio de Londrina*"[141].

Em 29 de julho de 1939 ele faz uma viagem a Curitiba, visita a cidade e também vai a Paranaguá, pela estrada de ferro. É nesse momento que inicia seu contato com José Loureiro Fernandes, no exato momento em que esse era reconduzido ao cargo de diretor no reestabelecido Museu Paranaense. Aparentemente oportuna, a ocasião coincidia com o início do plano de reorganização da instituição que, dentre outras ações, previa a contratação de pesquisadores e especialistas nas diversas áreas da História Natural. Esse contato com Fernandes, porém, teria frutos apenas vários anos depois, como se verá adiante.

Tessmann, então, retorna ao Sítio Pirapó e, após nova viagem a Curitiba, dirige-se a Ibiporã e depois a Sertanópolis (perto da foz do rio Tibagi), onde se mantém por pouco mais de dois meses, entre 19 de julho e 3 de setembro de 1939.

O período que compreende os anos de 1940 em diante[142] é mais facilmente compreendido no que diz respeito às cidades onde residiu e suas atividades, haja vista que tais informações são sumarizadas em um anexo inserido no fim do seu 12° diário.

---

[140] "Tudo em vão – eu não posso viver assim".

[141] Documentação disponível no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB).

[142] Tessmann, 1959, Diário n° 11, a partir da página 159.

Assim, logo após a estada no norte do Paraná, passa a residir, por cerca de oito anos (entre 1940 e 1947), em Santa Catarina. Primeiramente trabalha como técnico de laboratório no Hospital de Hammonia (ou antiga Colônia Hansa-Hammonia, hoje Ibirama).

Depois disso, já no início de 1942, Tessmann serve ao recém-regulamentado "Serviço Nacional da Malária"[143] em Brusque. Aqui é importante lembrar, que o combate a essa doença no Brasil era considerado uma prioridade de governo desde mesmo o fim do Século XIX. No entanto, foi apenas ao longo da década de 40, no Estado Novo, que se edificou uma estrutura realmente organizada para isso, por meio do trabalho conjunto entre os serviços "Nacional da Malária" e "Especial de Saúde Pública" (Silva & Paiva, 2015). Acontece que, para promover o controle dos vetores da doença, a orientação incluía a erradicação das bromélias que, alegadamente, eram consideradas refúgios para a multiplicação dos mosquitos. Em virtude de ser um processo dispendioso e praticamente inviável, o procedimento logo e modificou para a total supressão das florestas, com substituição do espaço vegetado por gramíneas (Rachou, 1952). Assim, se o massacre contra aquele grupo de plantas já causara reduções drásticas de suas populações, agora toda a vegetação nativa passou a ser afetada. Isso ocorreu em pelo menos nove municípios do leste catarinense, correspondentes aos pontos mais críticos quanto à proliferação dos anofelinos, sendo particularmente intenso

[143] "Em 2 de abril de 1941, através decreto-lei nº 3171, foi criado o Serviço Nacional de Malária (SNM), que começou a funcionar efetivamente em 1942 e que se destinava ao controle específico da doença" [citando F. H. Moraes, 1980: SUCAM – Sua origem e sua história. 2 ed., Brasília, v. 1)]. "Em 1º de outubro de 1941, através o decreto-lei nº 3672, publicado no Diário Oficial da União a 03 de outubro do mesmo ano, foi regulamentado o regime de combate à malária. (MS, 1965). O seu artigo primeiro dispõe: "Medidas de combate à malária, executadas pela União, pelos Estados e pelos municípios, ou por particulares, dependerão de prévios reconhecimentos ou inspeções, e serão coordenadas, orientadas e fiscalizadas pelo Serviço Nacional de Malária" (São-Thiago, 2013).

em Florianópolis, Blumenau, Itajaí e especialmente em Brusque (Veloso *et al*., 1956). Em seguida morou em Rio do Sul, de onde se despediu em setembro de 1947. No meio desse tempo, aproveitou para colecionar em outras localidades catarinenses do chamado “Vale Europeu”, como Jaraguá (do Sul), Lontras, Pomerode e Blumenau.

Zusammenfassende Übersicht über Aufenthalt, Berufsarten und Zeitdauer in Band 12

Schluss von v. Bd. 12)	1941	Hammonia	Laborant		Hammonia 1 Jahr
Januar	1942	Brusque	Malaria-dienst	1 Jahr, 8 Monate	Brusque ca. 4 1/2 Jahre
- Sept.	1943				
Sept.	"		Von d. Bras. aus dem		
-	1944	Brusque	Dienst entl. (Ferm.)	2 Jahre, 10 Monate	
Juli	1945				
Juli	"				
-	1946	Rio do Sul	Laboratorium		Rio do Sul ca 2 1/4 Jahre
15 Sept.	1947				
		Gesamtzeit in Santa Catarina (vom 22. Nov. 1940 an) ca 8 Jahre			
19 Sept.	1947				
	1948	Curitiba	Botaniker Museu Par.	2 Jahre, 3 1/2 Mon.	Botaniker 7 Jahre, 3 1/2 Mon. / Curitiba ca 5 Jahre
- 31 Dez.	1949				
1 Januar	1950				
-	1951	Curitiba	Botaniker Inst. Biolog.	2 Jahre, 10 Monate	
31 Okt.	1952				
1 Novemb.	"				
	1953	Ilha d. Mél	Botaniker Inst. Biolog.	2 Jahre, 2 Monate	Ilha do Mél ca 5 Jahre
- 31 Dez.	1954				
1 Januar	1955	" *			
	1956		im Ruhestand	Fast 3 Jahre	Ruhestand fast 3 Jahre
14 Dezemb	1957	"			
15-20 "	"	Paranaguá - Curitiba - Pirapó (Nord-Paraná)			ca. 1 Jahr Pirapó
21 "	1957				
- 3 Januar	1959	Auf dem Sitio in Nord-Paraná			
9 Januar	1959	Erholungsheim "Rogate" bei Curitiba			Curitiba
-	196				

*1955 8 Monate in Deutschland

Zusammenfassende Übersicht über Aufenthalt, Berufsarten und Zeitdauer[144] **(Fonte: Tessmann, 1959, volume 12, última folha)**

[144] “Resumo geral da residência, tipos de ocupação e duração”.

De acordo com a documentação disponível, Tessmann vinculou-se ao Museu Paranaense como pesquisador voluntário já no início da década de 40. Isso porque no entre 1943 e 1955, ele coletou (eventualmente em associação com Aroldo Frenzel[145]) plantas em diversas regiões paranaenses, especialmente na Serra do Mar e litoral (Osmar dos Santos Ribas, *in litt*., 2014).

No entanto, em parte desse período ele residia, como dito, em Santa Catarina, o que leva a crer que essa ligação institucional seria apenas decorrente do envio de exemplares para o acervo. Foi somente em 19 de setembro de 1947 que o diretor do Museu Paranaense, José Loureiro Fernandes, tentou sua contratação efetiva como botânico da instituição, em substituição a Ralph Hertel[146] (MUSEU PARANAENSE, Relatório Anual, 1947). Certo é que ele acabou vinculado ao Museu como suplementarista e ali atuou por um total de três anos, portanto, até o fim de 1949. Com a negativa do governo para sua efetivação, ele acabou sendo, em janeiro de 1950, contratado pelo Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), provavelmente por influência de Reinhard Maack, que tinha grande respeito por sua trajetória e pelos amplos conhecimentos sobre a flora e fitogeografia.

Até a década de 30, suas exsicatas eram enviadas para Berlim[147], mas esse material foi quase todo destruído

---

[145] Engenheiro agrônomo que posteriormente atuou no grupo técnico do IBPT (Instituto Brasileiro de Pesquisa Tecnológicas), hoje Tecpar, e também como professor da Universidade Federal do Paraná, onde foi – inclusive – diretor da Escola de Florestas.

[146] Segundo consta no referido documento, Hertel foi demitido do posto de assistente de Botânica do Museu Paranaense durante o governo intervencionista de Antônio Augusto de Carvalho Chaves, para dar vaga a um garçon a servir o Palácio do Governo. Segundo Fernandes, esse seria "...um dos últimos atos daquela Interventoria, a dispensar comentarios, mas do qual fica registro para posterior julgamento".

[147] Na Guiné Equatorial, por exemplo, colecionou cerca de 700 números entre 1904 e 1910 e depois, em 1911, acompanhado do botânico Gottfried Wilhelm Johannes Mildbraed (que, em 1922, publicou artigo revisivo), quando da *Deutsche Zentral-Afrika Expedition* (Velayos & Aedo, 2007).

na Segunda Grande Guerra (Stafleu & Cowan, 1986), não obstante muitas duplicatas tenham se preservado em Nova York, Estocolmo, Kew e, especialmente, no Museu Botânico Municipal de Curitiba que acolheu, no início dos anos 90, toda a coleção do Herbário Per Karl Dusén (seção botânica do Museu Paranaense, depois sob a guarda do Museu de História Natural Capão da Imbuia) (Staffleu & Cowan, 1986:228-229; Straube & Labiak, 2014). Particularmente nessa última instituição, consta a coleção obtida no Paraná, estimada em torno de 4 mil números, segundo Angely (1959).

Além de coletor dedicado, Tessmann se diferenciava de seus contemporâneos por outros motivos. Com base nas exsicatas das plantas que coletava, quando os rótulos originais puderam se salvar, é possível constatar que ele era também um grande artista: em várias etiquetas de suas amostras, adicionava desenhos pintados com lápis de cera, mostrando a coloração "fresca" das flores e frutos. Junto a esse complemento, apenso aos espécimes que viriam a ser estudados por vários pesquisadores, também preocupava-se em anotar detalhes importantes: ambiente, hábitos da planta, coloração das flores e frutos e várias outras informações.

Tessmann tinha obviamente uma grande predileção pela botânica e secundariamente pela entomologia. Porém, ele também coletava vários outros tipos de organismos, os quais eram encaminhados para coleções. Sua enorme colaboração com todos os campos da Zoologia no oeste da África, foi relatada por Papenheim (1911-1925) em sete artigos revisivos. Trinta e duas espécies, subespécies e formas de borboletas por ele obtidas na Amazônia peruana, uma vez reconhecidas como novas, foram descritas por ele mesmo (Tessmann, 1928).

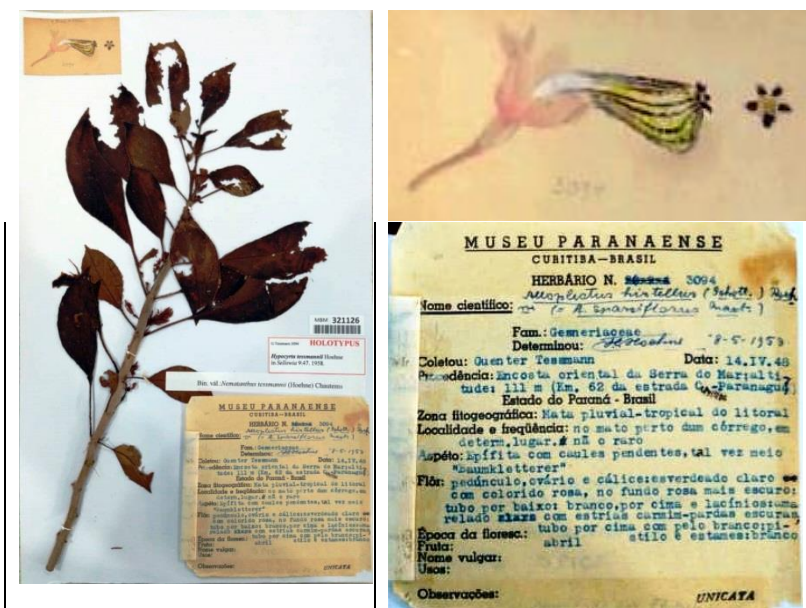
Não é à toa, portanto, que exista um número formidável de táxons de plantas e animais descritos em sua

homenagem, geralmente da Amazônia peruana e da África ocidental. Há, por exemplo, gêneros de formiga (*Tesmanella* Hedicke, 1912), leguminosa (*Tessmannia* Harms, 1910), melastomatácea (*Tessmannianthus* Markgraf, 1927) e também de duas palmeiras (*Tessmanniophoenix* e *Tessmanniodoxa*, ambas de Burret, 1941).

Dentre os táxons eponímicos de animais pode se enumerar, além dos já citados, *Alestes tessmanni* (peixe alestídeo), *Synodontis tessmanni* (tipo de bagre), *Tetraponera tessmanni* (formiga), *Mesohomotoma tessmanni* (homóptero psilídeo), *Bebearia tessmanni* (lepidóptero ninfalídeo), *Lechriolepis tessmanni* (lepidóptero lasiocampídeo), *Ludia tessmanni* (lepidóptero bombicídeo), *Psyllaephagus tessmannii* (himenóptero encirtídeo), *Astyalus tessmanni* (ortóptero), *Mesohomotoma tessmanni* (psiloideo), *Anoplosigerples tessmanni* (louva-a-deus), *Titanatemnus tessmanni* (pseudoescorpião) e vários outros.

De plantas, o número é ainda mais impressionante e apenas para exemplificar, pode-se citar os seguintes gêneros que agregam o epíteto "*tessmannii*", oriundos de suas coletas tanto na África quanto na América do Sul: *Diclinanona* (anonácea), *Bauhinia, Mimosa, Swartzia, Tachigalia, Guibourtia*, *Pterocarpus*, *Dussia*, *Pachyelasma, Dialium* e *Copaifera* (fabáceas), *Endlicheria* (laurácea), *Chytroma* e *Gustavia* (lecitidáceas), *Attalea* (palmeira), *Caryocar* (cariocarácea), *Paepalanthus* (eriocaulácea), *Croton* (euforbiácea), *Aechmea* e *Billbergia* (bromeliáceas), *Nematanthus* (gesneriácea), *Swietenia* (meliácea), *Adelobotrys* (melastomatácea), *Disciphania* (menispermácea), *Xylosma* (salicácea), *Perebea* e *Brossimum* (moráceas), *Guadua* (poácea), *Fagara* (rutácea), *Coussapoa* (urticácea), *Ancistrothrysus* (passiflorácea), *Styrax* (estiracácea), *Philodendron* e *Anthurium* (aráceas),

Septotheca e *Sterculia* (malváceas), *Iryanthera* (miristicácea), *Zanthoxylum* (rutácea), *Ruagea* (meliácea), *Tapura* (dicapetalácea), *Psycothria* (rubiácea), *Glandularia* e *Verbena* (verbenáceas), *Quiina* (quinácea) e certamente muitas outras, algumas delas também nas respectivas sinonímias.

Não há dúvida, portanto, que Günther Tessmann é um dos naturalistas que mais emprestou seu nome para o batismo de organismos biológicos neotropicais o que, por si só, já revela a magnitude de sua contribuição às ciências naturais.

Holótipo de *Nematanthus tessmannii* (Gesneriaceae) conservado no Herbário Per Karl Dusén do Museu Botânico Municipal (MBM-271177 [ex-PKDC-3094], Curitiba), coletado por Günther Tessmann, detalhes do desenho esboçado com lápis de cera apenso à exsicata e rótulo com informações detalhadas sobre a planta (Fotos: José Tadeu W. Motta).

Exemplar vivo da gesneriácea *Nematanthus tessmannii*, cultivado pelo autor (Foto: Ana Paula Caron).

Não há qualquer registro sobre coletas de aves no Paraná, nem mesmo outros tipos de documentos a esse respeito. Entretanto, é provável que aqui tenho obtido espécimes e, inclusive, que tenham sido enviados a museus europeus (p.ex. em Berlim, tal como as plantas), como de costume. Presumo isso porque coube a ele uma das primeiras coleções de aves feitas na República dos Camarões, considerada a pedra-fundamental da Ornitologia daquele país. Com base no material colecionado, o famoso especialista em avifauna africana[148], Anton Reichenow, descreveu três (Reichenow, 1907) e depois dezesseis (Reichenow, 1921) espécies novas cabendo, dentre elas,

[148] E, como se sabe, um dos responsáveis pela vinda de Emilie Sntehlage ao Brasil (Straube, 2017).

epônimos aos muscicapídeos *Fraseria tessmanni*[149] e *Cossypha polioptera tessmanni*[150].

É curioso notar que os mais antigos espécimes atualmente guardados no Museu de História Natural Capão da Imbuia são exatamente seis peles obtidas na amazônia peruana (rios Pachitea e Napo) datadas de 1923 e têm Tessmann como "doador", embora pareça claro que ele seja, de fato, o coletor. Dentre essa pequena série, há um *Phaethornis atrimentalis*, pequenina espécie de beija-flor endêmica dos Andes da Colômbia, Equador e Peru e pouco representada em coleções (V. de Q. Piacentini, 2015, *in litt*.).

Espécimes selecionados (*Phaethornis atrimentalis* e *Cotinga cayana*) da pequena coleção de aves obtida no Peru (1923) e doada por Tessmann ao então Museu Paranaense (hoje Museu de História Natural Capão da Imbuia), em Curitiba.

---

[149] Foi descrito como *Pedilorhynchus tessmanni*; o nome vernáculo em inglês desta espécie é *Tessmann's Flycatcher*.

[150] Descrito como *Psalidoprocne tessmanni* (sinônimo-júnior do hirundinídeo *Psalidoprocne pristoptera petiti* Sharpe & Bouvier, 1876). Na mesma obra (Reichenow, 1921) aparecem também as descrições originais de outros quatro epônimos: *Turdus tessmanni* (sin.-jún. de *Turdus olivaceus saturatus* Cabanis, 1882), *Lanius tessmanni* (sin.-jún. de *Lanius gubernator* Hartlaub, 1882), *Dendromus chrysurus tessmanni* (sinônimo-júnior de *Campethera abingoni chrysura* (Swainson, 1837)) e *Phoenicurus tessmanni* (sin.-jún. de *Oenanthe familiaris falkensteini* Cabanis, 1875).

Além de sua contribuição com coletas, publicou pelo menos dois artigos sobre botânica, um deles contendo alguns conceitos em sistemática vegetal (Tessmann, 1951a) e, outro, sobre a vegetação do Paraná e suas variações (Tessmann, 1951b). Nos anos 40 e 50 era considerado uma autoridade no estudo de fitogeografia, sendo inclusive reverenciado por Maack (1981) e, posteriormente, em outros estudos sobre a flora paranaense (p.ex. Marques & Britez, 2005) ou em revisões taxonômicas.

Entre 1947-1949, Tessmann à frente da então sede do Museu Paranaense (esquerda) e em seu gabinete, junto ao herbário (direita) (Fonte: Tagebuch n° 12, p.129).

Em 1° de novembro de 1952, ele passou a residir na Ilha do Mel e, como ainda estava vinculado ao "Instituto de Biologia", poderia ser o que se chamava na época de naturalista viajante. Essa condição estendeu-se até dezembro

de 1957, portanto, por dois anos além de sua aposentadoria, oficializada no último dia de 1954[151]. A casa onde residia, era uma morada de madeira, como todas as demais que ali haviam, e pertencia ao então comandante do forte. Situava-se perto da Fortaleza e fazia fundos com aquela que era usada para veraneio pelo naturalista Guido Straube que, por ter falecido em 1937, não chegou a conhecê-lo pessoalmente[152].

Em 15 de dezembro de 1957, Tessmann despediu-se da Ilha do Mel, seguindo por Paranaguá e chegando a Curitiba para retornar ao seu recanto no Sítio Pirapó, há muito não mais visitado. Ali permaneceu por pouco mais de um ano, retornando definitivamente a Curitiba, residindo a partir de 9 de janeiro de 1959, portanto aos 74 anos, na "*Erholungsheim 'Rogate' bei Curitiba*"[153], onde faleceu dez meses depois, no dia 15 de novembro.

---

[151] Na maior parte do ano de 1955 ("*8 Monate*" = 8 meses) ele esteve na Alemanha, mas não há detalhes sobre essa viagem.

[152] A casa situava-se quase imediatamente nos fundos da hoje "Pousada Dona Quinota". Um dos filhos de Guido, Ernani C. Straube (*verb.*, agosto de 2012), narra que o conheceu e frequentemente o via nos arredores de sua casa, porém, pouco contato fazia com as pessoas, aparentando ser uma pessoa muito reservada. Quando Tessmann saiu definitivamente de sua residência, deixou também "*umas três ou quatro latas de metal, daquelas usadas para armazenar exsicatas*", que foram recolhidas pelo informante.

[153] "Casa de Repouso 'Rogate', perto de Curitiba". Trata-se do "Lar Rogate", um lar de idosos estabelecido desde 1952 no bairro Tingui, região norte de Curitiba e que pertence e é administrado pela Igreja Evangélica do Cristianismo Decidido (ICD).

Günther Tessmann na velhice (década de 50), sentado defronte à sua casa na Ilha do Mel (Fonte: Haberland, 1969).

Cronologia

1937 Cândido de Mello Leitão lança o clássico livro "**Zoogeografia do Brasil**", identificando padrões de distribuição dos animais e denominando províncias faunísticas.

1937 Falecimento de GUIDO STRAUBE.

1937 EMMET R.BLAKE, autor do "***Manual of Neotropical Birds***" (1977), visita o Paraná, alojando-se na Fazenda Morungaba em Sengés e colecionando aves.

1937

EMMET BLAKE

EMMET REID BLAKE (Abbeville, EUA: 29 de novembro de 1908; Chicago, EUA: 10 de janeiro de 1997)[154] ou "Bob" Blake como conhecido pelos amigos mais próximos, embora tenha sido consagrado como estudioso de gabinete, era realmente um exemplo de pesquisador de campo, ficando conhecido como eficiente coletor científico de vertebrados. Conforme contam Traylor & Willard (1999) ele, no início da carreira, chegou a trabalhar como frentista em um posto de gasolina e ministrando aulas de boxe e natação para que pudesse se dedicar, nas horas vagas, à pesquisa de vários temas de História Natural. Anos depois inclinou-se para a Ornitologia que, em seguida, se tornou sua grande especialidade.

Seu interesse pela natureza vinha de berço, desenvolvido na propriedade da família na Carolina do Sul. Neste período, ainda estudante da Universidade de Pittsburgh, acabou sendo convidado pelo ornitólogo Ernst Golsan Holt (o mesmo que ficou famoso pelos estudos da avifauna da Serra do Itatiaia) para uma expedição da *National Geographic Society* à fronteira do Brasil com Venezuela, ao longo do Rio Negro.

Essa seria sua primeira oportunidade concreta para afinal adentrar o campo das ciências naturais e Blake não a

[154] Aqui repete-se, praticamente na íntegra, o conteúdo do artigo revisivo "A viagem de Emmet Blake ao Brasil" (Straube, 2011b). As questões toponímicas alusivas à sua estada no Mato Grosso do Sul foram também preservadas, a fim de preservar o contexto de sua expedição ao estado vizinho.

desperdiçou. Anos depois (1931), a convite de Leon Mandel, foi recrutado para uma longa estada pelas Américas Central e do Sul, quando visitou Cuba, Haiti, Trinidad e o delta do Orinoco. Durante a viagem, ele acabou sendo reconhecido por sua habilidade em capturar répteis e, em uma ocasião, ganhou o apelido de "*Snaky Bob*". O seu indiscutível dom de colecionador era bem conhecido de seus colegas, inclusive para organismos difíceis de serem encontrados, como as serpentes; naquela viagem, de pouco mais de um mês, coletou e preparou nada menos que 803 aves, 96 répteis e 37 mamíferos para o *Field Museum* (Traylor & Willard, 1999). Na sequência, antes por intermédio do *Carnegie Museum* e depois, como funcionário do *Field Museum of Natural History*, viajou para a América Central (Guatemala e Belize) e regiões setentrionais da América do Sul (Venezuela e Guianas), colhendo não menos volumoso e importante material.

Em 1937, Blake fez uma expedição ao "*southern Brazil* [...] *where he collected for the research collections and the exhibit halls"* (Traylor & Willard, 1999). Como explicado detalhadamente adiante, a visita de Blake ao Brasil se tratou apenas da segunda parte de uma viagem maior que incluía um longo período de trabalho na Guiana, (oficialmente República Cooperativa da Guiana e, antigamente, *British Guyana*). Aqui cabe uma explanação: Blake fez, na realidade, duas viagens para esse país em períodos mais ou menos próximos e esse detalhe é importante, uma vez que pode gerar confusões sobre sua visita ao Brasil.

A primeira, à qual já consta referência, deu-se em 1937, e acabou intitulada "*Stanley Field Zoological Expedition to British Guyana and Brazil*" (Blake 1939a). A segunda, por sua vez, ocorreu entre 1938 e 1939 e abrangeu apenas aquele país amazônico, sendo uma dentre quatro

expedições financiadas por Sewell Avery, empresário do Michigan e conselheiro do *Field Museum*. Essa última foi muito mais destacada pela mídia local e nacional e teve grande repercussão (FMN, 1939:6), cabendo-lhe também diversas menções e mesmo artigos narrativos completos no *Field Museum News* (FMN, 1938a):

> "*Early in September, Mr. Emmet R. Blake, Assistant Curator of Birds, will sail for British Guiana. At Georgetown he will charter an airplane to take him and two native assistants 600 miles inland to the headwaters of the Corentyne River, on the southernmost boundary of the country, close to the frontiers of Dutch Guiana and northern Brazil. This region, entirely uninhabited by human beings, is almost totally inaccessible except by air. At certain seasons it may be reached by river travel with special boats manned by large crews. The water trip, however, requires about five weeks, whereas by airplane it may be made in four hours. The area has never been worked before from a biological standpoint, and Mr. Blake will seek a representative collection of its vertebrates, including birds, mammals, reptiles and fishes. The airplane will return to its coastal base leaving Mr. Blake entirely out of contact with the outside world for about four months, except for one or two return flights to deliver supplies*".

Em outros números do periódico aparecem novamente informações sobre certas passagens da viagem, acompanhados pelo jornalista responsável e de autoria do próprio Blake (1939b). Na edição de setembro de 1938 (FMN 1938b) há uma prévia da sua permanência na Guiana, sobre a qual encontram-se aspectos importantes do protocolo de campanha do naturalista: "*He hopes to collect*

a typical cross-section of the bird, mammal, and reptile life in the forests of this little known area of South America".

A expedição que interessa aos propósitos da Ornitologia brasileira, é – como dito – aquela datada de 1937, intitulada *Stanley Field Zoological Expedition to British Guyana and Brazil*. Essa denominação alude ao milionário e mecenas Stanley Field, que foi presidente do *Field Museum* por várias décadas desde janeiro de 1909 e reeleito por diversas gestões. Ele era sobrinho de Marshall Field (1834-1906), um empresário do estado de Massachusetts que ficou conhecido por uma grande doação que desencadeou o processo de fundação do museu em 1905.

A viagem de Blake não foi conduzida apenas com esses fundos. Outros financiadores também contribuíram com variados valores, dentre eles o ornitólogo Henry Boardman Conover, na época pesquisador associado da coleção de aves, e que contribuiu com US$ 400.00 (FMNH 1938:178). Conover, lembramos, é o mesmo estudioso que assinou quatro volumes (1942-1949) do "*Catalogue of birds of the Americas"*, mais conhecido no Brasil como "Catálogo do Hellmayr".

Mas, quais as áreas visitadas e por que razão foram escolhidas como estações de coleta de Blake? Essa pergunta, ao que sabemos, nunca foi formulada, ainda que sua resposta traga em si uma notável conexão com a História do Brasil no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial.

Ao chegar à então capital federal, no Rio de Janeiro, consta que Blake acertou todos os detalhes para sua viagem por terra. Travara contato, visando às necessárias permissões, com o escritório local da "*Brazil Land, Cattle, and Packing Company*" (BLCP), graças à "*...courtesy of*

Messrs. W. Andrews and J. D. Fleming" (Blake 1939a) que, na época, eram diretores locais da companhia.

Essa gigantesca empresa foi autorizada a atuar no Brasil pelo Decreto Federal n° 8917 de 23 de agosto de 1911, sancionado pelo então presidente Hermes da Fonseca (BRASIL 1911). Pertencia ao empresário novaiorquino Percival Farquhar, cujas ligações com a História da Zoologia brasileira são constantes e célebres (e, em grande parte, ainda desconhecidas ou pouco divulgadas)[155].

A BLCP foi criada (em parte com subvenção de empresários franceses) pelo interesse no vasto e inexplorado território brasileiro, onde a carne bovina poderia ser produzida de maneira fácil e barata e de forma altamente vantajosa pelo suprimento do mercado europeu (Wentworth 1952). Assim, a empresa representava um tipo de reação dos EUA (e França) às iniciativas britânicas de exploração da pecuária de larga escala no Brasil (Castro 1979), proposta essa interligada com a Miranda Estância, propriedade que deu origem a um dos pontos mais emblemáticos do ecoturismo brasileiro contemporâneo, o Refúgio Ecológico Caiman (Benevides & Leonzo 2001:42).

Farquhar inicialmente convidou o escocês Murdo Mackenzie, amigo de Theodore Roosevelt e presidente da *American National Live Stock Association*, para gerenciar o empreendimento. Transferido para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, Murdo acabou administrando o maior pátio de pecuária do mundo, totalizando 4 milhões de hectares e mais de 250 mil cabeças de gado (Ball, 2001).

---

[155] Coube a Farquhar, por exemplo, encargos como a construção das ferrovias Madeira-Mamoré e a ampliação da "Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande" (EFSPRG) além, especialmente, do comando da poderosa *Brazil Railway Company*, cujas ramificações incluiam a extrativista *Southern Brazil Lumber and Colonization*, a *Sorocabana Railway Company,* a *Itabira Mining Company*, a *Amazon Steamship Line* e a *Brazilian Light and Power* (Morais 1994).

Mas o império de Farquhar começou a dar sinais de decadência a partir da década de 20. Isso ocorreu inicialmente durante o governo de Arthur Bernardes que aumentou a taxação de produtos minerais para exportação e, por fim, com o estabelecimento da política nacionalista de Getúlio Vargas, como consequência da Revolução de 30 e principalmente do início do Estado Novo (Gauld 1964).

Sobre o período de planejamento da viagem de Blake ao Brasil, constam algumas informações (FMN 1937a):

A ZOOLOGICAL EXPEDITION TO SOUTH AMERICA

An expedition which has for its principal objective the collecting of exotic specimens for new habitat groups planned for the Hall of Birds (Hall 20), was dispatched to British Guiana and Brazil toward the end of last month. Mr. Emmet R. Blake, Assistant Curator of Birds, is the expedition leader. After arrival at Georgetown, British Guiana, Mr. Blake will organize a troop of native helpers for the first part of the expedition.

Specimens and accessory material for a group of the rare and remarkable bird called hoatzin will be first sought, along the coast and on the Berbice River. The hoatzin, found only in the inundated forests of rivers in northern South America, is of great biological interest because its fledglings definitely indicate, by the distinct claws on their wings, the evolutionary precept that birds are the descendants of reptilian ancestors which lived millions of years ago. No other birds still living so well indicate this tenet of science. So far as is known, not more than one other North American museum possesses a habitat group of hoatzin.

The hoatzin is a pheasant-like bird. Only the young have the reptilian claws, which they use with great agility in climbing in and out of their nests.

When danger threatens, the precocious fledglings dive headlong into the water beneath their nests, and later climb back, unassisted. As they grow older, the birds lose the claws. This unique species occurs only in isolated colonies in the Guianas, Venezuela, the lower Amazon region, and Bolivia.

Mr. Blake will also explore the interior of British Guiana, and make a general collection of birds, small mammals, reptiles, and other kinds of animals. He will spend about five months in that country, and next summer will proceed to Brazil for several months more of general collecting. One of the principal objectives in Brazil consists of specimens for a group of rhea, the South American ostrich.

Em maio do mesmo ano, saiu um destaque para os primeiros sucessos da empreitada, incluindo dados sobre a continuidade da viagem (FMN 1937b):

HOATZINS COLLECTED

Mr. Emmet R. Blake, Assistant Curator of Birds, reports splendid progress on his expedition to British Guiana. Practically all material for a habitat group of hoatzins has been collected and soon will be shipped to Chicago. This group will be installed with other ecological habitat groups in the new foreign bird section of Hall 20. Material for a smaller group showing the extraordinary communal nesting habits of anis, the strange black cuckoos of the New World, has also been acquired.

A much needed skeleton of the capybara, largest living rodent, has been collected, as well as five species of monkeys for exhibition in Hall 15. Already, in only one month's field work, study specimens of 259 birds, 141 fish, 53 mammals, and 54 reptiles have been obtained.

> *After completing work in British Guiana early in June, Mr. Blake will proceed to Matto Grosso in Brazil where he will collect specimens and accessories for a group of rheas, the so-called South American ostriches.*

Na edição de outubro, a matéria de capa, assinada por Clifford C. Gregg (Gregg 1937), denomina-se "*Expeditions of 1937 range from Alaska to Brazil, and Maine to Asia*" e nela consta uma fotografia mostrando uma "*Huge Anaconda for Field Museum*" com a seguinte legenda:

> "*Native helpers bringing giant snake into camp of the zoological expedition to British Guiana and Brazil, currently in operation under the leadership of Assistant Curator Emmet K. Blake. Although this expedition is concentrating principally on collecting birds, it has also obtained many important mammals, reptiles, fishes, plants, and other specimens*".

Depois disso, a viagem de Blake é apenas lembrada quando de seu retorno (FMN 1938c):

> "*Mr. Emmet R.Blake, Assistant Curator of Birds, returned from an expedition of more than a year's duration in British Guyanas and Brazil, just as this issue of Field Museum News went to press. A detailed account of his work will appear in a succeeding issue*".

Nesse momento, terminava o interesse noticioso pela viagem; o próprio Blake passava, então, a assumir-se como narrador. De fato, no número seguinte da revista aparece um artigo assinado por ele (Blake 1938:3), informando não somente os objetivos da viagem como precisando alguns

detalhes importantes para o resgate das localidades e datas de coleta dos exemplares obtidos. Assim se expressa o autor:

> "*In January, 1937, the writer embarked upon an extended expedition to South America to collect material with which to complete the Museum's representation of tropical american bird life. The first field of operation was British Guyana, in northern South America, where lives one of the most remarkable birds in the world today – the hoactzin* (sic), *which was a principal objective of the expedition...*".

Depois disso, volta-se à parte meridional do itinerário (Blake 1938:3):

> *"With the advent of the annual rainy season in June, continued field work in British Guiana became impracticable. All specimens were shipped to Chicago, and the expedition, supplemented by new supplies stored in Trinidad, proceeded to Rio de Janeiro, Brazil. Of particular interest in Brazil was the rhea, or South American ostrich, specimens of which were needed for a habitat group representing the bird life of the vast South American campo or pampas.*
>
> *Rheas are fairly generally distributed south of the Amazonian forests, but are nowhere more numerous than on the plains of Matto Grosso. In due time, therefore, the expedition reached the Fazenda Capao Bonito, an enormous cattle ranch on the headwaters of the Vaccaria River, more than a thousand miles west of Rio de Janeiro, and began the search for nesting rheas. These, the largest of American birds, roam the campo in small flocks consisting of one male and several females. During September and October the females may deposit from twenty-five to fifty one-and-a-half-pound eggs in a single nest. There are few*

landmarks on the plains, so discovering a rhea nest becomes a major problem. About two months were spent in the saddle roaming the endless plains, often in company with the picturesque Guarani Indians, before all of the material desired was finally obtained.

As in British Guiana, large general zoological collections were made in Matto Grosso, and later in Paraná, a heavily forested, mountainous state of southern Brazil. Specimens from the latter region are of particular value because many represent species new to the Museum's study collections. December rains marked the end of field work in Brazil. The expedition returned to Chicago January 24 after a year in the field and a journey of 16,000 miles by rail, steamer, canoe, ox-cart, horseback and afoot.

A estada de Blake no Brasil restringiu-se a duas localidades, nos estados do Mato Grosso do Sul e Paraná, sendo que o documento mais relevante a esse respeito encontra-se na edição de setembro de 1939 do *Field Museum News* (Blake 1939a), no qual o naturalista – ao abordar o principal motivo da viagem ao Brasil – inclui detalhes de seu itinerário e localidades visitadas.

Depois de concluído o trabalho nas Guianas, Blake tomou um navio dirigindo-se para a ilha de Trinidad, onde se abasteceu de suprimentos e materiais e, então, seguiu para o Rio de Janeiro (Blake 1939a).

Depois da capital federal, Blake rumou para São Paulo onde tomou o trem, ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, cujo trecho sul-mato-grossense foi inaugurado em 1914. Essa região é descrita como "*...rugged hills of the coastal range behind, the train bears westward through a picturesque undulating country covered with coffee plantations. The berry-laden trees extend in orderly*

rows mile on mile as far as the eye can reach, with only an occasional hacienda and drying compound to relieve the monotony. An antiquated narrow-gauge railway, having its terminus on the Bolivian frontier, conveys one across the far-flung reaches of Matto Grosso. For the most part the right of way passes through a drab and desolate country, sun-baked and sparsely wooded".

Três dias de viagem o levaram, então, a Campo Grande de onde, após alguns dias de preparação, seguiu na direção sul, provavelmente pelo mesmo trajeto hoje atribuído à Rodovia MS-455 (Campo Grande-Rio Brilhante).

O primeiro ponto de trabalho de Blake no Brasil foi a chamada "Fazenda Capão Bonito" que, em algumas menções bibliográficas e até nos seus rótulos originais, consta como "Fazenda Capão Bonita". Apesar de sua tradução inglesa: "*...attractive country which is known locally as the 'Beautiful Copse*" (Blake 1939a), Blake havia se confundido, pondo o adjetivo em concordância com a fazenda e não com o substantivo capão, formador do topônimo.

Segundo o relato de Blake, o lugar está em um platô campestre que é drenado pelas cabeceiras do Rio Vacaria: "*Capão Bonita occupies a grassy plateau drained by the headwaters of the Vaccaria River, a tributary of the Rio Parana. Although several hundred square miles are included in the ranch, I was surprised find that it is considered only moderately large as Brazilian ranches go. Today much of the cattle range in Matto Grosso is enclosed in fences, but these scarcely mar the landscape in a country where a single pasture may be tem miles wide*".

Sobre a avifauna local, declara (Blake 1939a):

> *Bird-life on the campo is surprisingly varied and abundant. Scarcely less spectacular than the rhea*

is the cariama, a long-legged bird which bears a superficial resemblance to the secretary-bird of Africa. Of great interest anatomically, cariamas are the nearest living relatives of the prehistoric Phororhacos, an enormous bird which lived in the same region more than 8,000,000 years ago. Tinamous, burrowing owls, caracaras and many lesser birds contribute to the ornithological interest of the grasslands.

The birds collected by the expedition are now exhibited in a natural habitat group in Hall 20. They were mounted by Staff Taxidermist John W. Moyer, and the background was painted by Staff Artist Arthur G. Rueckert.

Segundo Paynter & Traylor (1991:210-211) a localização do topônimo é a seguinte:

FAZENDA CAPÃO BONITA; Mato Grosso do Sul

ca.2117/5449
(ONC)

410 m, on western bank of Rio Vacaria [2155/5359 (USBGN)], E of Serra Maracajú [2357/5501 (USBGN)] and 80 km SW of Campo Grande [2027/5437 (USBGN)] (WAS; ONC, as "Campão Bonito"); Blake, at ca. 500 m, Sept-Oct 1937 (FMNH, also as "Vaccaria"; Vaurie 1967, Amer. Mus. Novit. no. 2305, p.18, as "Fazenda Capão Bonita, Vaccaria"]; Pinto, 1949, as "Vacaria".

Essas descrições geográficas, no entanto, não são das mais precisas, merecendo uma avaliação profunda, em virtude das grandes dimensões da propriedade e, por conseguinte, da presença de inúmeros tipos de ambientes – o

que influiria na interpretação ecológica das espécies colecionadas.

A Fazenda Capão Bonito, com efeito, era um imenso latifúndio de capital estrangeiro, composto originalmente por quase 160.000 hectares; constituía-se da principal área da *Brazil Land Cattle and Packing Company* e controlava um rebanho com 200 mil cabeças de gado (Gauld 1964). A área total poderia ser resumidamente descrita como o perímetro entre as atuais sedes municipais de Sidrolândia, Maracaju e Nova Alvorada do Sul, o que dá uma ideia do seu tamanho. Bem da verdade, o nome "Fazenda Capão Bonito" aludia à sede geral das propriedades da BLCP, cujo território era composto por várias fazendas, em especial a homônima, além da São Roque, Anhanduí, Bálsamo, Passatempo, Lajeado e Piau (Congro 1919).

Essa condição se modificou drasticamente em 1947, portanto, apenas uma década depois da visita de Blake. Ocorre que a área foi confiscada pelo governo federal, atendendo a uma política adotada pelo primeiro presidente brasileiro do pós-guerra, Eurico Gaspar Dutra e que vinha desde o tempo de Getúlio Vargas, por força do Decreto n° 8478 de 27 de dezembro de 1945. Assim, por intervenção do órgão oficial denominado "Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional" (SEIPAN), a propriedade foi posta à venda em dezembro de 1947 (DOU, 1947a).

Curioso notar que é justamente dos atos descritivos da licitação, que se pode colher informações importantes sobre sua localização. Segundo DOU (1947b):

> *"A Fazenda 'Capão Bonito' – com sua dependência, denominada 'Vista Alegre', situada no Município de Caiuás, tendo a área aproximada, respectivamente, de 135.815 e 9.890 hectares, é, indubitavelmente, uma das melhores do Estado do*

Mato Grosso. Sua divisa começa a 3 quilômetros da Estação de 'Bolicho', Estrada de Ferro Noroeste (de Campo Grande a Ponta Porã), margeando a Fazenda em grande extensão, possuindo mais duas outras estações perto da mesma divisa. Para Caiuás, a estrada de rodagem de Campo Grande atravessa a Fazenda em mais de 6 léguas. A parte conhecida por 'Vista Alegre', dista de 'Capão Bonito' 50 quilômetros. Ali está situado o plantel, bem separado do gado comum da fazenda principal. De instalação primorosa, a Fazenda 'Capão Bonito' é toda cercada, com mais de 500 quilômetros de cerca, e está dividida em 50 potreiros, com importantes benfeitorias, destacando-se as da sua sede, com ampla casa de residência, estilo colonial, muito bem construída, com 8 cômodos e varanda em derredor, instalação sanitária, havendo ainda, nêsse conjunto, prédio de escritório, armazém, casa para empregados, currais, cocheira, oficina mecânica, pocilga e campo de aterrissagem de aviões. Tem diversos pastos plantados de capim 'gordura' e 'jaraguá'. A Fazenda tem 9 retiros, com os respectivos currais, todos muito bem construídos, para trabalhar grandes boiadas, com casas para retireiros e sua comitiva. Na seção denominada 'Bálsamo' existe uma pequena instalação para fabricação de manteiga, dotada de maquinismos. Na dependência 'Vista Alegre', há, também, casa para retireiro e respetcivos currais, cercas, etc. tud muito bem instalado e conservado. A Fazenda 'Capão Bonito', com sua dependência, é por demais conhecida no Estado, como uma das melhores do gênero, não somente pela sua situação privilegiada, como, ainda, pela qualidade de suas terras e pastagens. É cortada pelo rio Vacaria, e possui várias aguadas. O gado da Fazenda é todo bem apurado, na sua maioria baio, distinguindo-se como um dos melhores grandes rebanhos do Estado de Mato Grosso. As divisas da Fazenda são todas bem definidas e cercadas, p que

> *se poderá verificar pela planta existente na Sala da Comissão de Concorrência, ou no escritório da 'Brazil Land Cattle and Packing Company', à rua 7 de Abril n° 176, 5° andar, em São Paulo".*

Os chamados retiros eram (e ainda o são) estruturas – nem sempre improvisadas – destinadas ao trato com o gado, em pontos mais afastados das sedes. Na Capão Bonito haviam nove deles, denominados: Campeiro, Paturi, Mirantes, Bálsamo, Santa Luzia, Buriti, São João, Lajeado e Imbira (DOU, 1947b) que, ao longo do tempo (anos 50 e 60), foram sendo desmembrados, muitas vezes preservando o nome para as novas propriedades.

O futuro da área (para revisão *vide* Reis 2002, Santana 2006), a partir da década de 70, acabou vivenciando na sede original da fazenda, um dos primeiros problemas fundiários no estado do Mato Grosso do Sul. Isso porque, ainda que toda a sua área remanescente (14.015 ha) tivesse sua exploração baseada na pecuária extensiva, ela foi considerada pelo INCRA como Latifúndio por Exploração e, por extensão, definida como "de interesse social para fins de reforma agrária" (Decreto Federal n° 97.617 de 6 de abril de 1989). A partir do fim dos anos 80, passou a ser invadida, reapropriada e reassentada por várias ocasiões, mediante pelejas judiciais, resultando na formação de várias glebas que literalmente pulverizaram os contornos originais do enorme latifúndio.

A fim de tentar identificar, com certa acurácia, alguma referência mais pontual para a procedência dos espécimes coletados por Blake, vistoriei suas narrativas, em particular Blake (1939a). Inicialmente, ele indica: "*A truck ride of about seventy-five miles over the plains south of Campo Grande brought me to the Fazenda Capão Bonita,*

objective of the expedition". Essa indicação foi também repetida nos rótulos da coleção do *Field Museum* que se apresentam da seguinte forma: "*Vaccaria, Fazenda Capão Bonito, 75 mi*[les] *S*[outh of] *Campo Grande*". Considerando-se isso (120,7 km a sul de Campo Grande), o ponto estaria aproximadamente no meio de uma reta imaginária entre as sedes dos municípios de Sidrolândia e Nova Alvorada do Sul, na atual Rodovia MS-455 logo após a ponte do Rio Vacaria.

Em seguida, Blake afirma que se instalou na residência do gerente da propriedade: "*There I was greeted by Senhor Carlos Buytendorp*[156]*, the genial and efficient manager, whose interest and enthusiastic participation in my collecting activities assured their success. Headquarters were established in Senhor Buytendorp's home where every facility was thoughfully provided for my comfort and convenience*".

O setor da sede da propriedade, de acordo com o espólio posto à venda pelo SEIPAN, realmente lhe proporcionara excelentes condições para alojamento, algo de certa forma inusitado para a época: "*Na sede* [da Fazenda Capão Bonito havia]*: casa para o administrador, com instalações sanitárias; escritório, loja, armazém, depósito, ferraria, carpintaria, refeitório e cozinha de peões; casa do guarda-livros, dormitório dos peões, casa para empregado (lavadeira), casa para ferramentas, tendais para carnes e matança, banhero e privada, monjôlo com cobertura e chiqueiros; duas casas novas, para empregados, com cozinha separada, privada e paço; um moinho de vento, com pôço calçado de madeira (aroeira), paiol, cocheira,*

[156] Carlos, gerente da fazenda, casou-se posteriormente com Jandira, da dupla Jandira & Benitez, dueto famoso no Mato Grosso do Sul, especializado em música popular de raiz, entremeando ritmos de fronteira, notavelmente o chamamé (Fonte: http://www.chamamems.com.br/site/historico/pioneiros-no-estado/3040.html; acessada em 1° de julho de 2011).

galpão para estábulo, serviços de abastecimento de água, rêgo e arriete; dois banheiros para gado, pomar, campo de aviação com biruta; um fôrno, um tanque para lavar roupa, sob telhados e mais de 2.000 pés de eucaliptus" (DOU 1947b).

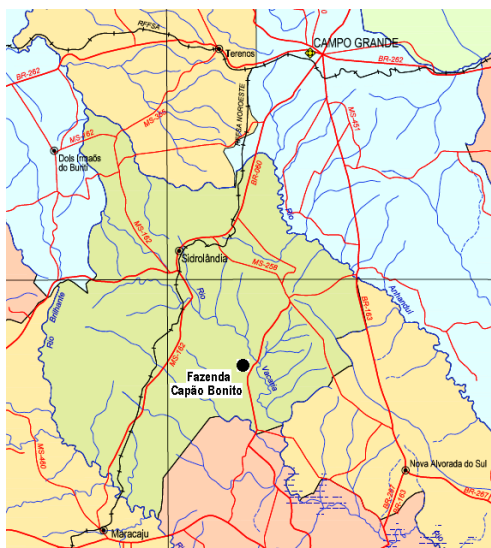
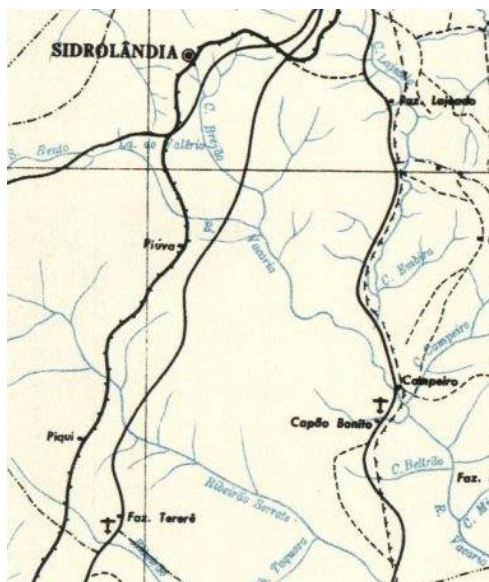
O ponto exato de localização da sede da fazenda pode ser mais ou menos reconhecido com base em uma narrativa anterior à estada de Blake, do historiador Rosário Congro (1919):

> *"Partindo da cidade de Campo Grande, depois de percorridas dez léguas, em rápido e macio Ford, através das mais belas rechãs, planícies infinitas ligeiramente onduladas, marchetadas de anefados rebanhos, ponteadas de pequenos e luxuriantes bosques, cortadas por abundantes ribeiros, compondo maravilhosos cenários, chega-se ao Lajeado, onde uma linfa cristalina desliza sobre as pedras, à sombra das ramagens da mata e onde pesados, maciços, os 'cara-brancas' estacionam plácidos e ruminantes,nas horas quentes do dia.*
>
> *Começam aí os extensos domínios da Brazil Land no municipio de Campo Grande e até a sede, distante ainda seis léguas, as magníficas manadas correm saltitantes ou apenas levantam a cabeça, atentas, ao fonfonar do auto.*
>
> *Transposto o rio Vacaria pela grande ponte de madeira, mandada construir pela importante empresa, chega-se à confortável a aprazível vivenda onde o sr. James Burr, o diretor, cavalheiro do mais fino trato, a todos atende sorridente e solícito.*
>
> *Fronteiro à esplêndida morada, um dilatado horizontes se desenrola, confundindo-se o verde claro dos campos com o claro azul das alturas.*
>
> *Nessa larga esplanada, devidamente separadas, estão as plantações racionais de aveia, alfafa, sorgo, rodes, graminha, gordura e jaraguá,*

que em breve estarão disseminadas pela vastidão da grande estância".

A questão fica totalmente aclarada, ainda, com base no mapa do IGBE (1959 *per* Giesbrecht 2004), onde aparecem não apenas um lugarejo chamado "Capão Bonito" como outro, tal como descrito por R. Congro, intitulado "Faz. Lajeado". Curioso notar que muito próximo ao topônimo indicado por Blake está exatamente a localidade "Campeiro" que somente sete anos antes havia sido erroneamente atribuída a uma estação de coleta de Emil Kampfer, por parte de sua revisora Elsie Naumburg (*vide* Straube & Urben-Filho 2010; Straube, 2017).

O ponto exato de suas coletas, desta forma, provavelmente jamais será conhecido. Indicamos, no entanto, uma coordenada central, que mais se aproximou de suas descrições e fundamenta-se no mapa apresentado por Reis (2002) e que, desta forma, poderá ser utilizado em futuras revisões: 21°14'06"S e 54°43'07"W (alt. 380 m).

Com base nas informações dos exemplares coletados na Fazenda Capão Bonito, supomos que Blake permaneceu nessa área por pelo menos 51 dias, entre 2 de setembro e 21 de outubro de 1937.

Situação geográfica da Fazenda Capão Bonito, no município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul (Fonte: acima: IBGE 1959 *per* Giesbrecht 2004; abaixo: modificado de IBGE 2009).

Além de algumas informações sobre a paisagem da Fazenda, Congro (1919) também notifica várias outras atividades realizadas na fazenda, como plantios de laranjas, mangas, abacaxis, bananas e outras, indicando que – já no fim dos anos 10 – a região do entorno da sede da propriedade já se encontrava notavelmente antropizada. Adicione-se, a isso tudo, o plantel bovino estimado pelo mesmo autor, leia-se 40 mil cabeças de gado.

Blake, no entanto, não concentrou seu trabalho de coleta apenas nas imediações da sede da fazenda. Pelo contrário, alega claramente ter realizado várias perseguições, em veículo automotor, na tentativa de coletar emas, seu principal objetivo e, também, peças botânicas para enfeitar a exposição do *Field Museum*. A impossibilidade de resgatar, precisamente, os pontos de coleta por ele trabalhados para obtenção de espécimes de aves aparecem em seguida: "*Several hundreds miles were covered by truck and horseback in studying the rheas and their most characteristic habitat for reproduction in Field Museum*".

Atualmente, o município de Sidrolândia é um dos mais destacados, no contexto sul-mato-grossense em cultivo de aveia, sorgo, algodão, cana-de-açúcar e, ainda, possui vocação, além da pecuária bovina, para a avicultura e sericicultura (Santana 2006). A paisagem local da Fazenda Capão Bonito, desta feita, destaca uma matriz bastante diversificada de cultura, tendo preservada apenas as áreas contíguas ao Rio Vacaria, incluindo parte considerável de sua várzea.

Da Fazenda Capão Bonito, Blake se transferiu para outra propriedade da BLCP, agora no Paraná. O novo sítio de coleta foi a "Fazenda Morungaba" (ou, como em certas fontes, "Morungava" e variantes) que, além de ser uma das mais antigas sesmarias do Período Colonial brasileiro, foi

também um ponto de parada e descanso, no caminho tradicionalmente seguido pelos tropeiros que levavam o gado do Rio Grande do Sul a Sorocaba, no começo do Século XIX. Depois disso, até meados do Século XX, permaneceu seu destaque no cenário econômico regional, favorecendo o desenvolvimento da pecuária local.

Segundo Moreira (1975), suportado por mapas contemporâneos, a imensa propriedade estendia-se por uma grande extensão de terras no interflúvio dos rios Jaguaricatu e Itararé, na divisa com o Estado de São Paulo, tendo limite sul na Serra de Paranapiacaba. Sobre o topônimo, é assim que o historiador e cronista Ermelino de Leão (1924-1928:1372), em seu "*Diccionario historico e geographico do Paraná*" descreve o local:

> ***"Morunguava**. Fazenda situada a 2 1/2 legoas de Boa Vista, na antiga estrada entre Curityba e S.Paulo. Fica situada entre os rios Itararé e Jaguaricatu, nas divisas do Estado, fronteira a fazenda de S.Pedro que pertenceu ao Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, esposo da Marqueza de Santos. É uma das mais antigas sesmarias, concedida por carta regia de 21 de Janeiro de 1721, confirmando concessão anterior do governador".*

Durante o governo do presidente Washington Luís, a Fazenda Morungaba foi também palco de um importante episódio da História brasileira, a Revolução de 1930. Exatamente ali, como em alguns outros locais ao longo do rio Itararé (p.ex. Quatiguá, no Paraná, e Itararé em São Paulo), ocorreram vários aquartelamentos legalistas, na tentativa do governo federal de sufocar as tropas revolucionárias provenientes do Rio Grande do Sul que avançavam, rumo ao Rio de Janeiro, para impedir a posse do

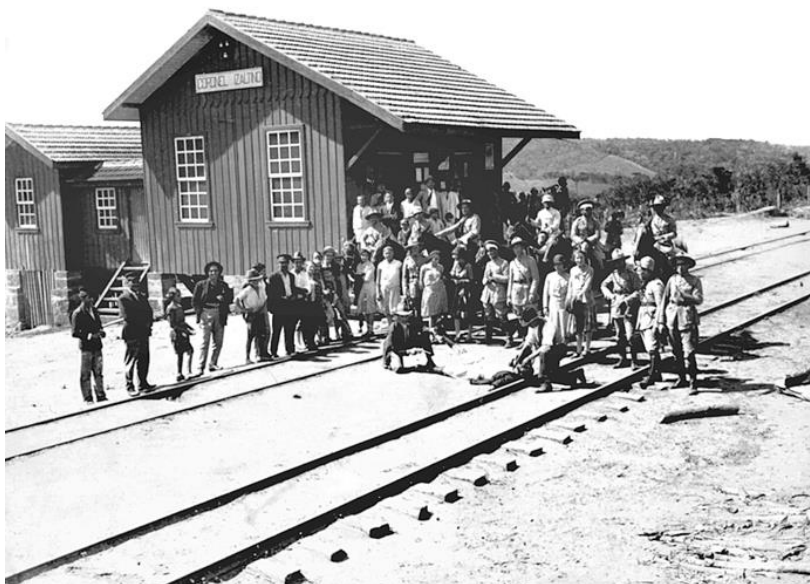
novo presidente Julio Prestes. Costuma-se dizer que Sengés foi a única cidade brasileira a ter sofrido um bombardeio aéreo, ocorrido durante o embate, sendo que algum material fotográfico de ocasião encontra-se disponível (Donato, 1996). Blake, então, chegara à fazenda poucos anos depois da revolta que marcou o fim da chamada "República Velha", no primeiro mandato presidencial de Getúlio Vargas.

Sede antiga da Fazenda Morungaba, durante a Revolução de 1930 (Fotos: Claro Jansson)

Sede antiga da Fazenda Morungaba, durante a Revolução de 1930 (Fotos: Claro Jansson)

Não se sabe ao certo o trajeto percorrido por Blake quando se transferiu do Mato Grosso do Sul para Paraná. A verdade é que se demorou pelo menos 12 dias desde sua última coleta em Capão Bonito e a primeira, em Morungaba.

Por uma questão de parcimônia, é provável que tenha seguido pela Estrada de Ferro Noroeste (tomada em Campo Grande após percurso rodoviário desde a Fazenda Capão Bonito) passando por Presidente Epitácio, Presidente Prudente, Assis e Salto Grande até chegar em Ourinhos, na divisa com o Paraná. De lá passou aos trilhos da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, cujo trecho – recém-inaugurado (1937) - permitia o acesso ao entroncamento existente na cidade de Jaguariaíva (Giesbrecht, s.d.).

Dessa cidade, seguiu para a Estação Ferroviária Morungaba, inaugurada por volta de 1925 e, depois (1930), renomeada como Coronel Izaltino (hoje demolida), quase na divisa com o Estado de São Paulo, em Itararé.

Estação Ferroviária Coronel Izaltino (antiga Morungaba), durante a Revolução de 1930 (Foto: Claro Jansson).

Uma vez estabelecido na Fazenda Morungaba, Blake ali permaneceu por cerca de 37 dias (3 de novembro a 9 de dezembro de 1937), com base nos rótulos dos espécimes coletados. Igualmente incertos são os pontos precisos por ele percorridos, mas indicamos uma coordenada canônica: 24°07’10”S e 49°24’07”W (alt. 700 m).

Quase setenta anos depois de Blake (janeiro de 2007) estivemos na sede da chamada “antiga Fazenda Morungaba”, hoje “Fazenda Santa Gil” situada no município de Sengés. Ali, além de agricultura e pecuária de pequeno porte, há uma pequena pousada onde se pratica o turismo rural. O acesso, bastante simples, é feito pela

Rodovia PR-239 (trecho Sengés-Itararé), por meio de 2 km de uma estrada secundária, cujo acesso (sinalizado, logo após a ponte sobre o Rio Pelame) à direita fica exatamente entre as sedes municipais dos dois municípios. Segundo *site* institucional da fazenda (www.fazendasantagil.com; acessado em 30 de outubro de 2010):

> *"A Fazenda Santa Gil, antiga Fazenda Morungava, tem história desde a época do Brasil Colônia. Em 1.570 havia na região conflitos entre portugueses e espanhóis pela exploração do garimpo de ouro e diamantes nos rios da região. Mais tarde, foi criado o Tratado de Tordesilhas, cuja linha passa à aproximadamente 3 km da entrada da fazenda. A partir daí, as terras foram distribuídas em Sesmarias, cuja área era medida por léguas no sentido norte-sul. Começou então, a exploração da agricultura e pecuária, surgindo fazendas com grandes extensões de terras, tendo a Fazenda Morungava destaque entre elas. Os muros de pedras que cercam a sede é da época da escravidão. O último proprietário a usar mão-de-obra escrava foi o Cel. Jordão do Canto e Silva (falecido em 1918), que a recebera de herança de seu bisavô, Capitão Mor José Felix da Silva. Decorridos anos de sua propriedade, vendeu a uma grande firma madeireira norte - americana. A área do imóvel estava estimada em 37.000 alqueires. Mais tarde, na vigência do "Estado Novo", esses bens foram incorporados ao patrimônio da União, sendo nomeado como interventor o Sr. Manoel Ribas responsável por todo acervo da firma americana. A sede da fazenda fica a cavaleiro da cidade de Itararé, distante 4 quilômetros. Após a abolição da escravatura e a revolução de 1893 chegaram à região os imigrantes europeus, principalmente dos países da Escandinávia.*
>
> *Com o acordo desfeito entra a Cia. Inglesa e o Governo, foi nomeado o interventor Manoel*

Ribas, para tomar conta da propriedade. Seus jardins e a sede abrigaram o Exército Paulista na Revolução de 1.930 (Batalha de Itararé) e as Tropas Gaúchas na Revolução Inconstitucionalista de 1.932.

Depois deste período de turbulência, o governador do Estado do Paraná, na época o Exmo. Sr. Moisés Lupion, a adquiriu e a transformou numa agro-indústria, com pecuária e fábrica de tijolos, telhas, serraria, etc., além de aumentar consideravelmente sua área, que chegou a atingir, segundo informações, 52.000 alqueires paulistas. E passou a pertencer, em 1.984, à família Rodrigues da Silva, atual proprietária.

A Fazenda Morungaba, hoje Fazenda Santa Gil em janeiro de 2007; acima: sede em visão frontal (*esq*.) e lateral mostrando muro de pedra (*dir.*). Abaixo uma construção antiga nos fundos da sede (*esq*.) e a capela (*dir*.) (Fotos: Fernando C.Straube).

Ocorre que, em decorrência de vários desmembramentos por fragmentação do grande imóvel ou mesmo por seccionamentos de espólios familiares, aquilo que era denominado “Fazenda Morungaba” hoje se apresenta sob várias propriedades. Nos próprios mapas mais antigos, pode-se notar duas localidades, no mesmo contexto geográfico, que são denominadas “Nova” e “Velha”, em alusão às situações da sede da propriedade de acordo com as respectivas fases cronológicas. Também sabe-se que algumas propriedades atuais conservaram, em suas novas denominações, a alusão à grande fazenda, o que é visto, por exemplo, na “Fazenda Montaria do Morungava”, “Fazenda São Judas do Morungava” e outras.

Nos anos 40, a área também caiu na malha-fina da SEIPAN e, em 1948, foi posta à venda por sistema de concorrência de maior valor. A descrição do imóvel, tal como aparece no DOU n°12456 de 27 de agosto de 1948 é a que segue:

> *“A Fazenda Morungava, situada no Municipio de Sengés, Estado do Paraná (divisa com o Estado de São Paulo), tôda delimitada e cercada, com inúmeras e valiosas benfeitorias, tais sejam: serraria, fábrica de caixas com tôdas as instalações pertinentes, fazenda de café, pastos para criação, construções destinadas aos serviços industriais e núcleos ou vilas residenciais, bem como todos os veículos, móveis, semoventes e utensílio que atualmente a guarnecem, é parcela da* Southern Brazil Lumber and Colonization Company.
>
> *Essa propriedade encerra a área de 88.430,7370 hectares* [...]*”*

Em 16 de setembro de 2006, o programa Globo Rural (Rede Globo de Televisão, por meio da Rede Paranaense de Comunicação) apresentou o último trecho da série de documentários sobre o tropeirismo no Paraná, intitulado “Fim da marcha pelo Paraná”. Ali podem ser vistas cenas valiosas da Fazenda Morungaba, bem como reproduções das imagens colhidas pelo fotógrafo sueco Claro Jansson (que residia em Jaguariaíva) e tomadas quando dos conflitos da Revolução de 30.

Originalmente, a região onde situam-se as nascentes do Rio Itararé eram quase que totalmente dominadas por um padrão orográfico bastante ondulado, onde existiam extensos campos, entremeados por capões de mata de araucária, brejos e pequenas manchas de cerrado. Auguste de Saint-Hilaire (1851) descreve a paisagem da seguinte maneira:

> *"A região que percorri antes de chegar ao Rio Jaguaricatu (bom cão) é montanhosa e cortada por numerosos vales banhados por riachos. Rochas negras aparecem a todo o momento nas encostas dos morros. Algumas vezes a araucária se ergue, isolada, no meio dos pastos, exibindo toda a imponência do seu porte, mas na maioria das vezes ela se confunde com as outras árvores, no meio das matas sombrias que crescem nos fundos dos vales e nas margens dos riachos. Vêem-se em vários pontos, no meio das árvores, cortinas de água alvas e espumosas, que fazem ressaltar o verde-escuro das araucárias e se despejam, rumorosas, no fundo dos vales. A paisagem ali não tem o aspecto ridente que apresenta depois de Itataré, mas é mais variada e mais pitoresca"*

Obedecendo a um processo que se estende desde o fim do Século XIX, pode-se afirmar que atualmente a vegetação local encontra-se quase que totalmente

descaracterizada; as imensas extensões de campos naturais entremeados por matas de araucária foram erradicadas e substituídas pelo cultivo de soja, eventualmente com pomares nos quintais de sedes de fazenda e algum pasto, onde se desenvolve pecuária extensiva de pequeno porte.

Nas imediações da Fazenda Morungaba existem alguns capões que foram mantidos para servir de invernada para o gado e, desta forma, têm seu sub-bosque totalmente adulterado ou mesmo erradicado por completo. Ao longo do rio Pelame, há uma pequena mata aluvial que, inclusive circunda uma interessante queda d'água, com cerca de 15 metros de altura, citada por Saint-Hilaire (1851):

> *"... Foi uma outra queda d'água que pôs fim ao meu passeio. Essa última cascata é formada por um riacho que, fluindo sobre um leito de pedras chatas, se despeja sobre o riacho principal de uma altura de 16 ou 20 metros. Lamentei bastante não ter podido passar para a outra margem do riacho, onde teria tido uma melhor visão da cascata".*

Nas bordas dos pequenos fragmentos residuais, há espécies de plantas com caule típico de cerrado que imprimem à paisagem um caráter de transição tal como observado em inúmeras outras localidades adjacentes, inclusive a cidade de Jaguariaíva (Straube, 1998).

Acima, paisagem geral, profundamente alterada, das adjacências da Fazenda Morungaba (Foto: F. Straube, janeiro de 2007). Abaixo, uma visão (*Google Earth*) de todo esse contexto, com indicação do campo visual das duas fotografias acima. O campo superior, obtido da rodovia PR-151 inclui o talvegue do Rio Pelame; o campo inferior mostra o pequeno capão remanescente no meio da agricultura.

A cachoeira no Rio Pelame, citada por Auguste de Saint-Hilaire, e marginada pelos últimos resquícios de floresta nas imediações da Fazenda Morungaba.

No ano de 1938, portanto um ano depois de sua viagem ao Brasil, Emmet Blake já era autoridade em Ornitologia. Dividia o cargo de curador da coleção de aves do *Field Museum of Natural History* com ninguém menos do que Charles Eduard Hellmayr, Henry Boardman Conover e Wilfred Osgood, esse último chefe da seção. Sabia, portanto, o que se deveria coletar e em que número.

O material colecionado por Blake na parte brasileira da *Stanley Field Expedition* totalizou cerca de oitocentos exemplares de aves (precisamente 844), 68 mamíferos e 34 anfíbios e répteis e 125 peixes (FMNH 1939:109). Conforme FMNH (1938:225-226), no entanto, o total de naturália obtida foi de cerca de 2000 na Guiana e 1100 no Brasil, sendo provável que parte dela tenha sido permutada ou cedida a outras instituições.

O objetivo principal da visita ao Mato Grosso do Sul, foi a captura de emas (*Rhea americana*), espécie retratada em um diorama instalado, logo ao retorno de Blake, no *Hall 20* do *Field Museum*; uma foto precária dessa apresentação aparece na matéria de capa do *Field Museum News* (setembro de 1939).

Aparência do diorama exposto no Hall 20 do *Field Museum*, logo ao ser aberto ao público (Fonte: Blake 1939b).

No entanto, de acordo com os registros do FMNH, Blake foi muito além disso: colecionou 380 exemplares de 108 espécies de aves na Fazenda Capão Bonito, o que daria médias de 7,5 peças preparadas a cada dia e 3,5 peles por espécie. E nesse acervo há indicativos valiosos de ocorrência, dentre espécies ameaçadas ou contando com poucos registros naquele Estado: *Nothura minor, Circus buffoni, Bartramia longicauda, Phalaropus tricolor, Micrococcyx cinereus, Elaenia chilensis, Alectrurus tricolor, Tyrannus albogularis, Mimus triurus* e *Cyanoloxia brissonii*.

Esse somatório confirma a eficiência do naturalista como coletor e, ainda, reforça o valor da coleção formada

como amostra da composição da avifauna local. Embora pouco traga de excepcional, ela dá uma noção muito clara de quais aves ocorriam naquele setor, inserido nas vertentes orientais da Serra de Maracaju, região que consiste em uma das menos exploradas no Mato Grosso do Sul, apesar de sua inegável importância.

Esse complexo montanhoso é um conjunto de elevações variadas, atingindo até quase 800 metros de altitude, que funciona como divisor de águas das bacias dos rios Paraná e Paraguai cortando, no sentido nordeste-sudoeste, o Mato Grosso do Sul em duas unidades geomorfológicas, hidrográficas e biogeográficas. Trata-se também de uma das regiões limítrofes do bloco contínuo das matas estacionais, que faz parte do domínio da Mata Atlântica do interior, embora já com nítida afinidade com o Cerrado.

De uma forma geral, muitos foram os naturalistas que por ali passaram, mas poucos deixaram testemunho, pequeno que fosse, sobre a fauna e flora do local. Isso porque a Serra consistia apenas de um obstáculo a ser vencido nas vias de acesso utilizadas por aqueles que, a partir da foz do Rio Tietê, demandavam rumo oeste, ao interior do "Mato Grosso". Nesse contexto incluiram-se as expedições de Langsdorff (1826), Comissão Rondon (1908-1909), Roosevelt-Rondon (1913-1914), Marshall Field (1926), Snethlage (1928-1929) e as várias viagens empreendidas pelo Departamento de Zoologia de São Paulo (hoje Museu de Zoologia da USP) (a partir de 1930) e pelo Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro (depois de 1940).

Provavelmente a única presença mais demorada e focalizando a avifauna para a Serra de Maracaju deveu-se, no ano de 1937, a um grande grupo de médicos e outros profissionais da saúde, que para lá se transferiram para realizar pesquisas sobre a Febre Amarela, graças a um

intercâmbio firmado entre a *Rockefeller Foundation*, por meio de sua *International Health Division* (IHD), e o antigo "Serviço de Estudos e Pesquisas da Febre Amarela" (S.E.P.F.A.) do governo brasileiro, então subordinado ao Ministério da Educação e Saúde (Shannon 1939). Uma das iniciativas desta comissão foi a realização de um estudo multidisciplinar, visando à investigação de potenciais vetores daquela doença, durante um surto epidêmico ocorrido na época. Era um período de grande importância para a saúde pública mundial, ligando o florescimento de certas pesquisas imunológicas de grande amplitude, em particular na América do Sul e África.

A coleção de aves (mas também de mamíferos) ali formada ficou ao encargo de Raymond Maurice Gilmore, zoólogo da Rockefeller que abasteceu vários museus dos EUA (p.ex. USNM, FMNH, AMNH) com o material, enviando também duplicatas para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nessa última entidade constam pouco mais de uma dezena de exemplares procedentes dessa expedição com as seguintes informações de rótulo: "*Mato Grosso, Maracajú, altitud 500 meters*", todos colecionados por "*R. M. Gilmore (Rockefeller Foundation)*". Se tratava, então, de um esforço quase contemporâneo ao de Blake que, sem dúvida, já conhecia os respectivos resultados e talvez tivesse interesses pessoais em ampliá-los.

Já na Fazenda Morungaba, ele obteve 385 espécimes de 129 espécies (médias de 10,4 peles por dia e quase 3 por espécie), o que representa cerca de 40% da avifauna até então registrada para a macrorregião (Straube *et al*., 2005). Em uma análise mais fina do acervo colhido, observa-se que limitou-se o coletor a percorrer as matas de araucária, bem como suas bordas, vegetadas por campos e, eventualmente alguns hábitats aquáticos. Não há, por assim dizer, nenhuma espécie típica do cerrado, vegetação que bem próxima dali,

encontra-se, até os dias de hoje, representada por relativamente extensas áreas, inclusive nos arredores da cidade de Jaguariaíva. Dessa coleção, pode-se enumerar algumas espécies interessantes, por serem incomuns naquela região, como *Pteroglossus bailloni*, *Knipolegus nigerrimus* e *Brotogeris tirica*, ou mesmo pouco representadas em coleções, como *Accipiter striatus, Pluvialis dominica, Asio stygius, Lophornis magnificus, Streptoprocne biscutata, Phibalura flavirostris* e principalmente *Hemithraupis ruficapilla*, traupídeo concentrado, no Paraná, na planície litorânea. Blake, certamente interessado em alguns táxons em particular, obteve séries significativas de alguns Trochilidae, bem como de espécies selecionadas (*Elaenia mesoleuca, Anthus hellmayri, Myiothlypis leucoblephara, Zonotrichia capensis* e *Microspingus cabanisi*, dentre outros).

Ao contrário da Fazenda Capão Bonito, a Morungaba foi visitada, além de Blake, por diversos naturalistas e cronistas, com propósitos científicos e narrativos. A história de visitas e acontecimentos destacados naquela propriedade é, pode-se dizer, das mais ricas a antigas. Isso era facilitado por sua localização privilegiada, entre dois núcleos mais ou menos bem estruturados: Itararé e Jaguariaíva, bem como toda uma estrutura franqueada a eventuais visitantes de todos os tipos, por meio de proprietários de fazenda ali estabelecidos. Graças a essas condições, vários visitantes ilustres, de uma forma ou outra ligados à História Natural, ali aportaram, seja em visita rápida, seja por vários dias, hospedando-se na própria sede ou nas imediações. Dentre eles, incluem-se Auguste de Saint-Hilaire (janeiro de 1820) (Saint-Hilaire 1851; Straube 2012), Dominick Ferdinand Sochor, auxiliar-caçador e preparador do naturalista austríaco Johann Natterer (março e abril de 1821) (Pelzeln 1871, Straube 1993, 2010, 2012),

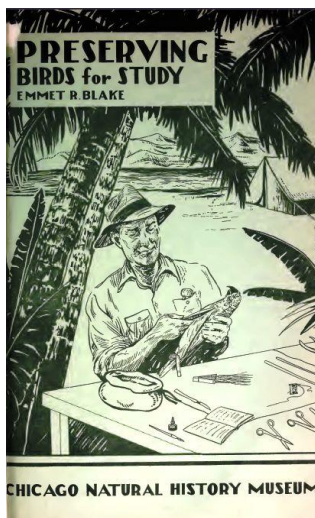
William Cameron Forbes (janeiro e fevereiro de 1915), Theodore Roosevelt (novembro de 1913) (Straube, 2011, 2017). Além desses, em setembro de 1936, também ali esteve um outro explorador (também botânico, etnobotânico e economista), William Andrew Archer (1894-1973) chegado à fazenda a serviço da *Division of Plant Exploration and Introdution* (*Bureau of Plant Industry, U.S. Department of Agriculture*) (USDA 1941a,b). Essa entidade governamental tinha como finalidade a obtenção de germoplasma (frutos, sementes, bulbos e outros elementos de interesse agrícola e medicinal) em várias regiões do mundo, visando à sua introdução e cultivo nos EUA. Na ocasião, Archer investigou as espécies de *Arachis*[157] em uma longa expedição de quase dois anos pelo Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (Correll 1973).

Depois dessa viagem (1942), Blake alistou-se no exército americano, participando da Segunda Grande Guerra em *fronts* na Europa e África. Esse foi o único período em que se ausentou da coleção do Museu de Chicago, em quase quarenta anos de serviços prestados oficialmente (mais duas décadas como colaborador) à instituição.

De retorno, decidiu-se firmemente a publicar suas observações obtidas no neotrópico, tendo deixado quase 70 títulos publicados, dentre eles descrições de táxons novos da Venezuela e Peru e outros estudos, em geral enfocando nidificação, primeiros registros de espécies, revisões taxonômicas e aspectos de distribuição e variação geográfica (SIA, RU nº 7308).

Conhecido por sua habilidade e capricho na taxidermia dos exemplares que colecionava e, ainda, percebendo a escassez de literatura técnica a respeito do tema, decidiu ele mesmo contribuir com a disseminação

[157] Krapovickas & Gregory (2007), em sua revisão deste gênero, localizam erroneamente a propriedade, considerando-o como pertencente ao município de Campo Grande.

desta arte, inclusive entre leigos. Graças a isso, tomou a iniciativa de publicar um livreto, intitulado "*Preserving birds for study*", cujo objetivo era: "*The present manual is intended as a guide for those who would prepare themselves for the task of preserving birds collected for scientific purposes*" (Blake, 1949:5).

Emmet R.Blake em ação, junto ao um ninho de ema (*Rhea americana*) (fonte: Traylor & Willard, 1999) e a capa de seu livreto (Blake, 1949) contendo descrições de técnicas para a preservação de aves com finalidade científica.

Com a singela obra, Blake manifesta o seu conhecimento de causa sobre a importância de coleções seriadas e, desta forma, acaba por ceder detalhes sobre sua própria atividade em campo, ao obter – de fato – vários exemplares de uma mesma espécie. Com suas próprias palavras: "*No single collection of birds contains all described forms. To a far lesser degree do individual collections have adequate series of duplicate specimens representing the plumages of both exes, at all seasons, from all parts of their range. For this reason natural history*

museums are continually in need of additional specimens to supplement those already available” (Blake, 1949:5).

O livro, pouco conhecido (foi omitido no obituário assinado por Traylor & Willard, 1999), contém detalhes sobre instrumentação, preparo inicial do exemplar capturado, noções sobre rotulagem, técnicas de dissecções, sexagem, determinação de idade, envenenamento, e até aspectos de conservação e remessa postal. No seu conteúdo constam também ilustrações, a bico-de-pena, produzidas pelo próprio autor e acompanhando gradativamente a narrativa do processo de taxidermia.

É também de sua autoria o livro “*Birds of Mexico*” (Blake, 1953), o primeiro guia de campo ornitológico daquele país e que contou com sete reimpressões.

Voltando de sua última expedição, desta vez ao Peru em 1958, dedicou-se a um projeto ambicioso, a publicação do "*Manual of Neotropical Birds*", clássico de Ornitologia editado apenas em 1977 pela Universidade de Chicago (Blake, 1977). A continuidade dessa obra, prevista para ser impressa em cinco volumes, foi abortada enquanto preparava a segundo fascículo (Traylor & Willard, 1999) mas o primeiro e único volume ainda é fonte de referência indispensável.

Outras participações robustas para a Ornitologia surgiram nas revisões de três famílias de aves: Corvidae (Blake & Vaurie, 1962), Vireonidae e Icteridae (Blake, 1968a,b) no famoso *Peters' Checklist of the Birds of the World*.

1937-1939

RICARDO VON DIRINGSHOFEN

RICARDO VON DIRINGSHOFEN (Joinville[158], SC: 4 de agosto de 1900; São Paulo, SP: 20 de maio de 1986), ou "*Dirings*" como ele mesmo gostava de ser tratado, inclusive em assinaturas de cartas e outros documentos (Ferreira *et al*., 2016), era um representante comercial do ramo têxtil e pesquisador autônomo no campo da Entomologia. Sua coleção particular com quase dois milhões de insetos e valiosa biblioteca entomológica repleta de obras raras, foi adquirida pelo Museu de Zoologia de São Paulo, por intermédio do CNPq, em 1987 (Mielke & Gil-Santana, 2005).

Ricardo era filho de Axel von Diringshofen, um dos fundadores da Colônia Hansa-Humboldt (vide João Leonardo Lima). Embora fosse um entusiasta, chegou a publicar dois artigos científicos, tratando de cigarrinhas membracídeas, nos quais descreveu dois gêneros e quinze espécies novas; além disso, ao menos dezoito táxons (principalmente coleópteros) foram descritos em sua homenagem, inclusive a rãzinha *Cycloramphus diringshofeni* (Bokermann, 1957) (Ferreira *et al*., 2016).

Segundo Nomura (1997), ele colecionava diversos itens ligados à história natural (chifres de mamíferos, aves, moluscos), mas também peças de mineralogia, etnografia, numismática, filatelia e até mesmo relógios. Em sua casa em São Paulo, onde acolhia amigos mais próximos em viagem,

---

[158] Nomura (1997) diz que nasceu em Itajaí, mas outros autores informam ser Joinville (Diringshofen, 1985; Martins, 1987; Ferreira *et al*., 2016).

também havia peças egípcias guardadas no porão (Olaf H. H. Mielke, 2006, *in litt*.). Também colecionava orquídeas vivas – suas estufas tinham quase 8000 exemplares – e peixes, criados em quase 400 aquários. Chegou mesmo a ter um pequeno zoológico em sua residência, onde mantinha tamanduás, papagaios, corujas, primatas, quelônios e até um porco-do-mato (Ferreira *et al*., 2016).

Ele fazia viagens de coleta com recursos próprios, nas quais procurava obter espécimes de grande beleza, mas também interessantes do ponto de vista científico, por exemplo, borboletas da família Hesperiidae, muitas em sua coleção (segundo O. Mielke, *in litt*. 2006). Também financiava coletores em diversas regiões do Brasil e em outros lugares do mundo e, aparentemente, era bastante criterioso quanto aos dados de coleta (O. Mielke, *in litt*., 2006).

Ricardo von Diringshofen (1900-1986) (Fonte: Ferreira *et al.*, 2016).

Dentre o material adquirido pelo Museu de Zoologia de São Paulo, há também vários exemplares de aves já incorporados ao acervo e procedentes da Ilha do Bananal (n= 5), Rio Vermelho (n=2), bem como um total de 14 espécimes, todos procedentes de Castro e coletadas entre 1937 e 1939.

Exemplares coletados em "Castro, Parana" por Ricardo von Diringshofen, com a respectiva numeração sequencial do acervo do MZUSP.

68579	*Nothura maculosa*	5 junho 1937
68582	*Milvago chimachima*	8 junho 1937
68583	*Mustelirallus albicollis*	11 junho 1938
68584	*Leptotila rufaxilla*	3 agosto 1938
68585	*Asio stygius*	4 março 1937
68586	*Thalurania furcata*	2 junho 1937
68587	*Leucochloris albicollis*	10 maio 1938
68588	*Colaptes campestris*	25 junho 1937
68589	*Colaptes campestris*	4 maio 1938
68590	*Colaptes campestris*	15 março 1938
68691	*Veniliornis spilogaster*	16 junho 1938
68592	*Dendrocolaptes platyrostris*	16 junho 1938
68593	*Cranioleuca obsoleta*	2 agosto 1938
68596	*Batara cinerea*	3 abril 1939

Além desses, há uma outra série, em grande parte proveniente do estado de Santa Catarina (p.ex. "Rio Vermelho - Santa Catarina", MZUSP-74910 a 74917), e uma fração sem rótulos com indicação de procedência e que são provavelmente oriundos de Santa Catarina e/ou Paraná. Tratam-se de 56 espécimes toscamente preparados, quase sempre preenchidos com musgo, barba-de-bode (*Tillandsia usneoides*) ou pedaços de pano. Nenhuma dessas peças têm as asas costuradas por dentro, ficando quase que totalmente soltas e sujeitas a se desligarem do conjunto. Uma curiosa característica, está no local onde ele fazia a incisão para iniciar a taxidermia, sempre na região lateral do corpo, por

onde se pode ver o preenchimento. O bico é transpassado, de uma narina à outra, por uma fibra vegetal amarrada por baixo, sendo que esse cordão é longo, talvez para pendurar o espécime durante o processo de secagem (*vide* Andreas Mayer).

Destaca-se ali, o número de espécimes de duas espécies: *Ramphastos dicolorus* (n=16) e *Cacicus haemorrhous* (n=10), sugerindo seu interesse em adquirir séries de aves mais abundantes. Há também algumas formas algo interessantes como *Pulsatrix koeniswaldiana, Parabuteo leucorrhous, Phibalura flavirostris* e *Leptodon cayanensis*.

De todo o conjunto colecionado por Diringshofen, destaca-se um *Thalurania furcata* (não-sexado) coletado em "Castro, Parana" em 2 de junho de 1937 que consiste no único registro documentado desta espécie em território paranaense.

Exemplar de *Thalurania furcata*, coletado por R. von Dirginshofen em Castro em 1937 (MZUSP-68586), que consiste no único registro documentado da espécie para o Paraná.

Diringshofen manteve, em certo momento, relações com Andreas Mayer o que pode ser constatado em correspondência (data desconhecida), cujo anexo consegui resgatar no Museu de Zoologia de São Paulo:

DIRINGS
Caixa Postal, 2131
São Paulo - Brasil

COPIA

Sendung an Herrn ANDRE´MAYER
rua Manoel Pedro 4 2 o
Alto Babral - CURITYBA

1 Eule (Balg) ,aus S.Bento Sta. Catarina
1 Nacht-Schwalbe mit sehr lang.Schwanzfedern aus S.Bento - Sta. Catarina
1 PICA-Pau (mit gelben Schopf),aus S.Bento Sta. Caterina
1 kleiner PICA-PAU , aus S.Bento Sta. Catrina
1 Nacht-Schwalbe (mit sehr breitem Schnabel), aus S. Bento- Sta. Caterina
1 braun gestreifter Vogel ., aus S.Bento-St.Cat
1 schillernder Vogel mit roter Brust- aus S.Bento Sta. Cat.
1 Falcão (Fluegel unten rost/braun u.weis gestreift), aus S.Bento-Sta. Caterina
3 Tucanos , aus S.Bento Sta. Caterina
1 weisser Fisch-Reiher , aus S.Bento-Sta. Cat.
1 ARIRAMBA (Galbuta) N° 212 -Ilha de Bananal
1 SOFRÉ N° 211 -Ilha de Bananal
1 JAPÚ N° 210 -Ilha de Bananal

15 Stueck

DIRINGS
Caixa Postal, 2131
São Paulo - Brasil

Enviados ao Sr. ANDRÉ MAYER
rua Manoel Pedro 4 2 0
Alto Cabral – CURITYBA

1 Coruja (pele), de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 Curiango com penas da cauda longas de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 Pica-pau (com topete amarelo), de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 pequeno PICA-PAU, de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 Curiango (com bico muito largo), de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 pássaro listrado marrom, de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 ave iridescente com peito vermelho - de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 Falcão (asa de ferrugem / listrado de marrom e branco), de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
3 Tucanos, de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 Garça branca, de S[ão]. Bento [do Sul], Sta.Catarina
1 ARIRAMBA (Galbula) N ° 212 - Ilha do Bananal
1 SOFRÊ N ° 211 - Ilha do Bananal
1 JAPÚ N ° 212 - Ilha do Bananal

15 peças

Embora não tenha sido possível identificar o paradeiro desses espécimes, o contato entre ambos, eventual ou duradouro, ocorreu provavelmente entre 1936 e 1943, quando Mayer ainda residia em Terra Nova. Ocorre que, nos anos 30, Dirings se estabeleceu na capital paulista, ao assumir o cargo de representante comercial da empresa Artex, atuando no eixo Rio-São Paulo. A partir de então, passou a fazer várias viagens pelo interior do Brasil, quando

aproveitava para colecionar itens de naturália. Nessa época, ele não somente já era um interessado em História Natural (paixão que consta ter iniciado em 1915) como um pesquisador de Entomologia, fundador que foi da Sociedade Brasileira de Entomologia em 1937.

Cronologia

1938 É criada a “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná”. O curso de História Natural é instituído apenas em 1942 e, em 1946, a entidade acaba absorvida pela Universidade do Paraná. Originalmente particular, a faculdade foi federalizada em 1950.

1938 Auxiliares voluntários e naturalistas viajantes contratados passam a se dedicar a ampliar e conservar o acervo de História Natural do Museu Paranaense, destacando-se RUDOLF BRUNO LANGE, CARLOS N. GOFFERJÉ, GERT G. HATSCHBACH e RALPH J. J. HERTEL.

1938 Eurico Santos publica a primeira edição do livro “**Da ema ao beija-flor**”, livro de divulgação sobre a avifauna brasileira, tratando – nesse volume – das espécies não-passeriformes.

1938 a 1979

VLADIMÍR KOZÁK

VLADIMÍR KOZÁK (Bystřice pod Hostýnem[159], República Tcheca: 19 de abril de 1897; Curitiba, PR: 3 de janeiro de 1979)[160] foi desenhista, pintor, escultor, fotógrafo e, especialmente, um dos primeiros cinegrafistas que se dedicaram, entre outros temas, à natureza paranaense. sua temática dava especial destaque aos povos indígenas, sobre os quais produziu imensa obra iconográfica, fotográfica e videográfica.

Em 1914 estudou em Viena (Áustria), retornando ao país natal onde, por volta de 1922, formou-se em engenharia mecânica pela *Masarykova univerzita* em Brno (República Tcheca). Passa a atuar, então, como mecânico de aviões e, em 1923, recém-formado, resolve transferir-se para os EUA interessando-se pelos índios norte-americanos.

Segundo consta, Kozák tinha conhecimentos em eletricidade e, percebendo a possibilidade de emprego no Brasil, muda-se novamente em 1924 com sua irmã (também artista) Karla[161], residindo no Rio de Janeiro, Bahia, Minas

---

[159] Localiza-se na Morávia (terra de Gregor Mendel e Sigmund Freud), perto da fronteira com o sul da Polônia e oeste da Eslováquia.

[160] Segundo Fernandes (2012): "*Cada um, a seu modo, guarda parte da biografia desse homem surpreendente – uma fortaleza de 1,90m, voz de trovão em sotaque martelado, temperamento de neurótico de guerra, capaz de perder 20 quilos durante as expedições. Os que não o conheceram, mas que se juntaram ao seu "círculo de confiança", não fogem à regra. Somam dados e perguntas a essa biografia que não se resolve em poucas linhas*".

[161] Segundo Fernandes (2012), em matéria especial para a "Gazeta do Povo" (edição de 22 de junho de 2012, caderno "Vida e Cidadania"), Karla o acompanhava nas expedições e cuidava da alimentação e da casa. Em uma das viagens, contraiu uma infecção que a castigou. Em depoimento de Oldemar Blasi ao jornalista, *"Era uma mulher grande como ele, mas ficou muito magra. Ele nunca mais foi o mesmo*". Karla morreu em 1960. Seu

Gerais (Belo Horizonte) e Espírito Santo. Desde então, passou a visitar diversas aldeias das mais variadas etnias e, depois disso, prosseguiu o seu produtivo trabalho de resgate visual dos índios brasileiros, durante mais de 30 anos.

Após 14 anos de viagens pelo país, em 1938 transfere-se definitivamente para Curitiba onde, de acordo com Lange (2005), tornou-se "*...responsável pelos bondes* [de transporte coletivo]. *Era tão estimado na empresa*[162], *que disseram que os bondes foram vendidos por um real com a condição que levassem o Kozák junto*"[163]. Ao mesmo tempo, trabalhava com fiscal da Companhia de Força e Luz do Paraná, quando visitava casa por casa, em busca de acessos clandestinos à rede elétrica.

Quando se aposentou em 1946, Kozák conhece José Loureiro Fernandes, o dinâmico diretor do Museu Paranaense, que decide aproveitá-lo como voluntário. Assim, já em 1947 o designa para chefe da Seção de Cinema Educativo e Documentação Fotográfica, em substituição a Azambuja Germano[164]. Nesse cargo, ocupado até 1963, teve o respaldo institucional para algumas produções, baseadas em filmagens colhidas no litoral, em Vila Velha e Foz do Iguaçu. Eventualmente acompanhava as expedições oficiais do Museu, porém, sempre lhe cabia a viabilização das viagens, quase todas feitas com seus próprios recursos[165].

---

quarto na casa em que morava com o irmão ficou fechado por duas décadas, tal como o deixou. Foi aberto em 1979, depois da morte de Kozák.

[162] *Electric Bond & Share Co*., subsidiária da General Electric.

[163] Lange (2005) também afirma que ele era naturalizado americano, o que não pude confirmar; era sim, desde 1957, naturalizado brasileiro.

[164] Outro grande colaborador do Museu Paranaense, em especial na década de 30, foi João Batista Groff (1897-1970). Com ele, Loureiro Fernandes, Moure e o linguista Rosário Farani Mansur Guérios realizaram trabalhos nas áreas dos toldos indígenas do Rio das Lontras e Palmeirinha, em Palmas (Fernandes, 1941; Guérios, 1942) (ver também Andreas Mayer, neste volume).

[165] De acordo com Fernandes (2012: Gazeta do Povo, edição de 22 de junho de 2012, caderno "Vida e Cidadania"), "*O fato de Kozák vender parte de seu acervo pessoal para uma instituição canadense* [Glenbow Alberta Institut Museum], *entre outras negociações, causava mal-estar entre os antropólogos e arqueólogos, que passaram a acusá-lo de*

Uma dessas viagens, realizada no início de 1948 junto com Carlos Gofferjé e João Bigarella, teve como destino o rio Paraná, entre a foz do rio Parananema e os saltos das Sete Quedas, onde registrou araras-vermelhas[166].

Dentre milhares de metros de filmes de rolo, alguns deles editados e produzidos com improvisação, além de muitas fotografias e anotações de campo, o seu legado foi parcamente reconhecido, ainda que tenha servido como base fundamental para uma infinidade de pesquisas históricas e etnográficas em todo o Brasil[167]. Dentre outras, as etnias abordadas por Kozák incluem grupos que, na época, eram pouco conhecidos como os Bororo, os Kayapó, os Karajá, os Urubu-Ka'apór e vários grupos do Alto Xingu (Rodrigues, 2005). Segundo Maranhão (2006), "*Após a sua morte em 1979, seu acervo particular foi inventariado, passando a pertencer ao Estado do Paraná, aos cuidados do Museu Paranaense. Este acervo* [colhido entre 1938 e 1960] *compreende 36 horas de filmes em 16 mm, não sonorizados, sendo a maior parte coloridos, além de fotografias, aquarelas, esboços, óleos sobre tela e uma rica documentação manuscrita como correspondências, cadernetas de campo e esboços de roteiros*".

A respeito da épica viagem ao rio Paraná em 1948, constam em seus diários muitas indicações, anotações e registros documentados da fauna, em especial aves, cujo exame minucioso, deverá trazer revelações importantes para

---

mercantilista. Os mais próximos atestam que ele vendeu o que conseguiu em viagens solo e que era essa a única maneira de custear filmes coloridos, que eram revelados nos Estados Unidos. Ao morrer, o cineasta ainda tinha créditos nos laboratórios americanos".

[166] Vide "Coletores Eventuais do Museu Paranaense", neste volume, e "João Bigarella", no próximo volume.

[167] Seu acervo, tanto visual (filmes, fotos, desenhos) quanto escrito, é realmente imenso, uma vez que Kozák era um documentador detalhista e metódico que se interessava por todos os detalhes possíveis. A maior parte de seus registros ainda não foi estudada com a profundidade necessária, ao menos no campo da História Natural. Seu material, porém, tem sido objeto de restauração desde 1998 (Posse, 2005) e estudo de vários pesquisadores, como Carmen Lucia da Silva e Maria Fernanda Campelo Maranhão (Maranhão, 2006).

a Ornitologia. De um trecho dos diários de Kozák, sobre a viagem ao rio Paraná em 1948, Maranhão (2006) menciona: "*Nós atiramos em* ***jacutingas*** *para a panela e para coleta, e tivemos um trabalho difícil para prepará-la no calor*" e "*No alto paredeão de granito denominado Paredão do Veado um alto paredão de arenito, as* ***araras*** *estão em casa. Sua beleza está além da imaginação, são pássaros muito tímidos. Eles apresentam o mais magnífico espetáculo, voando, lutando e brincando juntas ao por do sol*".

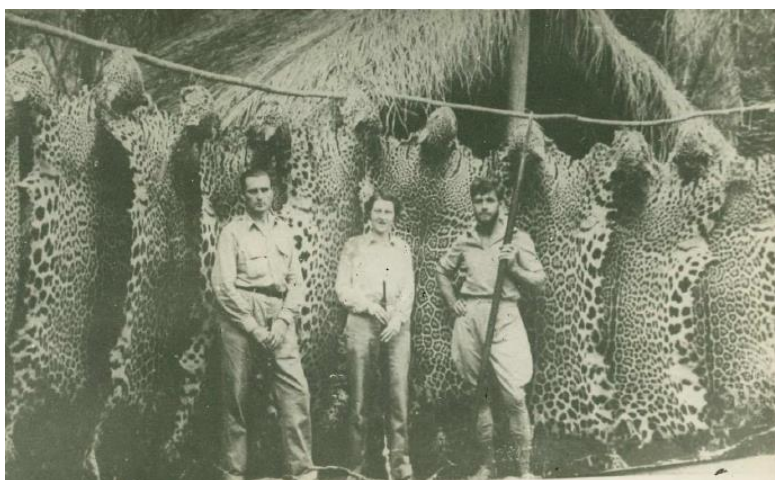



Foto extraída de Maranhão (2006) sob a legenda: "*Naturalista Carlos Gofferjé exibe peles de onça, caçadas para a coleção zoológica do Museu Paranaense*[168]*. Foto: Vladimir Kozák, 1948*".

A partir do início dos anos 50, Kozák realizou diversas expedições para o Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Maranhão e Pará, produzindo material

[168] A imagem, que mostra pelo menos dez onças-pintadas (*Panthera onca*), merece revisão quanto à procedência. Do acervo de História Natural do Museu Paranaense, hoje depositado no Museu de História Natural Capão da Imbuia, não há registro desses espécimes e a quantidade de peças parece exagerado para o período destinado à viagem. As peles, além disso, estão preparadas para servirem de ornamento (tapetes) e não segundo o procedimento usual para finalidade científica.

fotográfico e uma infinidade de desenhos e pinturas. Seu empenho viria a ser coroado em 1950 quando, a convite de Loureiro, foi contratado pela Universidade Federal do Paraná, onde atuou como técnico no Departamento de Pesquisa e Documentação (Kozák *et al*., 1979).

Por volta dos meados da década de 40, alguns acontecimentos foram de grande importância para sua trajetória. Por essa época, quando se iniciou o processo de colonização do noroeste paranaense, um grupo indígena desconhecido foi localizado na região da Serra dos Dourados, hoje município de Ivaté, não distante do terço-final do rio Ivaí. Mesmo recebendo atenção do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que para lá realizou uma série de expedições, nada foi encontrado além de vestígios. Até que em 1952, um agricultor da região fez o primeiro contato com essa etnia, o que motivou, no anos de 1955, a três novas incursões do SPI para aquela região, tendo Kozák participado da segunda delas (Kozák, 1972), em novembro de 1955.

A descoberta despertou o interesse de Loureiro Fernandes, que passou a estudar o grupo indígena do ponto de vista antropológico e, ainda, motivou-o a convidar Kozák para a documentação. Em fevereiro de 1956, então, Loureiro e Kozák, pela Universidade Federal do Paraná, participaram de uma expedição que, finalmente, localizou dezesseis indivíduos acampados em uma borda de floresta. Tratava-se de uma etnia que, tempos depois, foi batizada pelo antropólogo com a denominação Xetá[169].

Dois meses depois, Kozák retornou à região e, até o ano de 1974, teria feito pelo menos mais dez visitas aos

[169] Kozák preferia usar "Héta". Por motivos tratados adiante, se observa que muito das divergências, em alguns casos sutis, sobre esse contato, provêm do desentendimento ocorrido entre Kozák e Loureiro Fernandes.

aldeamentos[170], sendo que – em 1960 – ele teria sido o primeiro e obter farto material fotográfico sobre seus costumes (R. L. Carneiro *in* Kozák *et al.*, 1979)[171].

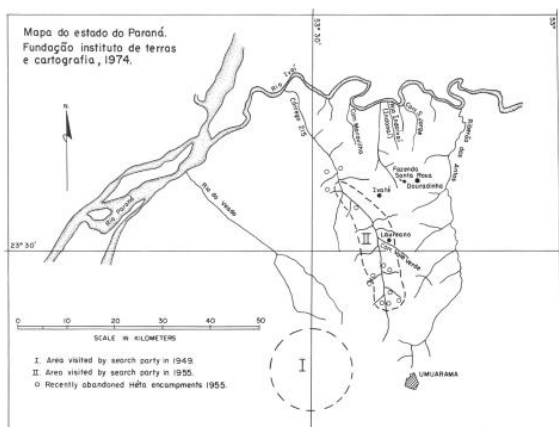



FIG. 3. Map of the Serra dos Dourados area in northwestern Paraná. Drawn by Nicholas Amorosi from the original.

Mapa de localização das aldeias Xetás, no noroeste do Paraná (fonte: Kozák *et al.*, 1979).

Ocorre que as relações entre Kozák e Loureiro tornaram-se desgastadas, como relatam vários pesquisadores

---

[170] Entre 24 e 31 de janeiro de 1961, o naturalista Andreas Mayer participou de uma destas viagens, para a qual foi designado como coletor de espécimes, notadamente aves. É daí que uma pequena coleção (cerca de 30 exemplares) oriunda da "Margem do Rio Indo-ivaí, próximo a Ivaté, Paraná" está representada no Museu de História Natural Capão da Imbuia, de Curitiba. Todo esse material acabou omitido da revisão do material colecionado por Mayer na região noroeste (Straube & Bornschein, 1989), uma vez que a caligrafia dos rótulos parecia indicar "...próximo a Irati" (uma cidade no centro do Paraná). Alguns anos depois, essa omissão foi corrigida, na coletânea da avifauna da região (Straube *et al.*, 1996).

[171] Há literatura relativamente extensa sobre os Xetás, destacando-se Fernandes (1959a, 1959b, 1960, 1961, 1962), Loukotka (1960), Maack (1962), Laming-Emperaire (1964), Kozák (1972), Rodrigues (1978), Aytai (1981), Helm (1994) e Silva (1998), dentre vários outros. Aparentemente foi Thomas P. Bigg-Wither o primeiro a manter contato com eles, momento que é narrado em seu livro (Bigg-Wither, 1878). Recentemente, o Museu Paranaense lançou excelente material didático e documental em CD-ROM ("Quem são os Xetá?"), em acordo com a Secretaria de Estado da Cultura e a Companhia de Informática do Paraná.

contemporâneos, como Rudolf Lange em seu "Depoimento" (Lange, 2005):

> *"Aí, ele* [Kozák] *foi filmar os Xetá; ele filmou, a pedido do dr. Loureiro, uma confecção que eu assisti, de um furador de lábio para a colocação de tembetá. Cortou um galho verde de peroba; raspou e apontou a vareta com lasca de pedra. Depois de lixar a peça, usando folha de embaúba, lubrificando com saliva, sapecou-a no fogo para que ficasse dura. Pouco depois o índio fez uma lâmina de machado em pedra a pedido do Loureiro. O Kozák quis ficar com as peças, porque tinha filmado, porque não sei o quê. Surgiu um bate-boca, o Loureiro manteve-se firme e o material foi para a Universidade.*
>
> *Mas com isso, o Loureiro perdeu a estima do Kozák e criou um inimigo desagradável. Eu, por exemplo, encontrava o Kozák com freqüência quando ia ver minha caixa postal, e sempre tinha que ouvir os seus comentários raivosos. Como eu defendia o Loureiro, ele ficava tenso comigo alegando que eu não sabia dos detalhes. Eu tratava de me afastar, justamente por causa desse comportamento do Kozák".*[172]

Assim, isso motivou Kozák a organizar independentemente as informações que guardara, as quais foram a matéria-prima de sua obra maior, publicada em co-autoria com David Baxter, Laila Williamson e Robert L. Carneiro: "*The Héta indians: fish in a dry pond*" (Kozák *et*

[172] Confirmado por Aryon Dall'Igna Rodrigues (2005): "*Aliás, outro pesquisador que, apesar de ter sido um dos principais, senão o mais importante colaborador de Loureiro, passou a detestá-lo por sentir-se utilizado e não valorizado, já que não era considerado um "cientista", as um mero técnico, o "cine-técnico da Universidade do Paraná", foi Vladimír Kozák. Fora os filmes e as fotografias, todo o conhecimento acumulado por Kozák não só junto aos sobreviventes do povo Xetá, mas também junto a outros povos indígenas, como os Boróro, os Kayapó, os Karajá, os alto-xinguanos e os Urubu-Ka'apór, parece não ter despertado nenhum interesse por parte de Loureiro*".

al., 1979), dois anos depois traduzida ao português em um número especial do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (Kozák *et al.*, 1981). Nessa monografia[173], os autores relatavam a surpreendente descoberta desse grupo de índios, com detalhes sobre o mais completo isolamento em que se encontravam até então.

Vladimír Kozák, observando o casal de Xetás tecendo em tear rudimentar (Fonte: Kozák *et al.*, 1979).

Essa breve introdução, imperfeita como seria de se esperar, nos leva agora a um exame mais profundo, do ponto de vista ornitológico.

Primeiramente, deve-se ressaltar que o artigo mencionado se trata de obra póstuma. Além disso, ele não

[173] Que é uma versão expandida e muito mais detalhada de outro, publicado no famoso periódico "*Natural History*" (Kozák, 1972).

teria sido escrito efetivamente por Kozák e sim pelos demais autores que basearam-se "*...on notes and photographs made by Mr. Kozák before the disappearence of the Héta and this culture*" (Kozák *et al*., 1979:353). Kozák teria, por correspondência postal, apenas participado de alguns ajustes no texto, que ficou concluído pouco antes de seu falecimento e, desta forma, ele sequer chegou a folhear a versão final impressa.

De qualquer forma, os registros escritos de animais constatados por Kozák, embora deles não sejam perfeitamente claras as origens, são particularmente interessantes. Isso porque auxiliam no conhecimento da avifauna de uma região cujos ambientes naturais foram quase que completamente erradicados e cuja documentação acabou por ser quase que totalmente perdida.

Por outro lado, a intervenção dos demais autores da obra parece ter criado uma série de confusões no tocante a certas menções a espécies, cuja distribuição não concorda completamente com o conhecimento até então disponível.

Uma delas refere-se à presença de "aracuãs" na região noroeste do Paraná, baseada em indícios do uso destas aves como alimento pelos Xetá. Embora a identificação dessas aves como *Ortalis guttata*[174] tenha sido dada como certa por Bornschein *et al*. (1996), eliminando a "possibilidade de um equívoco de identificação", há vários aspectos que merecem melhor discussão.

Note-se que a fonte para essa suposição é um pequeno fragmento citado em Kozák *et al*. (1981:63) o qual, com efeito, discorda do artigo original em inglês (Kozák *et al*. 1979:388-389):

---

[174] Essa alusão refere-se a *Ortalis remota*, que era tratada como subespécie amazônica *Ortalis guttata* e atualmente considerada espécie plena (Silveira *et al*., 2017).

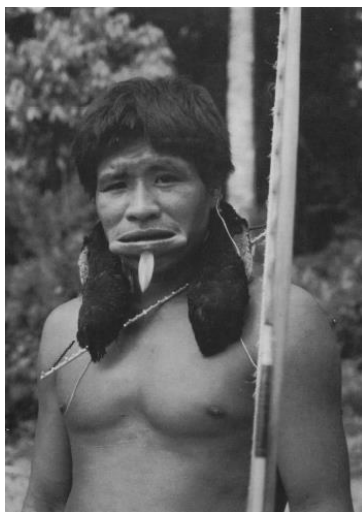
Kozák *et al.* (1981)	Kozák *et al.* (1979)
"Algumas espécies de aves eram apanhadas pelos Héta para alimentação, inclusive o tucano (*Ramphastos*), a arara (*Ara*), o aracuã (*Ortalis*), o jacú (*Penelope superciliaris*), o japú-guaçú (*Gymnostinops*) e o mutum (*Crax*)".	*Several species of birds were hunted for food by the Héta, including the Toucan* (Ramphastos *sp.*)*, macaw* (Ara *sp.*)*, chachalaca* (Ortalis *sp.*)*, jacú* (Penelope superciliaris)*, oropendola* (Gymnostinops *sp.*)*, and curassow* (Crax *sp.*).

A diferença entre os dois textos mostra claramente que a versão original foi modificada na tradução, pela substituição de espécies de identificação assumidamente inviável por gêneros de identificação "definitiva". Essa sutileza literária acabou gerando uma interpretação errônea, em especial nos três casos (*Ortalis*, *Gymnostinops* [atualmente *Psarocolius*] e *Crax*) em que caberia – no âmbito geográfico paranaense – apenas o reconhecimento de uma única espécie para cada um destes gêneros[175].

O recurso do "*sp*." para indicação de espécies cuja identidade não foi possível, ficando apenas garantido o reconhecimento do gênero taxonômico, deixa claro, no caso acima replicado (Kozák *et al*., 1979), que os autores não consultaram fontes fidedignas para a citação das espécies de aves. Isso porque as duas únicas espécies do gênero *Ramphastos* que ocorrem na região (*R. toco* e *R. dicolorus*), bem como de araras (*A. chloropterus* e *A. ararauna*) e as únicas espécies de japu-guaçu (*Psarocolius decumanus*) e de mutum (*Crax fasciolata*) poderiam ser seguramente (caso existisse segurança na informação) reconhecidas.

Essa falta de cuidado na indicação dos ítens usados é verificada também na arte plumária. Kozák *et al*. (1979:411), por exemplo, afirmam que "*From adolescence on, the Héta wore feather ear pendants made from the fully*

[175] No estado do Paraná, segundo Scherer-Neto *et al*. (2011), o gênero *Ortalis* é representado apenas pela espécie *O. squamata*, assim como *Psarocolius* tem apenas *P. decumanus* e *Crax*, somente *C. fasciolata*.

plumed skins of several birds: sparrowhawks, macaws, parrots, and toucans (fig. 52)". No entanto, a imagem referida (reproduzida abaixo) é a famosa foto do jovem Xetá com dois adornos auriculares feitos com pele de pavó (*Pyroderus scutatus*) que, exceto pelo brilho rubro próprio dessa ave, não tem nada do esplendor nem da diversidade plumária mencionados no texto.

À esquerda um índio Xetá, utilizando o tembetá de resina vegetal nos lábios inferiores e os adornos auriculares (brincos) de couro de pavó (*Pyroderus scutatus*) (Fonte: figura 52 de Kozák *et al.*, 1979:414).

Além disso, a construção da sentença também é discordante entre a versão original e a tradução. Afinal, "*including*" traduz-se como "incluindo", ou seja, listando-se os ítens principais e não como "inclusive", interpretado como "tais ítens, dentre outros". A julgar que Kozák *et al*. (1979) teria enfatizado aquelas aves como elementos principais da alimentação dos Xetá – como é minha interpretação do que está escrito – esperar-se-ia que elas

aparecessem com alguma frequência nos acervos colhidos por Kozák, o que não corresponde com a realidade[176]. Afinal, dentre o vasto material em vídeo, fotografias, artefatos de arte plumária, como armas e adereços, diários de campo redigidos em tcheco pelo próprio Kozák, assim como na representativa série de espécimes ornitológicos obtidos por A. Mayer durante as mesmas viagens para estudos daqueles índios[177], não foi possível encontrar sequer traços indicativos que endossem tais afirmações.

Fotografias de Vladimír Kozák, armazenadas no Museu Paranaense (lote RG-1322), referentes à avifauna utilizada pelos índios Xetás.

N°	Descrição da peça
83/79	Um exemplar de *Colaptes campestris* vivo e um morto, nas mãos de um Xetá adulto, ladeado por duas crianças.
1720/79	Xetá adulto ornando um brinco (padrão do exemplar MP-91.04.02) feito com epiderme de *Micrastur semitorquatus*; ao lado um outro adulto com outro tipo de brinco.
2298/79	Um exemplar de *Colaptes campestris* vivo e um morto, nas mãos de um Xetá adulto, ladeado por duas crianças.
1712/79	Um adulto de Xetá aparece envolto, nos quadris, por um grande couro de onça (*Panthera onca*).
964/79	Dois juvenis de *Milvago chimachima* no colo de uma índia adulta, ladeada por três crianças.
1642/79	Dois jovens Xetás, cada qual usando brincos de epiderme de *Pyroderus scutatus*.
1669/79	Xetá adulto com coroa vertical de couro da onça (*Panthera onca*), com brinco feito de epiderme de *Micrastur semitorquatus*.
1041/79	Grupo familiar Xetá tendo, em primeiro plano, uma jovem com xerimbabo (*Pionopsitta pileata*) agarrado às suas costas.
1047/79	O mesmo grupo anterior porém com a ave (*Pionopsitta pileata*) de costas, no centro da foto.
1498/79	Mulher Xetá adulta com poleiro trançado contendo dois juvenis de *Ictinia plumbea* com tarsos amarrados ao poleiro.

---

[176] Mesmo nos glossários e estudos linguísticos feitos sobre os Xetás aparece qualquer menção a aracuã ou algo assemelhado, embora citações a outras espécies de aves sejam abundantes, dentre elas, jacu e jacutinga (Fernandes, 1959; Guérios, 1959; Rodrigues, 1978; Vasconcelos, 2008).

[177] Examinados por mim e por M. R. Bornschein, B. L. Reinert, M. Pichorim (Straube *et al*., 1993) e A. Urben-Filho em Curitiba (Museu da Imagem e do Som, Museu Paranaense e Museu de História Natural Capão da Imbuia) e Paranaguá (Museu de Arqueologia de Paranaguá).

1071/79	Dois adultos com brincos feitos de epiderme de *Pyroderus scutatus*.
1481/79	Adulto Xetá com brinco feito pela composição da epiderme de *Ramphastos toco* e *Colaptes campestris*.
1483/79	Dois xetás adultos, um deles com um queixada (*Tayassu pecari*) carregado às costas, sendo este o adulto que, em destaque, a aparece na foto 1482/79. O outro índio, com arco e flechas, está com um par de brincos feito com pele de *Micrastur semitorquatus*.
1409/79	Adulto escalpelando uma *Ara chloropterus*, sobre uma esteira de folhas de palmeira.
1389/79	Criança xetá , entre outras várias, portando brinco feito de couro de pássaros.

Arte plumária Xetá conservada no Departamento de Antropologia de Universidade Federal do Paraná (DEAN; *cf.* Straube *et al.*, 1993) e Museu Paranaense (MP) e as espécies figuradas.

N°	Espécie	Fragmento
DEAN-1319a	*Pionus maximiliani*	Regiões gular, peitoral e abdominal (dois indivíduos)
DEAN-1319b	*Pionus maximiliani*	Região posterior do corpo, englobando uropígio e crisso, tendo apenso um fragmento da coroa e nuca
DEAN-1320	*Pyroderus scutatus*	Região nucal, lados da zona gular e do manto (dois indivíduos)
DEAN-1321	*Ramphastos dicolorus*	Zona do uropígio e crisso
DEAN-1323	*Trogon rufus*	Região peitoral superior
DEAN-1324	*Ramphastos dicolorus* *Pteroglossus castanotis*	Região peitoral Coroa, lados da cabeça, nuca e manto anterior
DEAN-1325	*Celeus flavescens*	Região costal posterior e uropígio.
DEAN-1326	*Campephilus robustus*	Quinto final da região gular, zona posterior dos lados da garganta e zona peitoral.
DEAN-1327	*Pteroglossus castanotis*	Região uropigiana.
DEAN-1328	*Crypturellus obsoletus ?* *Ramphastos dicolorus*	Região coxal? Tetriz de contorno.
DEAN-1329	*Pteroglossus castanotis*	Região gular, peitoral e abdominal, excetuado o crisso.
DEAN-1330	*Celeus flavescens*	Região cefálica, com coroa, lados da cabeça e nuca.
MP-95.03.01	*Colaptes melanochloros*	Emplumação em placa com tetrizes de contorno.
MP-95.03-04	*Pionus maximiliani*	Asa completa.
MP-95.03.05	*Pionus maximiliani*	Asa completa.
MP-91.04.17	*Celeus flavescens*	Asa completa.
MP-91.04.18	*Ramphastos dicolorus*	Toda a região ventral, presa pela mandíbula, mantida intacta.
MP-91.04.03	*Cyanocorax chrysops*	Região peitoral e ventral.

MP-91.04.07	*Ramphastos dicolorus*	Região gular e peitoral.
MP-91.04.08	*Ramphastos dicolorus*	Região gular e peitoral.
MP-91.04.14	*Colaptes campestris*	Região gular e peitoral.
MP-91.04.16	*Colaptes campestris*	Região gular e peitoral.
MP-91.04.09	*Ramphastos toco*	Uropígio.
	Colaptes campestris	Região peitoral.
MP-91.04.12	*Pionus maximiliani*	Região peitoral.
MP-95.03.03	*Pionus maximiliani*	Região peitoral.
MP-91.04.13	*Colaptes melanochloros*	Região peitoral.
MP-95.03.02	*Colaptes melanochloros*	Região peitoral.
MP-91.04.58	*Colaptes melanochloros*	Cabeça mumificada, com vareta transpassando as narinas.
MP-91.04.57	*Colaptes melanochloros*	Cabeça mumificada, com vareta transpassando as narinas.
MP-91.04.15	*Colaptes campestris*	Região peitoral.
MP-91.04.11	*Colaptes campestris*	Região peitoral.
MP-91.04.04	*Colaptes campestris*	Região peitoral.
MP-91.04.10	*Colaptes campestris*	Região peitoral.
MP-91.04.05	*Pyroderus scutatus*	Região gular, peitoral e abdominal.
MP-91.04.06	*Pyroderus scutatus*	Região gular, peitoral e abdominal.
MP-91.04.02	*Micrastur semitorquatus*	Epiderme com tetrizes
MP-91.04.01	*Micrastur semitorquatus*	Epiderme com tetrizes

Segundo Kozák *et al*. (1979), ainda: "*The birds were eaten and the feathers used in ornaments and for fletching arrows*[178]*. The long wing and tail feathers of macaw, jacú, chachalaca, the king vulture* (Sarcoramphus papa) *were especially desired for these purposes*"[179]. Essa afirmação é imprecisa porque os Xetá, para o fabrico dos elementos de arte plumária, utilizavam-se de simples e primitivos escalpelamentos das aves, restando adornos simplificados contendo meros fragmentos de epiderme com penas,

[178] Examinamos apenas algumas flechas e apenas observamos penas de arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e urubu (*Coragyps atratus*). Isso concorda, em parte, com Fernandes (1959b): "*Os Xetá utilizam as penas das aves para adornos e para emplumação de suas flechas. Neste último caso utilizam as penas remígias e caudais de aves de maior porte, como o urubu-rei. Dão preferência, para os adornos, às delicadas penas de colorido vivo como as penas vermelhas das araras* (Ara chloroptera)".

[179] Na tradução, esse trecho vem assim apresentado: "As longas asas e as penas da cauda da arara, do jacú, do aracuã, do urubú-rei (*Sarcoramphus papa*) eram muitíssimo apreciadas para uso mágico-medicinal" (Kozák *et al*., 1981:63). Isso se constitui de um erro, pois a frase que vem logo depois, no original, é a seguinte: "*Birds of certain species were killed for magical-medicinal uses*" e, portanto, não se associa diretamente ao contexto anterior, com relação a itens.

raramente utilizando-se de amarrações com fibras vegetais como bromélias (caraguatás: *Bromelia antiacantha*) ou embira; eventualmente, para penas pequenas, colavam-nas com cera de abelha, formando pequenos e desajeitados agrupamentos. Assim, todas as peças que examinamos se apresentavam como pedaços de couro emplumado ou rústicos tufos de penas e não, como seria de se esperar, como elementos artísticos de amarração ou trançados fixando penas destacadas da pele.

À esquerda, dois curumins mostram o fruto da caçada: um surucuá-de-barriga-vermelha (*Trogon surrucura*) e um pica-pau-rei (*Campephilus robustus*); dois filhotes do gavião sovi (*Ictinia plumbea*) são mantidos como xerimbabos (à direita) (Fonte: Kozák *et al*., 1979).

Há, ainda, várias outras passagens em Kozák *et al*. (1979, 1981) que permitem notar a fragilidade da assessoria técnica prestada aos autores no tocante à identificação das espécies mencionadas. Uma delas, notável, diz respeito ao "urubú-rei (*Sarcoramphus papa*)" (Kozák *et al*., 1981:55) cuja foto, na realidade, mostra um urubu do gênero *Cathartes*[180], ainda que a legenda alusiva insista: "Urubú-

[180] De acordo com a segura opinião de Guilherme R. R. Brito (2015, *in litt*., Museu de Zoologia, USP) a identificação da espécie não é possível. No noroeste do Paraná ocorrem

rei”. Esse é um indicativo primário de que as identificações de aves (e também de outros grupos zoológicos abordados), não sofreram o crivo devido por parte de um especialista.

FIG. 55. Héta family in the forest performing the ritual for a killed king vulture.

No original (Kozák *et al*., 1979): “Família Héta na floresta realizando o ritual para um urubu-rei abatido”.

Outros exemplos zoológicos citados merecem avaliação crítica pelo critério quanto à determinação, sendo que constam dentre as “*várias espécies* [que] *constituiam alimentação habitual dos Héta”, seriam o ‘cágado’*

---

dois representantes do gênero (*C. aura* e *C. burrovianus*), os quais possuem uma considerável variação individual quanto à plumagem e coloração da cabeça, aspecto que fica inviável de ser reconhecido nas fotos (preto-e-branco).

(Geochelone) *e 'camaleões'* (Iguana iguana)". Esses táxons, tal como apresentados são evidentes equívocos de identificação, uma vez que jabotis (gênero *Chelonoidis*), e muito menos as grandes iguanas (*Iguana iguana*), não são seguramente conhecidos no Paraná, estado onde provavelmente nunca ocorreram.

Não desprezamos a informação de que "cágados" (nome popular aplicado a várias espécies de quelônios de água doce, especialmente do gênero *Phrynops*) e grandes lagartos como o teiú (*Salvator merianae*, de carne apreciadíssima) possam ter sido ítens de consumo alimentar pelos Xetá. Entretanto, a identificação carece de qualquer fundamento que possa ser revertido a algum tipo de dado extraordinário sobre ocorrências inusitadas no Estado. E, como se percebe claramente, devem ter sido inspiradas em textos mal-interpretados de Kozák, sem mesmo que ele pudesse revisá-los. Adiciona-se o fato de que várias imagens, dentre fotos e vídeos, preparadas por Kózak não foram obtidas in situ, junto aos Xetá. Sabe-se, por exemplo, que o autor simulava certos rituais em sua própria residência, usando animais de origens diversas, como cativeiro e outras regiões do Paraná, para figurar na obra revisiva[181].

Não obstante toda essa polêmica gerada por equívocos que, em nossa opinião não devem ser creditados a Kozák, há algumas frações aproveitáveis na referida publicação.

A primeira delas diz respeito à relação mantida entre um grupo indígena totalmente isolado no sul do Brasil em

---

[181] "*Em uma ocasião, no final de semana, antes de descermos a rampa do prédio, o Kozák pediu que o esperasse porque queria retirar da geladeira da cantina* [da UFPR] *um pacote que havia guardado há dias. Era uma cobra cascavel recebida de conhecido do interior. Contou-me que combinara com índios para encenar, conforme o costume tribal, o preparo e o consumo do ofídio no fundo do seu quintal*" (Chmyz, 2005)

meados do Século XX (o que já constitui-se de informação valiosa) e os recursos naturais utilizados por eles. O maior trunfo do trabalho de Kozák está na documentação feita por ele tanto de filmes e fotografias, quanto das peças de adorno guardadas em vários museus.

Além disso, não descarto a possibilidade de que *Ortalis remota* tenha de fato ocorrido no estado do Paraná e se isso é realidade, aquela região seria exatamente o que se esperaria para a continuidade sul de sua distribuição geográfica, como já demonstramos (Silveira *et al*., 2017:528):

> *"It is probably an endemic of the central region of the "Bosque Paranaense" Province (Morrone 2001), an area severely modified even before adequate biological inventories could be taken. These regions include riparian habitats of the Parana River, ranging from its major tributaries (Grande, Paranaíba and Aporé Rivers), along the western border of São Paulo, and ending at the extreme west of the state of Paraná, near 24°S".*

No entanto, essa questão não está em julgamento aqui, inclusive porque Telêmaco Borba (Borba, 1908; Straube, 2013) e mesmo José Carlos Reis de Magalhães (*apud*. Bornschein *et al*., 1996) testemunharam a presença de "aracuãs", respectivamente no rio Paraná (em 1874) e no sul do Mato Grosso do Sul (década de 40). Também não descarto que novos indicativos, que surgirão após exame minucioso dos itens plumários dos Xetá e mesmo de pequenos detalhes em filmes ou nos escritos de Vladimír Kozák, levem a um flagrante mais contundente sobre essa e

várias outras espécies de aves interessantes naquela região[182].

O que se observa, porém, é que as fontes até então utilizadas para tanto são pouco consistentes, tanto no que diz respeito ao que foi originalmente escrito quanto na sua tradução, às quais faltou o devido assessoramento por um especialista[183].

Kozák é uma personalidade bastante lembrada no cotidiano curitibano[184]. Ainda falta, porém, um logradouro com seu nome, que perpetue sua memória e legado. Por outro lado, há um centro cultural que ocupa exatamente a casa onde residia, no bairro Uberaba[185].

---

[182] Nossa modesta incursão leiga pelo mundo da plumária Xetá foi, obviamente, incipiente. De acordo com Parellada (2017) "*são 601 objetos Xetá já identificados*", os quais merecem exame cuidadoso do ponto de vista etnozoológico.

[183] O mesmo se aplica a um exemplar de *Ortalis squamata* (MHNCI-1574) que consta no acervo do Museu de História Natural Capão da Imbuia como proveniente de "Paranavaí", tal como um *Ramphastos vitellinus* (MHNCI-1568), sendo ambos datados como 13 de maio de 1954. Essas duas espécies são, ao que se sabe, privativas da região litorânea paranaense e tais espécimes não servem como testemunho de ocorrência, por terem sido enviados do pequeno zoológico daquela cidade, denominado "Passeio Público".

[184] Há um curta metragem (15 min) em 16 mm (preto-e-branco, mudo), intitulado "O mundo perdido de Kozák", dirigido por Fernando Severo e lançado em 1988. ali são mostradas imagens paranaenses, inclusive aves, colhidas pelo próprio Vladimír nos anos 30-60.

[185] Revitalizado em 2016, o espaço é uma unidade da Fundação Cultural de Curitiba que promove cursos e oficinas. Localiza-se na Rua Padre Julio Saavedra, 583, bairro Uberaba em Curitiba.

“Casa Kozák”, centro cultural estabelecido na antiga residência de Vladimír Kozák, no bairro Uberaba em Curitiba (Fonte: Google Street View).

1939 Segunda Guerra Mundial (até 1945), conflito de grandes proporções entre duas alianças: Aliados e Eixo. durante quase 6 anos, foram mobilizados quase 100 milhões de militares, com resultados devastadores, inclusive o lançamento de duas bombas atômicas.

1939 Falecimento de Rodolpho von Ihering.

1939 Ampla reforma administrativa ocorre no Museu Paulista. Toda a temática zoológica passa ao encargo do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Neste ano, Olivério Pinto assume a direção do citado Departamento.

1939 Helmut Sick, na companhia de Adolf Schneider (ambos discípulos de Erwin Stresemann, no Museu de Berlim), chega ao Brasil (Espírito Santo), onde permanece até seu falecimento. Schneider, por sua vez, retornou à Alemanha em 1944.

1939 Falecimento de Alípio de Miranda Ribeiro.

1939 É assinado um decreto-lei que define, como timbre do escudo de armas paranaense, a harpia (*Harpia harpyja*).

1939 Agenor Couto de Magalhães publica o livro “Ensaio sobre a fauna brasileira”.

1939 Iniciam-se os “Anos Dourados” do Museu Paranaense que, após várias fases, encontra, enfim, seu eixo fundamental de atuação, voltado à guarda de materiais de interesse na pesquisa histórica, biológica, geográfica e de muitos outros campos do conhecimento.

1939 a 1956

Coletores eventuais do Museu Paranaense

De antemão é importante mencionar que o mais importante acervo zoológico paranaense, hoje no Museu de História Natural Capão da Imbuia (atualmente sob a tutela da Prefeitura Municipal de Curitiba), fez parte de diversas instituições, cujas denominações e atribuições causam confusão até os dias de hoje. Originalmente com coleções precárias, esse material era parte integrante do Museu Paranaense, reorganizado e transformado em instituição científica oficialmente em 1935 e, de fato, em 1939.

Em 1956, todo o acervo biológico e geológico foi desmembrado do Museu, constituindo uma entidade própria, com o nome de Instituto de História Natural (IHN). Em 1963, esse mesmo órgão passou a se chamar Instituto de Defesa ao Patrimônio Natural do Estado (IDPN ou IDPNE), o qual foi extinto em 1976, quando os acervos passaram a ser mantidos pelo Instituto Agronômico do Paraná (IAPAR). Dois anos depois, a prefeitura de Curitiba resolveu tomar a guarda de todas as coleções e, sob regime de comodato, passou a abrigá-las, conservá-las e ampliá-las. Por força legal, a instituição foi denominada "Museu Municipal de História Natural" (Lei municipal n° 5792 de 2 de fevereiro de 1978) mas, por volta de 1985, passou a ser tratada como "Museu de História Natural Capão da Imbuia", em alusão ao bairro onde está situado e cujo nome é o único conhecido e consagrado nos meios científicos do Brasil. Essa noção

histórica resumida[186] é importante para a compreensão de diversos detalhes ligados à História Natural no Paraná e, neste capítulo, refiro-me apenas ao período em que as coleções ornitológicas encontravam-se sob a guarda do novo Museu Paranaense, entre 1939 e 1956.

Saindo de um período do mais completo abandono, o Museu Paranaense (fundado em 1876 e passando por vários períodos de instabilidade) adentrou enfim em sua fase mais brilhante[187]. É que o interesse oficial para com o patrimônio natural do Estado sob a forma de coleções científicas ou expositivas, reiniciou-se no ano de 1935, com o lançamento do Plano de Reorganização do Museu Paranaense (Fernandes & Nunes, 1956). O projeto nada mais era do que reflexo da política do "Estado Novo", que levou o presidente Getúlio Vargas a nomear, em 1930, Manuel Ribas como interventor.

Inquestionavelmente, é apenas nesse período que a instituição passou a planejar e realizar pesquisas de fato, no conceito universalmente admitido e praticado em entidades congêneres do Brasil e de outros países. A entidade, dessa forma, reestruturava-se sob a inspiração do que ocorrera em outras instituições congêneres como o Museu Paulista e o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Plano concluído, foi somente no ano seguinte que fica reestabelecido o cargo de diretor do Museu, agora ocupado pelo antropólogo José Loureiro Fernandes. Embora já oficialmente reestruturado, foi apenas quatro anos depois

[186] Há inúmeras fontes tratando dessa complexa cronologia, dentre elas menciono Leão (1900), Fernandes & Nunes (1956), Cordeiro e Corrêa (1985) e especialmente o atualizado livro de Abilhoa *et al*. (2013); uma revisão mais profunda encontra-se em preparação. Além disso há uma excelente contextualização política, social e científica deste período, referente a toda a evolução sofrida pelo Museu Paranaense que está em Ardigó (2007). Em seu trabalho, que consiste em um dos melhores levantamentos históricos realizados até então sobre a instituição, o autor não apenas apresenta uma pesquisa criteriosa, mas também supre a indesculpável omissão daquela instituição, na análise de Schwarcz (1993).

[187] Exceções feitas, embora sem cunho científico, às contribuições ornitológicas episódicas de Romário Martins (Straube, 2015) e dos Leão (este volume).

(1939)[188] que as coleções passaram afinal a ter um caráter científico, por iniciativa pessoal de seus administradores e da contribuição, muitas vezes voluntária, de uma equipe de jovens estudantes entusiastas, como se verá adiante.

O novo diretor, **JOSÉ LOUREIRO ASCENÇÃO FERNANDES** (Lisboa, Portugal: 12 de março de 1903; Curitiba, PR: 16 de fevereiro de 1977) era filho de imigrantes portugueses que chegaram ao Rio de Janeiro. Ele se formou em medicina, especializando-se em urologia e ginecologia em Viena e Paris. Nessa última cidade passou a dedicar-se à Antropologia, ofício que o fez reconhecido internacionalmente. Chegado a Curitiba, participou da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e realizou pesquisas antropológicas e arqueológicas no Museu Paranaense, tendo ao longo de sua vida colaborado com incontáveis instituições, como o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá (Paraná) e o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA). Foi vereador em Curitiba e secretário de educação no governo estadual (1948) tendo, nesse cargo, criado a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná, dedicando-se ao tombamento e preservação de sítios arqueológicos e do patrimônio histórico do Estado. Nos anos 50, dando o suporte técnico à descoberta dos índios Xetá no noroeste do Paraná, foi ao mesmo tempo um de seus principais defensores, buscando a criação de uma reserva indígena para o grupo recém-descoberto. Folclorista, divulgou as congadas paranaenses com um livro, publicado um ano após a sua morte.

Pouco contribuiu com o acervo ornitológico do Museu Paranaense, exceto por dois espécimes, um coleirinho (*Sporophila caerulescens*, MHNCI-42, coletado

---

[188] Nesse intervalo, ocorreu um capítulo à parte na história do Museu: a transferência para o governo municipal, revertido em outubro de 1938.

em Curitiba em data desconhecida) e um pinguim (*Spheniscus magellanicus*, MHNCI-800: praia de Matinhos, 29 de julho de 1946).

José Loureiro Fernandes (1903-1977) (Fonte: acervo do Museu Paranaense)

Deve-se a ele, no entanto, grande parte dos méritos pelo estabelecimento de um espírito participativo entre seu corpo técnico, gerando um interesse diversificado dos pesquisadores, alguns deles jovens estudantes recém ingressados nos cursos superiores da Capital. Essa característica, nunca vista nos meios acadêmicos locais, imprimiu à instituição uma característica pluralista de interesse amplo, voltado à História Natural como um todo e não restrito a especialidades, ao contrário das tendências que começavam a se estabelecer já naquela época. Essa equipe,

segundo Cordeiro & Corrêa (1985), originou uma escola não-formal, que culminou com a formação dos cursos de História Natural das universidades do Estado, sendo notável a ligação do Museu com o mundo acadêmico em franca expansão.

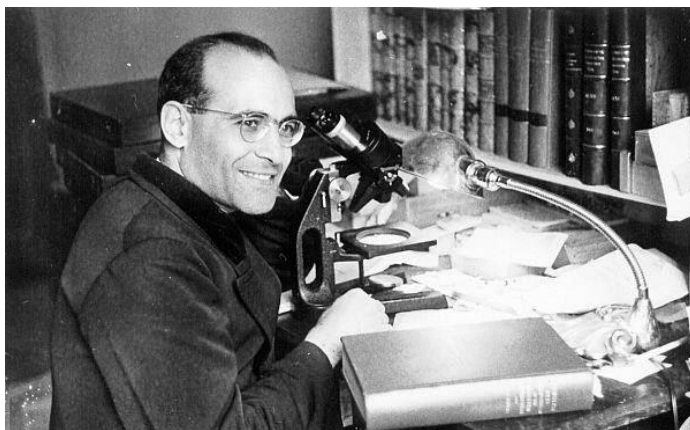
O referido Plano de Reorganização foi cuidadosamente preparado por Fernandes e, graças à sua experiência e fácil trânsito pelos meios políticos locais, levou a uma reestruturação completa da instituição. Estava também presente em sua visão, um forte viés acadêmico. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná relacionava-se diretamente com o Museu e, ao tempo, em que acabava de criar subdivisões de acordo com as especialidades disponíveis, todas elas acabaram sendo chefiadas por professores universitários. Assim apareciam nomes como Arthur Martins Franco e Júlio Estrella Moreira (Seção de História), Antônio Martins Franco e Carlos Stellfeld (Botânica), Francisco de Assis Fonseca (Geologia e Paleontologia), Jesus Santiago Moure (Zoologia) e o próprio Loureiro Fernandes (Antropologia e Etnografia). Nas comemorações da Emancipação Política do Paraná de 1939, o Museu foi reaberto à visitação pública, com as coleções já convenientemente distribuídas dentro de um critério científico e com a recém-criação de um serviço da taxidermia, bem como o início da formação de uma biblioteca especializada. Consolidava-se, assim, o mínimo desejável para um museu de história natural: coleções, corpo técnico, biblioteca e acervo expositivo.

À frente da seção de Zoologia, estava **JESUS SANTIAGO MOURE** (n. Ribeirão Preto, SP: 2 de novembro de 1912; f. Batatais, SP: 14 de julho de 2010), o "Padre Moure", que tornou-se uma referência científica no campo da Entomologia até o seu falecimento, com a idade de 98 anos. Formado em Filosofia (1932) e Teologia (1937), ele

foi chefe da Seção de Zoologia do Museu Paranaense entre 1939 e 1956 e, entre essa gestão (1952-1954), diretor da instituição. Em seguida tornou-se professor catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, onde aposentou-se compulsoriamente apenas em 1982. Por 12 anos liderou o Departamento de Zoologia daquela universidade, bem como a coordenação da pós-graduação em Entomologia. Foi professor visitante do Departamento de Entomologia da Universidade do Kansas e bolsista de diversos órgãos de fomento nacionais e internacionais, tendo visitado inúmeras coleções em todo o mundo. Sua área de atuação concentrou-se na sistemática de Hymenoptera, particularmente Apoidea, grupo no qual tornou-se referência internacional. Publicou centenas de artigos científicos, livros e capítulos e foi homenageado na descrição de quase três dezenas de táxons de crustáceos, insetos, aracnídeos, turbelários e enteropneustos. Embora com idade avançada, permaneceu até sua morte em atividade, realizando pesquisas sobre abelhas, colaborando com estudos diversos e orientando estudantes. O acervo de Entomologia da Universidade Federal do Paraná foi batizado como "Coleção Entomológica Padre Jesus Santiago Moure", em alusão ao seu mais dedicado participante (*vide* Melo & Alves-dos-Santos, 2003).

Aqui cabe lembrar que, embora coordenando os trabalhos de Zoologia no Museu Paranaense, Moure pouco contribuiu com as coleções de aves e, como um todo, de vertebrados. Ele era especialista em abelhas, grupo ao qual se dedicou por toda a sua vida. Coletava amostras ornitológicas eventualmente e fez uma pequena coleção, com nove exemplares de nove espécies na "Colônia Santo Antônio" (São José dos Pinhais)[189] em julho de 1952 e junho de 1953; também trouxe para o acervo outros quatro,

[189] Hoje Colônia Rio Grande, na divisa com Curitiba, próxima ao Zoológico.

provenientes de Curitiba (1945) e de São José dos Pinhais (1950).

Jesus Santiago Moure (1912-2010) em 1948 (Fonte: Melo & Alves-dos-Santos, 2003, abaixo)

Uma de suas ações, quando assumiu a chefia da Seção de Zoologia do Museu, foi a incineração de toda a coleção antiga, por julgá-la infestada por dermestídeos (*vide* Straube, 2015:159). Em certos momentos, visto sua condição como acadêmico e, naturalmente, pela carência de especialistas habilitados, chegou a colaborar com pesquisas sobre a avifauna sobre as quais, entretanto, nada mais palpável foi possível resgatar. Há um indicativo disso, para o ano de 1956, de um estudo levado a efeito por estudantes do curso de História Natural da "Universidade do Paraná" e que tratar-se-ia – como se pode deduzir – de uma revisão das aves de rapina diurna paranaenses[190]:

> "*Na secção destinada à estudo dos gaviões, os trabalhos de pesquisas dos*

[190] Por muitos anos, Moure pensava em aplicar sua "taxonomia numérica" para as aves de rapina do Brasil e, algumas das vezes em que o encontrei ele mencionou isso, sobre o que havia tentado convencer Helmut Sick a fazê-lo.

falconiformes paranaenses estão pràticamente concluídos. Para isso, foram estudadas as coleções do Museu Paranaense e do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo, aguardando-se oportunidade para revisão do material do Museu Nacional. Êsses trabalhos, orientados pelo professor Moure, estão sendo realizados por três licenciados do curso de História Natural"[191].

CARLOS STELLFELD (Curitiba, PR: 26 de junho de 1900; f. Curitiba, PR: 22 de outubro de 1970) foi farmacêutico e médico atuante [192], além do primeiro professor de Botânica da Universidade Federal do Paraná. Contribuiu ativamente com o herbário da Faculdade de Farmácia (depois incorporado ao Departamento de Botânica) e realizou diversos estudos, muitos deles de fitoquímica. Dedicou-se à etnobotânica, identificando espécies de plantas e sua importância medicinal (Stellfeld, 1939, 1968). Durante o processo de reorganização do Museu Paranaense, dirigiu a Seção de Botânica da instituição e, depois, foi seu diretor. Em 1951, fundou o Instituto Paranaense de História da Medicina, sendo seu primeiro presidente. Tinha especial interesse em coleções obtidas por naturalistas antigos, como Freire Allemão (Stellfeld, 1948), Per Karl Dusén (Stellfeld, 1942), Frei Cristóvão de Lisboa e dos irmãos Velloso, sendo que uma de suas obras mais significativas é o livro biográfico "Os dois Vellozo" (Stellfeld, 1952). Também estudava a florística, sendo

[191] Diário do Paraná, edição de 17 de fevereiro de 1956, Segundo Caderno, p.2.
[192] Era proprietário, junto com os irmãos, da Farmácia Stellfeld, originalmente "Botica Alemã", que foi fundada por seu avô Karl August Stellfeld, imigrante alemão (ver Straube & Straube, 2019).

relevante o artigo "Fitogeografia geral do Paraná" (Stellfeld, 1949) que apresenta os primeiros esboços do mapa fitogeográfico do Estado, de autoria de Reinhard Maack. Em 1943 traduziu, com Ernesto Niemeyer, o texto de Karl von Martius sobre a "Fisionomia do reino vegetal no Brasil". Foi membro da Academia Paranaense de Letras e também cinegrafista amador, colhendo imagens antigas da cidade de Curitiba, hoje armazenadas no Museu da Imagem e do Som. Em sua homenagem há uma praça em Curitiba, no bairro Cabral. Seu nome foi considerado para o batismo do crustáceo copépodo *Mesochra stellfeldi,* descrito por Hans Jakobi em 1954, da abelha *Euglossa stellfeldi* (Moure, 1947) e de diversas espécies de plantas (p.ex. *Lobellia stellfeldi* de Rubens E. Braga).

Ele também incorporou eventuamente espécimes de aves ao acervo, dois ao total: um *Paroaria coronata* (MHNCI-631) de cativeiro e um *Milvago chimachima* (MHNCI-821) obtido na "Estrada Ponta Grossa-Palmeira" em 28 de junho de 1948.

FREDERICO WALDEMAR LANGE[193] (Ponta Grossa, PR: 23 de dezembro de 1911; Rio de Janeiro: 16 de junho de 1988) Famoso pelas pesquisas sobre Paleontologia do Devoniano paranaense, interessando-se em micro-paleontologia e estratigrafia. Foi diretor do Museu Paranaense entre 1954 e 1956 e chefe da Seção de Geologia e Mineralogia. Coletou material fossilífero para o Instituto Geológico da Universidade de São Paulo. Uma de suas obras mais conhecidas é "Paleontologia do Paraná", por ele editado em um volume comemorativo ao 1° Centenário do Estado do Paraná (Lange ed., 1954). Foi membro da Academia Brasileira de Ciências e um dos primeiros

[193] Eventualmente é confundido com um quase homônimo, porém malacólogo e artista plástico, Frederico Lange de Morretes (1892-1954) que adotou o último nome em alusão à sua cidade natal.

paleontólogos contratados pela Petrobrás. Lange coletou três exemplares de aves, todos da "Represa Carvalho" no município de Piraquara, em agosto de 1950 (MHNCI-630, 634 e 657).

RUBENS EHLKE BRAGA (n. Curitiba, 6 de dezembro de 1918; f. Curitiba, 20 de outubro de 1962) era farmacêutico e professor da cadeira de "Botânica aplicada à Farmácia" na Universidade Federal do Paraná e, como naturalista da Secretaria de Agricultura, foi o primeiro diretor do Instituto de História Natural (1956-1957). Dedicou-se à fitoquímica e também a pesquisas específicos sobre taxonomia, por exemplo, das campanuláceas (Braga, 1956). Também é autor de um estudo sobre a vegetação da Serra dos Dourados (Braga, 1962) quando ainda em estado primário, constituindo-se de testemunho importantíssimo sobre a fitogeografia da região noroeste do Paraná.

Carlos Stellfeld (1900-1970) *circa* 1940, Frederico Waldemar Lange (1911-1988), *circa* 1960 e Rubens Ehlke Braga (1918-1962) em 1958 (Fontes, da esquerda para a direita: acervo Emma Louise Stellfeld; acervo Museu Paranaense; extraído do Diário do Paraná, edição n° 997 de 18 de julho de 1958, p.9).

São exatamente dali ("Zona rio Ivaí, Serra dos Dourados"), cinco exemplares do acervo, colecionados em janeiro e março de 1958, dentres eles o incomum *Coccyzus*

euleri (MHNCI-2062)[194]; também constam outros três (1957-1958) obtidos no "Sítio Santa Bernadete, Pedra Alta" no município da Lapa.

Em julho de 1941, pelo Decreto n° 11.700, a Seção de Zoologia do Museu Paranaense passou a receber a colaboração de auxiliares voluntários (Cordeiro & Corrêa, 1985), designados por atos oficiais. Essa estratégia visava contribuir à dinamização da instituição, frente à impossibilidade de contratação definitiva de técnicos, teve importantes repercussões no cenário científico de todo o Paraná. Com isso, o epíteto de maior centro de excelência em pesquisas da natureza no sul do Brasil passou, enfim, a fazer sentido e o Museu Paranaense ganhou nova vida, graças à ativa participação de jovens estudantes que adentravam os recém-criados cursos de História Natural da Universidade Federal do Paraná.

Nomes que começaram a despontar no campo das pesquisas em ciências biológicas, mas também das geociências, foram João J. Bigarella[195], Gerdt G. Hatschbach, Ralph J. G. Hertel, Carlos Gofferjé, Rudolf B. Lange[196] e vários outros.

---

[194] Também da Serra dos Dourados, porém, informado explicitamente como provenientes da "Fazenda Santa Rosa", há quatro espécimes de aves mais ou menos contemporâneos (outubro de 1955), coletados por "Demerval Plusch", sobre quem não consegui informações biográficas. Dentre eles há dois espécimes (MHNCI-1846 e 1851) de japuguaçu (*Psarocolius decumanus*) tido por muito tempo como extinto no Paraná.

[195] A ser tratado no volume seguinte.

[196] Para esse, pela dedicação mais notável pela Ornitologia, há um capítulo a parte (vide adiante).

Nomeação dos auxiliares voluntários do Museu Paranaense em 1939: **1. Joram Leprevost**[197]**,** assistente de zoologia; **2. Arthur Martins Franco**, presidente do Conselho Administrativo; **3. Manoel Lacerda Pinto**, secretário do Interior e Justiça; **4. José Loureiro Fernandes**, diretor do Museu Paranaense e da Seção de Antropologia e Etnografia; **5. Aryon Dall'Igna Rodrigues** assistente de Geologia; **6. Rudolf Bruno Lange**, assistente de zoologia; **7. Júlio Estrela Moreira**, assistente da seção de História Pátria, **8. Orlando Freitas**, assistente de Botânica; **9. Jesus Santiago Moure**, conselheiro e diretor da Seção de zoologia. **10. Ayrton de Mattos**, assistente de zoologia; **11. Rosário Farani Mansur Guérios**, assistente de antropologia; **12. Máximo Pinheiro Lima**, assistente de antropologia; 13. **Gerdt Günter Hatschbach** (Fonte: modificado de Maranhão, 2006, segundo acervo do Museu Paranaense).

GERDT "GERT" GÜNTHER HATSCHBACH (n. Curitiba, PR: 22 de agosto de 1923; f. Curitiba, PR: 16 de abril de 2013), mais conhecido como Gert Hatschbach (ou "seo Gert"), é considerado um dos maiores pesquisadores botânicos brasileiros contemporâneos. Seu interesse pelas ciências naturais começou em 1934 quando se dedicou à pesquisa dos insetos, chegando a montar uma coleção de

[197] A ele, que tornou-se engenheiro florestal e professor da cadeira de Engenharia Rural da UFPR, deve-se a coleta de três aves (Curitiba, Guaraqueçaba), hoje no Museu de História Natural Capão da Imbuia, dentre elas um *Schistochlamys ruficapillus* (MHNCI-0038) proveniente de Rio Branco do Sul e coletado em data ignorada. Foi por ele coletado o primeiro mamífero registrado na coleção (MHNCI-0001), um *Tadarida brasiliensis* de Curitiba (sem data).

5.000 coleópteros e outra coleção de aracnídeos, ambas doadas posteriormente ao então Instituto de História Natural de Curitiba (hoje Museu de História Natural Capão da Imbuia). A partir de 1937 passou a também colecionar plantas e, na década de 50, decide dedicar-se integralmente à Botânica, atividade que desenvolveu até seu falecimento. Em 1965 foi convidado por Ivo Arzua, prefeito de Curitiba, para organizar o Museu Botânico Municipal (MBM) em uma pequena construção no Passeio Público, exercendo a sua chefia. Desde sua fundação, o MBM montou um acervo de 225 mil plantas, transformando-se no herbário brasileiro que possui o maior número de gêneros e famílias botânicas. Percorreu todo o território nacional e também países limítrofes, com vistas a coletar plantas, sendo responsável pela coleta de mais de 300 novas espécies botânicas, emprestando seu nome para mais de 100 delas, numa justa homenagem que lhe foi feita pelos pesquisadores e taxonomistas. Em 1986 recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* concedido pela Universidade Federal do Paraná e, em 1990 foi nomeado correspondente do *American Society of Plant Taxonomist*. Aposentado compulsoriamente em 1998 aos 75 anos, foi recontratado no ano seguinte para continuar suas pesquisas. Possui inúmeros trabalhos científicos já publicados, todos de grande importância para a botânica, mas sua grande contribuição foi colaborar com outros pesquisadores, tornando-o uma das personalidades mais destacadas na pesquisa da flora brasileira em todos os tempos (Straube & Labiak, 2014).

São raríssimos os casos em que o nome científico de um organismo homenageia, pelo gênero e epíteto específico, uma única pessoa. É o caso desse opilião: *Gertia hatschbachi* descrito por Helia Eller e Benedicto Abílio Monteiro Soares em 1946, em alusão ao botânico Gert Hatschbach (1923-2013). (Foto: F.C.Straube, março de 2019, Usina de Guaricana).

RALPH JOÃO GEORGE HERTEL[198] (n. Curitiba, PR: 12 de junho de 1923; f. Curitiba, PR: 10 de maio de 1985) formou-se em História Natural (1945), junto a outros oito estudantes (dentre eles Rudolf B. Lange) que compuseram o primeiro grupo a concluir esse curso na Universidade Federal do Paraná. Nos anos 50 foi contratado pelo Museu Paranaense como pesquisador de Botânica, cedido pela Secretaria de Educação e Cultura. Posteriormente fez doutorado e obteve livre-docência em Botânica pela UFPR, onde lecionou e fez pesquisas até o dia de seu falecimento[199]. Publicou dezenas de artigos, particularmente sobre botânica, com ênfase em morfologia e evolução de órgãos reprodutivos de plantas como o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) e a imbuia (*Phoebe porosa*)

---

[198] Originalmente Härtel.

[199] Foi meu professor para a cadeira de Botânica Morfológica, condição interrompida pelo seu falecimento de um súbito ataque cardíaco enquanto pesquisava em seu laboratório. Foi substituído por Maria Miranda Schönberg (de falecimento precoce em um acidente rodoviário) que manteve o conteúdo programado e levou seus princípios adiante aos estudantes.

(Hertel, 1968a, 1968, 1974b, 1976). Dedicava-se à terminologia (Sampaio & Hertel, 1949; Hertel, 1954, 1974) e atualização conceitual (Hertel, 1984a, 1984b), procurando uniformizar termos técnicos à luz dos princípios de ontogenia e filogenia. Sua classificação revolucionária das formas de vida, baseada na histofilogênese, embora quase desconhecida, foi uma de suas grandes contribuições intelectuais (Hertel, 1958). Foi, ainda, um dos primeiros botânicos e estudar com profundidade as questões ecológicas do epifitismo (Hertel, 1950) e assina o capítulo "Aspectos interessantes da vegetação do Paraná" do volume II da coleção "História do Paraná" (Hertel, 1969). Hertel é um dos fundadores e, por vários anos presidente, da Sociedade Paranaense de Ciências Naturais (SPCN) [200], entidade científica responsável pela publicação da revista *Dusenia* (*Publicatio Periodica de Scientia Naturali*), de distribuição internacional nos anos 70 e 80. Hertel coletou apenas um espécime de ave, uma *Egretta thula* (MHNCI-169) obtida no rio Boguaçu (Guaratuba) em junho de 1944.

CARLOS NICOLAU GOFFERJÉ (Florianópolis, SC: 4 de dezembro de 1922; Blumenau, SC: 26 de abril de 2005) Criado na capital catarinense, mudou-se para Curitiba em 1942, quando entrou no curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná, onde se formou em 1950. No mesmo ano transferiu-se para Blumenau, passando a atuar como ginecologista e obstetra do Hospital Santa Isabel, onde trabalhou por 46 anos. Auto-didata de Malacologia e interessado em todos os campos das ciências naturais, montou uma coleção particular com quase 20 mil exemplares que foi doada, após o seu falecimento, à Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Constam, em sua

---

[200] Essa organização não-governamental, atualmente inativa, foi criada em 1950, tendo como grande trunfo a congregação de vários pesquisadores como Walmir Esper, Sebastião Laroca, Remi Lessnau, Elias Karam Júnior, Gastão Octávio Franco da Luz, Germano Rosado-Neto, Mário P. Pederneiras, Vinalto Graf, Albino M. Sakakibara e vários outros.

homenagem, as descrições da abelha *Ptiloglossa gofferjei*, da aranha *Parabonna gofferjei* e do opilião *Tupacarana gofferjei*, todas nomeadas com base em material coletado por ele nos áureos tempos do Museu Paranaense.

Em dezembro de 1942 ocorreu uma excursão de pesquisas ao litoral do Paraná, com integrantes do Museu Paranaense e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Na foto (balneário de Caiobá) aparecem, dentre outros, Rudolf B. Lange (o terceiro da esquerda para a direita), seguido por Jesus Moure, Carlos Stellfeld, José Loureiro Fernandes e Paulo Sawaya. As crianças são filhos de Sawaya, Loureiro e, por fim, aparece Edmundo Mayer, filho de Andreas Mayer (Fonte: acervo família Lange, via Rogério Ribas Lange)

Gofferjé também fez coletas esporádicas de espécimes ornitológicos, provenientes de Curitiba (MHNCI-613 e 627: 1948 e 1950), da Fazenda Monte Alegre em Tibagi em maio de 1952 e, antes disso, da região noroeste em Porto Camargo e Pontal do Tigre (MHNCI-805 a 808). Esses últimos quatro espécimes, vieram de uma épica viagem de 40 dias que fez com João Bigarella e Vladimír Kozák entre janeiro e fevereiro de 1948 [201] . Dentre os

[201] Segundo Maranhão (2006), que descreve o itinerário, a viagem ocorreu entre 15 de fevereiro e 20 de março.

exemplares estão o raro *Cochlearius cochlearius* (MHNCI-807) e a arara-vermelha *Ara chloropterus* (MHNCI-808), hoje extinta naquela região (Bigarella, 2005; Horrocks, 2008; Straube, 2010:79).

É importante lembrar que todos esses valorosos pesquisadores realizavam viagens de coleta e observação pelo interior do estado, colhendo amostras e espécimes de praticamente todas as áreas do conhecimento, levando a uma considerável ampliação das coleções, as quais encontravam-se ainda em sua fase seminal[202].

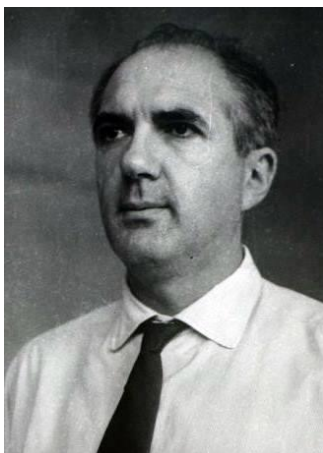
É por esse motivo que, nos primeiros números do acervo ornitológico do hoje Museu de História Natural Capão da Imbuia, há menções dispersas de coletas realizadas por eles, uma vez que – mesmo já tendo definido suas áreas específicas nas quais especializar-se-iam – aproveitavam para obter material de todos os grupos.

Graças à iniciativa voluntária, muitas coleções zoológicas e botânicas se expandiram grandemente, em particular as de mamíferos, peixes, insetos, aracnídeos, moluscos, miriápodos e também o herbário, além das coleções mineralógicas, geológicas e paleontológicas.

Entretanto, segundo consta (C. Gofferjé *per* R. S. Bérnils, com. pess. 1999), muitas das viagens de coleta realizadas pelo Museu Paranaense eram bastante organizadas, sendo que os técnicos escalados tinham compromisso de coletar exclusivamente amostras de grupos pré-determinados, o que influía tanto nos preparativos de viagem como nas atividades desempenhadas em campo. Tal exigência chegava a contrariar os jovens naturalistas, que dedicavam-se a atividades paralelas de interesse somente em períodos de folga, mesmo assim contribuindo com a

---

[202] Há outros coletores menos expressivos que contribuíram com o acervo ornitológico, sobre os quais não consegui encontrar informações biográficas. Alguns deles participaram como ajudantes de campo ou mesmo acompanhantes nas viagens do Museu Paranaense; outros simplesmente cederam um ou outro espécime que acabou incorporado ao acervo.

ampliação e representatividade das coleções de vários grupos biológicos.

Acima: João José Bigarella (1923-2016) e Gerdt G. Hatschbach (1023-2013); abaixo, Ralph J. G. Hertel (1923-1985) e Carlos N. Gofferjé (1922-2005) (Fontes, da esquerda para a direita: acervo Tecpar; acervo Prefeitura Municipal de Curitiba e Kersten & Acra, 2012)

Por fim, e apesar do franco desenvolvimento, tendo seu corpo técnico adquirindo reconhecimento cada vez maior no cenário científico nacional, uma nova reestruturação surgiu no Museu Paranaense. Em janeiro de

1956, a instituição desencumbiu-se do acervo de História Natural, passando a ter atribuição apenas ligada à conservação das peças de história, numismática, arqueologia e etnografia. Essa dicotomia, aparentemente inspirada em ato idêntico já instituído no Museu Paulista (1939), teve consequências péssimas para a concepção, filosofia e credibilidade da instituição, enfraquecendo-a do ponto de vista institucional. A divergência resultou na criação do Instituto de História Natural (IHN), sob a guarda da Secretaria Estadual de Agricultura (Cordeiro & Corrêa, 1985)[203].

Alguns anos depois, os primeiros anos dourados da História Natural paranaense – e por assim dizer, da Ornitologia – começaram a manifestar sinais de falência, frente a um panorama político de desprezo ao valor científico das coleções e dos próprios cientistas que as idealizaram. O Museu Paranaense, já reestabelecido da segregação da história natural dentre suas atribuições, não mais participava das atividades de coleta e pesquisa nesse ramo e, assim, seu renome internacional, deixava de servir como lastro para a ampliação do acervo biológico. Esse abandono temporário, causou perdas irreparáveis no conhecimento da avifauna local, visto que intensificavam-se os processos de colonização e da consequente descaracterização dos ambientes naturais.

[203] Coletores que aparacem associados ao acervo zoológico do Museu Paranaense em suas várias denominações (1939-1956) são: "A. Souza" (Fazenda Santa Rita, 1942), "A. Ribas", "M. Loureiro", "Demerval Plusch", "G. Schlütter" (vide sob Andreas Mayer abaixo), "C. dos Santos", "Fontoura", 'Rauch", Wilson Agulham e Zaide Alexandre (nos anos 60 era líder dos auxiliares de serviços gerais lotados na instituição como funcionário da Secretaria Estadual de Agricultura, mas lotado pelo IAPAR; informação de Amaro e Doralice Camargo Valentin, com.pess. 25 de novembro de 2010). Sobre estes, infelizmente, nenhuma informação biográfica foi-nos possível obter.

1939 a 2016

RUDOLF LANGE

RUDOLF BRUNO LANGE (Curitiba, PR: 13 de janeiro de 1922; Curitiba, PR: 14 de janeiro de 2016)[204] é, sem dúvida, um dos precursores da Zoologia contemporânea no Paraná, tanto no que diz respeito à educação quanto à pesquisa científica. Teve participação decisiva em diversos momentos da História Natural paranaense, incluindo o Museu Paranaense, o Instituto de História Natural e o curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná e especialmente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

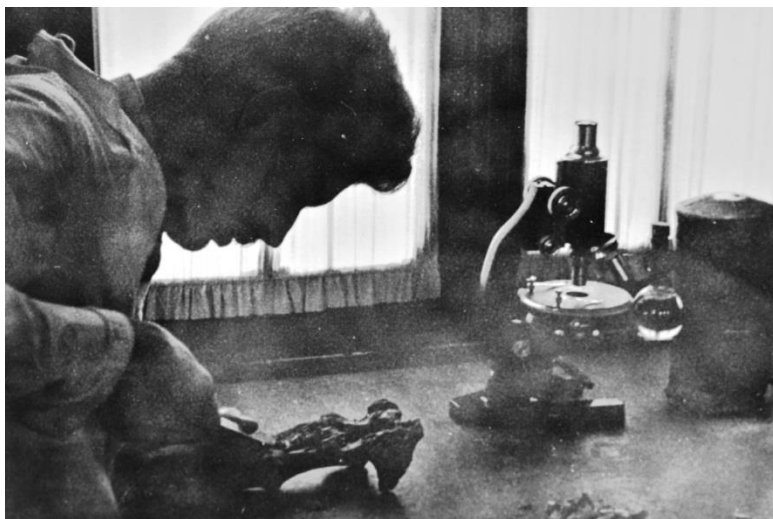
Rudolf pertence a uma família de amplas contribuições à sociedade, com destaque para o campo das ciências naturais. Era filho de Ernesto Germano Lange (n. 5 de abril de 1886; f. 17 de agosto de 1959) e Ida Rudolphina Eschholz (Lange) (n. 25 de dezembro de 1900; f. 16 de fevereiro de 1970). Seu avô era Bruno Rudolf Lange (n. 1° de maio de 1860; f. 3 de janeiro de 1922), um dos engenheiros responsáveis pela construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá (depois inspetor geral da companhia) e também coletor eventual de plantas, junto com Per Karl Dusén (v. Straube, 2015:114)[205]. Dessa maneira, era sobrinho do famoso pintor, artista plástico e malacólogo Frederico Augusto Lange de Morretes (1892-1954) (Salturi,

---

[204] Uma biografia resumida, porém, bastante informativa, consta no obituário da Gazeta do Povo, edição de 12 de março de 2016.

[205] É homenageado na asterácea *Senecio langei*, coletada em Pinhais em 1914 e descrita por Gustaf O. A. Malme em 1933.

2007) e, assim, primo da botânica Berta Lange de Morretes (1917-2016), uma das professoras mais antigas da Universidade de São Paulo[206].

Em 1943, foi admitido no curso de História Natural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná fazendo parte, portanto, da turma dos nove primeiros naturalistas[207] formados no Estado do Paraná em 1945.

Em 9 de maio de 1944, Rudolf B. Lange examina um fragmento ósseo em um laboratório de Zoologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fonte: acervo família Lange, via Rogério R. Lange).

Sua vocação pela pesquisa biológica, porém, foi despertada muitos anos antes. Em 1938, Lange já

---

[206] Rudolf era casado com a professora Maria de Lourdes Ribas Lange com quem tiveram sete filhos. Três deles têm ligação profunda com as ciências naturais: ROBERTO RIBAS LANGE (1948-1993), biólogo, falecido em um estudo de campo no rio Iguaçu e depois homenageado no "Parque Nacional Saint Hilaire-Lange"; ROGÉRIO RIBAS LANGE, veterinário e professor da UFPR, também estudioso da Mastozoologia; MARIA BERNADETE RIBAS LANGE, bióloga também especializada em mamíferos, professora da Uniderp e consultora da WWF-Brasil e do Banco Mundial.

[207] Dentre eles também estava o botânico Ralph João George Hertel.

colecionava insetos e foi por meio de um amigo[208] que decidiu ir conversar com José Loureiro Fernandes, então diretor do Museu Paranaense, bem como chefe da seção de Antropologia (Lange, 2005). Foi assim acolhido pela instituição, passando a frequentá-la com assiduidade. Em virtude dessa dedicação, foi a partir de 1941 ele passou a atuar junto ao museu na qualidade de "auxiliar voluntário". Esse cargo, com efeito, tratava-se de uma situação especial criada por Loureiro com a anuência do governo do Estado, a fim de regularizar a condição de jovens estudantes que trabalhavam na ampliação, conservação e estudo do acervo.

Excursão a Vila Velha em dezembro de 1944: João J. Bigarella e Rudolf B. Lange (Fonte: acervo família Lange, via Rogério R. Lange).

Esse momento do qual Lange fez parte desde os 16 anos de idade, teve grande importância no processo de reorganização do Museu e não foi somente pela questão interna em si, com o incremento dos acervos e da produção

[208] Esse amigo era Heitor Rodrigues, irmão de Aryon Dall'Igna Rodrigues, citado a seguir.

técnica da instituição. A presença desses jovens estudantes ali atuando, gerou de fato uma situação notável na história das ciências naturais paranaenses. Foi entre a equipe de pesquisadores voluntários que integravam o quadro funcional da entidade – e graças ao imenso trabalho e dedicação coletivos – é que se originou uma escola não formal, que serviu de meio para a constituição de cursos de História Natural das universidades locais (Cordeiro & Corrêa, 1985). Assim, parece importante salientar que vários desses voluntários se tornaram pesquisadores ou professores de grande relevância para o cenário intelectual paranaense e mesmo brasileiro. Joram Leprevost[209] tornou-se engenheiro florestal, chefe da cadeira de Engenharia Rural do curso de Engenharia Florestal da UFPR; Aryon Dall'Igna Rodrigues (1925-2014), professor e orientador na área de etnolinguística, com passagens pelo Museu Nacional e Unicamp, além de fundador do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (fundado por ele em 1999); Júlio Estrela Moreira (1899-1975), dentista, médico e historiador, autor de vasta obra documental sobre o Paraná; Orlando Teodorico de Freitas, médico e professor livre docente da cadeira de Histologia da UFPR, primeiro diretor do Centro de Microscopia Eletrônica da mesma universidade; Rosário Mansur Guérios (1907-1987), advogado, professor e linguista especializado em línguas portuguesa e indígenas; Máximo Pinheiro Lima (1905-2007), médico, professor do Departamento de Antropologia da UFPR, além de vereador em Curitiba. Os demais, pela ligação mais profunda com a História Natural, serão tratados adiante.

Da secular instituição museológica curitibana, se considerados também os momentos em que as coleções

[209] Joram era grande amigo de Rudolf e de sua família; foi inclusive padrinho de batismo de uma de suas filhas.

biológicas foram transferidas para outras entidades, Lange fez parte do quadro técnico até o fim da década de 60. Ali exerceu todos os cargos, desde – como dito – voluntário (1941) a assistente de zoologia (1947), bem como chefe da seção de Zoologia (1956) e diretor geral do Instituto de História Natural (1959-1961). Além da pesquisa, coroada com dezenas de artigos publicados, também realizava coletas de exemplares de todos os grupos animais, contribuindo magnificamente com o acervo hoje mantido no Museu de História Natural Capão da Imbuia, sob a guarda da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Rudolf Lange, acomodado ao estribo do automóvel oficial do Departamento de Obras e Viação, quando de sua viagem ao litoral do Paraná em 1942.

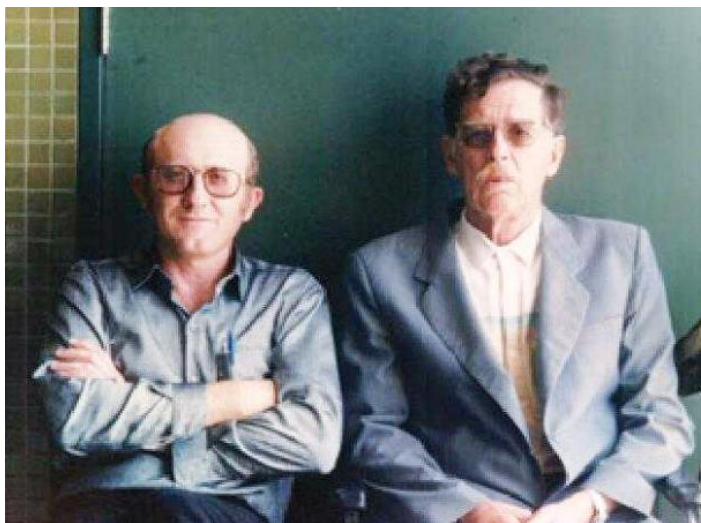
Desde 1945 dedicou-se à docência, como professor do ensino médio, superior e de cursos preparatórios, particularmente dos colégios Divina Providência, Estadual do Paraná, Santa Maria, além da Universidade Federal do Paraná (1948-1952)[210] e Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Nesta última instituição, que o teve como funcionário entre 1954 e 1989, lecionou Zoologia, Sistemática Animal, Mesologia e Ecologia, sendo também coordenador do curso de Biologia, chefe do Departamento de Biologia e participante de uma infinidade de outras atividades acadêmicas, de organização e de planejamento universitário.

Um de seus alunos, depois companheiro e sucessor de docência, era **ESTÉFANO FRANCISCO JABŁOŃSKI** (n. Tomás Coelho, Araucária: 11 de abril de 1948; f. Tomás Coelho, Araucária: 25 de fevereiro de 2016), que também foi o maior divulgador de sua trajetória (CRBio-7, 2012). Estefano Jablonski, na grafia simplificada a partir do polonês, era naturalista formado (1970-1973) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, entidade que desde 1971 o acolheu como professor, até sua aposentadoria em 2007. Teve atuação como coletor de espécimes (especialmente mamíferos e aves), em sua grande maioria nas adjacências de sua residência, na antiga colônia Tomás Coelho em Araucária. Esse acervo foi a base para a fundação do Museu de Zoologia[211] da mesma universidade, em junho de 2000. Em junho de 1978, junto com os professores João Carlos Jaszczerski e João Rosa, além do padre Ático Rubini, fundou a revista científica "Estudos de Biologia" editada

---

[210] Ali assumiu o posto de Professor Assistente na cadeira de Zoologia, encabeçada por Jesus Moure, seu colega no Museu Paranaense.

[211] Já existia desde 1973 o Museu de Biologia da Universidade Católica do Paraná, criado por iniciativa de Lange e Jablonski e que englobava tanto as coleções zoológicas quanto o Herbário da PUCPR (HUCP), esse último fundado em abril de 1979 (Kersten, 2015).

pela Reitoria da PUC-PR e publicada até os dias de hoje. Nesse mesmo periódico está publicado um artigo de sua autoria, informando o primeiro registro de *Anous stolidus* para o Paraná (Carrano & Jablonski, 1997)[212].

Estefano Francisco Jablonski e Rudolf Bruno Lange em 1989 (Fonte: CRBio-7, 2012).

Rudolf Lange sempre foi uma fonte de referência para estudos sobre a fauna do Paraná que foram publicados e mesmo os que estão em desenvolvimento, tendo participado de uma geração que sedimentou o ensino e a pesquisa sobre a História Natural no estado.

Nos anos 50, como diretor do Instituto de História Natural procedeu o envio de espécimes do acervo para

[212] Dentre algumas outras contribuições, ainda não compiladas, é coautor de um estudo sobre os componentes químicos do liquen *Sticta* sp. (Silva *et al*., 1993). Além de um manual de coleta e taxidermia (Jablonski, 1973), publicou artigos sobre *Myocastor coypus* (Jablonski, 1979), morfologia de lambaris (Kosloski *et al*., 2000), jaguaritica (Abreu *et al*., 2008) e pelo menos três revisões sobre mamíferos paranaenses (Lange & Jablonski, 1979, 1981, 1998).

identificação em instituições congêneres do País, na tentativa de, por meio de permuta com itens bibliográficos, suprir as deficiências de literatura especializada.

Foi ativo, nesse sentido, seu contato com Olivério M. de O. Pinto e o assistente Eurico Camargo para quem remetia caixas com exemplares, os quais eram (geralmente) devolvidos com o respectivo binômio latino. Conforme o interesse por algumas espécies, sendo desideratas ou táxons pouco representados na coleção do Museu Paulista, certas peles acabavam retidas e anexadas ao acervo paulistano em intercâmbio de comum acordo.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

São Paulo, 20 de dezembro de 1948

N.º 401

Exmo. Sr. Rudolf B. Lange
M.D. Assistente de Zoologia do Museu Paranaense
CURITIBA - Est. do Paraná

Prezado Sr. Lange

Inteirado do conteúdo de seu ofício de 7 do corrente, nenhuma objeção faço ao projeto de nos serem feitas remessas periódicas de material ornitológico das coleções do Museu Paranaense, para estudo e determinação. Todavia, de nossa parte, seria muito agradavel poder reter, a título de retribuição, algumas duplicatas, melhorando assim a representação, em nosso Departamento, da avifauna desse vizinho Estado. É esse, como sabe Vossa Senhoria, um sistema de cooperação largamente usado entre instituições como as nossas e nada impediria que os exemplares paranaenses fossem permutados por outros de São Paulo.

Espero saber o que pensa deste modus vivendi, que reputo igualmente interessante para ambas as repartições interessadas.

Aguardo o lote a que se refere na carta e subscrevo-me com estima e cordial apreço

Oliv. Pinto

Recebida em 3-1-949
Respondida ofício 1/2

Carta de Olivério M. de O. Pinto a Rudolf B. Lange, datada de 20 de dezembro de 1948 e recebida, conforme despacho do destinatário, em 3 de janeiro do ano seguinte. Nela, o ornitólogo do Departamento de Zoologia (hoje Museu de Zoologia da USP) sela um acordo para retenção de alguns espécimes para a coleção paulistana.

Secretaria de Estado dos Negócios
da Agricultura, Indústria e Comércio
DEPARTAMENTO ZOOLOGIA

São Paulo, 9 de novembro de 1948.

Ilmo. Sr.
Rudolf B. Lange
M.D. Assistente de Zoologia do
Museu Paranaense
CURITIBA

Prezado Senhor

Apraz-me remeter a lista das espécies e subespécies representados no material remetido por V.S. ao nosso Departamento para fins de determinação.

Outrossim, consoante velha praxe, tomamos a liberdade de reter o exemplar de N°. 663, certo de que V.S. concordará em doá-lo às coleções do nosso Departamento, onde existe ainda falta da espécie respectiva.

Com atenção e apreço

Oliv. Pinto
Dr. Olivério M. de Oliveira Pinto
Diretor

Secretaria de Estado dos Negócios
da Agricultura, Indústria e Comércio
DEPARTAMENTO ZOOLOGIA

São Paulo, 10 de novembro de 1948.

Ilmo. Sr.
Rudolf B. Lange
M.D. Assistente de Zoologia do
Museu Paranaense
CURITIBA

Prezado Senhor

Em aditamento à nossa carta de 9 do andante, cabe-me declinar o nome da espécie, Leptasthenura striolata (Pelzeln), a que pertence o exemplar N° 663, omitido por simples lapso.

Saudações

Oli. Pinto
Dr. Olivério M. de Oliveira Pinto
Diretor

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º

São Paulo, 4 de fevereiro de 1949

Ilmo. Sr.
Rudolf B. Lange
M.D. Assistente de Zoologia do
Museu Paranaense
Curitiba

Prezado Snr. Lange,

Sirvo-me do presente para comunicar a restituição das aves remetidas ùltimamente para determinação em nosso Departamento. Disso se ocupou o Snr. Eurico A. de Camargo, assistente da Seção e pessoa competente para o mister. Foram retidos os exemplares de N° 472 - 504 - 483, em troca dos quais envia o Departamento outros tantos espécimes das mesmas espécies ornitológicas oriundos do Estado de São Paulo.

O momento é asado para retificar o nome técnico do exemplar n° 663 da remessa anterior, que em nossa carta de 10 de novembro foi chamado Leptasthenura striolata (Pelzeln), em vez de Dendrophylax setaria (Temm.).

Com os meus cordiais cumprimentos, subscrevo-me

atenciosamente

Olivério Pinto

Outras missivas assinadas por Olivério Pinto a Rudolf B. Lange, ilustrando o intercâmbio entre as duas instituições.

Uma dessas séries de correspondências (acima) é curiosa. Na primeira delas, Olivério informa que reteve um espécime, porém, esquece-se de enviar a identificação, fazendo-a no dia seguinte mas, com o nome errado da espécie. Mais de um mês depois ainda faria uma nova missiva, agora com a correção e seu parecer definitivo.

Sob mesmo enfoque, Lange também mantinha relações institucionais com o Museu Nacional, por meio de Helmut Sick, na época vinculado (desde 1943) à "Fundação Brasil Central" e recém-chegado (1959) à seção de Ornitologia daquele museu.

FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

Ilmo.Sr.
Dr.R.B.Lange
Instituto de História Natural
R.Presidente Faria, 625
Curitiba

Rio de Janeiro, 23/6/59

Prezado Colega,

Chegaram bem às minhas mãos as duas aves remetidas pelo seu Instituto e já foram dadas à Secretaria do Museu Nacional para devolve-las

A respetiva classificação consta nos rótulos das peças.

Continuo estar sempre a sua disposição e agradeço a colaboração prestada.

Cordiais saudações

P.S. Mandei, há tempos, cópias de algumas publicações minhas à Biblioteca do seu Instituto.

Dr.Helmut Sick
Fundação Brasil Central
Av. Nilo Peçanha 23 III
Rio de Janeiro, D.F.

Carta enviada por Helmut Sick a Rudolf Lange, informando sua colaboração na identificação de exemplares.

Em 1968, Lange aposentou-se do Instituto de História Natural que, reformulado, passara a ser chamado de

Instituto de Defesa do Patrimônio Natural. Entretanto, prosseguiu – como o fez até os seus últimos dias – suas intervenções no campo das ciências biológicas.

No tempo em que lá atuava, além de estudar com profundidade toda a literatura disponível, coletava ativamente diversos tipos de organismos. Suas coleções de opiliões, quilópodos, aranhas e anfíbios foram estudadas, respectivamente pelos amigos e correspondentes Benedito Soares, Hélia E. Soares, Wolfgang Bücherl, Cândido de Mello Leitão, Lauro Travassos e Werner Bokermann. Por esse motivo foi homenageado por várias entidades técnicas e educacionais[213] do Brasil e também no batismo de muitos organismos novos (alguns deles já sinonimizados) para a ciência como *Langesia* (hoje *Iguapeia*), *Discocyrtus langei, Triglochinura langei* (opiliões), *Clubiona langei, Lycosa langei, Pavocosa langei, Semora langei* (aranhas, dentre Clubionidae, Lycosidae e Salticidae), *Bokermannohyla langei* (anfíbio), *Deuterodon langei* (peixe), dentre outros[214]. Atualmente a coleção de aracnídeos do Museu de História Natural Capão da Imbuia denomina-se "Coleção Rudolf Bruno Lange", em alusão ao seu mais ilustre colaborador (Pinto-da-Rocha & Caron, 1989).

De espírito alegre e sempre jovial, Lange impressionava também por sua vasta cultura, sedimentada pelo hábito da leitura de vários temas de interesse, não somente de História Natural, mas também de história do Brasil, dentre vários outros. Contam os familiares que tinha por hábito ir dormir muito cedo, despertando muito antes do amanhecer; ao fazê-lo ia até a cozinha, já pondo a àgua ao fogo para o preparo do chimarrão, costume que cultivava desde a infância. Nas primeiras horas da manhã divertia-se

---

[213] O grêmio estudantil do curso de Biologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná é denominado "Centro Acadêmico de Biologia prof. Rudolf Bruno Lange".

[214] Até recentemente ainda é lembrado em epítetos de novas espécies, como *Rineloricaria langei*, descrita por Ingenito *et al*. (2008).

com sua vasta biblioteca, recheada de títulos sobre História Natural, sentado à mesa e fazendo anotações. Em certos momentos escolhidos, voltava-se para a oficina, montando artesanalmente caixinhas de papelão ou madeira para guardar bichos e construindo enfeites de madeira, cuidadosamente recortados com sua serra tico-tico.

Em 5 de junho de 1986, ladeado por Clóvis R. S. Borges, o autor entrega ao prof. Lange um exemplar do relatório sobre a fauna de São Mateus do Sul (Straube ed., 1986), resultado de projeto desenvolvido pela SPVS (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental) para a SIX (Superintendência da Industrialização do Xisto/Petrobras) (Fonte: acervo pessoal de Rogério R. Lange).

Lange por toda a sua vida manteve um senso de observação acurado e o tino de observador lhe trazia interessantes histórias à mente, as quais compartilhava com os filhos – três deles devotados à história natural – netos, alunos e colegas. Era impossível não ouvir com atenção cada palavra enunciada pelo mestre, pois sempre tinha nelas inúmeras perguntas – e respostas – sobre temas ligados à

natureza[215]. Outra de suas tantas virtudes era o bom-humor, ora tratado em tom crítico, ora pelo simples fato da diversão, sua e dos ouvintes. Em uma de suas palestras (cujo conteúdo foi publicado em Lange, 2005), ele mencionou um certo incômodo homonímico pelo qual passou no início de sua carreira: "*Aí, depois disso, o dr. Loureiro convidou para integrar também o Museu Paranaense outras pessoas, como o Rosário Farani Mansur Guérios e o Frederico Lange; havia no Museu dois Langes: o Frederico Valdemar Lange e eu. Um era o Lange de Ponta Grossa, porque ele morava em Ponta Grossa e, o outro, Lange de Curitiba. Mais tarde, ainda, foi trabalhar no Museu o Lange de Morretes; então, eram três Lange no Museu*"[216].

Em 2001 foi homenageado pela comissão organizadora do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia, realizado em Curitiba, presenteando a todos com um discurso riquíssimo. Ali lembrava, em tom de reprimenda: "- *Os ornitólogos precisam se habituar a escrever o nome dos autores e o ano das descrições das espécies ao lado do epíteto latino! Esse é um hábito que se perdeu com o tempo e pode trazer incertezas quando se trata de um táxon*".

Publicou Lange inúmeros artigos científicos e de divulgação, bem como contribuiu com livros e outras edições, como autor ou revisor. Dentre sua produção, destacam-se os onze estudos sobre comportamento e

---

[215] Em janeiro de 1984, o mestre mostrou-me um gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*) que sobrevoava estranhamente a copa das árvores nas adjacências de sua casa no balneário de Caiobá. Fiquei contente com o registro, mas ele foi além: " – *Observou bem o gavião? O que ele tinha nas garras?*" Voltei a visão para lá e vi que tinha capturado uma esperança (Tettigonidae), informação nova para mim e obtida depois de muito custo, ajustando o binóculo. "– *Gaviões não comem apenas carne, como está escrito nos livros. Eles também caçam insetos*". Procurei um binóculo em suas mãos. Nada disso! Apesar de já sexagenário, o querido amigo estava com a vista desarmada!

[216] Também sobre esse mesmo tema, uma outra piadinha merece também ser relembrada. Consta que em 1984, os estudiosos Ricardo Pinto-da-Rocha e Solange de Fátima Caron foram até sua residência, para informar que batizariam a coleção aracnológica do MHNCI em sua homenagem. Ao ser apresentado à moça, o professor lhe disse: "- *Vejo que você é parente minha. Afinal seu nome é 'sô-lange*".

reprodução de abelhas sociais nativas, em coautoria com o prof. Charles “Mich” Duncan Michener (1918-2015), da Universidade do Kansas (EUA) (Engel, 2016) que o teve como orientador e colega de pesquisas (Michener & Lange, 1957, 1958a,b,c,d,e, 1959). É ele também autor da única lista de mamíferos do Paraná (Lange & Jablonski, 1981), de estudos específicos sobre roedores (Lange & Jablonski, 1979), marsupiais (1998) e também de vários artigos com anotações biológicas sobre as aves do Estado (Lange, 1967, 1981; Lange & Lange, 1992).

Rudolf Bruno Lange (1922-2016)

Embora não seja explicitamente indicada no texto, é de sua autoria o capítulo “Fauna da Serra do Mar” da clássica obra “A Serra do Mar e a porção oriental do Estado

do Paraná", um tratado geográfico, geológico e ecológico sobre aquele setor paranaense, organizado por Bigarella (1978).

Como coletor, contribuiu com cerca de 170 espécimes de aves atualmente depositados no Museu de História Natural Capão da Imbuia e obtidos entre 1942 e 1961 nos arredores de Curitiba, Serra do Mar e litoral (em especial em Porto de Cima e Caiobá), além da região noroeste ("margem do rio Indo-Ivaí, próximo a Ivaté"). Os exemplares por ele capturados são de grande importância, destacando-se uma pequena série oriunda da capital paranaense, na qual destaca-se *Campylorhamphus falcularius* (MHNCI-2061) que, desde essa coleta de 1959, nunca mais foi registrada no município. Também conseguiu um cuitelão (*Jacamaralcyon tridactyla*), espécie rara, no vale do rio Ivaí em 1961 e, ainda, um *Emberizoides ypiranganus* (MHNCI-1626) em Pinhais em dezembro de 1954.

O arapaçu (*Campylorhamphus falcularius*) coletado por Rudolf Lange em Curitiba em 1959 e que se constitui do único registro da espécie para o município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
E
LITERATURA CONSULTADA

A.H.G.A. [Resenha de] Zwischen Anden und Atlantik. by Hans Krieg [...]. **The Geographical Journal 114**:212-213.

Abilhoa, V.; Straube, F. C. & Cordeiro, A. A. de M. 2013. **Museu de História Natural Capão da Imbuia: sinopse histórica**. Curitiba, Comfauna Conservação e Manejo da Fauna Silvestre Ltda. 80 p.

Abreu K.C., Moro-Rios, R.F.; Silva-Pereira J.E.; Miranda J.M.D.; Jablonski E.F. & Passos, F.C. 2008. Feeding habits of ocelot (*Leopardus pardalis*) in Southern Brazil. **Mammalian Biology 73**:407-411.

Angely, J. 1959. História da Botânica brasileira: Index dos coletores para a Flora do Brasil (Collectors' Index of Brazilian Flora), contém 1.000 nomes de coletores botânicos. 1° parte: A – H. **Boletim do INPABO 10**, 15 p.

ANÔNIMO [circa 1967-1968]. **Histórico resumido do Instituto de Defesa do Patrimônio Natural**. Manuscrito inédito, datilografado, em poder de FCS. 8 pp.

Ardigó, F. (org.). 2011. **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto.363 pp.

Ardigó, F. 2007. **Ciências Naturais em revista: os Arquivos do Museu Paranaense (Volume I – 1941)**. Curitiba, Faculdade de Ciências, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná. Trabalho de conclusão de curso (História). 90 p.

Ardigó, F. 2011. Uma ciência improvável: o Museu Paranaense entre 1940 e 1960. In: [p.101-176]. F. Ardigó (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto.

Arzua, M.; Onofrio, V. C. & Barros-Battesti, D. M. 2005. Catalogue of the thick collection (Acari, Ixodida) of the Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, Paraná, Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia 22**(3):623-632.

Ávila-Pires, F. D. de. 2005. João Moojen (1904-1985). **Arquivos do Museu Nacional 63**(1):7-12.

Aytai, D. 1981. Um microcosmo musical: cantos dos índios Héta. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 38**:121-159.

Ball, C.E. 2001. Historical overview of beef production and beef organizations in the United States. **Proceedings of the Western Section of American Society of Animal Sciences 2000**:1-8.

[BANDEIRA PIRATININGA]. s.d. [1963?]. **Sinopse dos trabalhos realizados pela "Bandeira Piratininga" nos sertões brasílicos da Bacia Pré-Amazônica – no Vale do Araguaia e Rio das Mortes, e Tapirapés, desde o ano de 1937 até o ano de 1963**. Documento inédito, disponível no site do Instituto Sócio-Ambiental, URL: https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0QD00078.pdf

Barros, D. M. & Baggio, D. 1992. Ectoparasites Ixodida Leach, 1817 on wild mammals in the State of Paraná, Brazil. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 87**(2):291-296.

Baumann, H. & Westermann, D. 1948. **Les peuples et les civilisations de l'Afrique**. Paris, Payot. 605 pp.

Berlioz, J. 1934a. Notes ornithologiques au cours d'un voyage au Brésil. **L'Oiseau et Revue Française d'Ornithologie4**:238-266.

Berlioz, J. 1934b. Contribution à l'étude biogeographique des Trochilidés du Brésil oriental. **L'Oiseau et Revue Française d'Ornithologie 4**:414-424.

Berlioz, J. 1939. A new genus and species of tanager from central Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club 59**:102-103.

Berlioz, J. 1944. **La vie des colibris**. Paris, Gallimard. Coleção *Histoires Naturelles* n° 4.

Berlioz, J. 1946. Note sur une collection d'oiseaux du Brésil central. **Oiseau et Revue Française d'Ornithologie 16**:1-6.

Berlioz, J. 1962a. Étude d'une collection d'oiseaux de Guyane Française. **Bulletin de Muséum national de Histoire naturelle 34**(2):131-143.

Berlioz, J. 1962b. Les oiseaux. Paris, Presses universitaires de France. Coleção Que sais-je

Bérnils, R. S. & Moura-Leite, J. C. de. 1990. A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná: III. Répteis. **Arquivos de Biologia e Tecnologia 33**(2):469-480.

Bérnils, R. S. & Moura-Leite, J. C. de. 2010. The contribution of Andreas Mayer for the natural history of the State of Paraná, Brazil. V. Reptile: relevant addenda and corrigenda. **Brazilian Archives of Biology and Technology 53**(2):431-435.

Bigarella, J. J. 1964. Variações climáticas no Quaternário e suas implicações no revestimento florístico do Paraná. **Revista Paranaense de Geografia 10-15**:211-231.

Bigarella, J. J. (org.) 1978. **A Serra do Mar e a porção oriental do Estado do Paraná**. Curitiba, Associação de Defesa e Educação Ambiental.

Bigarella, J. J. 2004. **Fragmentos étnicos**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná. 703 p.

Bigarella, J. J. 2005. Depoimento. **Arqueologia** (número especial) **18**(3):19-30.

Bigarella, J. J. 2009. **Matinho: homem e terra – reminiscências**. Curitiba, edição do autor.

Bigarella, J. J.; Andrade-Lima, D. & Riehs, P.J. 1975. Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies animais e vegetais do Brasil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências 47**:412-464.

Bigg-Wither, T. P. 1878. **Pioneering in south Brazil**: three years of forest and prairie life in the Province of Paraná. Londres, John Murray. 2 vols., 378+328 p. [Traduzido para o português em 1980 pela José Olympio (Rio de Janeiro) e pela Imprensa Oficial do Paraná (Curitiba), com o título "Novo caminho no Brasil Meridional. A Província do Paraná: três anos em suas florestas e campos, 1872/1875 (420 p.)].

Blake, E. R. & Vaurie, C. 1962. Family Corvidae. [p. 204-286] *In*: E.Mayr & J.C.Greenway Jr. (ed). **Check-list of birds of the world**: a continuation of the work of James L.Peters. Volume 15. Cambridge, Museum of Comparative Zoology.

Blake, E. R. 1949. **Preserving birds for study**. Chicago, Chicago Natural History Museum. Fieldiana: Technique n° 7, 38 pp.

Blake, E. R. 1968a. Family Vireonidae, Peppershrikes, Shrike-Vireos, and Vireos. [p. 103-138] *In*: R.Paynter Jr. (ed). **Check-list of birds of the world**: a continuation of the work of James L.Peters. Volume 14. Cambridge, Museum of Comparative Zoology.

Blake, E. R. 1968b. Family Icteridae, American Orioles, and Blackbirds [p. 138-202] *In*: R.Paynter Jr. (ed). **Check-list of birds of the world**: a continuation of the work of James L.Peters. Volume 14. Cambridge, Museum of Comparative Zoology.

Blake, E. R. 1977. **Manual of neotropical birds**. Chicago, University of Chicago Press.

Blake, E.R. 1938. Ornithological expedition completes its work. **Field Museum News 9**(3):3.

Blake, E.R. 1939a. Expedition leader tells story of exploration in the jungles of British Guyana. **Field Museum News 10**(2):4-5.

Blake, E.R. 1939b. Rhea, largest bird of western Hemisphere, displayed in its habitat. **Field Museum News 10**(9):1-2.

Blake, E.R. 1977. **Manual of Neotropical Birds**. Chicago: University Press.

Borba, T. 1908. **Actualidade indigena, Paraná – Brazil**. Curitiba, Impressora Paranaense. 172 pp.

Bornschein, M. R.; Reinert, B. L. e Teixeira, D. M. 1996. Distribuição de *Ortalis guttata* Spix, 1825 (*sic*) no sul do Brasil, com notas sobre *Ortalis guttata remota* Pinto, 1964 (Aves, Cracidae). **V Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Resumos, p.11.

Braga, R. E. 1956. Lobelias do Brasil: contribuição para seu estudo. **Arquivos de Biologia e Tecnologia 11**(5):21-94.

Braga, R. E. 1962. Contribuição ao estudo fitogeográfico do Estado do Paraná: Serra dos Dourados. **Boletim Paranaense de Geografia 6-7**:25-40.

Branco, G. & Mioni, F. 1954. **Londrina no seu Jubileu de Prata: documentário histórico**. Londrina, Revista Realizações Brasileiras. 376 p.

BRASIL. 1911. **Decreto n° 8.917 – de 23 de agosto de 1911**: Concede autorização à Brazil Land Cattle and Packing Company para funccionar na Republica. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1911. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao> acesso em 11 de novembro de 2011.

BRASIL. 1934**. Relatorio apresentado do chefe do governo provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro de estado das Relações Exteriores: anno de 1931.** 1° volume: Introducção, Exposição e Anexo A. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

BRASIL. 1939. **Relatorio apresentado ao Dr. Getulio Vargas presidente da Reública dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Mario de Pimentel Brandão ministro de Estado das Relações Exteriores ANO de 1937.** 1° volume: Introducção, Exposição e Anexos A e B. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

Carrano, E. & Jablonski, E. F. 1997. Notas sobre a ocorrência da andorinh-ado-mar-negra *Anous stolidus* (Linnaeus, 1758) (Aves – Laridae) para o Estado do Paraná, Brasil. **Estudos de Biologia 41**:33-36.

Carvalho, A. de S. 2011. Jesus Moure: religiosamente cientista. In [p.177-229]: F. Ardigó (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas**

instituições no Paraná (1940-1960). São Paulo, Editora Contexto.
Casagrande, A. 2009. As expedições de Reinhard Maack ao Rio Tibagi (1926-1930). **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 60**:37-53.
Casagrande, A. 2011. O incansável explorador Reinhard Maack. In [p.267-326]: F. Ardigó (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto.
Castro, A.C. 1979. **As empresas estrangeiras no Brasil: 1860-1913**. Rio de Janeiro: Zahar.
Castro, M. J. de. 1935. II. Notas de amadorismo: Uma caçada no Paranapanema e Tibagi. **Boletim Biológico 2 [Nova série]**(3):93-96.
Castro, R. A. A. 1994. **O cotidiano e a cidade: Práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Departamento de História. Dissertação de mestrado.
CIÊNCIA HOJE (Editorial). 1990. [Perfil] No mundo dos insetos: Jesus Santiago Moure. **Ciência Hoje 11**(61):54-61.
Congro, R. 1919. **O municipio de Campo Grande: estado de Matto Grosso**. Campo Grande: edição do autor.
Cordeiro, A. A. de M. & Corrêa, M. F. de M. 1985. Histórico do acervo ictiológico da Divisão de Zoologia e Geologia da Prefeitura Municipal de Curitiba. **Boletim da Divisão de Zoologia e Geologia**, Zoologia **1**:1-8.
Corrêa, E. A. & Silva, J. de L. e. 1995. Lista das espécies de Dendrobranchiata e Caridea (Crustacea, Decapoda) do Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba e do Centro de Estudos do Mar, Paranaguá,

Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia 12**(1):211-220.

Corrêa, M. F. de M.; Cordeiro, A. A. de M. & Justi, I. M. 1986. Catálogo dos peixes marinhos da coleção da Divisão de Zoologia e Geologia da Prefeitura Municipal de Curitiba – I. **Neritica 1**(1):1-83.

Correll, D.S. 1973. Willliam Andrew Archer, November 7, 1894 – May 7, 1973. **Taxon 23**(5/6):755-758.

CRBio-7. 2012. Reconhecimento aos 90 anos do professor Rudolf Lange. **Revista BioParaná 4**(12):8-10.

Cuenca, M. 2009. **Historia del audiovisual en Paraguay**. Disponível online em http://www.recam.com; acessado em 28 de fevereiro de 2010.

Dalgado, S._R. 1921. **Glossário luso-asiático**. Coimbra, Universidade de Coimbra. 2 volumes, 580 p.

Delacour, J. 1976. [Obituaries] Jacques Berlioz (1891-1975). **Ibis 118**(4):595-596.

Delacour. J. (ed.) 1938. **IXe Congrès Ornithologique International, Rouen, 9 au13 mai 1938**. Rouen: 543 pp.

Donato, H. 1996. **Dicionário das batalhas brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da Reforma Agrária (1996)**. São Paulo: Ibrasa.

DOU. 1947a. Diário Oficial da União. Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional: Avisos. **Diário Oficial da União** de 10 de dezembro de 1947. Seção 1, p. 15627.

DOU. 1947b. Diário Oficial da União. Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. **Diário Oficial da União** de 15 de janeiro de 1947. Seção 1, p. 681-682.

Duarte, R. H. 2006. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção (1894-1938). **Latin American Research Review**, 41(1):3-26.

Ducret, J. J. 2002. Une conception non-darwinniene de l’evolution biologique. **Intellectica 2001/2**(33):35-46.

Duncan, J. B. 1891. The Pilcomayo-Expedition. **Scottish Geographical Magazine 7**(3):152-155.

Engel, M. S. 2016. Charles D. Michener (1918–2015): The Compleat Melittologist **Journal of the Kansas Entomological Society, 89**(1):1-44.

Engelhardt, W. 1985. **Hans Krieg zum gedächtnis**. Manuscrito, datado de 3 de janeiro de 1985, disponível em URL: http://www.alpenarchiv.at/data/dokumente/main/20/00127726_m.pdf

Espinosa, L. 1955. **Contribuciones linguisticas y etnograficas sobre algunos pueblos indigenas del Amazonas peruano**. Volume I (único) Madri, Instituto Bernardo de Sahagún. 602 pp.

Fernandes, J. L. [1936]. **Museu Paranaense: resenha historica: 1876-1936**. Curitiba, Museu Paranaense. 15 p.

Fernandes, J. L. 1941. [Editorial]. **Arquivos do Museu Paranaense 1**:3-5.

Fernandes, J. L. 1959a. The Xetá, a dying people in Brazil. **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnographical Researches 2**:21-26.

Fernandes, J. L. 1959b. Os índios da Serra dos Dourados (OsXetás). **Anais de III Reunião Brasileira de Antropologia**, p. 27-46.

Fernandes, J. L. 1960. Les Xetá et les palmiers de la forêt de Dourados: contribution a l’ethnobotanique de Paraná. **International Congress of Anthopology and Ethnological Sciences 6**:39-43.

Fernandes, J. L. 1961. Le peuplement du nordoueste du Paraná et les indiens de la “Serra dos Dourados”. **Boletim Paranaense de Geografia 2-3**:79-91.

Fernandes, J. L. 1962. Os índios da Serra dos Dourados. **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnographical Researches 5**:151-154.

Fernandes, J. L. & Blasi, O. 1956. As jazidas arqueológicas do Planalto Paranaense. Nota prévia sobre a jazida do Estirão Comprido. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 4**(3-4):67-80.

Fernandes, J. L. [1936]. **Museu Paranaense: resenha historica: 1876-1936**. Curitiba, Museu Paranaense. 15 p.

Fernandes, J. L. 1941. [Editorial]. **Arquivos do Museu Paranaense 1**:3-5.

Fernandes, J. L. & Nunes, M. D. 1956. **Oitenta anos de vida do Museu Paranaense**: edição comemorativa do 80º aniversário do Museu Paranaense. Curitiba, Museu Paranaense. 18 pp.

Ferreira, V. S.; Prado, L. P. & Serripieri, D. 2016. The entomological collection of Ricardo von Diringshofen (1900–1986) and its incorporation to the Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Entomologia 60**:117-122.

Fittkau, E. J. 1989. Zwischen Anden und Atlantik: Südamerikaforschung von Hans Krieg. *In* [p.27-33]: Staatlichen Naturwissenschaftlichen Sammlungen Bayerns. **Jahresberichte der Generaldirektion der Staatlichen Naturwissenschaftlichen Sammlungen Bayerns 1988**. Relatório institucional.

Fittkau, E. J. 1992. B) Zur Geschichte der Zoologischen Staatssammlung München zusammengestellt von den Mitarbeitern der Zoologischen Staatssammlung München 1. Vom Naturalienkabinett zum modernen Forschungsinstitut: Geschichte und Bedeutung der Zoologischen Staatssammlung. **Spixiana supl. 17**:24-34.

Fittkau, E. J. 2005. Hans Krieg (1888-1970): Naturforscher, Naturschützer und Jäger. *In* [p.151-160]: Behr, L. et al. (eds). **Schriftenreihe der Stadt Vaihingen an der Enz. Volume 11: Forschungen und Funde**.

FMN 1937a. A zoological expedition to South America. **Field Museum News [Editorial] 8**(2):3; fevereiro de 1937.

FMN 1937b. Hoatzins collected. **Field Museum News [Editorial] 8**(5):2; maio de 1937.

FMN 1938a. Sewell Avery expedition to British Guyana. **Field Museum News [Editorial] 9**(9):3; setembro de 1938.

FMN 1938b. Sewell Avery sponsors four expeditions. **Field Museum News [Editorial] 9**(7):2; março de 1938.

FMN 1938c. Staff notes. **Field Museum News 9**(2):4.

FMN 1939. Staff notes. **Field Museum News 10**(2):6.

FMNH 1938. **Annual report of the director to the board of trustees for the year 1938**. Chicago: Field Museum of Natural History. Field Museum of Natural History Report Series, volume 11; número 2, publicação 413.

FMNH 1939. **Annual report of the director to the board of trustees for the year 1938**. Chicago, Field Museum of Natural History. Field Museum of Natural History Report Series, volume 11; número 3, publicação 443.

Franzen, M. & Glaw, F. 2006. Die herpetologische Südamerika-Forschung der Zoologischen Staatssammlung München (ZSM) im 20. Jahrhundert. **Mertensiella 23**:355-367

Gauld, C.A. 1964. **The last titan: Percival Farquhar, American entrepreneur in Latin America**. Stanford: Stanford University.

Giesbrecht, R. M. (s.d.). **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível online em http://www.estacoesferroviarias.com.br/; acessada em 13 de maio de 2019.

Gonçalves, M. A. 1999. [Resenha de] Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. **Mana 5**(2):186-189.

Greenway-Jr., J. C. 1976. Obituary: Jacques Berlioz (1891-1975). **Auk 93**(3):665.

Gregg, C.C. 1937. Expeditions of 1937 range from Alaska to Brazil, and Maine to Asia. **Field Museum News 8**(10):1-2.

Gruber, U. 1992. 5.1. Die Sektion Fische der Zoologischen Staatssammlung München. **Spixiana (supl.) 17**:124-130.

Grupioni, L. D. B. 1998. **Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho d Fiscalização das Expedições Artística e Científicas no Brasil**. São Paulo, Hucitec/Anpocs. 341 p.

Guérios, R. F. M. 1942. Estudos sobre a língua caingangue: notas histórico-comparativas dialeto de Palmas e dialeto de Tibagí (Paraná). **Arquivos do Museu Paranaense 2**(9):97-178.

Guimarães, L. R. 1945. Sobre alguns ectoparasitos de aves e mamíferos do litoral paranaense. **Arquivos do Museu Paranaense 4**:179-190.

Haberland, W. 1969. Günter Tessmann 85 Jahre alt. **Zeitschrift für Ethnologie 94**(2):169-170.

Hayes, F. E. 1995. Status, distribution and biogeography of the birds of Paraguay. **Monographs on Field Ornithology 1**:1-224.

Hellmayr, C. E. 1928. The ornithological collection of the Zoologic Museum in Munich. **Auk 45**(3):293-301.

Helm, C. M. V. 1994. Os Xetá: a trajetória de um grupo tupi-guarani em estinção no Paraná. **Anuário Antropológico Tempo Brasileiro 92**:105-112.

Hertel, R. J. G. [1962-]1963. Contribuição para a fitologia teórica. V. Da germinação nos vegetais. **Humanitas 6**:101-135.

Hertel, R. J. G. 1947. Observações sôbre *Polypodium areolatum* H. B. K. **Arquivos do Museu Paranaense 6:**299-339.

Hertel, R. J. G. 1949. **Contribuição à ecologia de flora epifítica da Serra do Mar (vertente oeste) do Paraná.** Tese Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba.

Hertel, R. J. G. 1950. Contribuição à ecologia de flora epifítica da serra do mar (vertente oeste) do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense 8:**3-63.

Hertel, R. J. G. 1952. Contribuição ao estudo das associações zoofíticas. **Dusenia 3**:463-470.

Hertel, R. J. G. 1954a. Myxomycetes do Brasil I. Lista dos Myxomycetes assinalados para o Brasil e descrição de novas espécies do gênero *Arcyria* Wiggers. **Dusenia 5**:117-124.

Hertel, R. J. G. 1954b. Myxomycetes do Brasil. II. *Paradiacheopsis curitibana* Hertel, n.gen. e n.sp. de Lamprodermaceae. **Dusenia 5:** 191-192.

Hertel, R. J. G. 1955. Myxomycetes do Brasil III. Dois novos elementos de Stemonitaceae. **Dusenia 6***:*47-48.

Hertel, R. J. G. 1956. Taxonomia de *Comatricha* Preuss emend. Rost. (Myxophyta). **Dusenia 7***:*341-350.

Hertel, R. J. G. 1957. Isolamento de micro-organismo: pipeta simples para este fim. **Humanitas 2**:1-57.

Hertel, R. J. G. 1958. Contribuições para a fitologia teórica: I. Alguns conceitos na histofilogênese. **Humanitas 3**:178-201.

Hertel, R. J. G. 1959a. Contribuições para a fitologia teórica: II. Algumas concepções na carpologia. **Humanitas 4**:11-53.

Hertel, R. J. G. 1959b. Esboço fito-ecológico do litoral centro do Paraná. **Forma et functio 1**:47-78.

Hertel, R. J. G. 1960. Contribuições para a fitologia teórica IV: Sobre a estrutura anátomo-morfológica e fisiológica. **Humanitas 5**:73-104.

Hertel, R. J. G. 1963. Estudos sobre *Araucaria angustifolia*. I – Descrição morfológica do fruto, a germinação. **Boletim do Instituto de História Natural. Série Botânica 4**:1-8.

Hertel, R. J. G. 1968a. Estudos sobre *Phoebe porosa* (Nees) Mez. I. Nomenclatura da imbuia e alguns problemas que encerra. **Dusenia 8**(5):165-194.

Hertel, R. J. G. 1968b. Estudos sobre *Araucaria angustifolia*. I. Descrição morfológica do fruto; germinação. **Boletim do Instituto de Defesa do Patrimônio Natural (Série Botânica) 4**:1-25.

Hertel, R. J. G. 1969. Aspectos interessantes da vegetação do Paraná [Vol. 2; p.129-241] *In:* F. El-Khatib ed. **História do Paraná**, 2º volume. Curitiba, Grafipar. 438 pp.

Hertel, R. J. G. 1974a. Estudos sobre *Phoebe porosa* (Nees) Mez II. A inflorescência, a flor e o fruto da imbuia. **Acta Biológica Paranaense 3**:25-54.

Hertel, R. J. G. 1974b. Interpretação morfológica da lígula. **Acta Biológica Paranaense 3**(1-4):55-71.

Hertel, R. J. G. 1974c. Uma interpretação filogenética da lígula. **Acta Biológica Paranaense 3**:55-71.

Hertel, R. J. G. 1976a. Estudos sobre *Araucaria angustifolia*. II. A constituição do estróbilo. **Acta Biológica Paranaense 5**:3-25.

Hertel, R. J. G. 1976b. Selecta phytoteratológica I. Teratoma e placentoma em *Carica papaya* L. **Acta Biológica Paranaense 5**:27-43.

Hertel, R. J. G. 1980. **Interpretação morfológica da Araucaria angustifolia.** Tese Professor Titular, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba.

Hertel, R. J. G. 1982. O fruto de *Celtis trifolia* e a interpretação morfológica do Teloma. **Dusenia 13**:183-197.

Hertel, R. J. G. 1984a. Atualização conceitual: I. Reabilitação de um campo científico: a Bionomia vegetal. **Estudos de Biologia 9**:1-18.

Hertel, R. J. G. 1984b. Atualização conceitual: II. Valoroso sufixo mal interpretado. **Estudos de Biologia 10**:1-24.

Horrocks, G. (2008). **Professor Bigarella: uma luta ambiental**. Documentário em DVD. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, Positivo, Plantar: Central Jardinagem Orgânica. 65 min, NTSC, colorido.

Houaiss, A. & Villar, A. de S. 2001. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva. 2922 pp.

Ihering, H. von. 1902c. Necessidade de uma lei federal de caça e proteção das aves. **Revista do Museu Paulista 5**:238–260.

Jablonski, E. F. 1978. **Noções elementares sobre coletas, preparação e conservação de espécimens para estudos em Zoologia**. Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 39 p.

Jablonski, E. F. 1979. Contribuições ao conhecimento do *Myocastor coypus bonariensis* (E. Geoffroy, 1805) (Mammalia – Rodentia). **Estudos de Biologia 3**:1-14.

Jablonski, E. F. 1993. **Homenagem especial** [Rudolf Bruno Lange]. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 20 p.

Kabat, H. 1985. **Dar Pomorza: wielka przygoda mlodosci**. Varsóvia, Ksiaska & Wiedza. 280 pp.

Kazubski, S.L. 1996. The History of the Museum and Institute of Zoology, PAS. **Bulletin of the Museum and Institute of Zoology (Polish Academy of Sciences) 1**:7-19.

Kerr, J. G. 1890. Extracts from the letters of Mr. J. Graham Kerr, naturalist to the Pilcomayo Expedition. **Ibis 1890**:350-365.

Kerr, J. G. 1892. On the avifauna of the lower Pilcomayo. **Ibis 1892**:120-152.

Kerr, J. G. 1901. On the birds observed during a second zoological expedition to the Gran Chaco. **Ibis 1901**:215-236.

Kersten, R. de A. 2005. Herbário da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (HUCP). In: Herbários do Brasil – 66º Congresso Nacional de Botânica. **UNISANTA Bioscience 4**(6):217-220

Kersten, R. A. & Acra, L. A. 2012. Ralph João George Hertel. **Estudos de Biologia 34**(83):269-279.

Klockmann, T. 1988. **Günther Tessmann, König im Weissen Fleck: Das ethnologische Werk im Spiegel der Lebenserinnerungen: ein biographisch-werkkritischer Versuch**. Tese de doutoramento, Universidade de Hamburgo, Alemanha. 313 pp.

Kohlhepp, G. [1975] 2014. **Colonização agrária no norte do Paraná: processos geoeconômicos e sociogeográficos de desenvolvimento de uma zona pioneira subtropical no Brasil sob a influência da plantação de café**. Maringá, Editora UEM. 310 pp. [Tradução e anotações organizadas por P. A. Soethe].

Kosloski, M. A.; Toledo, L. & Jablonski, E. F. 2000. Variabilidade no número de processos rastelares em *Astyanax scabripinnis paranae* Eigenmann, 1927. **Estudos de Biologia 45**:5-21.

Kozák, V. 1972. Stone age revisited: mystified Heta Indians of Brazil display the vanished art of making a stone ax; to them, it's a pointless task. **Natural History 81**:14-24.

Kozák, V.; Baxter, D.; Williamson, L. & Carneiro, R. L. 1979. The Héta indians: fish in a dry pond. **Anthropological Papers of the American Museum of Natural History 55**(6):349-434.

Kózak, V.; Baxter, D.; Williamsom, L. e Carneiro, R. L. 1981. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 38**:1-159.

Kraft, R. & Huber, W. 1992. Die Zoologische Schaussamlung in der Alten Akademie in München 1809-1944. *In*: E.Diller & A. Hausman eds.: **Chronik der Zoologischen Staatssammlung**. Festschrift zur Verabschiedung des Direktors der

Zoologischen Staatsammlung München, Prof. Dr. Ernst Fittkau. **Spixiana (supl.) 17**:1-248.

Krapovickas, A. & Gregory, W.C. 2007. Taxonomy of the genus Arachis (Leguminosae). **Bonplandia 16**(supl.):1-205.

Krieg, H. & Schuhmacher, E. 1936. Beobachtungen an südamericanischen Wildhühnern (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg's. 4. Bericht.). **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 21**(1):1-18.

Krieg, H. 1925. **Urwald und Kamp**. Stuttgart, Verlag von Strecker und Schröder. 173 p.

Krieg, H. 1929. **Indianerland: Bilder aus dem Gran Chaco**. Stuttgart, Verlag von Strecker und Schröder. 155 p.

Krieg, H. 1933. **Yaguareté: Tierbilder aus Südamerika**. Munique, Verlag Josef Kösel und Friedrich Pustet. 109 pp.

Krieg, H. 1934. Vogelbeobachtungen bei einer argentinischen Estancia (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg's. 3. Bericht.). **Journal für Ornithologie 82**:97-143.

Krieg, H. 1936. **Das Reh in biologischer Betrachtung**. Neudamm, J. Neumann.

Krieg, H. 1939a. Vogelbilder aus dem Gran Chaco. **Physis 16**: 115-151.

Krieg, H. 1939b. Von den Andean Boliviens bis zum Atlantik: Ein ökologischer Querschnitt. **Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin1-2**:14-39.

Krieg, H. 1948. **Unter der Sonne Südamerikas**. Stuttgart, Verlag August Schröder. 182 p.

Krieg, H. 1949. **Zwischen Anden und Atlantik: Reisen eines Biologen in Südamerika**. Munique, Alemanha, Karl Henser Verlag. 499 p.

Krieg, H. 1951. **Als Zoologe in Steppen und Wäldern Patagoniens**. Munique, Alemanha. Bayerischer Landwirtschaftverlags. 194 p.

Krieg, H. 1960. **Mein afrikanisches Skizzenbuch**. Munique, F. Bruckmann.

Krieg, H. 1967. **Ein Mensch ging auf die Jagd**. Munique, BLV.

Kühlhorn, F. 1939. Beziehungen zwischen Ernährungsweise und Bau des Kauapparates bei einigen Gürteltier- und Ameisenbärenarten. **Morphologie Jahrbuch 84**: 55-85.

Kühlhorn, F. 1954. Ornithologische Studien aus Sud-Mattogrosso. **Anzeiger der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 4**:173-183.

Lamming-Emperaire, A. 1964. Les Xeta, survivants de l'âge de la pierre. **Objects et Mondes 4**:263-276.

Lange, F. W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná**: Volume Comemorativo do 1° Centenário do Estado do Paraná. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.

Lange, F. W. 1954. Paleontologia do Paraná. P.1-105 *In*: Lange, F.W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná**: Volume Comemorativo do 1° Centenário do Estado do Paraná. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.

Lange, I. 2008. **Frederico Lange de Morretes: vida e trajetória**. Curitiba, Instituto Memória. 104 pp.

Lange, M. B .R. & Straube, F. C. (eds.) 1988. **Considerações preliminares sobre a fauna de vertebrados e fitofisionomia da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi, Serra**

do Mar, Paraná. Curitiba/PR, Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental e Instituto de Terras, Cartografia e Florestas.

Lange, R. B. 1967. Contribuição ao conhecimento da bionomia de aves: *Ramphastos dicolorus* L. (Ramphastidae), sua nidificação e ovos. **Araucariana**, série Zoologia **1**:1-3.

Lange, R. B. 1978. Fauna da Serra do Mar.(p.60-62) *In*: J.J.Bigarella. **A Serra do Mar e a porção oriental do Estado do Paraná**. Curitiba, Secretaria do Planejamento e Associação de Defesa e Educação Ambiental/ADEA.

Lange, R. B. 1981. Contribuição ao conhecimento da bionomia de aves: II. Observação do comportamento de *Tyto alba* (J.C.Gray). **Estudos de Biologia 7**:1-27.

Lange, R. B. 2005. Depoimento. **Arqueologia** (número especial) **18**(3):31-35.

Lange, R. B. & Jablonski, E. F. 1979. Roedores do Paraná. **Estudos de Biologia 11**:1-15.

Lange, R. B. & Jablonski, E. F. 1981. Lista prévia dos Mammalia do Estado do Paraná. **Estudos deBiologia 6**:1-35.

Lange, R. B. & Jablonski, E. F. 1998. Mammalia do Estado do Paraná – Marsupialia. **Estudos de Biologia 43**:

Lange, R. B. & Lange, M. B. R.1992. Contribuição ao conhecimento da bionomia em Aves. III. Notas sobre a nidificação e alimentação de *Troglodytes aedon* Vieillot (Troglodytidae - Aves). **Estudos de Biologia 28**:5-16.

Laubmann, A. 1930. **Wissenschaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco-Expedition: Vögel**. Stuttgart, Strecker & Schröder. 334 pp.

Laubmann, A. 1932. Zur Kenntnis von *Pyrrhura borellii* Salvadori (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen

der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 1. Bericht.). **Anzeiger der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 2**(5):212-219.

Laubmann, A. 1933a. Ueber eisvögel aus Paraguay (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 2. Bericht.). **Anzeiger der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 2**(6):267-275.

Laubmann, A. 1933b. Beiträge zur Kenntnis des Formenkreises *Furnarius rufus* (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 5. Bericht.). **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 20**(1):153-161.

Laubmann, A. 1933c. Beiträge zur avifauna paraguaya's Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 8. Bericht.). **Anzeiger der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 2**(7):287-302.

Laubmann, A. 1934. Weitere Beiträge zur Avifauna Argentiniens (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 6. Bericht.). **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 20**(2/3):249-336.

Laubmann, A. 1935. Ueber Vögel aus Matto Grosso, Brasilien (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 8. Bericht.). . **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 20**(4):589-609.

Laubmann, A. 1936b. Beitrage zur Avifauna von Santa Catharina, Sud-Brasilien (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der III. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg’s. 9. Bericht.).

Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 21(1):19-46.

Laubmann, A. 1939a. **Wissenschaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco-Expedition.** Die Vögel von Paraguay, Vol. I. Stuttgart, Strecker & Schröder. 246 p.

Laubmann, A. 1939b. **Wissenschaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco-Expedition**. Die Vögel von Paraguay, Vol. II. Stuttgart, Strecker & Schröder. 228 p.

Laubmann, A. 1939c. Weiteres über Eisvögel aus Südamerika (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der IV. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg's. 1. Bericht.). **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern 21**(4):503-515.

Laubmann, A. 1941. Beiträge zur Avifauna patagoniens (Aus den wissenschaftlichen Ergebnissen der IV. Südamerika-Expedition Prof. Dr. Krieg's. 2. Bericht.). **Verhandlungen der Ornithologischen Gessellshaft in Bayern 22**:1-98.

Leão, A. E. de. 1900. **Guia do Museu Paranaense de Curitiba**. Curitiba, Impress. Paranaense.

Leão, A. E. de. 1934. **Indice paranaense [ou] Supplemento [do] Diccionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.

Leão, E. A. de. 1924-1928. **Diccionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.

Levi-Strauss, C. 1970. **O pensamento selvagem**. São Paulo, Edusp. 331 p.

Lorini, M.L. & Persson, V.G. 1990b. A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná: II.

Mamíferos do segundo planalto paranaense. **Arq. Biol. Tecnol. 33**(1):117-132.

Loukotka, C. 1960. Une tribe indienne peu connu dans d'état brésilien Paraná. **Acta Ethnographica 9**:329-368.

Maack, R. 1962. Unbekannte indianner in west-Paraná: Das Drama eines Neuentdeckten Indianerstammes in Brasilien. **Sonderdruck aus Kosmos 58**(9).

Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.

Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. 2ª edição. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.

Magalhães, A. C. de. 1939. **Ensaio sobre a fauna brasileira**. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. 336 pp.

Maranhão, M. F. C. 2005. Do Museu para a Academia: a trajetória intelectual de Loureiro Fernandes e a institucionalização da Antropologia no Paraná. **Arqueologia** (número especial) **18**(3):155-172.

Maranhão, M. F. C. 2006. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as ciências sociais no Paraná.** Curitiba, Faculdade Padre João Bagozzi, Curso de Pós-graduação em Historia e Geografia. Monografia.

Marques, M. C. M. & Britez, R. M. de (orgs.). 2005. **História natural e conservação da Ilha do Mel**. Curitiba, Editora UFPR. 266 pp.

MAST. 2012. **Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil:**

Inventário. Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. 246 pp.

Melo, G. A. R. & Alves-dos-Santos, I. 2003. Moure 90 anos: uma trajetória em imagens, P. 3-10, *In*: G.A.R.Melo & I.Alves-dos-Santos (eds.). **Apoidea Neotropica: homenagem aos 90 anos de Jesus Santiago Moure**. Criciúma, Editora da UNESC.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1957. Observations on the ethology of some Brazilian colletid bees (Hymenoptera, Apoidea). **Journal of the Kansas Entomological Society 30**(2): 71–80.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1958a. Observations on the behavior of Brazilian halictid bee (Hymenoptera, Apoidea) I. Pseudagapostemon. **Annals of the Entomological Society of America 51**(2): 155–164.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1958b. Observations on the ethology of neotropical anthophorine bees (Hymenoptera: Apoidea). **University of Kansas Science Bulletin 39**(3): 69–96.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1958c. Observations on the behavior of Brasilian halictid bees, III. **University of Kansas Science Bulletin 39**(11): 473–505.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1958d. Observations on the behavior of Brasilian halictid bees. V, Chloralictus. **Insectes Sociaux 5**(4): 379–407.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1958e. Distinctive type of primitive social behavior among bees. **Science 127** (3305): 1046–1047.

Michener, C.D., & R.B. Lange. 1959. Observations on the behavior of Brazilian halictid bees (Hymenoptera, Apoidea) IV. Augochloropsis, with notes on extralimital forms. **American Museum Novitates 1924**: 1–41.

Mielke, C. G. C. & Gil-Santana, H. R. 2005. Reflexão. **Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Zoologia 27**(80):9-11.

Miguel, F. 2014. Por uma antropologia da homossexualidade em África: o caso de Cabo Verde. **[Anais do] 29ª Reunião Brasileira de Antro**pologia, Natal, 3 a 6 de agosto de 2014.

Mons, J. S. E. 2005. Documentos da constituição e instalação da colônia alemã Terra Nova. **Revista HISTEDBR On-line 18**: 215 -227

Morais, F. 1994. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras. 736 p.

Moreira, J. E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá** (até a emancipação da Província do Paraná). Curitiba, Imprensa Oficial. 3 volumes: 1045 pp.

Nast, J. 1972. **Palaearctic Auchenorryncha (Homoptera): An Annotated Check List**. Varsóvia, Polish Scientific Publishers. 550 pp.

Neumann, D. 2006. Type Catalogue of the Ichthyological Collection of the Zoologischen Staatssammlung München. Part I: Historic type material from the "Old collection", destroyed in the night of 24/25 April 1944. **Spixiana 29**(3):259-285.

Newton, D. 2000. [Resenha de] Luís Donisete Benzi Grupioni. Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo, Hucitec/ANPOCS 1988, 341pp. **Revista de Antropologia 43**(1):263-270.

Nice, M. M. 1949. 109. [Resenha de] Between the Andes and Atlantic. The journeys of a biologist in South America. **Journal of Field Ornithology 20**(4):209-210.

Nice, M. M. 1953. [Resenha de] 66. A zoologist in the steppes and forests of Patagonia. **Journal of Field Ornithology 24**(4):174-175.

Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2º edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, Ibidem, vol.936:156-292.

Pappenheim, P. 1911-1915**.** Zoologische Ergebnisse der Expedition des Herrn G. Tessmann nach Süd-Kamerun und Spanisch-Guinea. **Mitteilungen aus dem Zoologischen Museum in Berlin 5**(3):387-392; **5**(3):505–551; **6**(1):117-132; **6**(2):263-312; **6**(3):335-350; **7**(1):101-114; **8**(1):41-70.

Parellada, C. I. 2017. Plumária, peles, lasca e cerume de abelha: diálogos entre arqueologia guarani e povos xetá. **Pesquisas: Antropologia 73**:213-234.

Paynter-Jr,. R. 1995. **Ornithological gazetteer of Argentina**. 2° edição. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. X + 1045 pp.

Paynter-Jr., R. 1989. **Ornithological Gazetteer of Paraguay.** Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 59 p.

Paynter-Jr., R. 1992. **Ornithological Gazetteer of Bolivia.** Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 185 p.

Paynter-Jr., R. e Traylor, Jr., M. 1991. **Ornithological Gazetteer of Brazil**. 2 volumes, Cambridge: Museum of Comparative Zoology.

Pelzeln, A. von. 1871. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp (incluindo análise biogeográfica, p.344-390; revisão bibiográfica de localidades, p.391-462) + 69

pp (itinerário, p.I-XX; tabela sinóptica, p.XXI-XLIX) + 2 mapas.

Piacentini, V. de Q.; Aleixo, A.; Agne, C. E.; Maurício, G.N.; Pacheco, J.F.; Bravo, G.A. ; Brito, G.R.R.; Naka, L.N.; Olmos, F.; Posso, S.; Silveira, L.F.; Betini, G.S.; Carrano, E.; Franz, I.; Lees, A.C.; Lima, L.M.; Pioli, D.; Schunck, F.; Amaral, F.R. do; Bencke, G.A.; Cohn-Haft, M.; Figueiredo L.F.A.; Straube, F.C.; Cesari, E. 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia 23**(2):91-298.

Pinto, O. M. de O. 1938. Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1º parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluida a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Revista do Museu Paulista 22**:1-566.

Pinto, O. M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres**. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.

Pinto, O.M. de O. 1952. Súmula histórica e sistemática da Ornitologia de Minas-Gerais. **Arquivos de Zoologia 8**(1):1-51.

Pinto-da-Rocha, R. & Caron, S. de F. 1989. Catálogo do material-tipo da Coleção de Arachnida Rudolf Bruno Lange do Museu de História Natural “Capão da Imbuia”. **Revista Brasileira de Biologia 49**(4):1021-1029.

Posse, Z. C. S. 2005. Do professor Loureiro e dos professores. **Arqueologia** (número especial) **18**(3):139-146.

Priori, A. & Ipólito, V. K. 2015. DOPS, a cidade de Rolândia (PR) e a repressão aos imigrantes de origem alemã (1942-1945). **Varia Historia 31**(56):547-580.

Rachou, R. G. 1952. Sobre o combate aos anofelinos do sub-gênero *Kerteszia* no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Malariologia 4**(3): 245-254.

Reichenow, [A.] 1907. Neue Arten aus dem Fan-Gebiet (Südich Kamerun) in West-Afrika. **Ornithologische Monatsberichte 15**(9):146-147.

Reichenow, [A.]. 1921. Neue Vogelarten aus Camerun. **Journal für Ornithologie 69**:46-49.

Reis, C.R.P. dos. 2002. **Implantação, avanços e conquistas do assentamento Capão Bonito, Sidrolândia/MS**. Campo Grande, Universidade Católica Dom Bosco. Dissertação de Mestrado.

Rejt, L. & Mazgajski, T. D.. 2003. The bird collection in the Muuseum and Institute of Zoology (Polish Academy of Sciences). **Bonner zoologische Beiträge 51**(2-3):151-152.

Ribeiro, D. (ed.). 1987. **Suma Etnológica Brasileira**: edição atualizada do *Handbook of South American Indians*. Petrópolis, Editora Vozes. 3 volumes: 302+448+300 pp.

Rinke, S. 2008. Auslandsdeutsche no Brasil (1918-1933): nova emigração e mudança de identidades. **Espaço Plural 9**(19):39-48.

Rodrigues, A. D'I. 1978. a língua dos índios Xetá como dialeto guarani. **Cadernos de Estudos Linguísticos 1**:7-11.

Rodrigues, A. D’I. 2005. Reminiscências de Loureiro Fernandes. **Arqueologia** (número especial) **18**(3):53-62.

Roszkowski, W. 1927. Contributions to the study of the family Lymnaeidae VIII: The genus *Pseudosuccinea* from south Brazil. **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis 6**(1):1-33.

Sá, M. R. & Silva, A. F. C. da. 2016. Citizens of the Third Reich in the tropics: german sientific expeditions to Brazil under the Vargas Regime, 1933–40. *In* [p.232-255]: F. Clara; C. Ninhos & S. Grishin (eds.). **Nazi Germany and Southern Europe, 1933-45**. Londres, Palgrave Macmillan UK. 269 p.

Saint-Hilaire, A. de. 1851. **Voyage dans l'intérieur du Brésil, quatrième partie: Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine, Tome Second.** Paris, Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 423 pp.

Sampaio, A. J., & Hertel, R. J. G. 1949. Lexico botânico, plantas criptogamicas (celulares e vasculares). **Publicações Avulsas do Museu Paranaense 1**:1-31.

Sampaio, A. J., & Hertel, R. J. G. 1950. Lexico botânico, plantas criptogamicas (celulares e vasculares). **Publicações Avulsas do Museu Paranaense 2**:1-30.

Santana, S.R.O. 2006. **Uso de geotecnologias para gestão de assentamentos de reforma agrária**. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado.

São-Thiago, P. de T. 2013. **História da malária em Santa Catarina**. Florianópolis, Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, UFSC. Dissertação de mestrado.

Schwartzburd, P. B. ; Labiak, P. H. & Salino, A. 2007. A new species of *Ctenitis* (Dryopteridaceae) from southern Brazil. **Brittonia 59**(1):29-32.

Schwartzman, S. (org.). 1983. **Estado Novo, um autorretrato (arquivo Gustavo Capanema)**. Brasília, Editora Universidade de Brasília

SIA-Smithsonian Institution Archives. 1997. Emmet Reid Blake. Washington, Smithsonian Institution Archives, **Record Unit nº 7308**. American Ornithologists' Union, Biographical File. 5 pp.

Sick, H. 1959. A invasão da América Latina pelo pardal, Passer domesticus Linnaeus 1758, com referência especial ao Brasil. **Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, 207**:1-31.

Sick, H. 1985. Ornitologia brasileira: uma introdução. Brasília, Editora UnB.

Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862 pp.

Sick, H. & Teixeira, D. M. 1979. Notas sobre aves brasileiras raras ou ameaçadas de extinção. **Publicações Avulsas do Museu Nacional 62**:1-39.

Silva, C. M. 1998. **Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado.

Silva, M. D. L.; Gorin, P. A. J.; Iacomini, M. & Jablonski, E.F. 1993. Carbohydrate, glycopteptide, and protein components of the lichen *Sticta* sp. **Phytochemistry 33**:547-552.

Silva, R. & Paiva, C. H. A. 2015. O governo JK e o Grupo de Trabalho de Controle e Erradicação da Malária no Brasil: encontros e desencontros nas agendas brasileira e internacional de saúde, 1958-1961.

História, Ciências, Saúde – Manguinhos 22(1):95-114.

Silveira, L. F. 2009. As aves: uma revisão histórica do conhecimento ornitológico em uma reserva de Mata Atlântica do Estado de São Paulo. *In*: [p.623-636] M. I. M. S. Lopes; M. Kirizawa & M. M. da R. F. de Mello (orgs.). **Patrimônio da Reserva Biologica do Alto da Serra de Paranapiacaba: antiga Estação Biológica do Alto da Serra**. São Paulo, Instituto de Botânica.

Silveira, L. F.; Tomotani, B. M.; Cestari, C.; Straube, F. C. & Piacentini, V. de Q. 2017. *Ortalis remota*: a forgotten and critically endangered species of chachalaca (Galliformes: Cracidae) from Eastern Brazil. **Zootaxa 4306**(4):524-536.

Simões, A. de C.; Portela, B. M. & Rosato, M. C. (orgs.) 2019. **Catálogo de fontes históricas - v. 1: 1950-1963**. Curitiba, Editora UFPR e Museu de Arqueologia e Etnologia.

Soares, M. A. N. 2009. Cultura material e identidade: vestígios do Judaísmo presentes nos cemitérios municipais de Rolândia, PR. **Anais II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, p.1269-1278

Soares, B. A. M. & Soares, H. E. M. 1945. Novos opiliões do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. **Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia 5**(27):251-270.

Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1986. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Vol VI: Sti-Vuy. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 926 pp.

Stein, M. N. 2014. Imigração, colônias agrícolas e etnicidade: uma análise sobre discursos de

identificação no Paraná. **História: Debates e Tendências 14**(1):108-123.
Stellfeld, C. 1939. A drogas vegetais da farmacopéia brasileira em face do sistema taxonômico. **Tribuna Farmacêutica 7**(7):141-145.
Stellfeld, C. 1942. A coleção Dusén do Museu Paranaense. **Arquivos do Museu Paranaense 6**:61-78.
Stellfeld, C. 1948. **Os novos gêneros e as novas espécies de Freire Allemão**. Rio de Janeiro, Pongetti. 63 p.
Stellfeld, C. 1949. Fitogeografia geral do Estado do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense 7**:309-349. Inclui o "Mapa Fitogeográfico do Estado do Paraná", esboço provisório de R.Maack de 1948.
Stellfeld, C. 1952. **Os dois Vellozo: biografias de Frei José Mariano da Conceição Vellozo e Padre doutor Joaquim Vellozo de Miranda**. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Sousa. 266 pp.
Stellfeld, C. 1968. What the herbalists of Pelotas (Brazil) sell. **Pharmaceutical Biology 8**(4):1300-1303.
Straube, F. C. (ed.) 1986. **Macrofauna de São Mateus do Sul (Paraná)**: Relatório Final do Levantamento Faunístico. Curitiba/PR, Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental e Superintendência da Industrialização do Xisto SIX-PETROBRÁS.
Straube, F. C. 1990b. Notas sobre a distribuição geográfica de *Eleothreptus anomalus* (Gould, 1837) e *Caprimulgus longirostris longirostris* Bonaparte, 1825 no Brasil. **Acta Biologica Leopoldensia 12**(2):301-312.
Straube, F. C. 1993. Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biologica Leopoldensia 15**(1):5-20.

Straube, F. C. 1993b. Roberto Ribas Lange. **Mayeria**: Informativo do Museu de História Natural (Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Curitiba) ano 3, n°5, n.p.

Straube, F. C. 1998. O cerrado no Paraná: ocorrência original e subsídios para sua conservação. **Cadernos de Biodiversidade 1**(2):12-24.

Straube, F. C. 2010. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas 156**:64-87.

Straube, F. C. 2011a. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período Pré-Nattereriano (1541-1819)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 3, 196 pp.

Straube, F. C. 2011b. A viagem de Emmet Blake ao Brasil (1937). **Atualidades Ornitológicas 164**:37-50.

Straube, F. C. 2011c. A visita de Theodore Roosevelt ao Paraná. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 63**:156-189.

Straube, F. C. 2012. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°5, 241 + xiii pp.

Straube, F. C. 2013. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 2 (1835-1865)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°6, 314 + viii pp.

Straube, F. C. 2014. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 3 (1866-1900)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°8, 312 + viii pp.

Straube, F. C. 2015. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 1**

(1901-1909). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 10. 273 + viii p.

Straube, F. C. 2016. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 2 (1910)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 11. 457 + x p.

Straube, F. C. 2017. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 3 (1910-1930)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 13. 396 + viii p.

Straube, F. C. & Bornschein, M. R. 1989. A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná: I. Sobre uma coleção de aves do extremo noroeste do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul. **Arquivos de Biologia e Tecnologia 32**(4):441-471

Straube, F. C.; Bornschein, M. R. & Scherer-Neto, P. 1996. Coletânea da avifauna da região noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil). **Arquivos de Biologia e Tecnologia 39**(1):193-214.

Straube, F. C.; Bornschein, M. R.; Reinert, B. L. & Pichorim, M. 1993. Estudo ornitológico dos adornos plumários dos índios Hêta do noroeste do Paraná. **III Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Resumos, Pelotas/RS. P28.

Straube, F. C. & Labiak, P. 2014. Esboço biográfico dos principais coletores da flora do Paraná. In: [p.23-42]. M. Kaehler; R. Goldenberg; P. Labiak; O. dos S. Ribas; A. O. S. Vieira & G. G. Hatschbach (orgs.). **Plantas vasculares do Paraná**. Curitiba, UFPR, Departamento de Botânica.

Straube, F. C. & Straube, E. C. 2019. **O naturalista Gustav Straube**. Curitiba, Hori Consultoria.

Straube, F. C.; Carrano, E.; Santos, R. E. F.; Scherer-Neto, P.; Ribas, C. F.; Meijer, A. A. R. de; Vallejos, M. A. V.; Lanzer, M.; Klemann-Júnior, L.; AurélioSilva, M.; Urben-Filho, A.; Arzua, M.; Lima, A. M. X. de; Sobânia, R. L. de M.; Deconto, L. R.; Bispo, A. Â.; Jesus, S. de & Abilhôa, V. 2014. **Aves de Curitiba: coletânea de registros**. 2ª edição (revisada e ampliada). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 9. 527+ix p.

Straube, F. C.; Krul, R. & Carrano, E. 2005. Coletânea da avifauna da região sul do estado do Paraná (Brasil). **Atualidades Ornitológicas 125**:10 [resumo]; versão na íntegra em http://www.ao.com.br/download/sulpr.pdf.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves. *In*: [p.145-496] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.

Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2010. Revisão histórica e toponímica do itinerário de Emil Kaempfer no Mato Grosso do Sul. **Atualidades Ornitológicas 158**:61-71.

Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Gatto, C.F.R. 2005. A avifauna do Parque Estadual do Cerrado (Jaguariaíva, Paraná) e a conservação do cerrado em seu limite meridional de ocorrência. **Atualidades Ornitológicas 128**. Disponível em: http://www.ao.com.br/download/cerradpr.pdf, acesso em 13 de novembro de 2011.

Tessmann, G. [1959]. **Mein Leben: Tagebuch in 12 Banden**. [Curitiba], MS. 12 volumes. Diário digitalizado e franqueado pelo Museu de Etnologia de Lübeck. URL: http://vks.die-luebecker-

museen.de/tessmann-tagebuch, acessado em 28 de abril de 2019.

Tessmann, G. 1911. Die Kinderspiele der Pangwe. **Bässler-Archiv 2**:250-280

Tessmann, G. 1913. **Die Pangwe**: Völkerkundliche Monographie eines westafrikanischen Negerstammes; Ergebnisse der Lübecker Pangwe-expedition 1907-1909 und früherer Forschungen 1904-1907. Berlim/Leipzig, Hansa Verlag. 2 vols: 275+402 pp.

Tessmann, G. 1921. Die Homosexualität bei den Negern Kameruns. **Jahrbuch für Sex Zwischenst 21**:121-38.

Tessmann, G. 1923. **Die Bubi auf Fernando Poo**: Völkerkundliche einzelbeschreibung eines westafrikanischen Negerstammes. Hagen/Darmstadt, Folkwang Verlag. 240 pp.

Tessmann, G. 1928. Die Mbaka-Limba, Mbum und Lakka. **Zeitschrift für Ethnologie 60**,4:305-52.

Tessmann, G. 1928. **Menschen ohne Gott**: Ein Besuch bei den Indianern des Ucayali. Stuttgart, Strecker und Schröder. 269 pp.

Tessmann, G. 1928. Neue Schmetterlinge aus Ostperu. **Mitteilungen aus dem zoologischen Museum in Berlin 14**: 115-130.

Tessmann, G. 1930. **Die Indianer Nordost-perus**, grundlegende Forschungen für eine systematische Kulturkunde. Hamburgo, Friedrichsen de Gruyt. 856 pp.

Tessmann, G. 1930. Die Sprache der Mbaka-limba, Mbum und Lakka: Wörterlisten und Grammatik. **Sonderabdruck [der] Mitteilungen des Seminars für Orientalische Sprachen zu Berlin 33 (**Afrikanische Studien) (3):56-82.

Tessmann, G. 1934. **Die Bafia und die Kultur der Mittelkamerun-Bantu**. Stuttgart: Strecker & Schröder. 269 pp.

Tessmann, G. 1934-1937. **Die Baja: Ein Negerstamm im Mittleren Sudan:** Materielle und Seelische Kultur. Stuttgart: Strecker & Schröder. 2 vols.

Tessmann, G. 1950-1951a. Atribuições da Botânica sistemática: notas críticas acerca do método, sistema e chave. **Arquivos de Biologia e Tecnologia 5/6**(19): 3-24.

Tessmann, G. 1950-1951b. Formações, consórcios e associações da vegetação no estado do Paraná. **Arquivos de Biologia e Tecnologia 5/6**(19):347-367.

Tessmann, G. 2012-2015. **Mein Leben: Tagebuch in 12 Bänden**. Lübeck, Lübecker Beiträge zur Ethnologie.

Traylor, M. A. & Willard, D. E. 1999. *In memoriam*: Emmet Reid Blake, 1908-1997. **Auk 116**(2):536-538.

Valverde, O. 1957. **Planalto meridional do Brasil**. Rio de Janeiro, CNG. 339 pp.

Vasconcelos, E. A. 2008. **Aspectos fonológicos da língua Xetá**. Brasília, UnB. Programa de Pós-graduação em Linguística, Dissertação de mestrado.

Velayos, M. & Aedo, C. 2007. Exploraciones botánicas en Guinea ecuatorial. **Boletim AHIN 8-9**(5-7):4-6.

Veloso, H. P.; Fontana-Júnior, P.; Klein, R. & Siqueira-Jaccoud, R. J. 1956. Os anofelinos do subgênero *Kerteszia* em relação à distribuição das bromeliáceas em comunidades florestais do município de Brusque, Estado de Santa Catarina. **Memórias do Instituo Oswaldo Cruz 54**(1):1-86.

Vidal, F. 1998. **Piaget antes de ser Piaget**. Madri, Morata. 272 p.

Vieira, B. P. 2014. Aves no Museu Homem do Sambaqui, Florianópolis, sul do Brasil. **Atualidades Ornitológicas 182**:59-71.

W.S. 1931. [Resenha de] Birds of the German Gran Chaco Expedition. **Auk 48**(1):138.

Waibel, L. 1949. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia 11**(2):159-222.

Wąsowska, M. & Winiszewska-Ślipińska, G. 1996. The history of the Collection of Neotropical Fauna in the Museum and Institute of Zoology PAS. Until 1939. **Bulletin of the Museum and Institute of Zoology PAS 1**:29-34.

Wentworth, E.N. 1952. A search for cattle trails in Matto Grosso. **Agricultural History 26**(1):8-16.

Wilbert, J. 1993. **Tobacco and shamanism in South America**. New Haven, Yale University Press. 294 pp.

Wosiacki, W. B. 1990. A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná. IV. Peixes. **Arq. Biol. Tecnol. 33**(4):853-862.

Zeller, K. 1982. [verbete] Krieg, Hans. *In* [p.38-40] **Neue Deutsche Biographie 13**. URL: http://www.deutsche-biographie.de/pnd118724401.html; acessada em 21 de janeiro de 2018.

A série **HORI CADERNOS TÉCNICOS** (HCT) é uma iniciativa da HORI CONSULTORIA AMBIENTAL, cujo objetivo é suprir a grande lacuna atualmente existente de documentos técnicos ligados alguns campos específicos das Ciências da Natureza. A coleção abrange temática variada mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.

http://www.hori.bio.br

HORI CADERNOS TÉCNICOS

HCT n° 1 (dezembro de 2010)
GLOSSÁRIO BRASILEIRO DE BIRDWATCHING (INGLÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS) por Fernando C. Straube, Arnaldo B. Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli. 284 p. ISBN: 978-85-62546-01-3

HCT n° 2 (junho de 2011)
LISTA DAS AVES DO PARANÁ (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná) por Pedro Scherer-Neto, Fernando C. Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho. (Com dois suplementos). 130 p. ISBN: 978-85-62546-02-0

HCT n° 3 (dezembro de 2011)
RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período Pré-Nattereriano (1541-1819). por Fernando C. Straube. 193 p. ISBN: 978-85-62546-11-2

HCT. n° 4 (junho de 2012)
TUBARÕES E RAIAS CAPTURADOS PELA PESCA ARTESANAL NO PARANÁ: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO por Hugo Bornatowski e Vinícius Abilhoa (com adendo bibliográfico). 123 p. ISBN: 978-85-62546-04-4

HCT n° 5 (setembro de 2012)
RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 1 (1820-1834) por Fernando C. Straube. 242 p. ISBN: 978-85-62546-05-1

HCT n° 6 (agosto de 2013)
RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 2 (1835-1865) por Fernando C. Straube. 312 p. ISBN: 978-85-62546-06-8

HCT n° 7 (agosto de 2013)
IPAVE-2012: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DAS AVES DO PARANÁ. Organizado por Fernando C. Straube, Marcelo A. V. Vallejos, Leonardo R. Deconto e Alberto Urben-Filho. 222 p. ISBN: 978-85-62546-07-5

HCT n° 8 (abril de 2014)
Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 3 (1866-1900) por Fernando C. Straube. 311 p. ISBN: 978-85-62546-08-2

HCT n° 9 (dezembro de 2014)
Aves de Curitiba: coletânea de registros (2° edição) por Fernando C. Straube *et al*. 527 p. ISBN: 978-85-62546-09-9

HCT n° 10 (dezembro de 2015)
Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 1 (1901-1909) por Fernando C. Straube. 273 p. ISBN: **978-85-62546-10-5**

HCT n° 11 (dezembro de 2016)
Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 2 (1910) por Fernando C. Straube. 457 p. ISBN: **978-85-62546-10-5**

HCT n° 12 (novembro de 2017)
Répteis de Curitiba: coletânea de registros por Sérgio Augusto Abrahão Morato, Renato Silveira Bérnils e Julio Cesar de Moura-Leite. 82p. ISBN: **978-85-62546-14-3**

HCT n° 13 (dezembro de 2017)
Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 3 (1910-1930) por Fernando C. Straube. 394 p. ISBN: **978-85-62546-15-0**

HCT n° 14 (dezembro de 2020)
Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Mayer, 1 (1931-1939) por Fernando C. Straube. 332 p. ISBN: 978-65-00-13784-2